

Editorial

Este novo número de ***Passagens. Revista Internacional de História Política e Cultura Jurídica*** aborda diretamente o enigma que se apresenta a todos aqueles que investigam o poder: “o amor do censor”. O diálogo de Andrés Cappelletti - professor titular da Cátedra de Epistemologia da Faculdade de Psicología da Universidad Nacional de Rosario, Argentina – se realiza com dois grandes personagens desse debate: La Boétie e Michel Foucault. Eis que o tema, para além de apaixonante, é ítem obrigatório da agenda dos movimentos sociais de juventude por todo o mundo.

De certo modo, esse é o chamado reiterado pela terceira escolástica na virada do século XIX/XX quando a obediência e a submissão indagam à política o compromisso com o catolicismo romano, no quadro da crise do Império Austro-Húngaro. E a resposta não vai tardar.

João Henrique Zanelatto - doutor em História pela Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUC – RS) - estuda a resposta que a AIB (Ação Integralista Brasileira) dá aos conflitos ocorridos no Sul do Brasil, no estado de Santa Catarina, onde certo tom político é dado pelos imigrantes de origem alemã e italiana lá estabelecidos. Por seu turno, Felipe Cazetta - doutorando em História na Universidade Federal Fluminense (UFF) - convoca e apresenta a doutrina do integralismo lusitano, onde avulta a liderança da Universidade de Coimbra, ainda capaz de influenciar a divulgação do pensamento integrista, expressão do fundamentalismo do conservadorismo clerical.

Numa outra perspectiva, Alejandro Gabriel Manzo – profesor Sociología da Universidade de Córdoba (UNC), Argentina e do Instituto Internacional de Sociología Jurídica (IISJ) Oñati, España – observará, e já aí, no período 2003-2005, o anti-neoliberalismo como estratégia discursiva de construção política nos discursos de governação da República Argentina.

Num período intermédio (1946-1955), Romina Berman – Investigadora (em formação) do Centro de Estudos de Historia Política da Universidade Nacional de General San Martín - se interroga sobre a democracia nos debates parlamentares acerca do regime municipalista da Cidade de Buenos Aires durante o primeiro período do

peronismo. E em igual período histórico, Paulo Renato da Silva - doutor em História pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP) e docente da Universidade Federal da Integração Latino-Americana (UNILA), de Foz do Iguaçu (Paraná, Brasil) - aprofunda a relação entre cultura política, peronismo, literatura e setores populares na obra de Luis Horacio Velázquez.

Na fronteira entre memória e história, a narrativa poética do jovem Gilberto Freyre, é alvo de análise por Claudio Marcio Coelho, historiador e doutorando na Universidade Federal do Espírito Santo (UFFES), Brasil.

Por fim, Humberto Fernandes Machado - professor do Programa de Pós-Graduação em História (PPGH) da Universidade Federal Fluminense (UFF) e pesquisador do Laboratorio Cidade e Poder (UFF) - se detém na relação entre abolição da escravidão e cidadania, numa oportuna reflexão sobre a “guarda negra” na cidade do Rio de Janeiro.

A um observador atento salta à vista a aproximação acadêmica que vamos construindo nesse número de *Passagens* entre os parceiros do MERCOSUL, em especial, brasileiros e argentinos.

Os Editores



Passagens



**DOS ENIGMAS DE LO POLÍTICO EVALUADOS A LA LUZ DE LAS IDEAS DE
ÉTIENNE DE LA BOÉTIE Y DE M. FOUCAULT**

**DOIS ENIGMAS DO POLÍTICO AVALIADOS A LUZ DAS IDEIAS DE ÉTIENNE DE LA
BOÉTIE E M. FOUCAULT**

**TWO POLITICAL ENIGMAS ASSESSED IN LIGHT OF THE IDEAS OF ÉTIENNE DE LA
BOÉTIE AND M. FOUCAULT**

**DEUX ÉNIGMES DU POLITIQUE ÉVALUÉES À LA LUMIÈRE DES IDÉES D'ÉTIENNE
DE LA BOÉTIE ET DE MICHEL FOUCAULT**

利用 ÉTIENNE DE LA BOÉTIE 和福柯的思想分析政治家的两个不解之谜

DOI: 10.5533/1984-2503-20135301

Andrés Cappelletti¹

RESUMEN

Dos misteriosos enigmas recubren los nexos entre los humanos y las relaciones políticas que ellos mismos crean. El primero a la desigual relación entre los pocos que gobiernan y las multitudes gobernadas. ¿Cómo es posible que las personas procuren ser gobernadas y controladas? ¿Por qué los hombres luchan por su servidumbre como si se tratara de su salvación? Estos interrogantes fueron formulados por Étienne de La Boétie en el siglo XVI. El otro enigma, en estrecho vínculo con el anterior, alude a la pasión o amor por el poder, al lazo que el hombre establece con el poder; la seducción que el poder ejerce sobre el hombre que lo detenta. En el presente ensayo intentaremos evaluar ambos enigmas a través de la utilización, por un lado, de las ideas contenidas en el *Discurso de la servidumbre voluntaria* y, por otro, de los conceptos foucaultianos de *poder* y de *gobierno*.

Palabras clave: Poder, Gobierno, Política, Servidumbre.

¹ Magister de la Universidad Nacional de Rosario. Argentina. E-mail: andresyale@funescoop.com.ar

RESUMO

Dois misteriosos enigmas recobrem os nexos entre os humanos e as relações políticas que eles mesmos criam. O primeiro se refere à relação desigual entre os que governam e as multidões governadas. Como é possível que as pessoas procurem ser governadas e controladas? Por que os homens lutam pela servidão como se fosse uma salvação? Estas interrogações foram formuladas por Étienne de La Boétie no século XVI. O outro enigma, em estreito vínculo com o anterior, alude a paixão ou amor pelo poder, ao laço que o homem estabelece com o poder; a sedução que o poder exerce sobre o homem que o detém. No presente ensaio buscaremos avaliar ambos os enigmas através da utilização, de um lado, das ideias contidas no *Discurso da servidão voluntária* e, de outro lado, dos conceitos foucaultianos de *poder e governo*.

Palavras-chave: Poder, Governo, Política, Servidão.

ABSTRACT

Two mysterious enigmas veil the bonds between humans and the political relationships that they themselves create. The first is the unequal relationship between those who govern and the multitude governed. How is it possible that people seek to be governed and controlled? Why do men struggle for servitude as though it were a kind of salvation? These questions were raised by Étienne de La Boétie in the sixteenth century. The second enigma – which is closely linked to the first – alludes to the passion for or love of power, to the bond which men establish with power; the seduction which power exerts over men who hold it. In this essay we seek to evaluate both of these enigmas by means of the application of ideas contained in *Discourse on Voluntary Servitude* as well as the use of the Foucauldian concepts of *power and government*.

Key words: Power, Government, Politics, Servitude.

RÉSUMÉ

Deux mystérieuses énigmes recouvrent les liens entre les humains et les rapports politiques qu'ils se créent pour eux-mêmes. La première se réfère à la relation inégale entre ceux qui gouvernent et les masses gouvernées. Comment est-il possible que les gens cherchent à être gouvernés et contrôlés ? Pourquoi les hommes luttent-ils pour la servitude comme si celle-ci constituait leur salivation ? Ces interrogations ont été

formulées par Étienne de La Boétie au XVI^{ème} siècle. L'autre énigme, en étroite relation avec la première, est représentée par la passion ou l'amour du pouvoir, par le lien que l'Homme établit avec le pouvoir et la séduction que celui-ci exerce sur les individus qui le détiennent. Dans le présent essai, nous chercherons à résoudre ces deux énigmes par l'entremise, d'un côté, des idées contenues dans le *Discours de la servitude volontaire*, et de l'autre, des concepts foucaaldiens de pouvoir et de gouvernement.

Mots-clés: Pouvoir, Gouvernement, Politique, Servitude.

摘要

在人类和人类创造的政治关系之间存在着两个不解之谜。第一个迷，统治者和被统治的一大群人的不平等关系，具体来说就是，为何人们希望被统治被控制？为什么人们愿意为被奴役，争取被奴役的地位，就像是得到了拯救一样？这些疑问由16世纪的思想家 Étienne de La Boétie

提出。第二个迷，与第一个迷紧密相关，人们对权力的热衷，人们和权力之间构建的纽带，权力对权力拥有者的诱惑。本论文利用 ÉTIENNE DE LA BOËTIE 的著作“关于自愿奴役”和福柯的著作“权力和统治”的思想和观念对政治家和政治实践中的两个不解之谜做些分析。

关键字: 权力，政府，政治，奴役

Introducción

Una advertencia inicial parece necesaria: es preciso dejar de lado la idea de que lo político se vincula necesariamente a los *partidos*, o peor aún, a individuos o grupos que así suelen adjetivarse. Lo político se vincula con las formas en las que en una sociedad determinada, se establecen, se favorecen o se niegan ciertas relaciones de poder. Es una manera de urdir relaciones asimétricas.

Dos misteriosos enigmas recubren los nexos entre los humanos y las relaciones políticas que ellos mismos crean. El primero atañe al carácter gregario de la vida comunitaria y más específicamente a la desigual relación entre los pocos que gobiernan y las multitudes gobernadas. ¿Cómo es posible que las personas procuren ser gobernadas, dominadas, dirigidas, controladas? ¿Por qué los hombres luchan por su servidumbre como si se tratara

de su salvación? Estos interrogantes no son novedosos, fueron formulados por el joven francés Étienne de La Boétie en la mitad del siglo XVI.

¿Cómo es posible que la mayoría no sólo obedezca a uno solo, sino que también le sirva, y no tan sólo le sirva sino que también desee servirle? La sociedad en la que vivimos tiene dos grandes fracturas: una es la división entre los propietarios de medios de producción y los que no lo son. La otra, menos publicitada y más naturalizada, es entre los que mandan y los que obedecen, división que como todo lo humano tiene su historia y su lugar en la historia. Se trata de la irrupción histórica del Estado, momento en el que comienza la sumisión voluntaria de todos a uno solo; momento también de aparición de un mutilado hombre nuevo que ha perdido parte de sí mismo al perder su ser para la libertad. Paradoja de la historia: el único ser que posee los atributos para ser libre construye formas sociales en las que uno o unos pocos mandan y el resto, la inmensa mayoría, obedece voluntariamente, como si fuera lo más natural y agradable.

El otro enigma, en estrecho vínculo con el anterior, alude a la pasión o amor por el poder, al lazo que el hombre establece con el poder; la seducción que el poder ejerce sobre el hombre que lo detenta, que lo ejercita, que lo cuida de cualquier amenaza, que imagina y cree ver peligros para ese poder en cualquier parte, que quiere siempre, si es posible, acrecentarlo y hacerlo más efectivo².

Tema preocupante de la época moderna desde Maquiavelo hasta Foucault, el poder es en el sentido esencial de su existencia una forma de relación entre uno y los otros. Es precisamente Foucault quien ha mostrado cómo las relaciones de poder no se establecen sólo entre el Estado y los gobernados, sino que se integran en todas las relaciones sociales y constituyen las diferentes modalidades que esas relaciones asumen.

La fascinación incomparable que el poder ejerce se produce, sin embargo, en cualquier nivel en el que se establezca. En el presente ensayo intentaremos evaluar ambos enigmas a través de la utilización, por un lado, de las ideas contenidas en el *Discurso de la servidumbre voluntaria* y, por otro, de los conceptos foucaultianos de *poder* y de *gobierno*.

² El tema del amor al poder o de la pasión por él no es, evidentemente, un tema foucaultiano. Sin embargo se encuentran algunas referencias al respecto; “[...] *las relaciones entre poder, deseo e interés son más complejas de lo que ordinariamente se piensa* [...]”. Foucault, Michel (1978). *Microfísica del poder*, Madrid: La Piqueta, p 79. O también: “*La relación de poder está allí donde hay deseo; es, pues, una ilusión su denuncia en términos de represión y una vanidad la búsqueda de un deseo fuera del poder*”. Foucault, Michel (1987). *Historia de la sexualidad I*, Madrid: Siglo XXI, p-99-100.

La cuestión política en el pensamiento de Etienne de La Boétie

Con mucha frecuencia Étienne de La Boétie ha sido ubicado como un defensor de los derechos populares frente a las pretensiones monárquicas de instaurarse sobre el derecho divino; en este sentido se ha hablado, a propósito del joven francés, de un exponente destacado del antimachiavelismo del Renacimiento. Sin embargo, una lectura atenta del *Discurso* nos indica con inmediata claridad que su intención es otra, puesto que se trata, en esencia, de cuestionar la existencia misma del Estado y del gobierno. En otras palabras, más que defender la idea de un gobierno elegido y eventualmente controlado por el pueblo lo que de La Boétie pretende es mostrar cómo la estructura de las sociedades divididas, es decir, de las sociedades estatales, no representa ni una forma necesaria de organización social ni un progreso indispensable en relación a las sociedades primitivas. Como señalara con agudeza Pierre Clastres³.

*La Boétie expresa los efectos de una pura oposición lógica: su Discurso remite a la afirmación implícita, aunque previa, de que la división no es una estructura ontológica de la sociedad y que, en consecuencia, antes de la aparición desventurada de la división social, había necesariamente, en conformidad con la naturaleza del hombre, una sociedad sin sumisión y sin opresión.*⁴

Los historiadores anarquistas tienen, de acuerdo a ello, razones precisas y suficientes para reivindicar el pensamiento laboeciano como un antecedente renacentista de las ideas ácratas.

El problema central que en el *Discurso* parece plantearse es el siguiente: si los hombres aman con espontaneidad y *naturalmente* la libertad, ¿cuáles son las razones por las que toleran que un solo hombre, que por lo general, además, suele ser débil y corrupto, los oprima y los reduzca a la servidumbre? Como afirma Homero (Ilíada, II, 204), tener muchos amos no es bueno, pero poseer uno sólo tampoco, ciertamente, lo es. A propósito de ello el propio La Boétie se pregunta: “¿Acaso no es una desgracia extrema la de estar sometido a un amo del que jamás podrá asegurarse que es bueno porque

³ El antropólogo y etnólogo francés Pierre Clastres intenta demostrar que las sociedades primitivas son sociedades sin clases y sin Estado. Rechaza toda idea de evolución, de un cambio gradual que hubiera llevado de las sociedades sin Estado a las sociedades civilizadas con Estado. Entre ambas hay una ruptura, explicable en términos análogos a como Levi-Strauss explica el paso del pensamiento salvaje o de la reflexión mítica al pensamiento científico; el paso de una a otra implica un salto cualitativo, pero no necesariamente alguna clase de progreso.

⁴ Clastres, Pierre (1980). *Libertad, desventura, innombrable*, Barcelona: Tusquets, p. 120-121.

*dispone del poder de ser malo cuando quiere? Y obedeciendo a varios amos, ¿no se es tantas veces más desgraciado?*⁵

La condena que surge de estas palabras no se dirige específicamente, como podría creerse, a las monarquías absolutas que empiezan a consolidarse por casi toda Europa entre los siglos XV y XVI; lo que se cuestiona aquí es, en esencia, el poder político y su forma institucionalizada, a saber, el Estado. La virulencia del *Discurso*, la subversión que instaura con respecto a las ideas correspondientes a la necesidad del Estado, no pueden desactivarse atribuyéndolas a un cierto contexto, a un determinismo histórico cualquiera, o a una situación de época. La condición y los alcances de la pregunta que La Boétie formula la transforman en un interrogante transhistórico, libre – como afirma Clastres- de toda ‘territorialidad’ social o política: ¿ cómo es posible que la mayoría no solo obedezca y se someta a uno sólo, sino que también le sirva y que además, *desee servirle?*

En algunas ocasiones – admite La Boétie- un pueblo se ve sometido por la fuerza; en otras, mucho más infrecuentes, el pueblo se compromete por alguna razón a obedecer a alguien. Por fuera de estas dos circunstancias, lo que ocurre habitualmente es el hecho de que un número casi infinito de individuos se disponen voluntariamente para la servidumbre, siendo despojados de libertades y derechos que les son propios, pero que sin embargo están dispuestos a resignar masivamente. Pero tal actitud no es atribuible a la cobardía, en razón de que la naturaleza humana establece límites tanto para los vicios como para las virtudes, y es por ello que resulta inverosímil que tantos individuos padezcan del miedo a uno sólo, de la misma forma en que lo es que un solo individuo se enfrente a una multitud o que sojuzgue a un pueblo entero. En esto consiste entonces lo extraño de la cuestión. La salida que La Boétie encuentra es al parecer sencilla. Para finalizar con una tiranía no es indispensable, y ni siquiera necesario, luchar contra el tirano: resulta suficiente con no obedecerle, con no darle nada, mucho más que con quitarle algo. Un país puede no realizar ningún esfuerzo en procurarse la felicidad, si es que no la desea, pero lo que no debe hacer es forjarse su propia ruina sometiéndose a la voluntad de uno. Sin embargo, no es esto lo que sucede, ya que es el propio pueblo el que se somete y, pudiendo elegir entre la libertad y la servidumbre rechaza la libertad y escoge el yugo. Por eso es tan difícil comprender el comportamiento de pueblos enteros,

⁵ La Boétie, Étienne de (1980). *Discurso de la servidumbre voluntaria*, Barcelona: Tusquets, p. 52.

que – podría decirse- buscan afanosamente ser gobernados, a costa de su independencia y de su libertad, puesto que lo único que hace falta para recuperar la libertad es el deseo de recobrarla. La Boétie sigue en ello la doctrina estoica, puesto que cree – al igual que Epícteto o Marco Aurelio- que la libertad es un atributo natural del hombre, y tal vez también el más importante de ellos, puesto que es con la libertad con la que se relacionan todos los otros bienes de la vida humana. Se trata de una libertad que bien puede ser comprendida como ‘autonomía’, es decir, con la capacidad de actuar y de pensar con independencia de las coacciones de la comunidad o del Estado. La libertad es entonces el bien más importante, el más deseable y al mismo tiempo el más fácil de procurar y de conseguir puesto que basta con desearla para obtenerla; solamente es preciso que ese deseo sea auténtico:

Decidíos, pues, a dejar de servir, y seréis hombres libres. No pretendo que os enfrentéis a él -al tirano-, o que lo tambaleéis, sino simplemente que dejéis de sostenerlo. Entonces veréis cómo, cual un gran coloso privado de la base que lo sostiene, se desplomará y se romperá por sí sólo.⁶

Pero las cosas no se presentan tan simplemente en la realidad, en tanto los pueblos suelen no percibir la tiranía como una grave desventura. ¿A través de qué mecanismos, por medio de cuales procedimientos ha podido eliminarse o adormecerse un sentimiento tan naturalmente humano como es el deseo de libertad? La naturaleza nos ha hecho a todos de la misma forma, de manera tal que es necesario que nos reconozcamos como compañeros o como hermanos, y nos ha dado la tierra para que vivamos en ella, los más débiles junto con los más fuertes, los que están en disposición de dar ayuda junto a los que tienen necesidad de recibirla, más no como siervos unos de otros, sino bajo el amparo de una relación fraterna. También a todos nos ha sido otorgada la voz y la palabra⁷ para unirnos y profundizar los vínculos de amistad, y en todas las cosas la naturaleza ha querido – afirma La Boétie- estrechar las formas de nuestra alianza, de nuestra fraternidad, de nuestra camaradería. La libertad es entonces algo natural en el hombre, tanto como lo es el luchar por ella. Si esta idea no consigue, sin embargo, convencer a todos, el joven autor del *Discurso* pone como ejemplo a los animales,

⁶ La Boétie, E. de (1980). Op. Cit., p. 60-61.

⁷ Cabe recordar aquí que de acuerdo a lo que afirma Agamben, (Ver: Agamben, Giorgio. (2001). *Medios sin fin. Notas sobre la política*, Valencia: Pretextos) el vínculo entre el *factum loquendi* y el *factum pluralitatis*, es decir, entre el hecho de hablar y el hecho social, constituye el fundamento de la teoría política moderna. Ejemplos de ellos son las doctrinas contractualistas que ven el fundamento y la legitimidad del orden estatal como un pacto de cada hombre con los demás. La Boétie, sin embargo, parece situarse en las antípodas de esta concepción, pues la palabra es una herramienta de alianza y de amistad, y no el medio por el cual se delega en otros ningún derecho.

modelos de vida en acuerdo con la naturaleza, sin rangos, jerarquías o clases, que el hombre que se pretenda justo y sabio debería imitar⁸: “Es sabido que algunas bestias mueren tan pronto como son apresadas. Al igual que el pez que pierde la vida cuando se le saca del agua, muchos animales se dejan morir para no sobrevivir a su libertad natural perdida”⁹. Sin embargo, la libertad natural en el hombre ha sufrido un accidente trágico, una desventura que ha conducido a que “el único ser nacido de verdad para vivir libre” haya incluso perdido el recuerdo de su estado original tanto como el deseo de retornar a él.

En la naturaleza del hombre existe una inclinación a amar y a prestar obediencia a los padres - o a quienes ocupen o cumplan la función de tales- y a seguir lo que la razón aconseja o dictamina, en tanto nuestra alma es de carácter racional y es en ella en donde se encuentran en estado potencial todas las verdades. Sin embargo, no hay nada en nuestra naturaleza que induzca a actuar como siervo de otro; nada hay más claro en esa naturaleza que la igualdad humana, en tanto todos los seres hemos sido, por así decirlo, producidos de la misma manera y con el mismo molde¹⁰. La igualdad originaria de los hombres es por lo tanto innegable. Por supuesto, las condiciones políticas en las que esta afirmación se realiza le otorgan una validez y una osadía que difícilmente se encuentre en otro discurso filosófico y político de mediados del siglo XVI, el siglo de Maquiavelo y de Hobbes, el siglo en el que la Iglesia Católica tanto como la Iglesia Luterana propician y bendicen la consolidación de las monarquías absolutas de Enrique VIII o de Felipe II.

Pero lo importante es que con insospechada facilidad tienden los hombres a prescindir rápidamente de su libertad. La Boétie señala que la primera causa de la servidumbre en la que caen los hombres es el hábito; aquellos que han vivido siempre bajo el imperio de un gobierno tiránico ignoran por completo lo que la libertad es y se someten creyendo que ese es el estado natural de los hombres, puesto que hacen ni más ni menos lo que han visto hacer a sus progenitores y a sus antepasados en general. La naturaleza es un elemento determinante en la condición humana, pero más aún lo son la educación y las costumbres.

⁸ En este punto – el de la comparación entre hombres y animales – La Boétie sigue sin duda las ideas cínico-estoicas del autor de las *Epístolas pseudo-heraclíneas*, para el cual la vida y las costumbres de los animales pueden erigirse en norma de la vida y de las costumbres humanas.

⁹ La Boétie, E. de (1980). Op. Cit., p. 63-64.

¹⁰ Nuevamente encontramos en las ideas de La Boétie la reproducción de las tesis estoicas, de Séneca, de Zenón, y especialmente de Marco Aurelio. Para éste último todos los seres obran en el Universo de acuerdo a su propia estructura o naturaleza, siendo el primer carácter de la naturaleza humana la sociabilidad. Ver: Marco Aurelio, *Soliloquios*, X, 6.

La segunda de las causas por las cuales los hombres están en condiciones de perder su libertad es la cobardía y el envilecimiento que produce en ellos el poder tiránico, que genera hombres que carecen de valor y de atrevimiento. Por esa razón – dice el francés- quienes están esclavizados o sometidos van a la guerra sin entusiasmo, sin alegría y sin coraje, mientras que los hombres libres desprecian el peligro y luchan juntos fraternalmente, haciéndose cargo conjuntamente tanto de la victoria como de la derrota. Los tiranos conocen este hecho, este ablandarse el ánimo de los sometidos, y es por esa razón, además de prohibir libros y de perseguir el saber, que proporcionan la capacidad de reconocer el estado de servidumbre como un mal innecesario y por tanto de odiar a la tiranía, que fomentan el teatro, los juegos y los espectáculos en general. La tercera de las causas de la servidumbre voluntaria radica en el temor a lo desconocido y a lo que se presenta como misterioso. Con el objetivo de reforzar el sometimiento de los súbditos los gobernantes apelan a rodearse de misterio y a atribuirse características o sobrenaturales o en todo caso diferentes a los demás seres humanos. En este sentido, las ideas religiosas constituyen una suerte de escudo que protege a los gobernantes de las rebeliones; en esto La Boétie se anticipa a sus compatriotas franceses, los iluministas del siglo XVIII.¹¹

Además de determinar las causas por las cuales se produce el sometimiento y la sujeción de los pueblos, el joven francés analiza lo que podríamos llamar la maquinaria del poder político. Más que en las armas, se teje alrededor del gobernante toda una red de complicidades que va creciendo en forma geométrica en cuanto se aleja del poder central y se extiende a los poderes regionales y luego locales. El tirano reduce a servidumbre a sus súbditos a través de otros, en lo que constituye la conformación de una pirámide en la que se asienta y toma forma el poder político.

Como decíamos al comienzo del presente ensayo, Étienne de La Boétie y su *Discurso de la servidumbre voluntaria* ha sido valorado de maneras diferentes y hasta antitéticas. A. Vermorel, que publica en 1835 una edición comentada del Discurso, declara en su prefacio que se encuentra allí un “[...] *amor tranquilo y sereno de la libertad y una previsión de la fraternidad social que lo acercan mucho más a nuestras simpatías*

¹¹ El más virulento representante del humanismo antirreligioso del enciclopedismo, D’Holbach, afirma que quien combate las ideas del catolicismo es “[...] *un hombre que destruye quimeras dañinas para el género humano, para hacer volver a los hombres a la Naturaleza, la experiencia y la razón*”. D’Holbach, P.H. *Sistema de la Naturaleza*, Madrid: Ed. Nacional, p. 557.

modernas y que hacen de él un genuino clásico de la tradición liberal y democrática”¹². Pierre Leroux, por su parte, cree que el *Discurso* “es una bella declamación filosófica y republicana: pero no es más que una declamación”, y al igual que Montaigne, opina que se trata de una obra “verdadera en sus principios, espléndida en la belleza de sus ideales, pero impotente para realizar la meta que allí se señala”¹³. En una posición diferente Max Nettlau (1978) y aún otros historiadores ácratas lo consideran un verdadero precursor de la filosofía política anarquista. Pierre Clastres, como se ha señalado arriba, advierte que la obra de La Boétie contiene la afirmación fundamental acerca de la efectiva historicidad de las sociedades estatales, es decir, la afirmación de que las sociedades divididas entre gobernantes y gobernados no existieron desde siempre y necesariamente. Lo que para el joven francés no podía ser sino un saber a priori hoy es el objeto de un conocimiento producto no ya de la deducción lógica sino de la observación directa. La etnología trabaja detrás del umbral que delimitan las sociedades estatales, sobre aquellas sociedades anteriores a la civilización, a la escritura, a la Historia, las primeras en desarrollarse en la ignorancia de la división entre gobernantes y gobernados; “El objeto privilegiado, si no exclusivo, de la etnología es hoy en día el estudio de las sociedades sin Estado”¹⁴. Y por pensar, tal vez por vez primera, en las condiciones en las que el hombre debe vivir tras la fractura social que impone la aparición del Estado, Clastres lo considera el creador no reconocido de la antropología del hombre moderno, y el precursor de la tarea que se imponen K. Marx y aún en mayor medida F. Nietzsche “de pensar la decadencia y la alienación”¹⁵.

Sociedades no estatales

El enigma de lo que La Boétie menciona como la desnaturalización, y la posibilidad de establecer tal desnaturalización como un movimiento regresivo hacia la animalidad, residen en el extraño hecho de que los hombres, al parecer, obedecen de forma voluntaria. Para que lo hagan no es necesario – salvo excepcionalmente- ni el uso de la fuerza, ni la aplicación del terror ni la promesa de un castigo; los hombres obedecen

¹² Vermorel, A. (1835), prefacio a *De la servitude volontaire ou Le Contr'un* par Étienne de La Boétie, Paris, citado por Abensur, M.; Gauchet, M. (2009). “Presentación”. In La Boétie, Étienne de (2009). *El Discurso de la servidumbre voluntaria*, La Plata: Terramar.

¹³ Leroux, P. (2009). *El ‘contra uno’ de Etienne de La Boétie*, La Plata: Terramar, p. 88-89.

¹⁴ Clastres, P. (1980). Op. Cit., p. 121.

¹⁵ Clastres, Pierre (1979). “La voluntad de ser siervo”. In *El viejo topo*, 32, p. 56-57.

porque eligen hacerlo, eligen, para utilizar otro término que designa de forma más general lo mismo, la alienación, tras el proceso en el cual la voluntad de ser libres es sustituida por el deseo de servidumbre. Ahora bien: cabe preguntarse si este deseo de sumisión se corresponde con los contenidos immanentes a la naturaleza humana – en cuyo caso habría que indagar sobre la coexistencia en ella de dos deseos orientados en sentidos contrarios- , o si su aparición histórica debe considerarse, extrañamente, *ex nihilo*, como una misteriosa y desgraciada mutación en la naturaleza humana que se muestra refractaria a cualquier explicación racional.

Como el propio Clastres indica, las sociedades que llamamos primitivas son sociedades que no tienen Estado. Esta afirmación, sin embargo, debe considerarse cuidadosamente, puesto que contiene dos peligros que es necesario conjurar. En primer lugar, la denominación ‘sociedades primitivas’ denota una inexacta y tendenciosa consideración de las estructuras sociales anteriores a la formación del Estado y a la división de la sociedad en clases, puesto que refiere a las nociones de ‘evolución’, ‘desarrollo’ y ‘progreso’, que por su parte sintetizan una concepción teleológica de la historia humana y la necesidad del camino que han tomado las sociedades contemporáneas. En segundo lugar, mencionar a aquellas sociedades como ‘sin Estado’ es referirse a ellas como privadas de algo que les sería, antes o después, indispensable. Serían sociedades, entonces, que padecen de una carencia, sociedades todavía incompletas, en las existe un vacío que no pudieron o no supieron llenar, puesto que el Estado constituye siempre el destino de toda sociedad. Se trata claramente, según nuestra opinión, de un visión etnocéntrica para la cual la historia posee un único sentido en el debe producirse el ‘desarrollo’, desde las épocas de barbarie hacia la civilización. De hecho, las sociedades arcaicas, pretéritas, merecen siempre denominaciones negativas que aluden a lo que esas sociedades aún no tenían, porque no sabían, porque todavía no podían; sociedades sin Estado, pero también sociedades sin escritura y sin historia. Sin embargo si las sociedades primitivas eran sociedades sin Estado – como afirma taxativamente Clastres- no era de ninguna manera por alguna especie de incapacidad congénita para llegar a la edad adulta de la estatalidad; por el contrario, estas sociedades rechazaban, como producto de una decisión colectiva, la constitución de una autoridad central y permanente, rechazaban de forma deliberada la obediencia. De igual modo se suele afirmar que las economías de las sociedades pre-estatales eran ‘economías de subsistencia’, en las que, por carecer de excedentes, no existía el mercado. Nuevamente

una carencia, nuevamente un equívoco intencionalmente provocado. Las sociedades arcaicas no producen excedentes porque no pueden, porque son incapaces, porque se encuentran todo el tiempo ocupadas en producir lo mínimo requerido para la supervivencia, y esto ocurre por ignorancia técnica, por su escasa provisión tecnológica. La comprensión moderna del término técnica ocupa aquí el centro de la escena: si por ello se entiende, a la manera de Descartes, el dominio aplastante e ilimitado de la naturaleza, en el cumplimiento del mandato baconiano del deber ser ‘amo y señor’ del mundo natural, entonces es cierto que las sociedades arcaicas se encuentran técnicamente muy relegadas. Pero si por técnica se entiende la capacidad de asegurar un cierto dominio de los recursos que la naturaleza ofrece en relación con las necesidades, aquellas sociedades eran tan o más capaces de satisfacerlas como lo son (aunque como se sabe, sólo para algunos) las sociedades industriales modernas. No hay, entonces – como afirma Clastres – ninguna *“jerarquía en el campo de la técnica, no hay tecnología superior ni inferior; no puede medirse un equipamiento tecnológico sino por la capacidad de satisfacer, en un medio dado, las necesidades de la sociedad”*¹⁶.

Está claro que la servidumbre voluntaria, o en otras palabras, el deseo de sumisión debe ser correlativo al deseo de poder. No hay posibilidad de realización del deseo de mandar sin el correlato necesario del deseo de obedecer. Se trata entonces de una cuestión dialéctica, en la que la existencia de uno está determinada por la existencia del otro, aunque como lo señala Claude Lefort, será necesario comprender que “[...] *de la servidumbre a la libertad no hay transición alguna en lo real; ni espacio, ni tiempo que recorrer, ningún esfuerzo, ninguna acción: tan sólo se da una versión del deseo*”¹⁷. Un problema de deseo; recordemos la afirmación laboeciana de que no es necesario ni indispensable luchar en contra del tirano para deshacerse de él. Si no se les da nada, si se les niega todo, no es preciso combatirlos, pues “se quedan desnudos y derrotados y ya no son nada”. Es entonces en el deseo de los pueblos en donde los amos viven o perecen, se hacen cada vez más fuertes o se desintegran. Una vez que se nombra el deseo de servidumbre, de inmediato aparece como el objeto de un deseo. Pero también sabemos que el hombre es en algún momento libre, al menos en tanto le es posible elegir entre la libertad y la servidumbre. La pregunta insiste y muestra ya algo de su complejidad. ¿Por qué enigmáticas razones, teniendo esa posibilidad de ser libre, los

¹⁶ Clastres, Pierre (1978). *La sociedad contra el Estado*, Caracas: Monte Ávila, p. 167.

¹⁷ Lefort, C. (1980). *El nombre de uno*, Barcelona: Tusquets, p.142.

hombres eligen el sometimiento y rechazan su libertad? Al parecer – y esto es lo que extraña y repugna todo el tiempo a La Boétie- los hombres finalmente *desean* la servidumbre. Lo que ocurre, y lo que revela una lectura atenta y rigurosa del *Discurso* es, al parecer, lo siguiente; al oponer deseo de servidumbre a deseo de libertad lo que se establece resulta ser nada más y nada menos que el carácter social del deseo humano. En toda la parte inicial de la obra las apelaciones que el autor realiza se refieren explícitamente al pueblo, a su libertad y a su servidumbre, al tirano o al príncipe, Pero cuando La Boétie interpela de forma directa al pueblo se muestra la grieta que existe entre la consideración de éste pueblo y el Hombre y su hipotética naturaleza. Dice el autor:

Hay una sola cosa, que los hombres, no sé por qué, no tiene ni siquiera la fuerza de desear: la libertad, ese bien tan grande y placentero cuya carencia causa todos los males. Los hombres sólo desdeñan, al parecer, la libertad, porque de lo contrario, si la desearan realmente, la tendrían. Actúan como si se negaran a conquistar tan precioso bien únicamente porque se trata de una empresa demasiado fácil¹⁸.

Notemos de pasada el desliz producido en el lenguaje y las modificaciones sustanciales que allí, entonces, se producen. Una cosa es la supuesta naturaleza del Hombre, y algo distinto es el pueblo como conjunto, como comunidad, como entidad social. Las palabras inducen a creer que la libertad, es, según nuestro autor, *natural* en el hombre, aunque esto no significa que el deseo de libertad, que se constituye en una dimensión social, también lo sea.

En cuanto a los mecanismos que producen la posibilidad de la dominación, al menos en sus aspectos fenoménicos, no parece haber demasiadas dudas. La dominación depende del deseo, que opera en cada uno más allá de la posición en la jerarquía social que ocupe, de identificarse con el tirano transformándose imaginariamente en el amo de otros. La identificación con el tirano, con el gobernante, atraviesa la red social de cabo a cabo, de manera que hasta el más miserable de todos puede también creerse él mismo un dios. Cada hombre, entonces, constituido en su vínculo social por la identificación con el amo-tirano-gobernante, se convierte a su vez en minúsculo tirano frente a los demás.

Por otra parte, es necesario reconocer – o recordar, puesto que los anarquistas lo repiten desde al menos el siglo XIX¹⁹- que esta oposición entre quien manda y quien

¹⁸ La Boétie, E. de (1980). Op. Cit., p. 58.

¹⁹ Ver: Bakunin, M. (2004). *Dios y el Estado*, Barcelona: El viejo topo, o Proudhon, P. (2005) *¿Qué es la propiedad?*, Buenos Aires: Libros de Anarres.

obedece, es correspondiente con otra división, por cierto más publicitada. Se trata naturalmente de la división entre los que poseen los medios de producción y los trabajadores, asalariados, cuentapropistas o desempleados. La Boétie nos dice que

[...] cuando un rey se transforma en tirano, todo lo malo, toda la hez del reino – y no me refiero a ese montón de ladronzuelos y desorejados, que casi no pueden, en una república, hacer ni mal ni bien, sino a los que arden de ambición y son de una notable avaricia- se amontonan a su alrededor y los sustenta para tener parte en el botín, y bajo el gran tirano convertirse ellos mismos en pequeños tiranos²⁰.

Estos hombres del siglo XVI no se comportan de manera muy disímil a nuestros contemporáneos, construyendo al parecer un ejemplo más del casi célebre homo oeconomicus del que, con otro nombre, hablara ya Aristóteles²¹ y mucho más tarde Adam Smith²². Hay que decir también que la utilización del lenguaje clásico ha hecho que en el Discurso se mencione repetidamente, hasta casi el final de la obra, al tirano como el objeto privilegiado de la crítica y el escarnio. Sin embargo, creemos que esto señala solamente un problema de nombres, y que el sentido y la intención crítica que el texto contiene se dirige contra la esencia de lo que hoy podríamos denominar dominación. De lo que se trata en él, según nuestro juicio, es de un cuestionamiento efectuado bajo el signo de una rigurosidad implacable a las formas de organización política que establecen una sociedad dividida entre quienes mandan y quienes son *siervos*, entre quienes gobiernan y quienes obedecen. Al mismo tiempo, La Boétie pretende sugerir otra forma en la que lo político – y sin que esto implique ninguna proposición revolucionaria, ninguna propuesta de acción efectiva- pudiera establecerse, vinculada al ejercicio de la ‘amistad’ y del ‘compañerismo’. Dos formas opuestas en la que lo político pudiera ser construido, dos formas opuestas de organización de la sociedad. En una de ellas la relación entre los hombres esta signada por la ‘conspiración’, por el enfrentamiento, por la rivalidad y por el interés individual y el temor al otro. En la otra lo que organiza el vinculo social es el ‘compañerismo’, la amistad, el reconocimiento del otro, y el ‘mutuo amor’. Y es que efectivamente, la amistad posee un claro sentido político; se establece en una relación que, en lo que tiene de esencial, se funda en la negación de la trascendencia del amo, y

²⁰ La Boétie, E. de (1980). Op. Cit., p. 74.

²¹ Ver: Aristóteles. *Política*, Libro II, V.

²² Adam Smith escribió, a propósito del interés económico que prima por sobre cualquier otra inclinación humana: “No es la benevolencia del carnicero, del cervecero o del panadero la que nos procura el alimento, sino la consideración de su propio interés”. Smith, A. (2005). *Investigación sobre la naturaleza y las causas de la riqueza de las naciones*, México: F.C.E., p. 17.

en la que éste no tiene ninguna ingerencia, puesto que para La Boétie el poder está separado del pueblo, y sea cual sea el carácter del príncipe y sus capacidades para gobernar, no dependen de él las condiciones en las que se producen las relaciones de amistad, que escapan a su dominio.

Finalmente, el *Discurso* termina con un ataque directo a las clases dominantes, tal vez en la reafirmación de que no es precisamente el príncipe o el tirano el que se encuentra en el origen de la sumisión; se trata -mucho más que de eso- del funcionamiento de las máquinas sociales y de los complejos mecanismos que, entre el deseo de sumisión y el deseo de libertad, ellas engendran.

Poder, gobierno y Estado en el pensamiento de M. Foucault

Como es sabido, el problema del poder es uno de los problemas centrales del pensamiento de Foucault, y es también el objeto privilegiado en la reflexión de una muy extensa nómina de filósofos modernos, que va desde Rousseau hasta Nietzsche, pasando por Hegel, y desde Locke hasta Marx, pasando por Proudhon.

Tal vez uno de los rasgos más singulares del pensamiento de Foucault consiste en la adopción de una perspectiva genealógica, lo cual implica entre otras cosas la posibilidad de efectuar un análisis del saber en términos de estrategias y tácticas de poder, es decir, de ubicar al saber en un campo de luchas. La condición de posibilidad de la genealogía es la supresión de lo que Foucault denomina "*la tiranía de los discursos globalizantes con sus jerarquías y todos los privilegios de la vanguardia teórica*"²³. Esta condición implica una desconfianza total en la categoría de totalidad, categoría que resulta el presupuesto necesario de toda ontología y de toda metafísica desde los filósofos presocráticos hasta, al menos, Hegel. Habría que decir que sería necesario examinar tal desconfianza con detenimiento y exhaustivamente, tanto como para otorgar, tal vez, un sentido renovado al pensamiento foucaultiano como para abrir las puertas a una posible nueva ontología o a una novedosa también forma de pensar al ser y a la totalidad. Foucault se pregunta:

Qué es este poder cuya irrupción, fuerza y despliegue, y cuyas medidas de seguridad han aparecido en el curso de los últimos cuarenta años en el estallido del nazismo y en el retroceso del stalinismo? ¿Qué es el poder, o más bien – puesto que sería justamente el tipo de pregunta que quiero evitar (es decir, la

²³ Foucault, Michel (1986a). *Genealogía del racismo*, La Plata: Altamira, p. 17-18.

*pregunta teórica que coronaría el conjunto)- cuáles son en sus mecanismos, en sus efectos, en sus relaciones, los diversos dispositivos de poder que se ejercen, en distintos niveles de la sociedad, en sectores y con extensiones tan variadas?*²⁴

En el contexto de la genealogía, Foucault se plantea un problema que constituye el núcleo central de la mayoría de las discusiones producidas en el marco de la filosofía política desde la emergencia de las primeras manifestaciones del pensamiento socialista. Tales disputas se producen entre los defensores del contractualismo, por una parte, y los socialistas de las diferentes tendencias, por otra; entre éstos últimos, el debate genera a su turno una división entre centralistas y federalistas, es decir entre marxistas y anarquistas. La pregunta formulada se refiere, precisamente, al análisis del poder; ¿Puede éste, de una forma o de otra, deducirse de la economía?

Foucault se da cuenta de que, a pesar de las abismales diferencias, hay un elemento en común entre las concepciones liberales y jurídicas del poder político – las concepciones de Rousseau, de Locke, de Montesquieu- y la concepción marxista; el punto en común es el economicismo que domina la teoría del poder. Entre los liberales, el poder es considerado como un derecho que se posee al modo de un bien y que por lo tanto se puede alienar o transferir a través de un acto jurídico. Entre los marxistas, el poder cumple con la finalidad de mantener las relaciones de producción y la dominación de una clase sobre la otra, es decir, el poder político tiene su razón de ser en la economía. De esta forma, en las ideas liberales el poder económico se constituye en el modelo del poder político, mientras que entre los marxistas es el fundamento del mismo.

Pero Foucault se pregunta si el poder está subordinado siempre y necesariamente a la economía²⁵, y si en sus formas de ejercicio, participa del modelo que regula el funcionamiento económico, es decir que es algo que se adquiere, o se posee, o se cede o se expropia²⁶. En torno a esta última cuestión debemos recordar que para el contractualismo liberal el poder es algo que participa del modelo de la economía (se posee o se cede, por la fuerza o por otros medios), mientras que para el pensamiento

²⁴ Ibidem.

²⁵ Hay que recordar, en este punto, que el pensamiento socialista del siglo XIX se interrogó sobre ambos problemas y propuso para ellos diferentes soluciones. La polémica entre marxistas y bakuninistas da cuenta de este problema. Los primeros creen que el poder político y el Estado son una superestructura de las relaciones de producción. Los segundos consideran que el Estado es la estructura básica sobre la cual se establecen las relaciones de producción que suponen la explotación del trabajo. Para los anarquistas, política y economía se condicionan mutuamente, pero en el origen histórico hay siempre en primer lugar un acto político.

²⁶ Foucault, M. (1986a). Op. Cit., p. 28.

socialista el poder es una cualidad inmanente a la sociedad, previa a la diferenciación entre quien lo ejerce y quien lo padece.

Para Foucault, en cambio, el poder no es objeto de ningún intercambio, sino que se ejerce y solamente existe en tanto actúa, al mismo tiempo que no resulta – al menos privilegiadamente- una entidad destinada al mantenimiento y a la reproducción de las relaciones económicas puesto que se trata ante todo de una relación de fuerzas. Desestimando la ‘hipótesis represiva’ en cuanto a la mecánica y al ejercicio del poder²⁷, Foucault afirma²⁸ que el poder debe ser analizado, como despliegue de una relación de fuerzas, en términos de lucha, de enfrentamiento, de guerra. Esta es la hipótesis de Nietzsche y supone una inversión de la tesis de Clausewitz de acuerdo a la cual la política es la continuación de la guerra. Hay que notar que esta tesis se remonta a la sofística griega y es discutida por Platón en *República*, en su refutación a Trasímaco. Mas adelante, sin embargo, Foucault abandona parcialmente esta concepción y la reformula en términos de gobernabilidad. En el texto *Genealogía del racismo* precisamente, Foucault pone a prueba lo que él mismo denomina la ‘hipótesis Nietzsche’, pero no sería conveniente ver allí una posición definitiva del autor con respecto al poder, puesto que tiempo después escribirá:

*El poder, en el fondo, es menos del orden del enfrentamiento entre dos adversarios o del compromiso de uno frente al otro que del orden del gobierno. [...] Las relaciones propias del poder, por eso mismo, no podrían ponerse en un campo de violencia o de lucha, ni en uno de vínculos voluntarios (todos los cuales pueden ser, en el mejor de los casos, sólo instrumentos de poder), sino más bien en el área del modo de acción singular, ni belicoso ni jurídico, que es el gobierno.*²⁹

El término ‘gobierno’ no designa en Foucault sólo las estructuras políticas o la dirección de los Estados, sino que también se refiere a la forma en la que puede dirigirse la conducta de otros, ya se trate de individuos o de grupos. En tal sentido es que es legítimo hablar del gobierno de los niños, de los enfermos o de las almas, por ejemplo. Gobernar, entonces, es estructurar un campo posible de acciones para los otros, un modo de acción sobre las acciones de otros hombres. Definido de esta forma, el problema del ejercicio del poder a través de las prácticas de gobierno trae aparejado, de forma

²⁷ La hipótesis represiva alude al funcionamiento del poder esencialmente como represión – de las clases, de los individuos, de la sexualidad, de los instintos. Es la hipótesis de Reich y de alguna manera también de Freud, pero es posible remontarla a Hegel.

²⁸ Foucault, M. (1986a). Op. Cit, p. 29-30.

²⁹ Foucault, Michel (1986b). *Por qué hay que estudiar el poder: la cuestión del sujeto*, Madrid: La Piqueta, p. 254.

inmediata, el problema de la libertad. El poder se puede ejercer solamente sobre sujetos libres que tienen delante de sí un campo de posibilidades de acción y de comportamiento. No hay, por lo tanto, una confrontación directa entre poder y libertad; entre ellos, señala Foucault, hay una serie de interrelaciones en las que la libertad aparece como la precondition para el ejercicio del poder, y también como su fundamento constante, pues si no hay libertad hay determinación física, como en el caso de la esclavitud. Por estos motivos,

[...] las relaciones entre el poder y el rechazo de la libertad a someterse no pueden separarse. El problema crucial del poder no es el de la servidumbre voluntaria (¿cómo podríamos procurar ser esclavos?). El verdadero centro de las relaciones de poder es la reluctancia de la libertad y la intransigencia de la libertad.³⁰

Es necesario ahora agregar que, como resultado de sus indagaciones históricas y de su crítica de la 'hipótesis represiva' Foucault ve en el poder una instancia positiva, que fabrica o produce formas determinadas de individualidades. En contra de la tradición cartesiana, para él el sujeto no es una sustancia sino solamente una forma que no es sobre todo ni siempre igual a sí misma, que más que una instancia de fundación resulta el efecto de una constitución, o lo que es lo mismo, en términos de Foucault, de ciertos modos de subjetivación. Se trata de formas en las que se objetiva al sujeto, es decir, de formas en las que el sujeto aparece como objeto de una determinada relación de conocimiento y de poder.

El indudable mérito de los análisis foucaultianos de las relaciones de poder radica – según nuestra opinión- en revelar su multidimensionalidad, su inacabable capacidad para reproducirse, para institucionalizarse en los más diferentes ámbitos de la vida social, y en mostrar cómo el manicomio, la cárcel, el hospital o la escuela son el producto definido de esa institucionalización, abordando un registro histórico ignorado casi por completo por la historia, la filosofía política y la sociología. Sin embargo Foucault excluye en su análisis de los poderes el poder central que es el poder del Estado, del que se deriva originalmente el poder económico que luego, en una instancia posterior, lo funda y lo soporta.

La idea de totalidad es legítimamente criticada por Foucault, en tanto su uso implica la afirmación de pseudo-totalidades. Pero la idea de totalidad es difícilmente separable del pensar filosófico e incluso del pensar mismo, pues como ya lo indicaron muy tempranamente Parménides y Heráclito, 'ser' es ser uno y ser todo.

³⁰ Ibidem, p. 255.

Por otra parte, ni el Estado ni el capitalismo son pseudo- totalidades: resulta imposible, sin ellos, pensar de una manera adecuada y comprensible las relaciones de poder parcial, aquellas que se visibilizan en la escuela, el cuartel, el hospital, o las cárceles.

Es cierto que el poder no es el producto de un pacto o de una convención, pues se trata de una cualidad esencial de toda sociedad humana. Cada individuo y cada grupo disponen de un poder más o menos extenso de acuerdo a sus disposiciones físicas e intelectuales, pero tales diferencias no son de por sí demasiado notables. En las sociedades primitivas que mencionan Clastres y de La Boétie el poder es un poder indiviso, internalizado de manera equivalente en todos los individuos. Sin embargo, en un momento determinado, el poder de los individuos y de los grupos comienza a concentrarse en pocas manos, a través de una delegación que se hace pronto una cesión definitiva; el poder se fractura y se produce el nacimiento de la sociedad dividida, el nacimiento del Estado como forma de la sociedad jerárquica y coactivamente organizada. Esta forma de organización produce de manera inmediata, y necesariamente, la aparición de la propiedad privada, las diferencias de clase, la dominación y la sumisión. Pero al mismo tiempo nace también la lucha en contra de la sumisión y en contra de la dominación, la -al parecer- interminable lucha por restituir al hombre a su libertad originaria, en una sociedad no dividida, lo cual significa una sociedad sin propiedad privada, pero también sin Estado.

Referencias

Agamben, Giorgio. (2001). *Medios sin fin. Notas sobre la política*, Valencia: Pretextos.

Bakunin, M. (2004). *Dios y el Estado*, Barcelona: El viejo topo.

Clastres, Pierre (1978). *La sociedad contra el Estado*, Caracas: Monte Ávila.

_____ (1979). "La voluntad de ser siervo". In *El viejo topo*, 32, p. 56-57.

_____ (1980). *Libertad, desventura, innombrable*, Barcelona: Tusquets.

D'Holbach, P.H. *Sistema de la Naturaleza*, Madrid: Ed. Nacional.

Foucault, Michel (1986a). *Genealogía del racismo*, La Plata: Altamira.

_____ (1986b). *Por qué hay que estudiar el poder: la cuestión del sujeto*, Madrid: La Piqueta.

La Boétie, Étienne de (1980). *Discurso de la servidumbre voluntaria*, Barcelona: Tusquets.

Lefort, C. (1980). *El nombre de uno*, Barcelona: Tusquets.

Leroux, P. (2009). *El 'contra uno' de Etienne de La Boétie*, La Plata: Terramar.

Proudhon, P. (2005) *¿Qué es la propiedad?*, Buenos Aires: Libros de Anarres.

Smith, A. (2005). *Investigación sobre la naturaleza y las causas de la riqueza de las naciones*, México: F.C.E, p. 17.

Recebido para publicação em junho de 2013.

Aprovado para publicação em agosto de 2013.

ANAUE, ALVORADA E FLAMA VERDE: A IMPRENSA INTEGRALISTA E AS DISPUTAS PELO PODER POLÍTICO EM SANTA CATARINA

ANAUE, ALVORADA Y FLAMA VERDE: LA IMPRENTA INTEGRALISTA Y LAS DISPUTAS POR EL PODER POLÍTICO EN SANTA CATARINA

ANAUE, ALVORADA AND FLAMA VERDE: THE INTEGRALIST PRESS AND DISPUTES FOR POLITICAL POWER IN SANTA CATARINA

ANAUE, ALVORADA ET FLAMA VERDE : LA PRESSE INTÉGRALISTE ET LES CONFLITS POUR LE POUVOIR POLITIQUE DANS L'ÉTAT DE SANTA CATARINA

冲冲杀杀, 巴西法西斯的诞生和绿衣党:
三十年代巴西斯塔卡塔林娜州的法西斯印刷媒体和权力纷争

DOI: 10.5533/1984-2503-20135302

João Henrique Zanelatto¹

RESUMO

A Ação Integralista Brasileira criada em São Paulo em 1932 rapidamente expandiu-se para todo o Brasil. Em Santa Catarina começou a ser organizada em 1934; seu crescimento deu-se principalmente nas regiões com maior concentração de imigrantes alemães e italianos e seus descendentes. O artigo busca demonstrar, através de uma breve análise da imprensa integralista, as disputas pelo poder político em Santa Catarina. Pretende-se demonstrar a vinculação desses órgãos com os partidos e grupos políticos, e como através dela se processava as disputas pelo poder político no estado. Ao analisar a imprensa integralista, pretende-se evidenciar as especificidades dos seus discursos e que essa não somente publicava textos nacionais, mas também participou ativamente das disputas pelo poder local.

Palavras-chave: Imprensa, Integralismo, Poder, Santa Catarina.

¹ Doutor em História pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Mestre em História pela Universidade Federal de Santa Catarina. Professor Adjunto do Curso de História da Universidade do Extremo Sul Catarinense. Líder do Grupo de Pesquisa "História Econômica e Social de Santa Catarina" e Pesquisador do Núcleo de Estudos em Estado, Política e Direito. E-mail: jhz@unescc.net

RESUMEN

La Acción Integralista Brasileña creada en São Paulo en 1932 rápidamente se ha expandido por todo Brasil. En Santa Catarina comenzó a ser organizada en 1934, su crecimiento se ha dado sobre todo en las regiones con mayor concentración de inmigrantes alemanes e italianos y sus descendientes. El artículo busca demostrar a través de una breve análisis de la imprenta integralista las disputas por el poder político en Santa Catarina. Se pretende demostrar la vinculación de estos órganos con los partidos y grupos políticos, y como a través de ella se procesaba las disputas por el poder político en el estado. Al analizar la imprenta integralista, se objetiva evidenciar las especificidades de sus discursos y que esta no solamente ha publicado textos nacionales, sino ha participado activamente de las disputas por el poder local.

Palabras clave: Imprenta, Integralismo, Poder, Santa Catarina.

ABSTRACT

“Ação Integralista Brasileira” [Brazilian Integralist Action] was created in São Paulo in 1932 and rapidly expanded throughout all of Brazil. Activities began in the state of Santa Catarina in 1934, and growth was mainly to be found in regions with a large concentration of German and Italian immigrants and their descendants. This article seeks to outline the disputes for political power in Santa Catarina, by means of a brief analysis of the integralist press. It aims to reveal these organs’ links with political parties and groups, and how these facilitated the processing of disputes for political power in the state. In analysing the integralist press, the article aims to reveal the details of its discourse and how it did not just publish national texts, but also actively participated in the disputes for local power.

Key words: Press, Integralism, Power, Santa Catarina.

RÉSUMÉ

L’Action intégraliste brésilienne, constituée à São Paulo en 1932, s’est rapidement développée dans l’ensemble du Brésil. Dans l’État de Santa Catarina, le mouvement commença à s’organiser en 1934. Son expansion eut principalement lieu dans les régions où prédominaient les immigrants allemands et italiens, ainsi que leurs descendants. Cet article a pour objectif de mettre à jour, après une brève analyse de la presse intégraliste, les conflits en œuvre pour le pouvoir politique à Santa Catarina. Nous souhaitons montrer les liens entretenus par ces organes de presse avec divers partis et groupes politiques, et

la façon dont ces liens ont catalysé les conflits pour le pouvoir politique dans cet État. Cette analyse de la presse intégraliste mettra en évidence les spécificités des discours y figurant. Nous verrons également que n'y étaient pas seulement publiés des textes à caractère national, les conflits pour le pouvoir local y occupant aussi une place significative.

Mots-clés: Presse, Integralisme, Pouvoir, Santa Catarina.

摘要

巴西的法西斯主义的民族整合行动党(Ação Integralista Brasileira)在1932年成立于圣保罗市，很快遍布整个巴西。

位于巴西南部的斯塔卡塔林娜州，民族整合行动党成立于1934年并得到迅速发展，主要原因是这个州的主要人口是来自德国和意大利的移民及其后裔。本论文通过分析研究这个法西斯主义组织的印刷媒体，向读者展示了该州的权力纷争。作者揭示了这些法西斯主义媒体与各种党派与政治组织的联系，通过这种联系，展示了斯塔卡塔林娜州的政治权力斗争。为了研究法西斯的民族整合主义媒体，重点分析了它们的话语和政治参与——它们公开发表的宣传文章和它们同时也积极参加的当地的权力斗争。

关键字: 印刷媒体(Imprensa)，民族整合主义，权力， 斯塔卡塔林娜州

Introdução

A ação Integralista Brasileira começou a ser organizada em Santa Catarina à partir de 1934. Seu crescimento ocorreu rapidamente, em especial nas zonas de colonização alemã e italiana, tornando-se uma das principais alternativas de oposição frente aos grupos políticos que estavam no poder do estado. O crescimento do integralismo ocorreu dentro de um cenário de disputas e tramas ocorridas pelo espaço e pelo poder no pós-30 na política tanto no âmbito regional quanto no local².

No estado havia o terceiro maior contingente de filiados ao integralismo, perdendo somente para São Paulo e Bahia. O crescimento integralista no estado materializou-se nas eleições municipais de 1936. Nesta eleição os integralistas lançaram quinze

² Este artigo constitui-se de uma parte do quarto capítulo de minha tese de doutorado defendida em 2007 na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

candidaturas para prefeito e conseguiram eleger oito e mais 72 vereadores³. Elegeram prefeitos nas duas maiores cidades do estado: Joinville e Blumenau, cidades onde os republicanos e liberais uniram-se na tentativa de derrotar os integralistas⁴. Esses dados são relevantes para demonstrar a intensidade das disputas pelo poder político no estado. Essas disputas se processaram por meio de vários canais e a imprensa foi um deles.

História Política e Imprensa: algumas considerações

Este artigo alicerçou-se fundamentalmente na renovada história política e na imprensa. A abordagem da história política até alguns anos atrás enfrentava uma série de preconceitos. Isso ocorreu devido ao “*descrédito em que foi lançado durante algum tempo o estudo dos fatos políticos pela afirmação de um interesse por outras dimensões da história*”, transformando a abordagem da história política no “*próprio símbolo de uma história fora de moda*”⁵. Isso porque até então a história política havia sido “*admitida para ser essencialmente relacionada ao Estado; em outras palavras, era mais nacional e internacional, do que regional*”⁶. Esse descrédito emergiu a partir das críticas contundentes que a história política recebeu do grupo dos *Annales*, provocando uma marginalização da dimensão política dos fatos sociais, pois a consideravam literária, passível de ser romanceada e, sobretudo, por fundamentar-se em conflitos localizados e de curta duração. “*Cada vez mais essa história será conhecida como tradicional*”⁷.

Na década de 1960, a crítica à história política viria do marxismo e do estruturalismo, contribuindo também para o descrédito da história política, ao identificá-la como um tipo de história que estava ancorada exclusivamente no acontecimento, na linearidade e na narração dos fatos.

O marxismo ao centrar a explicação histórica no primado da luta de classes e no econômico, marginalizou a importância do político que passou a ser analisado em

³ Zanelatto, João Henrique (2007). *Região, Etnicidade e Política: o Integralismo e as lutas pelo poder político no Sul Catarinense na década de 1930*. Tese (Doutorado em História) – PUCRS, Porto Alegre.

⁴ Gertz, René (1987). *O Fascismo no Sul do Brasil*, Porto Alegre: Mercado Aberto.

⁵ Rémond, René (2003). “As eleições”. In Rémond, René (Org.) (2003). *Por uma história política*, Rio de Janeiro: Ed. FGV, p. 44.

⁶ Burke, Peter (1992). “Abertura a nova história, seu passado e seu futuro”. In Burke, Peter (Org.) (1992). *A Escrita da história: novas perspectivas*, São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, p.10.

⁷ Falcon, Francisco (1997). “História e poder”. In Cardoso, Ciro Flamarion; Vainfas, Ronaldo (Orgs.) (1997). *Domínios da história: ensaios de teoria e metodologia*, Rio de Janeiro: Campus, p. 68.

decorrência do econômico⁸. Quanto ao estruturalismo, transformou “o político – visto como jurídico-político – de superestrutura em um nível, numa instância ou uma estrutura regional, visto ao lado de outras duas, a econômica e a ideológica⁹”; que, ao debaterem-se, o econômico, em última instância, acaba sendo o determinante. Assim, historiadores das três correntes: Annales, marxismo e estruturalismo foram responsáveis pelo descrédito sofrido pela história política até o final da década de 60.

Na década de 1970, teve início um processo de revalorização e renovação da história política. Jacques Julliard foi um dos primeiros historiadores a propor a reversão do quadro da história política tradicional. Inicialmente apontou seus vícios e defeitos.

A história política é psicológica e ignora condicionamentos, é elitista, biográfica mesmo, e ignora a sociedade global e as massas que a compõem; é qualitativa e ignora o serial; visa o particular e ignora a comparação; é narrativa e ignora a análise; é materialista e ignora o material; é ideológica e não tem disso consciência; é parcial e não sabe que o é; atém-se ao consciente e ignora o inconsciente; é pontual e ignora o longo prazo; numa palavra, porque esta palavra resume tudo na gíria dos historiadores, é factual.¹⁰

Depois de expor os defeitos e vícios, Julliard propôs a necessidade de renovação da história política, para que se recuperasse de seu atraso, e foi enfático ao considerar que “marxista ou não, o historiador não pode desinteressar-se do problema da natureza social do poder político¹¹”. Até a década de 70, a história política era “a própria imagem e o exemplo perfeito da história dita factual¹²”. Privilegiava o particular e o nacional, dando as costas para a possibilidade de comparações no espaço e no tempo.

A renovação que a história política vem experimentando nas últimas décadas pode ser entendida levando-se em consideração a amplitude das transformações sociais, e as “novas orientações da pesquisa histórica¹³”. Desse modo, nos últimos anos foram se multiplicando as manifestações de um retorno com força total da história política. Na década de 80, a situação de descrédito foi sendo modificada, a renovação da história

⁸ Felix, Loiva Otero (1999). “Historiografia política: impasses e rumos nas décadas de 1970-90”. In *Logos*, Canoas, v. 11, n. 1, p. 8.

⁹ Borges, Vavy Pacheco (1991/2). “História e Política: laços permanentes”. In *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v. 12, n. 23/24, p. 13.

¹⁰ Julliard, Jacques (1988). “A Política”. In Le Goff, Jacques; Nors, Pierre (Orgs.) (1988). *História: novas abordagens*. 3. ed., Rio de Janeiro: Francisco Alves, p. 181.

¹¹ *Ibidem*, p. 280.

¹² Rémond, R. (2003). *Op. Cit.*, p. 16.

¹³ *Ibidem*, p. 19.

política tomava fôlego “*com o gradativo abandono da história política tradicional em favor de uma compreensão do político na história*”¹⁴.

A renovação da história política ainda pode ser observada também em diversos outros aspectos: os temas tradicionais, como os partidos, eleições, guerras ou biografias não foram abandonados, porém trabalhados em uma nova perspectiva, opinião pública, mídia ou discurso foram incorporados como novos objetos de análise; o contato com outras disciplinas como a sociologia, a antropologia, a lingüística, contribuíram para a produção de trabalhos sobre a sociabilidade, análise de discurso, ideologias, “mentalidades coletivas” e a cultura política. A renovação da história política passou pela interdisciplinaridade. Acrescenta-se a isso que a nova história política

*Preenche todos os requisitos necessários para ser reabilitada. Ao se ocupar com o estudo da participação na vida política e dos processos eleitorais, integra todos os atores, mesmo os mais modestos, perdendo assim seu caráter elitista e individualista e elegendo as massas como seu objeto central*¹⁵.

Esse processo de renovação e valorização da história política refletiu-se também em trabalhos de âmbito regional. Elas têm possibilitado fazer estudos comparados, encontrar peculiaridades singularidades dificilmente perceptíveis em uma história geral. Esses estudos têm se desenvolvido com a utilização da imprensa como evidência primordial em especial o jornal. A análise dos jornais constitui-se em uma evidência importantíssima para a compreensão das disputas entre partidos e grupos que se digladiaram na luta pelo monopólio do poder político. Em Santa Catarina antes do golpe que deu início ao Estado Novo a imprensa foi significativa na disputas pelo poder político em âmbito regional e local. Os partidos políticos organizados no estado no pós-30 utilizaram-se sistematicamente da imprensa para difundir suas idéias e atacar os adversários.

Até a década de 1970 eram poucos os estudos que se valiam de jornais e revistas como fonte para a produção do conhecimento histórico. Por outro lado o que se observa é o reconhecimento da imprensa e dos impressos e não era nova a preocupação de se escrever a história da imprensa, “*mas relutava-se em mobilizá-los para a escrita da*

¹⁴ Felix, L. O. (1999). Op. Cit., p. 58.

¹⁵ Rémond, René (2003). Op. Cit., p. 7.

*história por meio da imprensa*¹⁶.” O que poderia explicar tal situação? A tradição do século XIX e as décadas iniciais do XX preocupada com a busca da verdade dos fatos que somente poderia ser atingido por documentos para qual os impressos estavam longe de ser relevantes. O historiador:

*[...] deveria valer-se de fontes marcadas pela objetividade, neutralidade, fidedignidade, credibilidade, além de suficientemente distanciadas de seu próprio tempo. Estabeleceu-se uma hierarquia qualitativa dos documentos para qual o especialista deveria estar atento. Nesse contexto, os jornais pareciam pouco adequados para recuperação do passado, uma vez que essas “enciclopédias do cotidiano” continham registros fragmentários do presente, realizados sob o influxo de interesses, compromissos e paixões. Em vez permitirem captar o ocorrido, dele forneciam imagens parciais, distorcidas e subjetivas.*¹⁷

Essa concepção foi criticada já na década de 1930 pela Escola de Annales, fato que não implicou em um reconhecimento da imprensa e de suas potencialidades. A centralidade da imprensa ocorreu com a renovação dos temas, problemáticas e os procedimentos metodológicos incorporados pela história.¹⁸

De modo geral, a imprensa reflete o mundo de seu tempo e ao mesmo tempo influencia na construção deste mundo e, portanto, possui história e historicidade¹⁹. O conteúdo produzido pela imprensa reflete os momentos políticos, econômicos e culturais de uma sociedade, numa época. Ao refletir o mundo de seu tempo, a imprensa não pode ser entendida como neutra, pois estabelece relações e conexões com sujeitos, instituições e ideologias, de modo que as publicações apresentadas aos leitores explicitavam um conjunto de interesses. Daí a importância na pesquisa com jornais “*a análise do maior número deve ser a primeira garantia para o não cometimento de erro; ainda que não seja toda a garantia*”²⁰.

A imprensa enquanto um instrumento político e social introduz práticas, maneiras de pensar, idéias dando significado às ações humanas e influenciando de forma decisiva na construção dos acontecimentos. A grande importância alcançada pela imprensa levou muitos autores a compará-la a um “quarto poder” nos países. No Brasil, a imprensa, ao

¹⁶ Luca, Tânia Regina de (2005). “Fontes Impressas: História dos, nos e por meio dos periódicos”. In Pinsky, Carla Bassanezzi. (Org.) (2005). *Fonte históricas*, São Paulo: Contexto, p. 111.

¹⁷ *Ibidem*, p. 112.

¹⁸ Essa renovação da disciplina história pode ser encontrada nos estudos dos historiadores da terceira geração dos Annales, na renovação do marxismo em especial nos estudos dos historiadores ingleses, na renovação da história política dentre outras.

¹⁹ Albert, P.; Terrou, F. (1990). *História da imprensa*. São Paulo: Martins Fontes.

²⁰ Elmir, Cláudio Pereira (1995). “As armadilhas do jornal: algumas considerações metodológicas de seu uso para a pesquisa”. In *Cadernos de Estudo do PPG em História da UFRGS*, Porto Alegre, n. 13, p. 23.

longo de suas diversas etapas, ao atuar na orientação, formação ou manipulação da opinião pública, “transformou-se em verdadeiro elemento constitutivo da sociedade e refletiu, através das páginas dos jornais, os diferentes momentos históricos do Estado Nacional Brasileiro, bem como influenciou direta/indiretamente em cada um deles²¹”.

Dessa maneira, a imprensa configurou-se em um instrumento imprescindível para as interpretações históricas, da formação sócio-político-econômico-cultural brasileira.

A leitura dos discursos expressos nos jornais permite acompanhar o movimento das idéias que circulam na época. A análise do ideário e da prática política dos representantes da imprensa revela a complexidade da luta social. Grupos se aproximam e se distanciam segundo as conveniências do momento; seus projetos se interpenetram, se mesclam e são matizados. Os conflitos desencadeados para a efetivação dos diferentes projetos se inserem numa luta mais ampla que perpassa a sociedade por inteiro. O confronto das falas, que exprimem idéias e práticas, permite ao pesquisador captar, com riqueza de detalhes, o significado da atuação de diferentes grupos que se orientam por interesses específicos.²²

Como se pode observar a imprensa é uma evidência indispensável para as pesquisas que tem o político como seu objeto de estudo. Os trabalhos que utilizam o jornal como instrumento de análise podem ser arrolados sob duas vertentes básicas: uma história através da imprensa ou uma história da imprensa. No primeiro caso, o jornal serve de “fonte de informação para a reconstrução de um determinado elemento constitutivo de uma dada sociedade²³”, e, no segundo, o historiador estuda o jornal “em si mesmo, sua evolução, suas manifestações e as formas pelas quais ele retrata os acontecimentos²⁴”. Neste escrito as duas vertentes de pesquisa acerca do jornal se cruzam e completam-se de tal maneira que a imprensa vem sendo utilizada tanto como fonte, quanto como objeto de análise.

Em Santa Catarina a Ação Integralista Brasileira fundou vários jornais, além daqueles que em alguns momentos deram apoio ao partido. Nesses jornais, foi difundida a doutrina integralista. O jornal configurou-se no principal instrumento por onde a doutrina chegava aos militantes. Os teóricos do Integralismo veiculavam suas idéias nos livros e os jornais eram encarregados de popularizar. Através do jornal, a doutrina integralista era materializada. “O jornal desempenhava, assim, a função de atualização e popularização

²¹ Alves, Francisco das Neves (1998). *O Discurso Político-Partidário Sul-Rio-Grandense sob o Prisma da Imprensa Rio-Grandina (1868-1895)*. Tese (Doutorado em História) - PUCRS, Porto Alegre, p. 9.

²² Capelato, Maria Helena Rolim (1994). *A imprensa na história do Brasil*, São Paulo: Contexto/EDUSP, p. 34.

²³ Alves, F. das N. (1998). Op. Cit., p. 11.

²⁴ Ibidem.

do 'corpus teórico' integralista junto ao militante²⁵". Pretendia-se com o jornal não somente doutrinar, mas, sobretudo, "transmitir a doutrina de modo uniforme²⁶". Os jornais do interior do país "eram organizados de modo a reproduzir os jornais maiores, editados nos grandes centros onde se concentrava a elite dirigente do Movimento²⁷". A imprensa integralista de Santa Catarina não reproduziu somente os discursos dos jornais editados nos grandes centros, mas teve suas especificidades que serão abordadas a seguir.

Anauê e o discurso nacionalista

Anauê, foi o primeiro órgão integralista em Santa Catarina, foi dirigido por José C. Ramos e gerenciado por Chavier Schenk e Willian Benthien. Fundado em Joinville no ano de 1934, o jornal apresentava-se como um órgão que viria para combater incansavelmente até a vitória do movimento. Com um discurso extremamente nacionalista, os redatores pareciam estar se dirigindo em especial para os imigrantes alemães e seus descendentes, pois explicavam que por brasileiros entendiam "todos os que aqui vivem, sofrem e gozam conosco. Descendam de que raça descenderem. Queremos, exigimos, unicamente que se sintam, se considerem, se mostrem brasileiros²⁸".

Essa preocupação em alcançar os descendentes de alemães perpassou as publicações do *Anauê*, pois, além de possuir uma seção alemã, encontram-se também matérias enaltecendo a brasilidade dos teutos que estavam no Integralismo.

*Nascidos no Brasil amam profundamente esta terra grandiosa, que se lhes afigura um paraíso terreal. Vimol-os na lavoura, em pleno sertão, cultivando o solo; vimol-os ótimos soldados prestando serviços á Pátria; vimol-os, também nas letras, nas artes e na diplomacia, prestando inestimáveis serviços á nação.*²⁹

Anauê combatia também seus adversários políticos, denunciavam as violências cometidas contra os integralistas na região, e dessa maneira não se limitava a somente reproduzir notícias que eram publicadas nos grandes jornais do movimento. Dessa maneira, tanto *Anauê* quanto a *Alvorada* e *Flama Verde*, cada um em sua região, se

²⁵ Cavalari, Rosa Maria Feiteiro (1999). *Integralismo: ideologia e organização de um partido de massa no Brasil (1932-1937)*, Bauru, SP: EDUSC, p. 79.

²⁶ Ibidem.

²⁷ Ibidem.

²⁸ *Anauê* (1934), ano 1, n. 1, 14 de julho.

²⁹ Ibidem.

envolveu nas disputas pelo monopólio do poder político, fato que se contrapõe à historiografia que argumentava que nos jornais do interior não se faziam “referências à política local, ou notícias locais que pudessem funcionar como fator de diferenciação³⁰”.

Um dado a ser destacado desses jornais era que os três eram dirigidos por luso-brasileiros e encontravam-se entre as pessoas de mais prestígio dentro do movimento. Isso fica evidenciado quando se observa a escolha dos candidatos a Câmara e ao Senado na convenção integralista. Cada região apresentou o seu candidato: “*Othon D’Eça, pelo litoral; José Ferreira da Silva, pelo Vale do Itajaí; capitão Paulo Gonçalves Vieira da Rosa, pela Serra; Josino da Rocha Luores, pela zona do ex-contestado; José de Carvalho Ramos, pela zona do Norte e Antonio Dib Mussi pela zona do Sul*³¹”. Todos luso-brasileiros, nenhum descendente, nomes como Jaime Wendausen, (candidato a prefeito por Araranguá³²) Aristides Largura, (prefeito de Joinville), e Alberto Stain, (prefeito de Blumenau) não figuraram entre os nomes escolhidos³³. A alta hierarquia era também dirigida por lusos, demonstrando a força desse grupo étnico no movimento. Infere-se ainda, que tendo em vista a campanha da nacionalização, a direção integralista de Santa Catarina optou por candidatos luso-brasileiros para o senado e câmara federal preocupada com possíveis retaliações que poderiam vir a ocorrer contra candidatos teutos ou ítalos, caso fossem eleitos. Seguindo esta linha de raciocínio e observando que nas eleições municipais de 1936 os integralistas elegeram oito prefeitos e 72 vereadores, sendo a maioria deles constituída por descendentes de imigrantes alemães e italianos, pode-se dizer que havia uma preocupação da direção integralista catarinense em ter nomes luso-brasileiros buscando evitar desta maneira o crescimento do discurso nacionalista e a acusação de ser o integralismo um “nazismo disfarçado”.

Destaca-se ainda outras tensões entre integralistas e oposição, que foram explicitadas pela imprensa. O deputado estadual Marcos Konder, líder da minoria, em um longo discurso proferido na Assembléia Legislativa, em agosto de 1935 tecia duras críticas aos comunistas e integralistas. Seu discurso foi posteriormente transformado em livro. Em resposta, o jornal *Anauê*, em novembro, publicava o artigo “*O opúsculo do sr. Marcos Konder*³⁴”, nele o articulista em um tom sarcástico foi analisando o livro de

³⁰ Cavalari, R. M. F. (1999). Op. Cit., p. 79.

³¹ *Flama Verde* (1937), ano I, n. 54, 25 de setembro.

³² Araranguá era um dos maiores e importante município do Sul Catarinense na década de 1930.

³³ Aristides Largura e Alberto Stain governavam os dois municípios mais prósperos do estado. Ali estavam concentrados a maior parte da indústria e o comércio do estado.

³⁴ *Anauê* (1935), ano II, n. 16, 30 de novembro.

Konder, citava pequenos trechos e procurava mostrar as contradições, explicava que o livro se apoiava na autoridade de Calógeras, tomando um terço do livro (chamava de livrinho).

Assim, por exemplo, o articulista citava um trecho do texto de Konder, no qual este dizia que o Integralismo era um travesti do fascismo italiano, inadequado às condições do Brasil, para, em seguida, responder: “o *Integralismo é um movimento profundamente nacional, nada tendo que ver com o fascismo italiano que como bem disse Mussolini não é mercadoria de exportação*³⁵”. E prosseguia, “se o Integralismo fosse inadapável às nossas condições, como explicar o avanço estupendo deste movimento em todo o território brasileiro³⁶”. Somente concordava com Konder, quando atacava o comunismo.

A partir de 1935, o Integralismo vai sofrendo ataque tanto dos republicanos quanto dos liberais. Em 1936, o governador Nereu Ramos, profundamente descontente com o resultado das eleições municipais, fazia uma declaração ao jornal *Kolonie Zeitung*, identificando o Integralismo ao nazismo, justificando a necessidade de uma política nacionalizadora.

*Quero explicar-lhes a vitória do integralismo, ou melhor, do hitlerismo. [...] Eu disse hitlerismo, porque ali o fenômeno do integralismo não se apresenta com as mesmas características que nos demais estados da federação. Em todos os municípios em que o integralismo venceu predomina o elemento alemão. A bandeira não é Plínio Salgado, mas Hitler. Quando se pergunta a um colono 'és integralista', ele responde 'sou hitlerista'. É uma mística do militarismo alemão, como o caracterizou com muita propriedade o ministro. Marques dos Reis. [...]. Creio que está na hora de se iniciar uma enérgica obra nacionalizadora nos municípios em que a colonização alemã não quer adaptar-se à vida brasileira [...]. Isto significa: estacionar mais tropas nas zonas de imigração alemã, para que a mística do militarismo alemão tenha, em nossas casernas, um derivativo e os elementos teuto-brasileiros aprendam a integrar-se na vida brasileira.*³⁷

O discurso do governador Nereu Ramos constitui-se de um feroz ataque as regiões onde os integralistas foram vitoriosos nas eleições municipais de 1936: o Vale do Itajaí e Norte do estado. Ao acusar o integralismo de ser um nazismo disfarçado e justificar a necessidade iniciar uma enérgica política nacionalizadora Nereu Ramos, representante

³⁵ Ibidem.

³⁶ Ibidem.

³⁷ Gertz, René (1998). “Nazismo, fascismo, integralismo e o apoio das oligarquias no Rio Grande do Sul e Santa Catarina no Estado Novo”. In *Estudos Ibero Americanos*, Porto Alegre, v. 14, n. 1, p. 27-28.

das oligarquias tradicionais, estava também preocupado em controlar o avanço e “sustentar sua luta contra os grupos emergentes modernos das regiões de colonização”.³⁸

No Sul Catarinense o jornal *Sul do Estado*, (do município de Laguna) órgão vinculado ao Partido Liberal publicava também várias reportagens desferindo ataque contra o Integralismo e suas lideranças. Com a nota intitulada “O sr. Plínio Salgado está sofrendo grave enfermidade mental”, o jornal publicava um texto do professor Fernando de Magalhães, do Rio de Janeiro, que afirmava a enfermidade do chefe integralista. “Estou desolado com a marcha da moléstia, pois aquelas alusões do sr. Plínio Salgado aos arcanjos e às espadas de fogo revelam alarmantes sintomas de paralisia geral”. Fica evidenciado na retórica do jornal uma nítida preocupação em desqualificar o líder integralista. Este discurso exagerado revela a preocupação com a popularidade e a aceitação do partido e de seu líder, isso tanto em âmbito nacional como local. Além dessa, as críticas ao Integralismo pautaram-se por publicações de textos procedentes de órgãos da imprensa nacional³⁹. Ao analisar os jornais, observou-se que essas críticas ocorreram com maior intensidade tendo em vista a pressão exercida pelo vereador integralista Alberto Remor contra o legislativo e o executivo municipal⁴⁰.

Alvorada e o discurso da Brasilidade

O jornal *Alvorada*, de Blumenau era de propriedade de José Ferreira da Silva, filiado a Ação Integralista Brasileira, eleito vereador em 1936, o mais votado. Foi dirigido, inicialmente por seu proprietário, e por um curto período dirigido por Aristides Largura, (Largura foi também professor em Blumenau e em 1936 já residindo em Joinville era eleito prefeito pelo Integralismo) posteriormente a direção era assumida por J. Schubert Jr. O semanário *Alvorada*, iniciou sua publicação a partir de 8 de janeiro de 1935. Em seu primeiro número, o jornal destacava no editorial que seu programa estava centrado no

³⁸ Ibidem, p. 28. Ver: Frotscher, Meri (2003). *Da Celebração da Etnicidade Teuto-Brasileira à Afirmação da Brasilidade: Ações discursos das elites locais na esfera pública de Blumenau (1929-1950)*, Florianópolis: UFSC, p. 118. Conforme os autores em âmbito nacional a imprensa também atacou o Integralismo. O jornal *O Globo*, na série de reportagens publicadas em 1937, sobre “a idéia do ‘perigo alemão’, que havia sido veiculada no Brasil durante a Primeira Guerra Mundial, toma também a forma de ‘perigo nazista’. Além da idéia de um ‘perigo nazista’, na série de reportagens do jornal aparecem mais dois ‘perigos’ nas regiões de colonização alemã do Vale do Itajaí. Um deles referia-se a nacionalização escolar e o outro, ao movimento integralista”.

³⁹ *Sul do Estado* (1937), 31 de julho.

⁴⁰ *Flama Verde* (1937), ano 1, n. 43, 3 de julho.

lema: “Deus, Pátria, Família” e “que dentro desses princípios, não nos envolveremos jamais em questões político-partidárias⁴¹”.

Contudo, na mesma página, o jornal estampava uma imagem de Hitler e um texto destacando o homem que há pouco mais de um ano havia implantado o nazismo na Alemanha, visto com desconfiança pelas nações liberais. Enfatizava ainda que a política externa da Alemanha estava “produzindo frutos que só os cegos se recusam a ver⁴²”. A ênfase dada a Hitler e à Alemanha Nazista contradiz a proposta de não se envolver em questões político-partidárias. No entanto, a simpatia ao nazismo era algo que perpassava vários jornais da região naquele momento, e, portanto, não sendo um indicador para se afirmar que o jornal fosse se envolver com questões políticas.

Todavia, ao se analisar os artigos, notas e textos publicados pelo jornal, as questões político-partidárias locais serão uma constante. Uma grande preocupação do jornal foi tentar, através de seus artigos, resolver e atenuar as tensões entre os teuto-brasileiros e os luso-brasileiros. Com o artigo intitulado “O colono europeu, sua aclimatabilidade e assimilação”, o jornal destacava a importância e a contribuição do colono europeu para a colonização do Brasil. Apontava que a dificuldade enfrentada pelo imigrante europeu não foi de ordem física (a adaptação ao clima sub-tropical da região), mas sim de natureza social e política. No entanto, explicava que o luso-brasileiro, foi o primeiro colono a chegar ao Brasil, e que mais facilmente se adaptou e com “seu gênio aventureiro, aqui se fixou, fundando uma sociedade heterogênea na sua estrutura, mas verdadeiramente representativa dos valores nativos”. Quanto aos colonos que vieram posteriormente, “encontraram no Brasil toda a série de antagonismos, bastantes poderosos para afrouxar o carácter mais animoso e enérgico de um povo”. Mesmo diante da adversidade, o colono europeu “nem por isso abateu-se-lhes a moral ou deformado foi seu carácter. A lucta travada foi renhida, mas a Victória lhes sorriu afinal”. Por fim, o articulista do jornal finalizava o artigo exaltando os imigrantes alemães, italianos, poloneses e outros que estavam integrados à comunidade nacional, e “*formam a base sólida sobre a qual há de assentar a verdadeira sociedade brasileira formada do amalgama dessas raças heróicas com o bravo lusitano e o guerreiro tupy*⁴³”.

Em outro artigo, intitulado “Integralismo e Brasilidade”, o jornal procurava defender o Integralismo da acusação de ser um movimento desnacionalizador. Respondia que

⁴¹ *Alvorada* (1935), ano 1, n. 1, 8 de janeiro.

⁴² *Ibidem*.

⁴³ *Alvorada* (1935), ano 1, n. 28, 25 de julho.

jamais havia surgido no país um movimento capaz de despertar o interesse das populações de origem estrangeira, pelas questões sociais, políticas e administrativas. As outras forças políticas despertavam o interesse da população somente nas campanhas eleitorais, “*sem um sentido superior de brasilidade, porque giram em torno de um fato objetivo e limitado que se resume no nome do candidato e de duração efêmera porque desaparece uma vez depositada a cédula nas urnas*”⁴⁴.

Diferenciando-se delas, o Integralismo mantinha suas sedes sempre abertas, em seus núcleos, em muitos deles havia escolas, onde as publicações doutrinárias e a propaganda “*mantém ininterrupto e sempre vivo o interesse do povo pelas questões nacionais*”⁴⁵. E, sobre a população estrangeira dizia o texto:

*E o nosso colono, o nosso artífice, o nosso comerciante ou industrial, o nosso homem de trabalho enfim, de origem estrangeira, que até aqui, fora das preocupações decorrentes de seu interesse individual e imediato, só tinha sua atenção voltada para os fatos que dizem respeito ao país de seus ancestrais, cujos jornais, cujos livros somente lia, hoje volta sua atenção para as cousas de sua Pátria. Si o faz através de sua língua materna, é porque a da sua Pátria não lha ensinaram.*⁴⁶

Observa-se que o articulista do jornal se dirigiu a todos os setores da sociedade de Blumenau de origem estrangeira. Entre os patrocinadores do jornal figuravam pessoas dos vários setores. No jornal havia um número significativo de propaganda do comércio, de indústrias e de profissionais liberais. O artigo finalizava explicando que essa população aos poucos estava se familiarizando com o novo ambiente “*e por fim sentir-se-á brasileiro*”⁴⁷. O jornal faz um discurso voltado para os imigrantes europeus e seus descendentes, pois foram essas populações os principais aderentes do integralismo no estado.

Dois outros artigos merecem destaque. Um deles, intitulado “*Der Urwaldbote*”, e o outro publicado em março de 1937: “O Sr. Marcos Konder e o Integralismo”. No primeiro, condenava o artigo publicado por *Der Urwaldbote*⁴⁸ no qual atacava a população luso-

⁴⁴ *Alvorada* (1935), ano 1, n. 32, 13 de agosto.

⁴⁵ *Ibidem*.

⁴⁶ *Ibidem*.

⁴⁷ *Ibidem*.

⁴⁸ O *Urwaldbote* foi criado no município de Blumenau em 1893, pelo pastor Faulhaber, e até 1898 tratou especificamente dos interesses confessionais das comunidades protestantes. Em 1898, o pastor Faulhaber foi substituído por Eugen Fouquet, que dirigiu o jornal até 1927 (o jornal foi vendido em 1900, para G. A. Koehler). Sob a direção de Fouquet e com novo proprietário, o *Urwaldbote*, além de defender o pangermanismo, se engajou nas querelas políticas do município, estabelecendo uma forte polêmica com os jornais brasileiros. Até 1917, foi um defensor das idéias do nacionalismo alemão, da Liga Pangermânica, e, na década de 20, lamentava a República de Weimar e esboçou opiniões anti-semitas. Com o afastamento

basileira. Argumentava o articulista que como brasileiros, e como teuto-brasileiros, não poderiam deixar de condenar a emissão de “conceitos pouco lizongeiros aos luso-brasileiros, em artigo assinado pelo seu director e proprietário⁴⁹”. Lamentava que o artigo do *Der Urwaldbote* ressaltava os defeitos dos lusos e as diferenças com os teutos, incitando ódio e malquerenças. Dizia ainda que a má vontade desse jornal para com os lusos já vinha de longa data. E num certo tom de ameaça, dava um recado dizendo “*quem nasce em Blumenau, em Santa Catarina, no Brasil – é bom que ‘Der Urwaldsbote’ não se esqueça nunca – ou é brasileiro, ou é traidor, na feliz expressão de Lauro Muller*⁵⁰”. Finalizava conclamando, aos lusos e teutos, que, como brasileiros e como irmãos, deviam de mãos dadas e unidos construir a nação brasileira.

No segundo, *Alvorada* abordava a vinda de Marcos Konder (Os membros da família Konder exerceram muita influencia na política catarinense durante a Primeira República, assumiram a direção do Partido Republicano Catarinense em 1924 e chegaram ao governo estadual, com Adolpho Konder em 1926) a Blumenau no mês de março de 1937 para reorganizar o Partido Republicano. Konder, em uma das cartas endereçadas e publicadas pelo *Der Urwaldbote* atacava o Integralismo, dizendo que esse “*andava a cortar, pela intensa brasilidade de sua doutrinação, os laços que antes prendiam o teuto-brasileiro à terra de seus paes*⁵¹”. Lamentava que em Blumenau e Jaraguá os teuto-brasileiros tivessem aderido ao nacionalismo integralista, que chamava de nativismos. Contrapondo-se a essas palavras, o articulista prosseguia “nessa campanha desnacionalizadora, o Sr. Marcos Konder está semeando o joio da discórdia, entre teutos e luso-brasileiros⁵²”.

Marcos Konder, de volta a Blumenau, para reorganizar o Partido Republicano, depois da esmagadora derrota sofrida nas eleições de 36, usou a imprensa para atacar seu principal adversário naquele momento, fato que demonstra a importância dessa instituição na vida dos partidos. A imprensa permite aos partidos “*introduzir aos poucos na*

de Fouquet, em 1927, foi sucessivamente mudando de redatores, até 1941, quando deixou de circular. O *Urwaldbote* era um dos jornais de maior tiragem do Vale do Itajaí, nas eleições municipais de 1936 apoiou a União Democrática Blumenauense. Zanelatto, J. H. (2007). Op. Cit.

⁴⁹ *Alvorada* (1935), ano 1, n. 58, 26 de novembro.

⁵⁰ *Ibidem*.

⁵¹ *Alvorada* (1935), 14 de novembro de 1935.

⁵² *Alvorada* (1937), ano III, n. 167, 14 de março.

*opinião pública as idéias que defende e que, para determinada parcela da opinião, se tornam, se duradouras, verdades absolutas*⁵³”.

Assim, a temática da brasilidade permeou os artigos publicados pelo jornal *Alvorada*. Isso pode ter ocorrido pelo fato de seu proprietário ser um luso-brasileiro, e que tinha pelo visto muita inserção junto à comunidade teuto-brasileira de Blumenau. José Ferreira da Silva, como já foi exposto, foi o vereador mais votado nas eleições de 36, e, além disso, exercia muita influência na gestão do prefeito Alberto Stein. O prefeito Alberto Stein foi eleito também nas eleições de 1936 pela Ação Integralista Brasileira.

Que outras questões eram tratadas por esse jornal? Para além das questões apontadas acima, os textos que constantemente eram abordados pela imprensa integralista: anticomunismo, liberalismo, destacar seus candidatos para as eleições municipais, fazer a campanha de Plínio Salgado para Presidência da República etc..., o jornal *Alvorada* contava com algumas seções: de esporte, militar (que apontava para os tipos de armas e munições e como usá-las), e a partir de 1936, com uma seção intitulada, “pelo mundo”, trazia pequenos textos tratando de temas diversos de países, tanto europeus quanto latino-americanos. Divulgava as ações do prefeito municipal Alberto Stein, bem como os balanços mensais da administração.

Flama Verde e a questão Sindical

Quanto a *Flama Verde*, esse era dirigido pelo chefe provincial Othon D’Eça e gerenciado por Arnaldo Suarez Cuneo e Celso M. Caldeira. Nesse semanário, editado na Capital, entre 1936 e 1938, encontraram-se algumas características que a rigor o diferenciaram um pouco dos outros órgãos integralistas. Além das questões que eram comuns a todos os periódicos integralistas, na análise de *Flama Verde* pode-se perceber que esse procurava contemplar o Integralismo em âmbito estadual, pois as notícias veiculadas abrangiam as várias regiões do estado e seus municípios. Eram veiculadas notícias dos núcleos municipais e de suas atividades, a administração dos prefeitos e a atuação dos vereadores, a perseguição, prisão e morte de integralistas etc... Enquanto *Flama Verde* tinha uma atuação estadualizada, os demais órgãos da imprensa integralista restringiam-se ao município em que foram criados, no máximo divulgavam o Integralismo

⁵³ Berstein, Serge (2003). “Os partidos”. In Rémond, René (2003). *Por uma história política*. 2. ed., Rio de Janeiro: Ed. FGV, p. 69.

da sua região e, esporadicamente, traziam alguma notícia de outras regiões. Uma explicação para isso talvez seja o fato de o jornal estar na Capital, concorrendo com um número muito expressivo de outros jornais que publicavam notícias das várias regiões do estado.

Outra característica a ser destacada de *Flama Verde* é a questão sindical, essa perpassou praticamente todas as suas edições. Havia uma seção sindical, nela eram publicados artigos destacando a situação do sindicalismo e dos operários. Os comunistas eram combatidos, pois haviam dominado as posições de mando nos sindicatos. O artigo “Decadência do Sindicalismo” explicava que os sindicatos estavam “*servindo aos interesses de Moscou, era preciso reformá-lo*”⁵⁴. Em um outro artigo, “Manifesto dos trabalhadores integralistas aos syndicalistas do Brasil”, abordava a realização da convenção trabalhista no Rio de Janeiro com a participação de trabalhadores de todo o país, evento no qual os integralistas catarinenses haviam participado com uma delegação. O manifesto apontava para a bandeira de luta pela unidade e autonomia sindical, contra o imperialismo financeiro, fiscalização e criação de leis trabalhistas, a decretação do salário mínimo, e campanhas visando o civismo e o patriotismo. “*Queremos conclamar-vos para a grande campanha em favor do syndicalismo, em favor do prestígio e da eficiência do sindicato, ameaçado ora pela demagogia comunista, ora pela exploração da política*”⁵⁵.

Na seção sindical, além dos artigos e notas sobre o sindicalismo, divulgava também a concepção integralista sobre o trabalho, o papel dos trabalhadores na sociedade, críticas à política trabalhista etc... A grande quantidade de artigos e notas publicadas por *Flama Verde* sobre os sindicatos e os trabalhadores sugere uma preocupação dos dirigentes desse jornal com o operariado. Mesmo sendo o discurso integralista voltado, sobretudo para a classe média⁵⁶, ao que parece *Flama Verde* com sua retórica sindical estava buscando adeptos entre os trabalhadores⁵⁷.

⁵⁴ *Flama Verde* (1936), ano I, n. 14, 12 de novembro.

⁵⁵ *Flama Verde* (1936), ano I, n. 16, 26 de novembro.

⁵⁶ Trindade, Hégio (1974). *O fascismo brasileiro na década de 30*, São Paulo: Difel; Porto Alegre: UFRGS. Chauí, Marilena; Franco, Maria S. Carvalho (1978). *Ideologia e Mobilização popular*, Rio de Janeiro: Paz e Terra.

⁵⁷ Dotta, Renato Alencar (2003). *O Integralismo e os trabalhadores: as relações entre a AIB, os sindicatos e os trabalhadores através do jornal Ação (1936-1938)*. Dissertação (Mestrado em História) – FFLCH-USP, São Paulo.

Referências

- Albert, P.; Terrou, F. (1990). *História da imprensa*. São Paulo: Martins Fontes.
- Alves, Francisco das Neves (1998). *O Discurso Político-Partidário Sul-Rio-Grandense sob o Prisma da Imprensa Rio-Grandina (1868-1895)*. Tese (Doutorado em História) – PUCRS, Porto Alegre.
- Berstein, Serge (2003). “Os partidos”. In Rémond, René (2003). *Por uma história política*. 2. ed., Rio de Janeiro: Ed. FGV, p. 57-98.
- Borges, Vavy Pacheco (1991/2). “História e Política: laços permanentes”. In *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v. 12, n. 23/24, p. 7-18.
- Burke, Peter (1992). “Abertura a nova história, seu passado e seu futuro”. In Burke, Peter (Org.) (1992). *A Escrita da história: novas perspectivas*, São Paulo: Ed. Universidade Estadual Paulista, p. 7-37.
- Capelato, Maria Helena Rolim (1994). *A imprensa na história do Brasil*, São Paulo: Contexto/EDUSP.
- Cavalari, Rosa Maria Feiteiro (1999). *Integralismo: ideologia e organização de um partido de massa no Brasil (1932-1937)*, Bauru, SP: EDUSC.
- Chauí, Marilena; Franco, Maria S. Carvalho (1978). *Ideologia e Mobilização popular*, Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- Dotta, Renato Alencar (2003). *O Integralismo e os trabalhadores: as relações entre a AIB, os sindicatos e os trabalhadores através do jornal Ação (1936-1938)*. Dissertação (Mestrado em História) - FFLCH-USP, São Paulo.
- Elmir, Cláudio Pereira (1995). “As armadilhas do jornal: algumas considerações metodológicas de seu uso para a pesquisa”. In *Cadernos de Estudo do PPG em História da UFRGS*, Porto Alegre, n. 13.
- Falcon, Francisco (1997). “História e poder”. In Cardoso, Ciro Flamarion; Vainfas, Ronaldo. (Orgs.) (1997). *Domínios da história: ensaios de teoria e metodologia*, Rio de Janeiro: Campus, p. 61-89.
- Felix, Loiva Otero (1999). “Historiografia política: impasses e rumos nas décadas de 1970-90”. In *Logos*, Canoas, v. 11, n. 1.
- Frotscher, Meri (2003). *Da Celebração da Etnicidade Teuto-Brasileira à Afirmação da Brasilidade: Ações discursivas das elites locais na esfera pública de Blumenau (1929-1950)*, Florianópolis: UFSC.
- Gertz, René (1987). *O Fascismo no Sul do Brasil*, Porto Alegre: Mercado Aberto.

_____ (1998). “Nazismo, fascismo, integralismo e o apoio das oligarquias no Rio Grande do Sul e Santa Catarina no Estado Novo”. In *Estudos Ibero Americanos*, Porto Alegre, v. 14, n. 1, p. 21-29.

Julliard, Jacques (1988). “A Política”. In Le Goff, Jacques; Nors, Pierre (Orgs.) (1988). *História: novas abordagens*. 3. ed., Rio de Janeiro: Francisco Alves, p. 180-196.

Luca, Tânia Regina de (2005). “Fontes Impressas: História dos, nos e por meio dos periódicos”. In Pinsky, Carla Bassanezzi (Org.) (2005). *Fonte históricas*, São Paulo: Contexto, p. 111-153.

Rémond, René (2003). “As eleições”. In Rémond, René (Org.) (2003). *Por uma história política*, Rio de Janeiro: Ed. FGV, p. 37-55.

Trindade, Hégio (1974). *O fascismo brasileiro na década de 30*, São Paulo: Difel; Porto Alegre: UFRGS.

Zanelatto, João Henrique (2007). *Região, Etnicidade e Política: o Integralismo e as lutas pelo poder político no Sul Catarinense na década de 1930*. Tese (Doutorado em História) – PUCRS, Porto Alegre.

Jornais

Alvorada (1935), Blumenau, ano I, n. 1, 8 de janeiro.

Alvorada (1935), Blumenau, ano I, n. 28, 25 de julho.

Alvorada (1935), Blumenau, ano I, n. 32, 13 de agosto.

Alvorada (1935), Blumenau, ano I, 14 de novembro.

Alvorada (1935), Blumenau, ano I, n. 58, 26 de novembro.

Alvorada (1937), Blumenau, ano III, n. 167, 14 de março.

Anauê (1934), Joinville, ano I, n. 1, 14 de julho.

Anauê (1935), Joinville, ano II, n. 16, 30 de novembro.

Flama Verde (1936), Florianópolis, ano I, n. 14, 12 de novembro.

Flama Verde (1936), Florianópolis, ano I, n. 16, 26 de novembro.

Flama Verde (1937), Florianópolis, ano I, n. 43, 3 de julho.

Flama Verde (1937), Florianópolis, ano I, n. 54, 25 de setembro

Sul do Estado (1937), Laguna, 31 de julho.

Recebido para publicação em novembro de 2012.

Aprovado para publicação em janeiro de 2013.

**INTEGRALISMO LUSITANO: CONTEXTO E APRESENTAÇÃO DOUTRINÁRIA EM
SUA FORMAÇÃO (1890-1914)**

**INTEGRALISMO LUSITANO: CONTEXTO Y PRESENTACIÓN DOCTRINARIA EN SU
FORMACIÓN (1890-1914)**

**LUSITANIAN INTEGRALISM: THE CONTEXT AND DOCTRINE BEHIND ITS
FORMATION (1890-1914)**

**INTÉGRALISME LUSITANIEN : CONTEXTE ET PRÉSENTATION DOCTRINAIRE DE
SA FORMATION (1890-1914)**

**葡萄牙法西斯主义—民族整合主义 (INTEGRALISMO LUSITANO):
历史背景和成立初期的思想教义 (1890-1914)**

DOI: 10.5533/1984-2503-20135303

Felipe Cazetta¹

RESUMO

O presente artigo tem o objetivo de apresentar o Integralismo Lusitano (IL) – movimento monárquico, tradicionalista e corporativista, que buscava em seus projetos a monarquia orgânica, em oposição à monarquia constitucional, assim como à democracia liberal. Visa-se a apresentação do contexto de surgimento do IL assim como a exposição de suas doutrinas e projetos políticos. Deste modo, o artigo tem como recorte temporal o último quartel do século XIX até meados dos anos 1910. Sob estas balizas cronológicas, busca-se examinar a situação institucional da monarquia portuguesa, e os desdobramentos políticos ocorridos, culminando na proclamação da República. Em reação a esta, o IL se insurgiu, reivindicando a reação e a retomada da monarquia a partir do resgate das instituições medievais, através do corporativismo como eixo central de seu projeto político.

Palavras-chave: Integralismo Lusitano, Monarquia Orgânica, Tradicionalismo.

¹ Doutorando em História pelo Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal Fluminense.
E-mail felipecazetta@yahoo.com.br

RESUMEN

El objetivo del presente artículo es presentar el Integralismo Lusitano (IL) – movimiento monárquico, tradicionalista y corporativista, que buscaba en sus proyectos la monarquía orgánica, en oposición a la monarquía constitucional, bien como a la democracia liberal. Se propone a presentar el contexto de surgimiento del IL, sus doctrinas y proyectos políticos. De este modo, el artículo tiene como recorte temporal el último cuarto del siglo XIX hasta mediados de los años 1910. Bajo estos límites cronológicos, se busca examinar la situación institucional de la monarquía portuguesa, y los desdoblamientos políticos ocurridos, culminando en la Proclamación de la República. En reacción a esta, el IL se ha insurreccionado, reivindicando la reacción y la retomada de la monarquía a partir del rescate de las instituciones medievales, a través del corporativismo como eje central de su proyecto político.

Palabras clave: Integralismo Lusitano, Monarquía Orgánica, Tradicionalismo.

ABSTRACT

The present article aims to trace Lusitanian Integralism (LI) – a monarchist, traditionalist and corporativist movement – whose projects strove for an organic monarchy, as opposed to a constitutional monarchy and a liberal democracy. The objective is to depict the context from which the LI emerged as well as to outline its doctrines and political projects. The article thus deals with the final quarter of the nineteenth century until around 1915. It is within this chronological framework that the article seeks to examine the institutional situation of the Portuguese monarchy and the resultant political denouements which culminated in the proclamation of the Portuguese Republic. The LI fought against this, appealing for action and a renewal of the monarchy based on the rescuing of medieval institutions, taking corporativism as the central axis of its political project.

Key words: Lusitanian Integralism, Organic Monarchy, Traditionalism.

RÉSUMÉ

Le présent article a pour but de présenter l'Intégralisme lusitanien (IL) – un mouvement monarchiste, traditionnaliste et corporatiste dont le projet consistait en l'établissement d'une monarchie organique, en opposition avec la monarchie constitutionnelle et avec la démocratie libérale. Nous chercherons à exposer le contexte de l'avènement de l'IL, ainsi que sa doctrine et ses projets politiques. Ce travail suit ainsi un découpage chronologique

allant du dernier quart du XIX^{ème} siècle au milieu des années 1910. En fonction de ces limites temporelles, nous examinerons la situation institutionnelle de la monarchie portugaise et les événements politiques de l'époque qui culmineront par la proclamation de la République. En opposition avec celle-ci, l'IL s'insurgea en revendiquant la réaction et la restauration de la monarchie sur la base de la réhabilitation des institutions médiévales, le corporatisme constituant l'axe central de son projet politique.

Mots-clés: Intégralisme lusitanien, Monarchie organique, Traditionalisme.

摘要

本论文宗旨是解读葡萄牙法西斯主义——也就是民族整合主义(INTEGRALISMO LUSITANO, 简称为IL)——

这是一种法西斯的拥护君主制, 传统制, 行会制的保守性运动, 主要目的是维护传统有机君主制, 反对宪政君主制, 反对自由民主制的运动。作者分析了这种保守运动的历史背景, 以及它的思想教义和政治主张。研究的时间跨度是19世纪的最后25年到1910年代中期。在年代顺序下, 研究葡萄牙君主制当时的状况和随后发生的, 导致推翻君主, 实现共和的一系列政治事件。本论文指出, 葡萄牙的民族整合主义(INTEGRALISMO LUSITANO)运动可以被看做是一个对抗潮流的法西斯主义运动, 它希望通过那些中世纪的流传来的一些传统机构来保留君主制。古老的行会主义是这个保守运动的执政纲领。

关键字: 葡萄牙的民族整合主义(Integralismo Lusitano), 有机君主制, 传统主义

O último quartel do século XIX foi marcado pela reação ao pensamento iluminista e às ideias de progresso contínuo, propagadas nos séculos XVII e XVIII. Investindo contra estas teorias, alguns autores lançaram-se como caixa de ressonância do declínio do liberalismo. Este esgotamento das crenças liberais arrastou setores conservadores ao posicionamento crítico dos rumos políticos, econômicos e sociais de seus respectivos países.

Visando a restauração de modelos políticos anteriores ao liberalismo, intelectuais destas correntes denunciavam a ruptura das “formas naturais” de poder – formas estas, calcadas nas monarquias hereditárias -, ocorrida a partir da adoção do modelo democrático. Dizia António Sardinha – mentor intelectual do integralismo lusitano: “*Nada mais antinatural, nem mais anticientífico do que a ilusão jacobina! A hereditariedade do*

*poder, pelo contrário, é um facto da natureza, afiançado nas relações da sociabilidade humana pelos exemplos do passado.*²

Houve também a crítica à quebra de hierarquia política e social, promovida pela democracia, onde as “massas” (entendidas como socialmente desqualificadas) escolheriam os responsáveis por governá-las e ao país. Charles Maurras, líder da *l’Action Française* expressava-se da seguinte forma sobre o assunto: “*Mais la Republique ou la volonté nationale d’abord, cela mettrait la charrue avant les boeufs, faisait dependre le superior de l’inferieur, le commandent de l’obéissance: [...]*.”³

A partir da opinião destes dois pensadores da contrarrevolução identifica-se a crítica ao individualismo liberal e ao acesso – através da democracia – adquirido pelas “massas” populares às esferas decisórias. Por entenderem o sistema sufragista como subversão da lógica hierárquica política e social – “fazendo depender o superior do inferior” – ocorreu, por consequência, a crença de que, através da abolição do sistema hereditário e nobiliárquico de organização institucional, as bases de governo estariam corroídas.

Tais ataques foram derivados das ideias propagadas pela Reforma e pela Revolução Francesa, e seu desdobramento sob a forma de individualismo e de liberalismo, durante a Revolução de 1789. Conforme dito, a valorização do pensamento individual e as demandas políticas e sociais por igualdade forneceram munição para críticas ao cenário democrático, vindas dos setores reacionários.

Para estes intelectuais o antídoto concebido para sanar a mácula provocada pela democracia estaria no retorno das elites nobiliárquicas ao controle dos rumos políticos nacionais. Foi contra estas, entre outras conjunturas, que na França se insurgiram os integrantes da *L’Action Française*, utilizando do Caso Dreyfuss como detonador para seus ataques à “estrangeirização” (colocada em prática - segundo Charles Maurras - pelos judeus, protestantes e franco-maçons⁴).

O Caso Dreyfus ocorreu em 1899. *Grosso modo*, consiste no julgamento do militar judeu Alfred Dreyfus, acusado pelo governo e pelas forças armadas francesas, de vender segredos de guerra para a Alemanha. Mais tarde, descoberta a fraude nas acusações, houve a divisão da opinião pública entre os pró-Dreyfus, reivindicando o julgamento justo;

² Sardinha, António (1978). *Ao Ritmo da Ampulheta*. 2 ed, Lisboa: qp, p. 128.

³ “Mas a *República* ou a vontade nacional a princípio, colocava a carroça na frente dos bois fazia depender o superior do inferior, o comandante de seu subordinado.” (Tradução minha). Maurras, Charles (1925). *Enquête sur la Monarchie*. 10. ed, Paris: Nouvelle Librairie Nationale, p. XC. (grifo do original).

⁴ Maurras, C. (1925). Op. Cit., p. 206-207.

e os anti-Dreyfus, que consideravam a honra do exército e do Poder inatingíveis, devendo permanecer intactas diante do Caso. Subterrâneo a tais polêmicas, o processo contra Dreyfus serviu de combustível ao antissemitismo na França. Aspecto que não foi ignorado pela *l'Action Française* para promover seu nacionalismo.

A partir da premissa nacionalista, sustentada pelo antissemitismo e xenofobia incitados pelo julgamento, a *Action Française* teceu projeto político calcado nas tradições históricas da França, ou seja, no passado medieval, onde o corporativismo sobrepujava ao individualismo. Deste modo, o movimento buscava a essência nacional, afastada das “corrupções” vindas exterior. Sob as propostas escoradas no tradicionalismo e no catolicismo se desenvolveu a alternativa ao liberalismo que, segundo Maurras, era a porta de entrada para a barbárie estrangeira.

Nesta esteira, em Portugal houve cenário semelhante de contestação ao modelo liberal – encontrado na monarquia constitucional -, e a sensação de erosão das bases da identidade nacional. Esta crise passada por Portugal acentuou-se com o *Ultimatum* britânico nos finais do século XIX. Em vista das suas pretensões imperialistas confrontarem-se com os interesses da Coroa inglesa na África houve a exigência, por parte da rainha Victória, de retirada das tropas portuguesas da região meridional do continente. Considerando os laços históricos de aliança entre os dois países, o rei Carlos I acatou as ordens britânicas.⁵

Este incidente diplomático abalou as ambições portuguesas acerca do *Mapa cor-de-rosa*. O projeto do *Mapa cor-de-rosa* era nutrido pelos anseios militares e mercantis de Portugal em relação aos territórios situados no centro-sul africano. No intuito de alcançar as costas Leste e Oeste da África, formando um cinturão com as possessões territoriais adquiridas, a metrópole portuguesa buscava acesso aos oceanos Atlântico e Índico. No entanto, tais aspirações chocavam-se com os anseios imperialistas ingleses, mote gerador do *Ultimatum* britânico.

Este capítulo das relações entre as Coroas monárquicas de Portugal e Inglaterra provocou cicatrizes profundas na legitimidade real lusitana. Ao trazer à tona a fragilidade da soberania portuguesa, o *Ultimatum* acirrou a oposição interna à monarquia, inaugurando o ciclo de instabilidades políticas no país. Ocorridas entre os finais do século XIX e primeiras décadas do XX, estas convulsões político-institucionais culminaram no

⁵ Urbata, Ales Tenório Luna (2006). “La Philosophie Maurrasienne et les Modalités du Fascisme au Portugal”. In *Kias Paper*, Cabinet of Ibero-american Studies: Faculty of Humanities: University Hradec Králové, p. 29. Disponível em: <http://fhs.uhk.cz/ibero/clanky/papers06.php>. Acesso em: 10 fev. 2011.

regicídio de D. Carlos I, em 1908. Para Hipólito Raposo, membro formador do Integralismo Lusitano (IL):

Quando o Rei Dom Carlos I quis libertar-se dos partidos, entrando no caminho de uma ditadura administrativa, foi morto a tiro no Terreiro do Paço, juntamente com o Príncipe Real. Desde então a República ficou feita, tomando ostensivamente por armas o escudo triangular da Maçonaria, [...].⁶

A crise política interna, associada às dificuldades econômicas percebidas na última década do século XIX em Portugal, proporcionou a inserção de novos elementos no cenário político. Esta abertura das esferas decisórias do Poder se deu como desdobramento das críticas ao modelo monárquico-constitucional. Pressões afetavam o Trono, vindas tanto dos grupos que reivindicavam o modelo de monarquia anterior à Revolução do Porto, quanto os que demandavam a abolição da Coroa e criação da República.

Estas instabilidades repercutiram, na primeira década do século XX, no ambiente acadêmico da Universidade de Coimbra. Divisões políticas entre grupos estudantis predominavam no interior da instituição. Conforme citado na apresentação desta tese, António Costa Pinto disserta que “O meio estudantil de Coimbra constitui, a partir da crise de 1907, um reflector ampliado do desmoronamento do rotativismo liberal, pano de fundo do período que decorre entre a ditadura franquista e o 5 de Outubro de 1910.”⁷ É interessante perceber que neste período, entre os anos de 1905 e 1908, um contingente relevante daqueles que se tornariam membros do integralismo lusitano inseriram-se na academia coimbrã.

A Universidade de Coimbra foi o local onde os futuros integralistas lusitanos se colocaram em contato e estabeleceram suas redes de sociabilidade. O que não significa que esta relação fosse revestida de consonância quanto às concepções políticas. Ao analisar a trajetória destes elementos, observam-se incoerências, descontinuidades e rupturas quanto aos padrões de identidade política, então existentes e adotados pelos futuros integralistas.

A descontinuidade nas trajetórias e experiências de vida foi assunto examinado por Pierre Bourdieu. Ao observar as formas de se conduzir a investigação biográfica, o autor

⁶ Raposo, Hipólito (1929). *Dois Nacionalismos: L'Action Française e o Integralismo Lusitano*, Lisboa: Livraria Ferin, p. 27.

⁷ Pinto, António Costa (1982). “A Formação do Integralismo Lusitano”. In *Análise Social*, v. XVIII, 3^o-4^o-5^o, n. 72-73-74, p. 1412.

de *A Ilusão Biográfica* aponta para a necessidade de se abolir a narrativa linear, presente no estilo romântico, sendo pertinente realizar “[...] o questionamento da visão de vida como existência dotada de sentido, no duplo sentido de significação e de direção.”⁸

Como reflexo dos sinais de esgotamento dados pelo regime monárquico, a causa republicana tomou espaço na Universidade de Coimbra, possuindo como consequência a fundação do Centro Acadêmico Republicano (CAR). Em reação a esta demonstração de força, em 1908 surge o Centro Acadêmico Monárquico (CAM), sob o objetivo de tornar coeso, ao redor da causa monárquica, o corpo estudantil conservador presente na Universidade de Coimbra.

Como amostra destas dissonâncias políticas, Costa Pinto cita: “Em 1908, por exemplo, o CAM saúda D. Manuel em abaixo assinado, aparecendo Almeida Braga entre os nomes. Nas respostas dos estudantes republicanos estão, entre outros, [...] António Sardinha.”⁹. Portanto, observam-se dois dos responsáveis pela construção da doutrina integralista (ocorrida entre os anos de 1913 e 1914), em trincheiras ideológicas opostas durante suas trajetórias acadêmicas, anos antes da formação do movimento.

Outro vetor de dissonância quanto às simpatias políticas é observado por Manuel Braga da Cruz, percebendo que:

*António Sardinha, [era] republicano e anarco-sindicalista de simpatia ideológica (pôs gravata vermelha depois do regicídio de 1908), mas elitista e aristocrata de comportamento, viria a converter-se ao catolicismo e à Monarquia em 1912. João do Amaral, [...], trocará também o credo republicano pelo integralista. O mesmo se passará com Alfredo Pimenta.*¹⁰

O elitismo, portanto, se colocava a frente das posições políticas ou das convicções ideológicas, fazendo que os futuros integralistas se juntassem em primeiro momento, não a partir da identidade partidária, mas pelas posturas aristocráticas. Deste modo, os colegas de Coimbra voltaram atenção ao nacionalismo, porém, detendo-se aos aspectos culturais e da inteligência nacional. Logo, tratavam com indiferença, ou desprezo, os assuntos parlamentares.

O engajamento político, diante destes contrastes, não era visto como elemento de coesão em relação ao contato estabelecido entre os futuros membros do movimento. Tampouco poderia ser apontada como agregador a questão financeira, embora o

⁸ Bourdieu, Pierre (2006). “A Ilusão Biográfica”. In Ferreira, Marieta de Moraes; Amado, Janaína (Orgs.) (2006). *Usos e Abusos da História Oral*. 8. ed, Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, p. 185.

⁹ Pinto, A. C. (1983). Op. Cit., p. 1412.

¹⁰ Cruz, Manuel Braga da (1982). “O Integralismo Lusitano nas origens do Salazarismo”. In *Análise Social*, v. XVIII, 1º, n. 70, p. 138.

integralismo lusitano fosse um movimento elitista e de aversão às camadas populares. Ainda que Costa Pinto afirme ser a base social do integralismo lusitano financeiramente mais próspera em comparação ao restante dos demais alunos de Coimbra, o mesmo autor defende que esta “[...] não era por si só grande elemento de distinção.” Por outro lado, António Costa Pinto pontua que, sobrepujando o elitismo financeiro, o “*elitismo de afirmação intelectual*”¹¹ era um dos aspectos definidores do grupo a ser formado.

Algumas características presentes no arcabouço político-doutrinário do movimento - tais como o conservadorismo cristão, o antiliberalismo e o municipalismo – eram divisores comuns entre os colegas de Coimbra. Todavia, estes fatores, embora semelhantes entre os futuros integralistas, não credenciavam suas bases de formação e unidade a serem encontradas na política.

Justifica-se esta negação diante da diversidade das colorações de projetos (republicanos, monarquistas, ou “indiferentes”) existentes dentro do mesmo espaço de sociabilidade. Atestada a inexistência de um eixo político homogêneo como elemento inicial de coesão entre os futuros formadores do integralismo lusitano, há a necessidade de examinar os pontos de convergência destes indivíduos.

António Sardinha, principal mentor do movimento, fornece indícios do elemento aglutinador dos colegas da Universidade de Coimbra. Em *Ao Ritmo da Ampulheta*, obra póstuma publicada em 1925, o autor tece comentário sobre a origem da *L’Action Française*. Ao recordar trecho de *Quand les Français ne s’aimaient pas*, de autoria de Charles Maurras, Sardinha observa que a origem do movimento francês encontrava-se na literatura, sendo esta a responsável por conduzir o movimento de Maurras aos assuntos políticos. Neste sentido, António Sardinha acrescenta: “*Ao pensar um pouco nas nossas origens literárias – nas de Hipólito Raposo e nas minhas, eu reconheço que também a nós as Letras nos conduziram à Política.*”¹²

Leão Ramos Ascensão, integralista de terceira geração, transitava no mesmo sentido quando examinou a relação dos estudantes de Coimbra:

Os fundadores do Integralismo Lusitano, na sua maior parte, antigos companheiros da Universidade de Coimbra, que uma camaradagem unira estreitamente. Não que houvesse afinidades políticas entre eles: uns eram monárquicos, outros republicanos ou indiferentes e outros que ainda não tinham concluído. O que os ligava eram afinidades literárias e estéticas, era uma comum

¹¹ Pinto, António Costa (1994). *Os Camisas Azuis: Ideologia, Elites e Movimentos Fascistas em Portugal – 1914-1945*, Lisboa: Editorial Estampa, p. 26.

¹² Sardinha, A. (1978). *Op. Cit.*, p. 149.

*preocupação cultural, era a superioridade da inteligência que os ligava e os levava a afastar-se desdenhosamente das truculências demagógicas e das paixões acadêmicas de então.*¹³

Portanto, até as vésperas da proclamação da República, em 1911, a heterogeneidade dos posicionamentos políticos era notória entre os “companheiros da Universidade de Coimbra”. A pouca importância dada à identidade política como forma de costurar a unidade do grupo deveu-se, em parte, à rejeição ao modelo liberal-parlamentar de governo, seja ele monárquico ou republicano. Deste modo, desprezavam as querelas políticas e os debates parlamentares, por estes serem realizados por representantes escolhidos pelas massas – reconhecidas pelos futuros membros do integralismo lusitano como incapacitadas de realizar a eleição dos dirigentes do país – através do voto.

Ainda que o processo eleitoral estivesse organizado por mecanismo censitário entre os séculos XIX e primeiras décadas do XX, os integralistas nutriam desprezo a este modelo político, por acreditarem que este promoveria maior espaço a novos personagens políticos. A possibilidade de ascensão às esferas de poder de elementos externos aos setores tradicionais era a fonte de rejeição ao liberalismo.

Haja vista o predomínio do liberal-constitucionalismo - a partir da Revolução de 1820 - como modelo político, houve a negação dos integralistas à política enquanto elemento de identidade entre eles. Caso houvesse a adesão em torno de um partido, por exemplo, seus membros entenderiam este movimento como adoção às normas e regulamentações liberais. Deste modo, justifica-se a heterogeneidade de nuances ideológicas dentro do grupo formado pelos ex-colegas de Coimbra.

Outro foco de explicação para a pouca preocupação quanto aos posicionamentos políticos de seus membros concentra-se na rejeição dos futuros integralistas ao acesso (direto, ou através de representantes parlamentares) das massas ao poder. Deste modo, as colorações políticas de seus membros, até 1911, assumiam característica de baixa relevância no intuito de estabelecer os laços de sociabilidade que permearam o movimento integralista.

Portanto, os colegas de Coimbra pensavam as mudanças de Portugal em termos de cultura e nacionalismo, pautados nas preocupações com a “superioridade da inteligência”. No entanto, até a proclamação da República, nas palavras de Leão Ramos

¹³ Ascensão, Leão Ramos (1943). *O Integralismo Lusitano*, Lisboa: Edições Gama, p. 10.

Ascensão, afastavam-se “*desdenhosamente das truculências demagógicas e das paixões acadêmicas de então*” em que as discussões políticas estavam implícitas.

Neste ponto, Hipólito Raposo justificava a negligência quanto às posturas ideológicas, sua e de seus companheiros, através da baixa representatividade que a monarquia constitucional desfrutava entre os “rapazes de meu tempo”. “*Em rigor,*” diria Raposo, “*todos os rapazes de meu tempo eram sentimental e mentalmente republicanos, porque aqueles mesmos que se apregoavam monárquicos quando o Rei passava, não tinha para o ser, justificação aceitável, [...]*.”¹⁴

Todavia, com o deflagrar da proclamação da República, em 1911, o desinteresse aos assuntos políticos deu lugar, progressivamente, à conformação de projetos por parte do grupo de Coimbra. Esta convergência se fez pela inclinação - tanto dos colegas exilados quanto daqueles que ficaram em Portugal - à causa monárquica antiliberal, antiparlamentar, tradicionalista e orgânico-corporativista. Não sem razão António Costa Pinto entende ser “*A Revolução Republicana [...] um fenómeno político precoce que abriu Portugal para os dilemas da democratização e da política de massas do século XX.*”¹⁵

Durante a primeira década do século XX, a crise de legitimidade em que a Coroa padecia afetou a opinião pública, e as instabilidades foram sentidas e reverberadas por jornais e revistas do período. Para a imprensa republicana “[...] *acontece que a selecção exercida entre os partidarios monarchicos é frequentes vezes uma selecção invertida, dando em resultado o afastamento dos mais competentes do exercício dos altos poderes do Estado.*”¹⁶ Outro foco de críticas, relacionado ao sistema monárquico, concentrou-se na promiscuidade de competências públicas, existente entre Estado e Igreja.

Meses antes da proclamação da República, em artigo anônimo, a revista *Archivo Republicano* apresentava o rompimento do Estado com a Igreja como resolução para a instabilidade política existente. Segundo o referido artigo, “[...] *sempre nos dará a separação da Egreja e do Estado, afinal um dos maiores remédios contra os nossos*

¹⁴ Raposo, H. (1929). Op. Cit., p. 28.

¹⁵ Pinto, António Costa (2010) “Caos e Ordem’: Rolão Preto, Salazar e o apelo carismático no Portugal autoritário”. In Silva, Giselda; Gonçalves, Leandro Pereira & Parada, Maurício B. Alvarez (Orgs.). (2010). *Histórias da Política Autoritária: Integralismos-Nacional Sindicalismo-Nazismo-Fascismos*, Recife: Ed. UFRPE, p. 40.

¹⁶ Botto-Machado, Fernão (jun. 1910). “A. Braamcamp Freire”. In *Archivo Republicano*, n. 6. Publicação mensal. Diretor e Proprietário Victor de Sousa, p. 46. Disponível em: <http://purl.pt/16587>. Acesso em: 09 jan. 2012.

*grandes males.*¹⁷ A coexistência entre republicanos e clérigos tornou-se ainda mais problemática após a deposição monárquica, em outubro de 1910, sendo registradas detenções e expulsões arbitrárias dos representantes da Igreja em regiões, tais como Caldas da Rainha e Óbidos¹⁸.

A Constituição da República possuía forte teor anticlerical. Na Carta aprovada em 25 de Agosto de 1911 havia, no artigo 3º (“Dos Direitos e Garantias Individuais”), parágrafo 2º: “*A lei é igual para todos, mas só permite aquella que fôr promulgada em termos d’esta Constituição.*”¹⁹ Neste parágrafo, entre outros daquela Constituição, ficava exposta a separação entre Estado e Igreja.

A oposição à Igreja fazia referência ao pacto entre Trono e Altar, demonstrado no período monárquico. Desta forma, o anticlericalismo e, por consequência, a separação entre Estado e Igreja, assumia formato de *questão de regime*, visto que decretando esta divisão, demarcava-se o afastamento do novo regime em relação às práticas monárquicas.

Antes da vitória republicana, para alguns veículos de notícia, a revolução era algo inevitável, e essencial para abrir caminho à República. “*É preciso agir. É preciso fazer a Revolução. A melhor moção era sahirem todos do local de comício resolvidos a ir a casa buscar a carabina, o revolver, ou a tranca da porta – tudo serve – a fazer a República.*”²⁰ São estas as palavras encontradas na revista mensal *Archivo Republicano* de julho de 1910.

Com maior ou menor ímpeto, através do uso da violência ou pela via pacífica, as opiniões neste periódico tendiam à derrubada da monarquia e instauração do regime republicano. Como forma de persuadir o leitor, o *Archivo Republicano*, estampava fotos e textos sobre personalidades influentes em primeira página. Os textos de abertura (que acompanhavam as fotografias) de alguma forma afirmavam as afinidades políticas entre a causa defendida pela revista e o homenageado. Nomes como os de Guerra Junqueiro²¹ e

¹⁷ Anônimo (jun. 1910). “O Presidente da República Brasileira”. In *Archivo Republicano*, n. 6. Publicação mensal. Diretor e Proprietário Victor de Sousa, Lisboa: V.S., p. 51.

¹⁸ Serra, José B. (1987). “Élites Locais e Competição Eleitoral em 1911”. In *Análise Social*, v. XXIII, n. 95, p. 79.

¹⁹ “As Constituições” (ago. 1911). In *Archivo Republicano*, n. 20. Publicação mensal. Diretor e Proprietário Victor de Sousa, Lisboa: V.S., p. 163.

²⁰ Anônimo (jul. 1910). “O Comício de Domingo: o que se disse e o que se deve pensar”. In *Archivo Republicano*, publicação mensal. Director e proprietário: Victor de Souza, Lisboa: V.S., p. 58. Disponível em: <http://purl.pt/16587>. Acesso em: 09 jan. 2012.

²¹ Guerra Junqueiro (1850-1923) é visto pelo *Archivo Republicano* como figura ilustre na literatura e na política, convicto das idéias democráticas, atribuindo-lhe contornos republicanos. (ver: Tavares, Santos (fev.

de Braacamp Freire²², por exemplo, estiveram estampados respectivamente nos periódicos dos meses de fevereiro e julho de 1910. Curiosamente, estas duas personalidades participaram da primeira fase da Cruzada Nuno Álvares Pereira.

Este movimento – conforme será visto à frente -, embora não tenha desenvolvido atividade regular entre 1918 (data de sua fundação) e 1926, desempenhará papel importante no golpe de Estado de 1926, colocando fim à experiência republicana de 1911. Entretanto, Braacamp Freire e Guerra Junqueiro não participaram dos acontecimentos de 1926, por razões óbvias, visto que Freire morreu em 1921 e Junqueiro em 1923.²³

Retomando à revista e suas investidas contra a monarquia, o *Archivo Republicano* acompanha as movimentações e confrontos entre tropas realistas e republicanas. Em suas páginas, nos meses de setembro de 1910 a novembro de 1911, há a apresentação de relatos de personagens envolvidos nos acontecimentos.

Em outubro de 1910 consta o depoimento de João Chagas, então membro do Comitê Executivo de Lisboa. Conforme há nesta revista, tais comitês eram organizações incumbidas do derrube da monarquia. O depoente narra: “*Formou-se n’essa ocasião um comité de resistência por iniciativa da Maçonaria, comité que auxiliou a organização da revolta com propaganda feita na classe civil, [...]*.”²⁴

Deste modo, as queixas e ataques de António Sardinha e demais integralistas ao caráter pernicioso da maçonaria em relação à monarquia não são de todo infundadas. Houve participação das lojas maçônicas na mobilização e organização das tropas republicanas. Estas forneceram, de patrocínio financeiro a atiradores, conforme demonstrou em depoimento João de Moraes Carvella: “*Agora, como em 28 de janeiro,*

1910). “Guerra Junqueiro”. In *Archivo Republicano*, publicação mensal. Director e proprietário: Victor de Souza, Lisboa: V.S., p. 11. Disponível em: <http://purl.pt/16587>. Acesso em: 09 jan. 2012). No entanto, Massoud Moisés atribui ao literato e político Junqueiro seu “[...] azedume, a revolta enraivecida dos primeiros tempos, é o produto indignado dum ferrenho idealismo perante a falência a que a Nação parecia fatalmente arrastada.” Durante a República de 1910 ocupa cargo de Ministro em Berna, no entanto, frustra-se com a situação do país e recolhe-se à vida doméstica até a sua morte. (Moisés, Massoud (1972). *A Literatura Portuguesa*. 10 ed., São Paulo: Cultrix, p. 208-211.)

²² Braacamp Freire foi ex-parlamentar da monarquia. Porém, afastou-se do exercício político na Coroa, segundo o *Archivo Republicano*, “por uma série de fiascos.”, sendo estes, frutos de sua incapacidade de se submeter à vontade do chefe e ao “partidarismo monarchico”. Deste modo, Braacamp Freire “Alistado nas fileiras republicana ha pouco tempo, pôde servir de exemplo, na compreensão das doutrina democráticas, [...]” (Valle, José Miranda do (jul. 1910). “Braacamp Freire”. In *Archivo Republicano*, publicação mensal. Director e proprietário: Victor de Souza, Lisboa: V.S., p. 46-47. Disponível em: <http://purl.pt/16587>. Acesso em: 09 jan. 2012.

²³ Ver: Leal, Ernesto Castro (1998). “A Cruzada Nacional Nuno Álvares Pereira e as origens do Estado Novo”. In *Análise Social*, v. XXXIII, 4º, n.148, p. 835.

²⁴ Anônimo (out. 1910). “Candido do Reis vae até a Província”. In *Archivo Republicano*, publicação mensal. Director e proprietário: Victor de Souza, Lisboa: V.S., p. 81. Disponível em: <http://purl.pt/16587>. Acesso em: 09 jan. 2012.

*estará à frente de um grupo de atiradores, pertencentes à Carbonaria? – perguntámo-lhes./ Não, senhor. Alguns, eu entre esses, faziam parte da loja maçônica A Accacia.*²⁵

Outro ponto a ser destacado nestes relatos é o desempenho do capitão Paiva Couceiro, presente em vários depoimentos, como “único adversário manifesto da democracia”²⁶ e “zelador da monarquia”²⁷. Embora Couceiro²⁸ assumia notoriedade nos enfrentamentos das forças republicanas, sua importância, para esta pesquisa, se dará após a consolidação da República, em 1911.

Em outubro de 1910 a situação política de Portugal já se demonstrava favorável à instauração da República. A nova Constituição republicana foi aprovada em 21 de agosto do ano seguinte. Entre o intervalo da inauguração do novo regime e a formulação de sua Carta constitucional Paiva Couceiro organizou dois levantes contra a República. Nestas investidas, alguns companheiros da Universidade de Coimbra que irão compor o integralismo lusitano, juntaram-se ao capitão monarquista. Entre estes se encontrava Luís Almeida Braga (responsável pelo nome do movimento) e Alberto Monsaraz (que futuramente, junto a Rolão Preto – também envolvido nos levantes -, conduziria o Nacional Sindicalismo).

Hipólito Raposo anunciava: “*Em Maio do mesmo ano de 1911, Luís de Almeida Braga partia misteriosamente de Coimbra para a Galiza, e por lá vestia a fardeta de soldado, para oferecer a própria vida debaixo de fogo nas incursões monárquicas do Norte, [...]*”²⁹ Frustrada a primeira sublevação houve a segunda tentativa de restauração, chefiada novamente por Paiva Couceiro, resultando desta vez no exílio de seus realizadores.

Assim, parte dos amigos de Coimbra refugiou-se em países como Bélgica (são os casos de Domingos de Gusmão Araujo, Luis de Almeida Braga e Rolão Preto) e França (Pequito Rebelo). É notável entre estes exilados a ausência de António Sardinha, visto por seus pares como o principal mentor do movimento. Considerada esta ausência entre os expatriados, é necessário retomar à heterogeneidade política que revestia o grupo de

²⁵ Anônimo (mar. 1911). “Outro Depoimento: Fala do chefe do grupo de atiradores civis”. In *Arquivo Republicano*, publicação mensal. Director e proprietário: Victor de Souza, Lisboa: V.S., p. 122.

²⁶ Anônimo (set. 1911). “4 de Outubro”. In *Arquivo Republicano*, publicação mensal. Director e proprietário: Victor de Souza, Lisboa: V.S., p. 168. Disponível em: <http://purl.pt/16587>, Acesso em: 09 jan. 2012.

²⁷ Anônimo (mar. 1911). “Relatório de Gonzaga Pinto – sargento revolucionário da artilharia I”. In *Arquivo Republicano*, publicação mensal. Director e proprietário: Victor de Souza, Lisboa: V.S., p. 183. Disponível em: <http://purl.pt/16587>. Acesso em: 09 jan. 2012.

²⁸ Para maiores informações sobre Paiva Couceiro, ver: Valente, Vasco Pulido (2001). “Henrique Paiva Couceiro – um colonialista e um conservador”. In *Análise Social*, v. XXXVI, p. 767-802.

²⁹ Raposo, H. (1929). Op. Cit., p. 33.

colegas saídos da Universidade de Coimbra. Sardinha não havia participado dos golpes monarquistas por ainda estar ligado à causa republicana.

No exílio, um grupo de ex-estudantes encontrou-se em maio de 1913, na Bélgica. Em contato com as concepções antiliberais que circulavam na Europa, os exilados organizaram naquele ano a revista *Alma Portuguesa*. Possuindo como integrantes

[...], Domingos Gusmão Araújo, Luis de Almeida Braga, Rolão Preto e outros rapazes emigrados em Gand, para onde arrastou o desastre da segunda incursão da Galiza, fundavam a revista *Alma Portuguesa*, de efêmera duração em que pela primeira vez aparece concretamente formulado, embora num sentido puramente literário, o nacionalismo português.³⁰

Tal revista possuiu apenas dois números (lançados em maio e em setembro de 1913), porém, foi o primeiro esforço de organização teórica do grupo, sob o formato de movimento. Em 1911, ainda republicano, Sardinha permanece em Portugal.

Sobre este período da vida do principal mentor do integralismo lusitano, Hipólito Raposo fornece depoimento interessante: “António Sardinha realizava então, entre nós todos, o mais vivo paradoxo: era tradicionalista, tinha no mais alto grau o culto ao lar e da família, professara e justificara a necessidade da nobreza, era municipalista, regionalista, [...]”³¹. O relato é relevante por evidenciar os códigos compartilhados entre os membros do movimento, ou seja, o tradicionalismo; o culto à família; a nobreza; o municipalismo e o regionalismo. Reunindo todos estes aspectos, segundo perspectiva de Raposo, era incompreensível que Sardinha permanecesse republicano, revelando “o mais vivo paradoxo”.

António Sardinha, até 1912 – ano de sua conversão ao monarquismo –, possuía simpatia ao republicanismo. Com a proclamação da República, demonstrou-se eufórico, conforme percebido em carta enviada à sua noiva:

*Oh! minha amiga, como te escrevo a tremer possuído da agitação sagrada que faz os heróis, e sem qual nada de glorioso no mundo consegue. Triunfará a Revolução? Andar ela na rua a emancipar-nos a preparar a sementeira de luz de que amanhã surgirá Portugal Novo?*³²

Segundo Carlos Ferrão, a conversão de Sardinha à monarquia se dá em agosto de 1912. No intuito de comprovar a afirmação, o autor de *O Integralismo e a República* faz referência à carta enviada a Almeida Braga. Nesta, há a notícia do Casamento de António

³⁰ Ibidem, p. 37.

³¹ Raposo, H.(1929). Op. Cit., p. 34.

³² Urbata, A. T. L. (2006). Op. Cit., p. 31.

Sardinha, e o seu abandono à causa republicana, tornando-se simpático à monarquia. “Com alegria te conto a minha conversão à monarquia e ao catolicismo. Abençôo esta República tragi-cômica que me vacinou a tempo pela lição da experiência, que livrou a minha existência dum desvio fatal.”³³

Portanto, menos de um ano depois da proclamação da República, o entusiasmo inicial visto no principal mentor do integralismo luistano, converteu-se em frustração. Em carta à esposa, refletindo sobre os rumos tomados pela República, Sardinha lamentava: “Como eu me pejo do que está sucedendo! Eu que acreditei nestes homens, eu que me convenci que se faria ainda uma coisa! Não era um defeito de regime, é um defeito de reca! Falimos! Nada nos salva! Daqui à tutela estrangeira é um passo.”³⁴

Desiludido com a República, e agora monarquista, Sardinha encontrou-se com Raposo e Alberto Monsaraz - este último, em Portugal desde 1913, colocando fim ao seu exílio voluntário em Paris (é válido lembrar que a anistia aos revoltosos de 1911 e 1912 foi aprovada somente em 1914). Sardinha, agora convertido, reuniu-se a Raposo e Monaraz, ambos monarquistas desde o período acadêmico, em Figueira da Foz (Portugal), em setembro de 1913 – mesmo ano do lançamento de *Alma Portuguesa*, na Bélgica – para colocarem em prática o projeto de uma revista de filosofia política “[...] que traduzisse o nosso protesto contra a República Portuguesa, na sua forma e nos seus actos, e desse vida e expansão á esperança em que ardíamos e pela qual nos supunhamos capazes de voltar a face do mundo.”³⁵ A revista *Nação Portuguesa*, fruto desta reunião, surge em janeiro de 1914.

Neste mesmo período, Pequito Rebelo, colega de Sardinha nos anos de estudo em Coimbra, ao visitar Paris foi apresentado ao “grande movimento contra-revolucionário da *Action Française*”³⁶. Influenciado por este contato, retornou a Portugal e escreveu para António Sardinha no intuito de convencê-lo a abandonar a ideia republicana – desconhecendo sua conversão ao monarquismo orgânico, ocorrida em 1912.

Após o retorno, Rebelo passa a colaborar com a *Nação Portuguesa*. Dois anos depois, fundava a Junta Central integralista. O órgão centralizou o arcabouço doutrinário, colocando em contato os elementos envolvidos no projeto da criação da Monarquia Orgânica.

³³ Ferrão, Carlos (1964). *O Integralismo e a República: autópsia de um mito*, Lisboa: Inquérito, p. 57.

³⁴ Urbata, A. T. L. (2006). Op. Cit., p. 31.

³⁵ Raposo, H. (1929). Op. Cit., p. 37-38.

³⁶ *Ibidem*, p. 38.

Referências

Anônimo (jun. 1910). “O Presidente da República Brasileira”. In *Arquivo Republicano*, n. 6. Publicação mensal. Diretor e Proprietário Victor de Sousa, Lisboa: V.S.

_____ (jul. 1910). “O Comício de Domingo: o que se disse e o que se deve pensar”. In *Arquivo Republicano*, publicação mensal. Diretor e proprietário: Victor de Souza, Lisboa: V.S. Disponível em: <http://purl.pt/16587>. Acesso em: 09 jan. 2012.

_____ (out. 1910). “Candido do Reis vae até a Província”. In *Arquivo Republicano*, publicação mensal. Diretor e proprietário: Victor de Souza, Lisboa: V.S. Disponível em: <http://purl.pt/16587>. Acesso em: 09 jan. 2012.

_____ (mar. 1911). “Outro Depoimento: Fala do chefe do grupo de atiradores civis”. In *Arquivo Republicano*, publicação mensal. Diretor e proprietário: Victor de Souza, Lisboa: V.S.

_____ (mar. 1911). “Relatório de Gonzaga Pinto – sargento revolucionário da artilharia I”. In *Arquivo Republicano*, publicação mensal. Diretor e proprietário: Victor de Souza. Março de 1911, Lisboa: V.S. Disponível em: <http://purl.pt/16587>. Acesso em: 09 jan. 2012.

_____ (set. 1911). “4 de Outubro”. In *Arquivo Republicano*, publicação mensal. Diretor e proprietário: Victor de Souza, Lisboa: V.S. Disponível em: <http://purl.pt/16587>. Acesso em: 09 jan. 2012.

Ascensão, Leão Ramos (1943). *O Integralismo Lusitano*, Lisboa: Edições Gama.

Botto-Machado, Fernão (jun. 1910). “A. Braamcamp Freire”. In *Arquivo Republicano*, n. 6. Publicação mensal. Diretor e Proprietário Victor de Sousa, Lisboa: V.S. Disponível em: <http://purl.pt/16587>. Acesso em: 09 jan. 2012.

Bourdieu, Pierre (2006). “A Ilusão Biográfica”. In Ferreira, Marieta de Moraes; Amado, Janaína (Orgs.) (2006). *Usos e Abusos da História Oral*. 8. ed., Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, p. 181-189.

“As Constituições” (ago. 1911). In *Arquivo Republicano*, n. 20. Publicação mensal. Diretor e Proprietário Victor de Sousa, Lisboa: V. S.

Cruz, Manuel Braga da (1982). “O Integralismo Lusitano nas origens do Salazarismo”. In *Análise Social*, v. XVIII, 1º, n. 70, p. 137-182.

Ferrão, Carlos (1964). *O Integralismo e a República: autópsia de um mito*, Lisboa: Inquérito.

Leal, Ernesto Castro (1998). “A Cruzada Nacional Nuno Álvares Pereira e as origens do Estado Novo”. In *Análise Social*, v. XXXIII, 4º, n.148, p. 823-851.

Moisés, Massoud (1972). *A Literatura Portuguesa*. 10. ed., São Paulo: Cultrix.

Maurras, Charles (1925). *Enquête sur la Monarchie*. 10. ed., Paris: Nouvelle Librairie Nationale.

Pinto, António Costa. (1982). “A Formação do Integralismo Lusitano”. In *Análise Social*, v. XVIII, 3º-4º-5º, n. 72-73-74, p. 1409-1419.

_____. (1994). *Os Camisas Azuis: Ideologia, Elites e Movimentos Fascistas em Portugal – 1914-1945*, Lisboa: Editorial Estampa.

_____. (2010) “‘Caos e Ordem’: Rolão Preto, Salazar e o apelo carismático no Portugal autoritário”. In Silva, Giselda; Gonçalves, Leandro Pereira & Parada, Maurício B. Alvarez (Orgs.) (2010). *Histórias da Política Autoritária: Integralismos-Nacional Sindicalismo-Nazismo-Fascismos*, Recife: Ed. UFRPE, p. 39-54.

Raposo, Hipólito (1929). *Dois Nacionalismos: L'Action Française e o Integralismo Lusitano*, Lisboa: Livraria Ferin.

Sardinha, António (1978). *Ao Ritmo da Ampulheta*. 2. ed., Lisboa: qp.

Serra, José B. (1987). “Élites Locais e Competição Eleitoral em 1911”. In *Análise Social*, v. XXIII, n. 95, p. 59-85.

Tavares, Santos (fev. 1910). “Guerra Junqueiro”. In *Arquivo Republicano*, publicação mensal. Director e proprietário: Victor de Souza, Lisboa: V.S. Disponível em: <http://purl.pt/16587>. Acesso em: 09 jan. 2012

Valente, Vasco Pulido (2001). “Henrique Paiva Couceiro – um colonialista e um conservador”. In *Análise Social*, v. XXXVI, p. 767-802.

Valle, José Miranda do (jul. 1910). “Braacamp Freire”. In *Arquivo Republicano*, publicação mensal. Director e proprietário: Victor de Souza, Lisboa: V.S., p. 46-47. Disponível em: <http://purl.pt/16587>. Acesso em: 09 jan. 2012.

Vrbata, Ales Tenório Luna (2006). “*La Philosophie Maurrasienne et les Modalités du Fascisme au Portugal*”. In *Kias Paper*, Cabinet of Ibero-american Studies: Faculty of Humanities: University Hradec Králové, p. 21-57. Disponível em: <http://fhs.uhk.cz/ibero/clanky/papers06.php>. Acesso em: 10 fev. 2011.

Recebido para publicação em abril de 2013.

Aprovado para publicação em julho de 2013.

**EL ANTI-NEOLIBERALISMO COMO ESTRATEGIA DISCURSIVA DE CONSTRUCCIÓN
POLÍTICA: LOS DISCURSOS DEL GOBIERNO ARGENTINO EN EL CANJE 2003-2005**

**O ANTI-LIBERALISMO COMO ESTRATÉGIA DISCURSIVA DE CONSTRUÇÃO
POLÍTICA: OS DISCURSOS DO GOVERNO ARGENTINO NA NEGOCIAÇÃO
2003-2005**

**ANTI-LIBERALISM AS A DISCURSIVE STRATEGY FOR POLITICAL
CONSTRUCTION: THE DISCOURSE EMPLOYED BY THE ARGENTINE
GOVERNMENT IN NEGOTIATIONS FROM 2003-2005**

**L'ANTILIBÉRALISME EN TANT QUE STRATÉGIE DISCURSIVE DE CONSTRUCTION
POLITIQUE : LES DISCOURS DU GOUVERNEMENT ARGENTIN DANS LES
NEGOCIATIONS DE 2003-2005**

反自由主义作为政治构建的话语战略：
2003-2005年外债谈判期间阿根廷政府的政治话语

DOI: 10.5533/1984-2503-20135304

Alejandro Gabriel Manzo¹

RESUMEN

Este artículo presenta e interpreta los discursos que, durante el proceso de canje de la deuda externa 2003-2005, activaron los representantes del gobierno argentino a la hora de invertir la lógica argumentativa desplegada por el Fondo Monetario Internacional (FMI) para justificar la profundización del neoliberalismo en el país luego de la “crisis del 2001”. A tal fin, utiliza un corpus de datos compuesto por una muestra pertinente de 59 artículos del diario Clarín que se analizan a partir de herramientas metodológicas propias del análisis de discurso. Se parte de presuponer que dicha tarea permitirá reflexionar, en un mayor grado de abstracción, sobre las características de un emergente discurso “anti-neoliberal” como eje legitimador de la agenda política del oficialismo en Argentina.

Palabras clave: (Anti-)neoliberalismo, FMI, Discurso Político, Deuda Externa, Crisis Financieras.

¹ Doctor en Derecho y Ciencias Sociales y Magister en Sociología de la Universidad de Córdoba (UNC), Argentina. Magister del Instituto Internacional de Sociología Jurídica (IISJ) Oñati, España.
E-mail: alemanzzo@hotmail.com

RESUMO

Este artigo apresenta e interpreta os discursos que, durante o processo de negociação da dívida externa 2003-2005, os representantes do governo argentino acionaram no momento de inverter a lógica argumentativa empregada pelo Fundo Monetário Internacional (FMI) para justificar o fortalecimento do neoliberalismo no país após a “crise de 2001”. Utiliza um *corpus* de dados composto por uma mostra pertinente de 59 artigos do jornal *Clarín* analisados a partir de ferramentas metodológicas de análise de discurso. Pressupõe-se que esta tarefa permitirá refletir, com maior grau de abstração, acerca das características de um emergente discurso “anti-neoliberal” como eixo legitimador da agenda política do oficialismo na Argentina.

Palavras-chave: (Anti-)neoliberalismo, FMI, Discurso Político, Dívida Externa, Crise Financeira.

ABSTRACT

This article outlines and interprets the discourse which representatives of the Argentine government instigated during the process of negotiating external debt from 2003 to 2005 in inverting the argumentative logic employed by the International Monetary Fund (IMF) to justify the strengthening of Neoliberalism in Argentina after the “2001 crisis”. It considers a *corpus* of data composed by a pertinent sample of 59 articles published in *Clarín* newspaper analysed according to methodological tools for analysing discourse. It is expected that this task shall facilitate a reflection – with a greater degree of abstraction – on the characteristics of an emerging “anti-neoliberal” discourse as a legitimising axis for the political agenda of officialism in Argentina.

Key words: (Anti-)neoliberalism, IMF, Political Discourse, External Debt, Financial Crisis.

RÉSUMÉ

Cet article présente et interprète les discours tenus durant le processus de négociation de la dette extérieure de 2003-2005, où les représentants du gouvernement argentin cherchèrent à inverser la logique argumentative employée par le Fonds monétaire international (FMI) pour justifier le renforcement du néolibéralisme dans le pays après la crise de 2001. L'on a utilisé un corpus de données composé d'un échantillon pertinent de 59 articles du journal *Clarín*, analysés à partir des outils méthodologiques de l'analyse du discours. Cela nous permettra de réfléchir, avec un plus grand degré d'abstraction, aux

caractéristiques d'un discours « anti-néolibéral » émergent en tant qu'axe légitimateur des thèmes à l'ordre du jour dans la politique officielle argentine.

Mots-clés: (Anti-)néolibéralisme, FMI, Discours politique, Dette extérieure, Crise financière.

摘要

本论文对阿根廷政府在2003-2005年外债谈判期间发表的多个官方声明进行分析解读，认为阿根廷政府利用了这些话语推翻了国际货币基金组织 (IMF) 的在“2001年金融危机”后的新自由主义的意识形态和辩论逻辑。论文使用了多种话语分析法(análise dos discursos)，对59篇发表在CLARIN日报上的文章进行了解读。通过解读，作者试图对阿根廷政府“反新自由主义”话语进行抽象的反思，对阿根廷政府利用反自由主义话语构建政治合法性的一些行为特点做分析研究。

关键字: (反-)新自由主义，国际货币基金组织(IMF)，政治话语，外债，金融危机

I- Introducción

La “crisis del 2001” fue una crisis económica pero también una crisis del sistema político, en general, y de las instituciones del gobierno del Estado argentino, en particular. En este contexto, el presidente Duhalde (2002-2003) fue capaz de asegurar un proceso de transición democrática relativamente ordenado, en parte porque logró estabilizar la economía y en parte porque era asociado, desde fines de los años 90, a un modelo de desarrollo distinto al activado por el menemismo.

No obstante ello, en la práctica, sus políticas siguieron en consonancia con muchas de las exigencias del FMI. En efecto, dispuso el pago puntual de intereses y capital de las deudas contraídas con los organismos multilaterales de crédito, reformó la ley de quiebras, adoptó un régimen cambiario de libre flotación y derogó la ley de subversión económica a partir de la cual se estaban investigando una amplia gama de actos ilícitos vinculados a la fuga de capitales, Kulfas y Schorr².

² Kulfas, Matías y Martín Schorr (2003). *La Deuda Externa Argentina: Diagnóstico y lineamientos propositivos para su reestructuración.* Disponible en: 416

Más importante aún, mantuvo congelados los salarios luego de la devaluación que puso fin al régimen de convertibilidad. Así, advierte Novaro, en los primeros seis meses del año 2002 los ingresos de los jubilados y empleados públicos perdieron cerca del 50% de su poder de compra, en tanto los de la actividad privada, en promedio, cayeron alrededor del 20%. La situación no estalló desde el punto de vista político “*gracias al respaldo del sindicalismo, mayoritariamente alineado con el Ejecutivo*”³.

Ahora bien, dicho respaldo no se extendió a los nuevos movimientos sociales. En junio de 2002, cuando el 51,4% de los argentinos se encontraba por debajo de la línea de la pobreza, estos movimientos efectuaron una serie de movilizaciones que fueron duramente reprimidas por la Policía, Lozano⁴. La denominada “*masacre de avellanada*”⁵, ocurrida en el marco de una de estas movilizaciones, forzó al presidente a convocar a elecciones y a anunciar un aumento no remunerativo de 100 pesos en los salarios del sector privado, Rapoport⁶.

El recambio presidencial se realizó el 25 de mayo de 2003 e, inmediatamente, se iniciaron tratativas con el FMI tendientes a garantizar una salida ordenada del *default*. La oferta de canje argentina se hizo pública en el mes de setiembre previa firma de un acuerdo con esta institución. Sin embargo, las relaciones rápidamente se tensaron y hacia mediados de 2004, las nuevas autoridades nacionales decidieron continuar con el proceso de reestructuración de la deuda sin contar con el aval de las organizaciones multilaterales de crédito y en oposición a muchas de sus recomendaciones de política económica.

El presente artículo analiza las estrategias discursivas que, durante este proceso, los representantes del gobierno argentino activaron a la hora de invertir la lógica argumentativa desplegada por el FMI para justificar la profundización del neoliberalismo en el país. Se parte de presuponer que dicha tarea permitirá reflexionar, en un mayor

http://www.flacso.org.ar/uploaded_files/Publicaciones/240_AEYT_La.deuda.externa.argentina.pdf. Consulta: 01 de septiembre 2010.

³ Novaro, Marcos (2006). *Historia de la Argentina Contemporánea: de Perón a Kirchner*, Buenos Aires: Edhasa, p. 296.

⁴ Lozano, Claudio (2002). *Catástrofe Social en Argentina: la situación a junio de 2002*, Buenos Aires, Instituto de Estudios y Formación de la CTA: Ed. de la Universidad Nacional de La Plata, p. 299.

⁵ La “Masacre de Avellanada” tuvo lugar el 26 de junio de 2002 y se recuerda en tanto en el marco de una manifestación de distintas organizaciones sociales resultaron asesinados a manos de la Policía Bonaerense dos jóvenes militantes, Maximiliano Kosteki y Darío Santillán.

⁶ Rapoport, Mario (2010). *Las políticas económicas de la Argentina. Una Breve Historia*, Buenos Aires: Booket, p. 472.

grado de abstracción, sobre las características de un emergente “discurso anti-neoliberal” como eje ordenador de la construcción de la identidad política del kirchnerismo naciente.

A estos efectos, se selecciona, de un universo de 586 artículos del diario Clarín relativos al canje de la deuda, una muestra de 59 artículos en los que se transcriben discursos o fragmentos de discursos de los principales voceros del Ejecutivo nacional pronunciados en respuesta a las exigencias del FMI y que son analizados, tal como se observa a continuación, a partir de herramientas propias del análisis del discurso⁷.

II- Postulados teóricos-metodológicos de análisis: argumentos legitimadores de la orientación política del FMI en el escenario ex-post 2001

*¿En qué medida el análisis de los discursos asociados a estructuras institucionales determinadas (en este caso el aparato del Estado) permite comprender mejor los mecanismos de dichas instituciones, su naturaleza y sus transformaciones? Todo indica que hay niveles de funcionamiento de los procesos políticos a los que sólo podemos acceder a través del análisis de discurso.*⁸

Wodak advierte que los discursos influyen tanto en los procesos políticos de carácter discursivo como en aquellos otros de carácter no discursivo: “*en otras palabras, los discursos, en tanto que prácticas sociales lingüísticas, pueden considerarse como elementos que constituyen prácticas sociales discursivas y no discursivas, y al mismo tiempo, como elementos constituidos por ellas*”.⁹

Esto último es fundamental para el presente artículo en tanto compele a pensar a lo discursivo no como una entidad derivada, posterior y causada por los acontecimientos políticos, sino como una de sus dimensiones inherentes. Visto así, explica Martínez¹⁰, la distinción entre discursos y realidad como dos fenómenos ontológicamente separados ya no es posible desde el momento en que los discursos son constitutivos de dicha realidad.

En consecuencia, la dimensión discursiva de las prácticas sociales no es simplemente aquello que traduce las luchas de poder dentro del campo político sino también aquello por lo que, y por medio de lo cual, se lucha. Se considera, desde allí, al canje de la deuda externa como un espacio particularmente propicio para analizar las

⁷ En este trabajo los artículos del Diario Clarín se citan con la abreviatura “art.” y el número que se identifica en el anexo.

⁸ Verón, Eliseo (1987). *Discurso Político. Lenguaje y Acontecimientos: la palabra adversativa*, Buenos Aires: Hachette, p. 14.

⁹ Wodak, Ruth (2003). “El enfoque histórico del discurso”. In Wodak, R. y M. Meyer, *Métodos de análisis crítico del discurso*, Barcelona: Gedisa, p 104.

¹⁰ Martínez, Fabiana (Comp.). (2011). *Lecturas del presente: discurso, política y sociedad*, Villa María: Eduvim.

disputas de sentidos que los agentes en el juego efectúan para imponer su visión particular del mundo como la legítima¹¹.

Una de las categorías analíticas centrales en este cometido se refiere a la noción de “*estrategias discursivas*” que Wodak¹² define como aquellas que surgen de un conjunto de prácticas más o menos interrelacionadas y más o menos intencionadas que un agente adopta con el fin de alcanzar un determinado objetivo. Las “*estrategias argumentativas*”, que suponen una especificidad dentro de éstas, son aquellas a través de las cuales los hablantes categorizan, clasifican o definen las características de las personas o de las instituciones intentando fundamentar sus afirmaciones¹³.

La cualidad distintiva del discurso político se ubica en su carácter “*polémico*”. La enunciación política es inseparable de la construcción de un “*adversario*”. Esto significa:

que todo acto de enunciación política supone necesariamente que existen otros actos de enunciación, reales o posibles, opuestos al propio. En cierto modo, todo acto de enunciación política a la vez es una réplica y supone (o anticipa) una réplica. Metafóricamente, podemos decir que todo discurso político está habitado por Otro Negativo. Pero como todo discurso, el discurso político construye Otro Positivo, aquél al que el discurso está dirigido. En consecuencia, de lo que se trata en definitiva es de una suerte de desdoblamiento que se sitúa en la destinación. Podemos decir que el imaginario político supone no menos de dos destinatarios: uno positivo y otro negativo. El discurso político se dirige a ambos al mismo tiempo.¹⁴

El *destinatario positivo*, continúa el autor, es esa posición del campo que corresponde a un receptor que participa de las mismas ideas, adhiere a los mismos valores y persigue los mismos objetivos que el enunciador: es ante nada el *partidario* o *prodestinatario*. La relación entre ambos cobra en el discurso político, la forma característica de una entidad que se llama “*colectivo de identificación*” y que se expresa en un “*nosotros*” inclusivo.

El *destinatario negativo* está, por supuesto, excluido de dicho colectivo: de hecho, esta exclusión es la definición misma de este *contradestinatario*. El lazo con éste reposa, por parte del enunciador, en la hipótesis de una inversión de la creencia: lo que es verdadero o bueno para el enunciador es falso o malo para el contradestinatario e inversamente; “*ese otro discurso que habita todo discurso político no es otra cosa que la*

¹¹ Ambort, Matilde (2011). “Fundamentos discursivos del programa Familias por la Inclusión Social. Hegemonía discursiva neoliberal: ¿continuidades o rupturas?”. In Martínez, F. *Lecturas del presente: discurso, política y sociedad*, Villa María: Edivim, p. 52.

¹² Wodak, R. (2003). Op. Cit., p. 115.

¹³ Vasilachis, Irene (2003). *Pobres, pobreza, identidad y representaciones sociales*, Barcelona: Gedisa, p. 101.

¹⁴ Verón, E. (1987). Op. Cit., p. 16.

presencia, siempre presente, de la lectura destructiva que define la posición del adversario”.¹⁵

Nos hemos detenido en esta breve caracterización porque en el caso concreto interesa analizar las cualidades que el discurso del gobierno kirchnerista atribuyó al FMI (“contra-destinatario”) a lo largo del proceso de canje y las estrategias discursivas que utilizó para invertir su lógica argumentativa destinada a legitimar su actuación en el escenario ex-post 2001. Se parte de presuponer que dicha tarea permitirá dar cuenta de las aptitudes que el gobierno atribuyó a sus “pro-destinatarios” en la construcción de su identidad política.

Esta actuación del FMI sólo puede comprenderse en función de su participación en el proceso de reforma de los años 90. En efecto, durante estos años, la institución firmó cinco acuerdos financieros consecutivos con las autoridades argentinas y convirtió al país en su tercer deudor a escala global. Así, hacia el momento del estallido de la crisis, su prestigio estaba hondamente asociado a la continuidad del régimen de convertibilidad al cual desde hacía algún tiempo consideraba especialmente viable y un ejemplo para otros Estados de desarrollo intermedio.¹⁶

“¿Porqué la nación que siguió las reglas cayó en pedazos?” Se preguntaba Stiglitz¹⁷ a días de producirse el *default* en Argentina ¿Que había pasado? ¿Cómo el país que más había avanzado en la reforma neoliberal de su Estado caía en un pozo tan profundo? ¿Cómo se había producido ese desenlace cuando los organismos multilaterales de crédito controlaban palmo a palmo la economía nacional y otorgaban miles de millones de dólares para que el gobierno escapase de la recesión?

Enmarcado en estos interrogantes, los representantes del FMI iniciaron un proceso de revisión del grado de avance de las autoridades argentinas en cada una de las áreas de reformas por ellos propiciadas arribando a la conclusión de que éstas se habían alejado, en aspectos puntuales pero significativos, de las medidas necesarias para asegurar el crecimiento, Manzo y González Salva¹⁸. La crisis se desencadenó,

¹⁵ Ibidem, p. 17.

¹⁶ Takagi, Shinji y otros (2004). *Informe sobre la evaluación del Papel del FMI en Argentina, 1991–2001*, Oficina de Evaluación Independiente del FMI. Disponible en: <http://www.ieo-imf.org/eval/complete/pdf/07292004/espanol.pdf>. Consulta: 01 de septiembre 2010.

¹⁷ Stiglitz, Joseph (2002). *Argentina, de vuelta el cambio completo: ¿Porqué la nación que siguió las reglas estalló en pedazos*. Disponible en: http://www.yorku.ca/robarts/archives/institute/2002/stiglitz_argentina.pdf. Consulta: 01 de septiembre 2010, p. 1.

¹⁸ Manzo, A. G. y González Salva, C. (2012). “La crisis del neoliberalismo en Argentina. Una mirada retrospectiva sobre las causas del *default* 2001. Buscando razones para entender el quiebre de nuestro país

básicamente, por un excesivo gasto fiscal primario en un contexto internacional adverso para la viabilidad del régimen de convertibilidad (“explicación fiscalista de la crisis”). El principal error del FMI en el país, señalaron Mussa¹⁹ y Krueger²⁰, fue el de no haber sido lo suficientemente riguroso en el control del cumplimiento de las condicionalidades exigidas.

Partiendo de estas premisas -observaron- la institución, en el escenario ex-post 2001, no debía otorgar más financiamiento a Argentina hasta tanto ésta no implementase las reformas consideradas como prioritarias para estabilizar la economía. Los agentes financieros internacionales, advertía Mussa²¹ en este sentido, aún conservan: “[...] *un enorme peso sobre la voluntad de las autoridades nacionales, y si es necesario, deberán usarlo para ayudar a que las quejas externas lleguen a buen puerto*”.

Este peso fue puesto a prueba en el marco de la renegociación de la deuda en *default*. La discusión entre el gobierno y el FMI giró, primordialmente, en torno al grado y tipo de “ajuste fiscal”. El presidente Kirchner, al inicio de las tratativas, fijó un techo del 3% del PBI con destino al pago de los acreedores externos. En la práctica, esto significaba una quita promedio del 75% de los bonos *defaulteados* en negociación cuyo monto ascendía a más de 80 mil millones dólares. El FMI, por su parte, consideró que este porcentaje debía aumentarse, al menos, hasta el 4 o 5% del PBI lo que implicaba un mayor ahorro por parte del Estado y, consecuentemente, una mayor reducción del gasto público²².

Los “ajustes” -que suponen recortes en salarios, planta de personal, seguridad social, subsidios y regímenes de promoción industrial- se ubican, desde la década de los 80, en el centro mismo de los programas financieros de los organismos multilaterales de crédito. Estos, desde el punto de vista de sus promotores, se justifican de manera relativamente sencilla. En efecto, buscan administraciones estatales eficientes y racionales que eviten malgastar recursos en momentos de recesión. Procuran, de igual modo, controlar el déficit fiscal y prevenir posibles brotes inflacionarios.

con el FMI”. In *Passagens: Revista Internacional de Historia Política y Cultura Jurídica*, Universidad Federal Fluminense, v. 4, n. 2, mayo-agosto, p. 299-327.

¹⁹ Mussa, Michael (2002). *Argentina y el Fondo: Del Triunfo a la Tragedia*. Disponible en: <http://bookstore.piie.com/book-store//343.html>. Consulta: 01 de septiembre 2010.

²⁰ Krueger, Anne (2002). “Prevención y Solución de Crisis: Lecciones desde Argentina”. In *Conferencia sobre la “Crisis Argentina”*, Cambridge, 17 de Julio, Disponible en: <http://cdi.mecon.gov.ar/biblio/docelec/nber/books/Arg/krueger.pdf>. Consulta: 01 de septiembre 2010.

²¹ Mussa, M. (2002). Op. Cit., p. 65.

²² Manso, A. G. (2012). Op. Cit.

Más importante aún, estos ajustes, son la clave que posibilita la correcta inserción del país al mercado financiero internacional. Esto es así, en tanto el ahorro por ellos producido se destina al pago de los acreedores externos con el objeto de poner fin a la situación de anomalía que la recesión supone y alejar el peligro de un posible *default*. Una vez, que la economía local se haya estabilizado, y que la credibilidad y la confianza internacional se hayan recuperado, advierten sus promotores, el país será nuevamente destinatario del crédito externo y podrá recibir las inversiones privadas necesarias para asegurar el crecimiento a mediano y largo plazo; crecimiento, cuyos beneficios, en última instancia, se derramarán sobre todos los estratos sociales (vgr. *“teoría del derrame”*)²³.

Se traza, de esta manera, un círculo argumentativo lógico que ata en relación de continuidad a los recortes del gasto público, por un lado, con los acreedores externos y, por otro, con los intereses de la sociedad en su conjunto. Subyacen en esta narrativa presupuestos básicos del neoliberalismo. El Estado se minimiza y deja de ser considerado el motor de la economía; antes bien, en su tamaño excesivo se encuentra la causa de la crisis que se afronta y en su recorte la solución. Su papel, en consecuencia, debe limitarse a garantizar un libre flujo de capitales y a transferir recursos hacia los agentes que operan en el marco del mercado financiero internacional; serán, precisamente, estos agentes los encargados de promover el desarrollo y el bienestar general.

El círculo se cierra agregando a estos elementos el “rol del FMI”. Este, en esta lógica, se presenta como “coordinador” de los procesos de negociación entre los gobiernos fuertemente endeudados y sus acreedores. Exige a los primeros ajustes estructurales y a los segundos que refinancien sus acreencias y participen en los paquetes de financiamiento de rescate. Estos paquetes, a los que el propio organismo contribuye y cuyos fondos se destinan -también- al saneamiento del sistema financiero, se entienden como decisivos en lo que a la recuperación económica se refiere desde el momento en que, por un lado, constituyen el único acceso a recursos líquidos que el gobierno posee en estos contextos y, por otro, envían a los operadores financieros una señal de que el mercado local se halla avalado por la comunidad internacional. Dicho aval, al igual que el desembolso de las divisas, aparece supeditado al cumplimiento

²³ “Para el FMI, cuánto más dinero se destine al pago de la deuda y más rápido se normalicen las relaciones con los acreedores, mayor será el crecimiento: prometen, dice un periodista del diario Clarín al momento de reportar las negociaciones en el canje, que vendrán inversiones y se reanudará el crédito internacional – Disponible em: <http://edant.clarin.com/diario/2003/09/09/p-00603.htm>. Consulta: 10 de agosto 2012-”.

efectivo por parte de las autoridades nacionales de las condicionalidades requeridas por la institución.

A continuación se presenta la lógica argumentativa de los discursos de los voceros del Ejecutivo nacional en el canje tendientes a revertir esta construcción discursiva. Es relevante advertir en este sentido que, desde el inicio mismo de las negociaciones, éste planteó una estrategia discursiva de confrontación a la posición del FMI. Se trató, efectivamente, de un discurso frontal y franco que tendió a polarizar intereses y en el cual la cooperación propia de las tratativas se minimizó para resaltar su carácter “conflictual”; de “lucha de poder” entre agentes que se construyeron desde el propio discurso como antagónicos. Como bien explicó una “fuente”²⁴ al diario Clarín, Kirchner a través de esta estrategia pretendió tensar al máximo las relaciones con los acreedores pero sin romper la cuerda y en caso de que ello sucediese, demostrar que la ruptura no aconteció por su culpa.

III- La estrategia discursiva del gobierno nacional en acción: inversiones a la lógica argumentativa del FMI en el marco del canje de la deuda externa en *default*

1- El neoliberalismo como “causa” de la crisis del 2001: la responsabilidad del FMI.

Los organismos multilaterales y el FMI tienen que hacer su autocrítica porque fracasamos los argentinos pero fundamentalmente fracasó un proyecto económico, financiero y social que el FMI dio y asesoró a los gobernantes argentinos de ese momento -Kirchner, art.56-.

A través del análisis de este párrafo pueden introducirse una serie de nociones generales que cortan transversalmente el discurso del gobierno nacional a lo largo del proceso de canje. A continuación se desglosa, resaltando las diferencias existentes entre este discurso y aquél de los representantes del FMI brevemente descrito.

Lo primero a observar en esta dirección es que existe una asociación discursiva inmediata entre los “organismos multilaterales” de crédito y un “proyecto económico, financiero y social” que se implementó en Argentina en el pasado inmediato. Este proyecto, al que el presidente alude, puede con certeza inferirse, es el proyecto neoliberal.

A través de esta asociación el gobierno otorga materialidad a una ideología que de otra manera se mantendría en el plano de la abstracción en un doble sentido interrelacionado: el neoliberalismo, por un lado, no se presenta como un conjunto de

²⁴ El informante del Diario Clarín fue calificado en términos de “un íntimo del Presidente” -art.10-.

ideas desorganizadas y sumamente vagas sino por el contrario como un “proyecto” de aplicación práctica y de vasto alcance -“económico, financiero y social”- y, por otro, tiene cara visible en las organizaciones multilaterales de crédito; dentro de las cuales, el FMI es individualizado y resaltado por el primer mandatario.

El Fondo aparece así y desde el inicio como el máximo referente del neoliberalismo en los discursos del gobierno hasta el punto tal que, y como se verá, los límites entre esta institución y la ideología que promueve se tornan difícilmente identificables. El FMI se presenta como el agente encargado de diseñar esta clase de proyectos y con capacidad para difundirlos a través del mundo; como aquél que, en palabras de Kirchner, “dio” el neoliberalismo a la Argentina y “asesoró” a los gobiernos nacionales que lo implementaron. De allí que, durante el canje, el presidente haya exigido una y otra vez: “[...] *al FMI que "asuma la cuota de responsabilidad de haber alentado las políticas que llevaron a la Argentina al colapso económico del año 2001" -art. 7-*.

El Ejecutivo nacional invierte en estos términos la “explicación fiscalista de la crisis” dada por el FMI desde el momento en que lo que llevó a “Argentina al colapso económico del año 2001” no fue, desde su perspectiva, un excesivo gasto público si no las “políticas” de corte neoliberal que se aplicaron en el país desde la década del 70 en adelante.

Es mentira, dijo en este sentido la legisladora y primera dama Cristina Fernández de Kirchner, que lo de 2001 haya empezado un año antes, ni siquiera empezó cuando comenzó el gobierno de Menem. Tuvo sus orígenes mucho más alejados, el 24 de marzo de 1976; ése fue el punto de inflexión en la sociedad argentina -art. 41-.

De esta construcción discursiva se desprende de manera inmediata, y ésta es la segunda inversión a la lógica expuesta en el acápite anterior, la responsabilidad, o más correctamente, la co-responsabilidad del Fondo por lo sucedido en nuestro país; “*porque fracasamos los argentinos pero fundamentalmente fracasó*” el proyecto implementado. Obsérvese que a partir de estas palabras el presidente tasa las cuotas de responsabilidad por lo acontecido. Los argentinos y el FMI no poseen cuotas de responsabilidades semejantes; los argentinos fracasamos pero lo que fracasó fue “fundamentalmente” el proyecto que esta institución dio al país. “*Nos hacemos cargo de la adopción de políticas ajenas que nos llevaron al peor de los mundos. Pero no basta con la simple aceptación por parte de los organismos multilaterales de crédito respecto de su error al aconsejarlas, exigir las y apoyarlas*” -Kirchner, art. 32-

El fragmento citado refuerza las nociones hasta aquí presentadas. El gobierno reconoce la responsabilidad de los argentinos en los acontecimientos, pero dicha responsabilidad proviene de “la adopción de políticas ajenas”. Dicho en otros términos, lo que nos llevó “al peor de los mundos” posibles, desde esta lógica argumentativa, fue la adopción de políticas neoliberales. Los organismos multilaterales de crédito poseen, en el párrafo transcrito y a este respecto, una cuota de responsabilidad mayor que la de los propios argentinos que deriva de su error de “aconsejar” y “apoyar” este tipo de políticas; más aún, de “exigirlas”. Por ello, no basta con “la simple aceptación” de su “error”; ellos, dice el presidente a continuación, deberán hacer su “mea culpa” y efectuar una serie de “reformas estructurales” en la orientación de sus prácticas precedentes -art. 32-.

La prueba directa y más palpable de dicha responsabilidad es en el discurso del primer mandatario el *default* de la deuda externa cuyo canje está presentado:

[...] el gran crecimiento del endeudamiento argentino se dio con la gestión de Martínez de Hoz y se profundizó paulatinamente con los gobiernos democráticos pero se potenció fuertemente en la década del 90 generando un endeudamiento que es realmente incomprensible" y concluyó "cuando alguien mira el nivel de lo que se debe y cómo está Argentina, nadie puede entender dónde se invirtió esa plata, dónde está -art. 9-.

La deuda aparece de este modo, en palabras del presidente, como el eje que corta transversalmente al período de hegemonía neoliberal en el país, que arranca con el primer ministro de la dictadura (Martínez de Hoz) y se extiende durante las décadas subsiguientes. Este endeudamiento es presentado, por un lado, como “incomprensible”, es decir como carente de sentido, desde el momento en que no existe relación entre “lo que se debe” y “cómo está la Argentina” en el escenario inmediatamente posterior a la crisis del 2001 y, por otro, como ilegítimo, como oscuro o fraudulento, en tanto “nadie puede entender dónde se invirtió esa plata, dónde está” el dinero que se debe.

Este hincapié del gobierno por develar el origen y la naturaleza de la deuda externa, que es constante a lo largo de todo el proceso de renegociación, procura no sólo legitimar su propuesta de canje sino también atarla a la crisis del 2001 en el marco de la cual se decretó el *default*. Y aquí, el papel de los organismos multilaterales de crédito es central en su discurso, ya que “*aguantaron a gobiernos tan poco serios durante tanto tiempo, les prestaron tanta plata y pasó tanta vergüenza la Argentina -art. 17-*” observó Kirchner y agregó:

[...] había algunos funcionarios de esos organismos que durante muchos años estuvieron asesorando muy mal a la Argentina. Porque no llegamos a esta situación solamente por los errores argentinos y el desgobierno. Recuerden que en muchos casos se amparaban a gobiernos que decían que eran muy buenos (cuando en realidad no lo eran) -art. 9-

De esta manera, la corresponsabilidad de los organismos multilaterales en el proceso de endeudamiento deviene -en esta construcción discursiva- no de una actitud meramente pasiva sino, por el contrario, de una acción positiva; no sólo sabían y permitían que los gobiernos argentinos se endeudaran de manera “incompresible” sino que ellos mismos promovían dicho endeudamiento en tanto eran ellos los que los asesoraban. Dicho asesoramiento, que se produjo “durante muchos años”, es calificado por el presidente como equivocado, como “muy malo”. Kirchner, finalmente, va un paso más allá al señalar que estas instituciones “amparaban” a los gobiernos argentinos de entonces y “decían que eran muy buenos” cuando en realidad, se infiere, no lo eran. Estas acciones de “amparo” y “promoción” -que trascienden al mero asesoramiento-, cobran una significación especial en el caso en tanto estaban destinadas a dotar de credibilidad al país en los mercados de capitales y a atraer hacia éste las divisas fuente del endeudamiento.

La lógica del discurso del gobierno en este punto se completa al observar que el grueso de estas divisas no se utilizó, de conformidad a su postura, para el desarrollo y el crecimiento del país sino para que determinados agentes obtuvieran enormes ganancias en el marco del propio mercado financiero. De allí que, asocie a los acreedores de la deuda que se negocia con prácticas especulativas y al neoliberalismo con el modelo económico social que promueve este tipo de prácticas.

Por primera vez en la historia, la operación ha culminado con una drástica reducción de la deuda del país” observó Kirchner a días de finalizado el canje e, inmediatamente, “arremetió contra lo que definió como las políticas erradas del pasado [...] no debemos crear riqueza a partir de la nada, sino a partir de la producción -art. 50- o, en términos del ministro de economía, Lavagna, no debemos “crear dinero jugando con el dinero.”²⁵

2- Los ajustes no “fomentan” la recuperación económica; antes bien la “previenen”

²⁵ Lavagna, Roberto (1999). *Neoconservadurismo vs Capitalismo Competitivo*, Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, p. 17.

Durante su primer contacto personal con el director gerente del Fondo, a días de su asunción, el presidente señaló no estar “dispuesto a aplicar ajustes en perjuicio de la población -art. 1-”. Meses después, Kirchner, dice el diario Clarín, cargó:

[...] sobre los "sectores dentro de la propia Argentina, el neoliberalismo, que dicen que hay que hacer más ajustes o dar más superávit fiscal primario para poder ordenar la situación y que vengan los capitales". Insistió en atacar esos argumentos con una frase que ya convirtió en usual: "ya vimos lo que nos pasó a los argentinos en cuanto a los niveles de desocupación, indigencia y pobreza" -art. 9-.

Lo primero a observar del párrafo transcrito es que existe -en el discurso del gobierno- una asociación entre los ajustes estructurales prescritos por el Fondo como estrategia de fomento económico en momentos de recesión y los efectos de pauperización social que el país atravesó desde fines del siglo XX en adelante.

Se trata de una construcción discursiva que coincide con la posición de los denominados “críticos heterodoxos” a la intervención del FMI en los países afectados por una crisis financiera y que se encontraba ampliamente difundida en Argentina después de lo acontecido en el año 2001²⁶. Para estos críticos los ajustes estructurales no revierten las crisis financieras, por el contrario las causan:

muchos economistas americanos sugieren que la crisis hubiera sido evitada si la Argentina hubiese seguido las recetas del FMI rigurosamente; en especial recortando el gasto primario (incluido en el nivel provincial) más fuertemente. Muchos latinoamericanos, sin embargo, piensan que el cumplimiento del plan completo del FMI los hubiese llevado a una crisis aún peor. Creo, dice Stiglitz²⁷ (2002), que los latinoamericanos son quienes tienen razón²⁸.

Este nexo discursivo entre “ajuste” y “ahogo” de la recuperación económica, fue puesto en evidencia por el presidente argentino al advertir que:

²⁶ Hacia finales del siglo XX, y luego de las crisis financieras que azotaron a distintos países de desarrollo intermedio, el FMI se encontraba bajo ataque desde distintos sectores. Kulfas y Schorr (2003) utilizan la denominación “críticos heterodoxos” para diferenciarlos de los “críticos ortodoxos” que cuestionaban la actuación de la institución en los mercados emergentes desde presupuestos propios del neoliberalismo y que habían cobrado fuerza a partir de la llegada de Bush al gobierno de los EEUU.

²⁷ Stiglitz, J. (2002). Op. Cit., p. 1.

²⁸ En su exposición frente a la comisión del congreso norteamericano encargada de analizar la crisis argentina, Weisbrot señaló: “el FMI debe interiorizar que jugó un extendido rol en causar la actual crisis de la economía argentina. Esto es mucho más que un mero registro histórico. Es necesario prevenir que el Fondo cause más daño. Por ejemplo, Argentina ha estado en recesión por casi cuatro años. Durante este período, el Fondo ha apoyado, con préstamos y presiones políticas, ajustes fiscales en el presupuesto del gobierno central. Esto es algo que los economistas de los EEUU nunca recomendarían para nuestra economía durante una recesión, y ha indudablemente empeorado y/o prolongado la depresión en Argentina” (Weisbrot, Mark (2002). *Declaraciones ante el Subcomité en Política Monetaria y Comercial Internacional del Comité de Servicios Financieros de la Cámara de Diputados del Congreso de los EEUU, la crisis económica argentina: causas y remedios*. Disponible en: <http://Financialservices.House.Gov/Media/Pdf/107-52.Pdf>. Consulta: 01 de septiembre 2010, p. 44).

[...] *la economía nacional "necesita liquidez para la reactivación" porque "cualquier acuerdo tiene que servir para consolidar el proceso de reactivación que está pidiendo la Argentina con el crecimiento del empleo, el consumo y las exportaciones [...] "y justificó esta postura al señalar que lo que el gobierno no quiere es que "pase lo que les pasó a Machinea y a De La Rúa" -art. 8-*

El discurso del ejecutivo nacional invierte, de este modo, la concepción del FMI en lo que al rol del Estado en la sociedad se refiere. Esto es así, en tanto, en el párrafo transcrito, ata la “reactivación” de la economía argentina, no al ahorro y al pago de la deuda externa como lo hacen los representantes de esta institución, sino, por un lado, a una política estatalmente expansiva que otorgue “liquidez” al mercado y, por otro, al “crecimiento del empleo, el consumo y las exportaciones”. Ambos extremos, es relevante aclararlo, se encuentran en relación de continuidad en la medida en que, para esta lógica argumentativa, la liquidez proveniente del Estado fomenta el crecimiento del empleo, el consumo y las exportaciones y, viceversa; este crecimiento aumenta la recaudación fiscal posibilitando la expansión del gasto público²⁹.

El camino contrario, entiende Kirchner, vinculado a su contracción, llevan a “*lo que les pasó a Machinea y a De La Rúa*” en clara alusión a lo acontecido en la crisis del 2001:

[...] *cuando los superávits se logran merced a la eliminación de las inversiones en infraestructura física o social se afectan de tal modo la posibilidad de sustento político y el crecimiento que termina por hacerse de algo virtuoso un instrumento de desequilibrio negativo para el país y para el funcionamiento global de la economía -art. 32-*

El primer mandatario refuerza en estos términos la postura del gobierno en relación a las políticas recomendadas por el FMI. Los ajustes, que se logran merced a la “eliminación de las inversiones en infraestructura física o social”, lejos de tender al equilibrio del país y al correcto funcionamiento global de la economía, observa, afectan no sólo el “crecimiento” sino también el “sustento político” de los países insertos en una situación de crisis³⁰.

Para comprender el porqué de esta argumentación es necesario mencionar que de conformidad a la postura del Ejecutivo nacional en el canje: “*si ponemos, dijo Kirchner, un*

²⁹ Rapoport, M. (2010). Op. Cit., p. 477.

³⁰ La cita es relevante en cuanto diluye los límites entre el campo económico y político rompiendo con ello con la lógica de un discurso tecnocrático que los tiende a separar, enmascarando el contenido político de la economía y justificando las decisiones gubernamentales en términos meramente técnicos (Reynares, Juan M. (2011). “El discurso tecnocrático y las huellas de la hegemonía neoliberal”. In Martínez, F. (2011). *Lecturas del presente: discurso, política y sociedad*, Villa María: Eduvim, p. 29-50).

superávit fiscal primario más alto del que hemos ofrecido pagar, que es del tres por ciento, eso se paga con más ajuste, con más hambre -art. 9-”. Las políticas del FMI minan -en su discurso- el crecimiento económico y el sustento político porque, a diferencia de lo que postulan sus promotores, éstas no se traducen en mayor bienestar para la población argentina sino, por el contrario, en mayor “hambre”.

De allí que, el presidente se queje una y otra vez “por el hecho de que existan *“inclusive dentro del propio país, algunos que quieren que se reiteren las fórmulas del pasado”*”.

Fórmulas del pasado en el que se hicieron acuerdos internacionales que casi nunca se cumplieron, pero que se hicieron sobre fuertes ajustes de la población argentina, que generó exclusión social, que generó exclusión institucional, que generó hambre, que generó el quiebre de la industria y de los empresarios nacionales” remarcó. Pidió al pueblo que tenga “buena memoria de esto” -art. 9-

En este cita el primer mandatario agrega una serie de efectos a los ya mencionados que son necesarios enumerar; estas “fórmulas del pasado”, que se infiere con certeza son las políticas de corte neoliberal cuya implementación el FMI recomienda en el escenario ex-post 2001 y “que se hicieron sobre fuertes ajustes de la población argentina”, para esta construcción discursiva, supusieron: a) “acuerdos internacionales que casi nunca se cumplieron”, situación que llevó al desprestigio del país en el exterior; b) “exclusión social”, un vocablo vinculado al estado de pobreza pero que trasciende lo meramente económico; c) “exclusión institucional”, cercano a lo anterior, pero relativo específicamente a la marginalización que sufrieron sectores de la población en relación a las instituciones del Estado; d) “el quiebre de la industria y de los empresarios nacionales”, relativo a los procesos de des-industrialización que vivió el país y una de las principales causas del desempleo.

Partiendo de estos presupuestos, el presidente llama al “pueblo” argentino a tener “buena memoria de esto”. Adviértase que los sectores que promueven el neoliberalismo en Argentina no forman parte del “colectivo de identificación” al cual su discurso se dirige; o dicho en otros términos, estos sectores, aún cuando se hallen “dentro del país”, no forman parte -en la narrativa del primer mandatario- del “pueblo” argentino³¹.

³¹ La palabra utilizada para efectuar dicho llamado, “memoria”, tiene una carga simbólica particular para el kirchnerismo naciente en tanto está asociada a su posición con respecto a los crímenes de lesa humanidad cometidos durante la última dictadura militar.

El gobierno traza en estos términos un límite entre el pasado y el presente, entre el adentro y el afuera, que desafía la concepción ortodoxa previamente expuesta. Bajo esta concepción, como ya se mostró, mientras más dinero se destine al pago de la deuda externa mayores serán los beneficios para la población argentina en su conjunto (vgr. *“teoría del derrame”*). Para el discurso de las autoridades nacionales en cambio, la atención de las obligaciones internacionales en *default* debe compatibilizarse e, incluso, subordinarse al pago de la “deuda interna”. Nuestro plan, expresó Kirchner en este sentido: *“es mantener el equilibrio fiscal y lograr un superávit fiscal primario para saldar la deuda interna y afrontar razonablemente los pagos externos [...] Aclaró además que “la negociación con el FMI no se establece en términos de pedir fondos frescos” -art. 7-*

Esta inversión discursiva que efectúa el gobierno argentino de las prioridades en el canje ataca el centro mismo de la lógica neoliberal presentada. El FMI, cabe recordar, legitima su política económica en función de la correcta integración del país al mercado financiero internacional. Para el discurso del Ejecutivo nacional, por el contrario, la atracción de capitales externos no constituye un “fin en sí mismo”. Más aún, y dadas las circunstancias históricas concretas, la negociación con el Fondo, observa el presidente, “no se establece en términos de pedir fondos frescos”. De allí que, para su postura, deba mantenerse “el equilibrio fiscal y lograr un superávit fiscal primario” para saldar, en primer término, la “deuda interna” y, en segundo término, “afrontar razonablemente los pagos externos”.

3- En la práctica, el neoliberalismo constituye una doctrina económica social tejida en torno a la satisfacción de determinados “intereses”

Los representantes argentinos y los del FMI firmaron un programa financiero en el mes de septiembre de 2003. Para sorpresa de muchos, teniendo en cuenta que la misión de la institución encargada de revisarlo se retiró del país sin hacer observaciones, se pospuso la aprobación de su primera revisión. En este contexto, el presidente Kirchner sostuvo: “[...] *los integrantes de la burocracia del Fondo son empleados de intereses y son responsables de la crisis argentina. Y fue por más: “prácticamente esquilmaron a la Argentina con errores y, ahora que estamos saliendo, nos quieren condicionar” -art. 17-*

En este párrafo puede visualizarse que el primer mandatario argentino invierte al menos tres ideas básicas de la ideología neoliberal brevemente expuesta. En primer lugar, asocia discursivamente al FMI con determinados “intereses” desafiando de esta

manera el carácter a-político y meramente técnico con el cual la institución se presenta y justifica la implementación de reformas de corte neoliberal. En segundo lugar, utiliza la palabra “burocracia”, con una connotación peyorativa, para hacer referencia a que las acciones de sus integrantes no son verdaderamente autónomas; no surgen, como sus promotores advierten, de su propia voluntad sino que se deciden en cumplimiento de órdenes (vgr. son “empleados”). En tercer lugar, observa que dichos integrantes “nos quieren condicionar”. El FMI, desde esta lógica argumentativa, constituye un organismo que no sólo “coopera” con los gobiernos de sus países miembros sino también uno con capacidad para “condicionarlos”, lo que supone de suyo la existencia de relaciones desiguales de poder que se encuentran ausentes en los discursos oficiales del organismo. Es por ello que solicita: “[...] *un urgente, fuerte y estructural rediseño del FMI para que pueda prevenir crisis y ayudar a su solución, cambiando el rumbo que lo llevó de prestamista de fomento a acreedor con demanda de privilegios*” -art. 32-.

El análisis de esta cita permite comenzar a develar a qué “intereses” -considera el gobierno nacional- responden los integrantes del FMI y que lo llevaron de “prestamista de fomento” antes de la crisis del 2001 a “acreedor de privilegio” luego de ésta. Para comprender el porqué de este cambio de “rumbo” es necesario advertir que el programa referido se aprobó a partir de un proceso decisorio especial en el cual las autoridades argentinas y las del Fondo, sin ponerse de acuerdo en relación a la “meta fiscal” a cumplir, giraron un borrador a los representantes de los países del G7 para que estos decidiesen al respecto³². Estos apoyaron la propuesta argentina “del 3% del PBI” a condición de que los organismos multilaterales se convirtiesen en acreedores privilegiados de Argentina, tal como efectivamente aconteció.

El presidente pretende poner en evidencia, así y a partir de una situación concreta, que -para las autoridades argentinas- las decisiones de la institución no se fundamentan en principios económicamente abstractos y beneficiosos para la población en la cual interviene, tal como lo postulan sus promotores, sino por el contrario en los intereses de sus principales accionistas. El FMI requiere, consecuentemente, un “urgente, fuerte y estructural rediseño” para que su orientación política sea capaz de “prevenir las crisis y ayudar a su solución” y evitar cambios de rumbo a favor de los gobiernos de las potencias occidentales (vgr. G7).

³² En el caso concreto, los países del G7 eran: EEUU, Inglaterra, Alemania, Francia, Japón, Italia y Canadá.

Ahora bien, estos gobiernos, para la construcción discursiva del Ejecutivo nacional en el canje, no representan sus únicos beneficiarios: “[...] *hay un sector del Fondo que "vive sorprendiéndose con los indicadores de la economía", pero lo que realmente "quieren es que el superávit sea más grande para pagarle más a los acreedores"* - Lavagna, art. 18-.

El ministro, con estas palabras, refuerza las nociones hasta aquí presentadas atacando el carácter desinteresado del organismo al cuestionar si sus verdaderas funciones son aquellas que exhibe a partir de sus discursos o, en realidad, otras que se vinculan a la defensa de determinados capitales económicos. En efecto, de conformidad a su lógica, Argentina “sobre-cumplió” las metas fijadas en el acuerdo de setiembre hasta el punto tal de que hay un “sector del Fondo que *"vive sorprendiéndose con los indicadores de la economía"*”. Este sector, en el discurso de Lavagna, es aquel vinculado a los intereses de los agentes financieros privados que, entendiendo vulnerados sus derechos, comenzaron a presionar para que se modifique la situación de privilegio de la banca oficial del G7.

Se sigue desde allí, que lo que “realmente” quiere el FMI a partir de su decisión de posponer la aprobación de la primera revisión es -de acuerdo al relato del gobierno en el canje- “que el superávit sea más grande para pagarle más a los acreedores” privados. Se trata de una cita relevante en tanto cuestiona la capacidad del organismo para “coordinar” esta clase de procesos desde el momento en que ésta no constituye una institución equidistante entre ambas partes en tratativas sino, desde esta construcción discursiva, una entidad que opera como representante o promotor de los intereses de sólo una de ellas: “los acreedores”.

[...] cuando nos dicen que hay que compensar los amparos que tuvieron que pagar los bancos, me pregunto: si hablamos de compensar, en un país que tiene el 50 por ciento de pobreza, que tiene los niveles de indigencia que tenemos, ¿A cuántos hay que compensar para poder alcanzar los equilibrios? -art. 9-.

El párrafo transcrito no se opone al anterior sino que lo precisa y lo complementa. De una parte, porque a partir de estas palabras, el presidente procura mostrar que las políticas del FMI buscan, en última instancia, “compensar a los bancos” por las pérdidas que sufren en las crisis financieras³³. De otra parte, porque traza un nexo discursivo entre

³³ Es relevante advertir que para el gobierno argentino los grandes bancos transnacionales poseen una cuota de responsabilidad relativamente importante en la crisis del 2001 en tanto son considerados agentes especulativos que, por un lado, aumentaron la deuda externa para sus propios beneficios, y por otro, fugaron

dicha compensación y los profundos efectos de pauperización social que esta clase de crisis traen aparejados; nexos que la lógica neoliberal disocia. En efecto, los ajustes no se hacen en perjuicio/beneficio de “toda” la población. Los ajustes, desde esta construcción, transfieren recursos desde el pueblo argentino, en un momento en el cual -dice el presidente- existe un “50 por ciento de pobreza”, a los agentes financieros; o lo que es lo mismo, estos ajustes socializan las pérdidas de los grandes capitales transfiriendo los costos de la crisis a los sectores sociales más afectados por ella. De allí que exprese: “[...] *ahora son al revés: antes, en cada discusión el ajuste era para adentro*”. *“Era muy fácil ser fuerte con los débiles y ser débiles con los poderosos” -art. 26-*

El primer mandatario subraya, de este modo, el límite discursivo trazado entre el pasado “neoliberal” y el presente-futuro, construido a través de su propio discurso, en “oposición al neoliberalismo”, y lo caracteriza. En el pasado, las decisiones de política económica, adoptadas siguiendo los consejos del FMI, se tomaban en beneficio de los intereses de los de “afuera” y los “poderosos”, y en detrimento de los de “adentro” y “débiles”; ahora, por el contrario, los ajustes son “al revés” tal como -entiende- lo demuestra la oferta de canje que con estas palabras está justificando. El ministro de economía describe este cambio de época en los siguientes términos:

Mientras el país se había convertido en un conejillo de indias, mientras la deuda externa se expandía sin cesar, el prestigio del país era muy alto y Argentina era como una cajita feliz de los buenos negocios”, explicó. Y agregó que “el prestigio no se gana satisfaciendo a poderes económicos e ideológicos. Se recupera cuando el país tiene crecimiento y crea permanentemente empleo decente, logra inversiones y no recurre a un nuevo endeudamiento sino más bien, como se hizo hasta ahora, lo reduce -art. 40-

Lavagna cierra, de esta manera, la lógica discursiva del gobierno argentino en el canje desenmascarando las contradicciones que, considera, operan en las prácticas de los agentes centrales de la globalización neoliberal. Cuando “la deuda externa se expandía sin cesar” el prestigio del país era muy alto. Ahora, por el contrario, que el “país tiene crecimiento y crea permanentemente empleo decente, logra inversiones y no recurre a un nuevo endeudamiento” dicho prestigio no existe. Por lo tanto, el apoyo de los operadores financieros no se consigue por las señales espontáneas del mercado, tal

enorme cantidad de capitales del sistema financiero local en momentos de recesión. “¿Cómo puede ser? Nosotros argumentamos que los responsables son los bancos que engañaron a sus clientes y (el secretario de finanzas argentino) Nielsen va y pide perdón como si la culpa fuera nuestra”, exclamó el Presidente [...] “Hasta la Justicia considera responsables a los bancos y nosotros pedimos perdón” -art. 42-”.

como lo postulan sus promotores, sino, para el ministro, convirtiendo al país en “una cajita feliz de los buenos negocios” y satisfaciendo los “poderes económicos e ideológicos”.

El espejo de la narrativa del Ejecutivo nacional devuelve así, la imagen una sociedad polarizada en la cual el poder se encuentra concentrado en un grupo de agentes que definen las reglas de juego de conformidad a sus propios intereses y en virtud de acuerdos más o menos explícitos. Se trata de una imagen que se opone a la difundida por la ortodoxia neoliberal en la que subyace la idea de un mercado de agentes con poderes fragmentados y atomizados que dirigen sus acciones de forma auto-regulada en función de los principios del libre juego de la oferta y la demanda³⁴.

IV- Reflexiones finales

La dilatada participación del FMI en Argentina durante los años 90 activó un extendido debate tendiente a dilucidar las causas que desencadenaron la crisis del 2001. Lo que estaba en cuestionamiento bajo este objetivo inmediato era, en realidad, las bondades del neoliberalismo como modelo de desarrollo económico-social. El canje de la deuda en *default* se convirtió en este contexto en una caja de resonancia de las distintas visiones en disputa; visiones de las cuales este trabajo analizó, por cuestiones de factibilidad, únicamente aquella del gobierno argentino.

Esta, y tal como se observó, se construyó de principio a fin en torno a la asociación de dos nociones no necesariamente vinculadas entre sí: “neoliberalismo” y “FMI”³⁵. Partiendo de esta asociación, el Ejecutivo nacional instauró una lógica discursiva caracterizada en esencia por la “inversión” de los postulados a través de los cuales esta institución intentó legitimar su actuación en el escenario ex-post 2001; el análisis

³⁴ Las últimas palabras del ministro, relativas a la recuperación del prestigio internacional, cobran en la narrativa del gobierno una significación especial en tanto muestran su voluntad de insertarse en “el mundo” pero de manera diferente a la anteriormente desarrollada. En términos del presidente, en cruce mediático con el director gerente del FMI que pretendía influir sobre el proceso privatizador argentino: “después de todas las cosas que nos pasaron con el Fondo, se lo voy a decir con mesura: somos un país independiente, que sabe administrar y esos consejos no son necesarios. Queremos las inversiones de todo el mundo. Pero ese tipo de tutelajes no lo deseamos -art. 56-”.

³⁵ En este sentido debe advertirse que para los denominados “críticos ortodoxos” esta institución no sólo no comulga con esta doctrina económica social sino que, paradójicamente, se opone a ella desde el momento en que a partir de su “intervención planificada” en los países en crisis impide que el mercado, como mecanismo de asignación de recursos auto-regulado, promueva el crecimiento económico de manera eficiente y prevenga la aparición de prácticas especulativas reñidas con la sana competencia, Kulfas y Schorr (2003). Op. Cit.

efectuado permite mostrar que, en particular, el discurso del gobierno en el canje procuró invertir los siguientes postulados:

a) “La crisis del 2001 se generó por un excesivo gasto público”: de conformidad a su narrativa, ésta se desencadenó por el fracaso del proyecto neoliberal. La responsabilidad del FMI en Argentina deviene, consecuentemente, de haber exigido a sus autoridades la implementación de dicho proyecto.

b) “El neoliberalismo es un modelo que promueve el desarrollo económico de los países emergentes”: de acuerdo a su relato, éste es un modelo que fomenta el endeudamiento y las prácticas especulativas. La prueba más palpable de dicha afirmación es, en su discurso, el *default* de la deuda externa que se está negociando.

c) “Los ajustes estructurales constituyen los mecanismos más eficientes para luchar contra las crisis financieras”: para su lógica, éstos no fomentan la recuperación económica sino, por el contrario, la previenen. Esto es así, porque restringen la liquidez del Estado, minan el consumo y la inversión. Asimismo, atentan contra el sustento político de los gobernantes al aumentar el desempleo, la pobreza y la desindustrialización.

d) “La economía debe ordenarse en torno a la correcta integración del mercado financiero local al internacional”: según su narrativa, dicha integración no supone un “fin en sí mismo”. En el caso concreto, debe satisfacerse en primer término la deuda social interna y afrontarse, en segundo término, el pago de la deuda externa.

e) “El neoliberalismo, en la práctica, no es un modelo fundamentado en principios económicos abstractos y beneficiosos para el conjunto de la sociedad”: de conformidad a su lógica, éste fomenta los intereses de los países centrales y de los grandes capitales. El FMI no debe coordinar los procesos de canje en la medida en que no constituye una institución equidistante entre ambas partes en tratativas (vgr. deudor y acreedores). Sus políticas, en último término, socializan las pérdidas de los grandes capitales transfiriendo los costos de las crisis a los sectores sociales más afectados por ellas.

Se trata, como puede advertirse, de una lógica argumentativa que desafía presupuestos centrales de la concepción ortodoxa de la sociedad, trayendo de vuelta al Estado y redefiniendo el rol de la Nación en la era de la globalización. Su trascendencia deviene de observar que, sería precisamente esta lógica, aquella que en adelante legitimaría las prácticas del gobierno argentino y fijaría los tiempos de su agenda política.

En este sentido se pronuncia Martínez³⁶ al señalar que el kirchnerismo es un movimiento que se auto-construye como un movimiento opuesto en esencia al neoliberalismo.

La estrategia discursiva de confrontación con el FMI desempeñó, en el canje y para sus aspiraciones políticas, las funciones que se enumeran a continuación:

a) Procuró mostrar a la opinión pública la imagen de un Ejecutivo nacional expeditivo y enérgico y, como tal, diferente a la de los presidentes asociados a los acontecimientos de la crisis del 2001. La figura de Kirchner intentó edificarse -desde su propio discurso- en torno a las cualidades de un líder “pragmático”, “fuerte” e “intransigente” que, por un lado, lo conectase al imaginario de los líderes peronistas de la década de los 70 y, por otro, lo apuntalase en el centro del campo político en un momento de escasa gobernabilidad. Desde la oposición estas mismas cualidades fueron leídas como síntomas de un oficialismo no abierto al diálogo y con ciertas tendencias “anti-democráticas”³⁷.

b) Buscó convertir al FMI en una suerte de: 1) “chivo expiatorio” de las tensiones que surcaban la sociedad argentina luego de la crisis del 2001 y diluir la responsabilidad por lo acontecido en diferentes agentes sociales; 2) “enemigo externo” al cual el pueblo argentino rápidamente debería vencer. En efecto, se trató de una estrategia discursiva destinada a alinear a sectores del campo político hasta entonces sino enemistados al menos no alineados en defensa de la posición del gobierno en el canje devenida ahora en “causa nacional”.

c) Pretendió recrear, especialmente a partir de la promoción de los resultados alcanzados en la negociación, el “mito fundacional” de una nueva patria construida, en su narrativa y como ya se mencionó, en oposición a las políticas neoliberales implementadas en las décadas precedentes.

La distancia existente entre, por un lado, el discurso del gobierno y, por otro, su práctica política efectiva no minó su imagen frente a la opinión pública. En palabras de Novaro:

Lo cierto es que mucha de la retórica radicalizada (del oficialismo) no fue acompañada de decisiones concretas [...]. La tensión entre un discurso confrontativo y decisiones políticas en general muy moderadas, incluso en algunos casos francamente contrapuestas a esas señales discursivas, no representó un

³⁶ Martínez, F. (Comp.). (2011). Op. Cit.

³⁷ Ibidem.

*problema para la creación de un consenso ni para el fortalecimiento de la credibilidad del presidente en el electorado.*³⁸

Referencias

Ambort, Matilde (2011). "Fundamentos discursivos del programa Familias por la Inclusión Social. Hegemonía discursiva neoliberal: ¿continuidades o rupturas?". In Martínez, F. (2011). *Lecturas del presente: discurso, política y sociedad*, Villa María: Ed. Eduvim, p. 51-69.

Krueger, Anne (2002). "Prevención y Solución de Crisis: Lecciones desde Argentina". In *Conferencia sobre la "Crisis Argentina"*, Cambridge, 17 de Julio. Disponible en: <http://cdi.mecon.gov.ar/biblio/docelec/nber/books/Arg/krueger.pdf>. Consulta: 01 de septiembre 2010.

Kulfas, Matías y Martín Schorr (2003). *La Deuda Externa Argentina: Diagnóstico y lineamientos propositivos para su reestructuración*. Disponible en: http://www.flacso.org.ar/uploaded_files/Publicaciones/240_AEYT_La.deuda.externa.argentina.pdf. Consulta: 01 de septiembre 2010.

Lavagna, Roberto (1999). *Neoconservadurismo vs Capitalismo Competitivo*, Buenos Aires: Ed. Fondo de Cultura Económica, p. 13-45.

Lozano, Claudio (2002). *Catástrofe Social en Argentina: la situación a junio de 2002*, Buenos Aires, Instituto de Estudios y Formación de la CTA: Ed. de la Universidad Nacional de La Plata.

Manzo, Alejandro G. (2011). "Estado y Derecho en la era de la globalización neoliberal: fundamentos de la ilegitimidad de la deuda externa argentina". In *XII Congreso Nacional y II Latinoamericano de Sociología Jurídica*, 3, 4 y 5 noviembre, La Pampa, Argentina.

_____ (2012). *El canje de la deuda externa 2003-2005: estrategias y discursos del gobierno kirchnerista teniendo a la configuración de un emergente Estado post-neoliberal*. Tesis de la Maestría en Sociología del Centro de Estudios Avanzados (CEA) de la UNC, director: Julio Gambina, co-directora: Patricia Scarponetti (inédita).

Manzo, A. G.; González Salva, C. (2012). "La crisis del neoliberalismo en Argentina. Una mirada retrospectiva sobre las causas del *default* 2001. Buscando razones para entender el quiebre de nuestro país con el FMI". In *Passagens: Revista Internacional de História Política y Cultura Jurídica*, Universidade Federal Fluminense, v. 4, n. 2, mayo-agosto, p. 299-327.

³⁸ Novaro, M. (2006). Op. Cit., p. 304.

Martinez, Fabiana (Comp.). (2011). *Lecturas del presente: discurso, política y sociedad*, Villa María: Edivim.

Mussa, Michael (2002). *Argentina y el Fondo: Del Triunfo a la Tragedia*. Disponible en: <http://bookstore.piie.com/book-store//343.html>. Consulta: 01 de septiembre 2010.

Novaro, Marcos (2006). *Historia de la Argentina Contemporánea: de Perón a Kirchner*, Buenos Aires: Edhasa.

Rapoport, Mario (2010). *Las políticas económicas de la Argentina. Una Breve Historia*, Buenos Aires: Booket.

Reynares, Juan M. (2011). "El discurso tecnocrático y las huellas de la hegemonía neoliberal". In Martinez, F. (2011). *Lecturas del presente: discurso, política y sociedad*, Villa María: Edivim, p. 29-50.

Stiglitz, Joseph (2002). *Argentina, de vuelta el cambio completo: ¿Porqué la nación que siguió las reglas estalló en pedazos*. Disponible en: http://www.yorku.ca/robarts/archives/institute/2002/stiglitz_argentina.pdf. Consulta: 01 de septiembre 2010.

Takagi, Shinji y otros (2004). *Informe sobre la evaluación del Papel del FMI en Argentina, 1991–2001*, Oficina de Evaluación Independiente del FMI. Disponible en: <http://www.ieo-imf.org/eval/complete/pdf/07292004/espanol.pdf>. Consulta: 01 de septiembre 2010.

Vasilachis, Irene (2003). *Pobres, pobreza, identidad y representaciones sociales*, Barcelona: Gedisa.

Verón, Eliseo (1987). *Discurso Político. Lenguaje y Acontecimientos: la palabra adversativa*, Buenos Aires: Hachette.

Weisbrot, Mark (2002). *Declaraciones ante el Subcomité en Política Monetaria y Comercial Internacional del Comité de Servicios Financieros de la Cámara de Diputados del Congreso de los EEUU, la crisis económica argentina: causas y remedios*. Disponible en: <http://Financialservices.House.Gov/Media/Pdf/107-52.Pdf>. Consulta: 01 de septiembre 2010.

Wodak, Ruth (2003). "El enfoque histórico del discurso". In Wodak, R. y M. Meyer (2003), *Métodos de análisis crítico del discurso*, Barcelona: Gedisa.

Anexo:

Fecha	Titulares de los artículos del Diario Clarín que transcriben discursos o fragmentos de discursos de las autoridades argentinas en el canje.
Año 2003	
1) 2003/06/24	http://edant.clarin.com/diario/2003/06/24/um/m-579308.htm El Gobierno y el Fondo avanzarán en un acuerdo de mediano plazo
2) 2003/07/02	http://edant.clarin.com/diario/2003/07/02/um/m-583325.htm Nielsen, duro con un sector del Fondo
3) 2003/07/08	http://edant.clarin.com/diario/2003/07/08/e-01501.htm El Gobierno endurece su postura en la negociación con el Fondo
4) 2003/07/11	http://edant.clarin.com/diario/2003/07/11/e-01001.htm Se tensó la discusión con el FMI
5) 2003/07/14	http://edant.clarin.com/diario/2003/07/14/um/m-589162.htm Kirchner vinculó a los organismos internacionales con la "decadencia" argentina
6) 2003/08/28	http://edant.clarin.com/diario/2003/08/28/um/m-613344.htm Lavagna dice que la negociación cumple el "cronograma previsto"
7) 2003/09/03	http://edant.clarin.com/diario/2003/09/03/e-00501.htm El Gobierno le pega al FMI, pero muestra voluntad de negociar
8) 2003/09/05	http://edant.clarin.com/diario/2003/09/05/um/m-617480.htm Kirchner: "El FMI no tiene que hacer lobby para grupos empresarios"
9) 2003/09/06	http://edant.clarin.com/diario/2003/09/06/um/m-618193.htm Kirchner: "No voy a firmar cualquier cosa con el FMI"
10) 2003/09/07	http://edant.clarin.com/diario/2003/09/07/p-00501.htm El Presidente criticó al FMI, pero sin llegar a la ruptura
11) 2003/09/08	http://edant.clarin.com/diario/2003/09/08/p-01401.htm "El FMI comete un error si pide más del 3% de superávit fiscal"
12) 2003/09/24	http://edant.clarin.com/diario/2003/09/24/p-00504.htm Las repercusiones fueron previsibles"
13) 2003/10/07	http://edant.clarin.com/diario/2003/10/07/p-00801.htm Lavagna aconseja "no asustarse" por los juicios de los acreedores
14) 2003/10/13	http://edant.clarin.com/diario/2003/10/13/p-00301.htm El Gobierno dice que no pueden embargar los bienes del Estado
15) 2003/10/20	http://edant.clarin.com/diario/2003/10/20/p-01001.htm El Gobierno rechazó críticas de EE.UU. por la relación con Cuba.
16) 2003/12/03	http://edant.clarin.com/diario/2003/12/03/p-01601.htm Lavagna dice que los bancos "están aprendiendo a prestar"
17) 2003/12/20	http://edant.clarin.com/diario/2003/12/20/p-00301.htm Kirchner apuntó al FMI, pero a la vez se pagaron US\$ 268 millones
18) 2003/12/24	http://edant.clarin.com/diario/2003/12/24/p-00601.htm La misión del FMI se fue sin lograr un acercamiento con el Gobierno
19) 2003/12/25	http://edant.clarin.com/diario/2003/12/25/um/m-681999.htm El Gobierno dice que no hay "nada que discutir" con el FMI
Año 2004	
20) 2004/ene/06	http://www.clarin.com/diario/2004/01/06/p-01101.htm Ahora el Gobierno dice que no habrá pagos adicionales por la deuda
21) 2004/ene/13	http://www.clarin.com/diario/2004/01/13/p-00315.htm Kirchner rechaza el pedido del FMI para reducir la quita del 75%
22) 2004/feb/08	http://www.clarin.com/diario/2004/02/08/p-00302.htm Una veloz respuesta del Gobierno
23) 2004/feb/12	http://www.clarin.com/diario/2004/02/12/p-00501.htm Kirchner dice que no paga con reservas si el FMI no aprueba antes la revisión
24) 2004/mar/06	http://www.clarin.com/diario/2004/03/06/p-00601.htm Bielsa buscó comprensión entre los embajadores más duros de la UE
25) 2004/mar/09	http://www.clarin.com/diario/2004/03/09/p-00601.htm Kirchner sintetizó la posición del Gobierno: "Ya está todo dicho"
26) 2004/mar/10	http://www.clarin.com/diario/2004/03/10/um/m-722260.htm

	Kirchner negó cambios en la oferta a los acreedores: "No existe una contrapropuesta"
27) 2004/may/27	http://www.clarin.com/diario/2004/05/27/elpais/p-00601.htm Deuda: el Gobierno flexibiliza más la oferta e incluiría los intereses
28) 2004/jun/23	http://edant.clarin.com/diario/2004/06/23/elpais/p-00601.htm Lavagna prometió al FMI acelerar la reforma de los bancos públicos
29) 2004/jul/23	http://edant.clarin.com/diario/2004/07/23/elpais/p-01601.htm Lavagna habló con Rato: le pidió que no demore la aprobación de metas
30) 2004/jul/24	http://edant.clarin.com/diario/2004/07/24/elpais/p-02401.htm Deuda: Lavagna advierte que el FMI podría interferir en la negociación .
31) 2004/sep/01	http://edant.clarin.com/diario/2004/09/01/elpais/p-00301.htm La reunión entre Kirchner y Rato terminó con reclamos cruzados
32) 2004/sep/22	http://edant.clarin.com/diario/2004/09/22/elpais/p-00301.htm Kirchner habló en la ONU y fue duro en las críticas al Fondo
33) 2004/sep/23	http://edant.clarin.com/diario/2004/09/23/elpais/p-00301.htm Kirchner dijo que la oferta a los bonistas es "única y definitiva"
34) 2004/sep/29	http://edant.clarin.com/diario/2004/09/29/elpais/p-00301.htm Lavagna habló de repago de deuda y subieron más los bonos
35) 2004/nov/21	http://edant.clarin.com/diario/2004/11/21/elpais/p-00301.htm Lavagna: los que no entren al canje de deuda no cobrarán
36) 2004/dic/01	http://edant.clarin.com/diario/2004/12/01/elpais/p-00401.htm Kirchner insiste: la oferta a los bonistas no tendrá cambios
Año 2005	
37) 2005/01/13	http://edant.clarin.com/diario/2005/01/13/um/m-903681.htm Kirchner, a un día del inicio del canje: "La propuesta que hicimos no se cambia"
38) 2005/01/13	http://edant.clarin.com/diario/2005/01/13/elpais/p-00301.htm Lavagna lanzó el canje y reiteró que no habrá una nueva oferta
39) 2005/01/14	http://edant.clarin.com/diario/2005/01/14/um/m-904110.htm Nielsen reiteró que es "la mejor oferta sustentable"
40) 2005/01/12	http://edant.clarin.com/diario/2005/01/12/um/m-902810.htm Lavagna presentó el canje y asegura que se conforma con el 50% de aceptación
41) 2005/01/16	http://edant.clarin.com/diario/2005/01/16/um/m-905270.htm Cristina Kirchner volvió a cuestionar a los organismos de crédito
42) 2005/01/19	http://edant.clarin.com/diario/2005/01/21/elpais/p-01101.htm Kirchner se enojó con Nielsen porque pidió perdón en Italia
43) 2005/01/25	http://edant.clarin.com/diario/2005/01/25/um/m-910553.htm Kirchner: "No somos el país del default, ni el del corralito, ni el de la devaluación"
44) 2005/01/27	http://edant.clarin.com/diario/2005/01/27/um/m-911732.htm Lavagna denunció maniobras destinadas a desalentar el canje
45) 2005/01/27	http://edant.clarin.com/diario/2005/01/27/um/m-911747.htm Kirchner: "La oferta de canje de la deuda no se cambia"
46) 2005/02/04	http://edant.clarin.com/diario/2005/02/04/um/m-916196.htm Duro mensaje de Kirchner a los bonistas
47) 2005/02/19	http://edant.clarin.com/diario/2005/02/19/um/m-924982.htm Canje de la deuda: ratifican que no habrá cambios en la oferta
48) 2005/02/25	http://edant.clarin.com/diario/2005/02/25/um/m-928447.htm Kirchner pronosticó "un buen resultado" para el canje
49) 2005/02/28	http://edant.clarin.com/diario/2005/02/28/um/m-930184.htm Según Kirchner, el país llegó a "un punto de inflexión" con el canje
50) 2005/03/01	http://edant.clarin.com/diario/2005/03/01/um/m-930690.htm Kirchner anunció el final del <i>default</i> con una "drástica reducción" de la deuda
51) 2005/03/02	http://edant.clarin.com/diario/2005/03/02/um/m-931487.htm Kirchner y Lavagna anuncian mañana a la tarde los resultados del canje
52) 2005/03/02	http://edant.clarin.com/diario/um/m-931579.htm Alberto Fernández adelantó que fue "lo suficientemente amplia" la adhesión al canje
53) 2005/03/03	http://edant.clarin.com/diario/2005/03/03/um/m-932075.htm "Se superó uno de los mayores obstáculos para la economía"

54) 2005/03/04	http://edant.clarin.com/diario/2005/03/04/um/m-932822.htm Nielsen criticó la "burocracia" del FMI y volvió a descartar que se reabra el canje
55) 2005/03/05	http://edant.clarin.com/diario/2005/03/05/um/m-933342.htm Kirchner acusó al FMI de haber dejado sólo al país en la negociación del canje
56) 2005/03/06	http://edant.clarin.com/diario/2005/03/06/elpais/p-00301.htm Kirchner aseguró que el Fondo fracasó y le pidió una autocrítica
57) 2005/03/06	http://edant.clarin.com/diario/2005/03/06/elpais/p-00815.htm "No hay nada que celebrar, ahora hay que hacer un esfuerzo enorme"
58) 2005/03/16	http://edant.clarin.com/diario/2005/03/16/um/m-939730.htm Kirchner le respondió al jefe del Fondo: "Ojalá ahora ayude de verdad"
59) 2005/03/17	http://edant.clarin.com/diario/2005/03/17/elpais/p-00301.htm Kirchner, otra vez duro con el FMI: "No necesitamos sus consejos"

Recebido para publicação em dezembro de 2012.

Aprovado para publicação em fevereiro de 2013.

¿DÓNDE ANIDA LA DEMOCRACIA? LOS DEBATES PARLAMENTARIOS SOBRE EL RÉGIMEN MUNICIPAL DE LA CIUDAD DE BUENOS AIRES DURANTE EL PRIMER PERONISMO (1946-1955)

ONDE HABITA A DEMOCRACIA? OS DEBATES PARLAMENTARES SOBRE O REGIME MUNICIPAL DA CIDADE DE BUENOS AIRES DURANTE O PRIMEIRO PERONISMO (1946-1955)

WHERE DOES DEMOCRACY RESIDE? THE PARLIAMENTARY DEBATES ON THE MUNICIPAL GOVERNMENT IN THE CITY OF BUENOS AIRES DURING THE FIRST PERONIST REGIME (1946-1955)

OÙ HABITE LA DÉMOCRATIE ? LES DÉBATS PARLEMENTAIRES SUR LE RÉGIME MUNICIPAL DE LA VILLE DE BUENOS AIRES DURANT LE PREMIER PÉRONISME (1946-1955)

民主摆放在哪里？

阿根廷庇隆政府(1946-1955) 期间议会关于布宜诺斯艾利斯市政府的政体问题的辩论

DOI: 10.5533/1984-2503-20135305

Romina Berman¹

RESUMEN

El artículo explora las propuestas que el Partido Peronista y la Unión Cívica Radical presentaron en el Congreso entre 1946 y 1955 en torno al régimen de gobierno de la Ciudad de Buenos Aires. Dicho distrito comportaba un carácter singular por su condición de capital de la República. Esto incitaba debates sobre las prerrogativas que debían tener sus instituciones comunales, y en coyunturas históricas particulares estas discusiones se agudizaban. Así sucedió con el regreso a la constitucionalidad en 1946. De esta forma, se analizan las iniciativas desplegadas por los partidos con representación parlamentaria, contemplando además otra peculiaridad: el cierre ininterrumpido del Concejo Deliberante durante toda la década.

Palabras clave: Régimen municipal, Ciudad de Buenos Aires, Peronismo, Proyectos de ley.

¹ Becaria doctoral CONICET. Investigadora en formación del Centro de Estudios de Historia Política, Universidad Nacional de General San Martín. Doctoranda en Ciencias Sociales por la Universidad de Buenos Aires. Docente de la Escuela de Política y Gobierno, UNSAM. Email: rominaberman@gmail.com

RESUMO

O artigo explora as propostas que o Partido Peronista e a União Cívica Radical apresentaram no Congresso entre 1946 e 1955 em torno do regime de governo da cidade de Buenos Aires. O distrito apresentava caráter singular por sua condição de capital da República. Isto incitava debates sobre as prerrogativas que deviam ter suas instituições comuns, e em conjunturas históricas particulares estas discussões se intensificavam. Assim ocorreu com o regresso à constitucionalidade em 1946. Desta forma, são analisadas as iniciativas empregadas pelos partidos com representação parlamentar, contemplando-se ainda outra peculiaridade: o fechamento ininterrupto da Câmara de Vereadores deliberante durante toda a década.

Palavras-chave: Regime municipal, Cidade de Buenos Aires, Peronismo, Projetos de lei.

ABSTRACT

The article explores the proposals that the Peronist Party and the Radical Civic Union made in Congress between 1946 and 1955 concerning the governmental regime in the city of Buenos Aires. As the district was unique in nature due to being the country's capital, this provoked debate on the prerogatives of its common institutions, and at particular moments in history these debates were intensified, such as occurred with the return to a constitution in 1946. We thus analyse the initiatives employed by the parties with parliamentary representation, and also consider a further peculiarity: the extended closure of the deliberating Chamber of Councilors throughout the entire decade.

Key words: Municipal Government, City of Buenos Aires, Peronism, Draft Bills.

RÉSUMÉ

Cet article explore les propositions que le Parti péroniste et l'Union civique radicale présentèrent au Congrès entre 1946 et 1955 en ce qui concerne le régime de gouvernement de la ville de Buenos Aires. Le district présentait un caractère singulier en raison de sa condition de capitale de la République. Cela provoqua des débats sur les prérogatives dont devaient jouir ses institutions communes, des débats qui s'intensifièrent dans le cadre d'une conjoncture historique particulière. C'est ce qui se passa en 1946 lors du retour à la constitutionnalité. Nous analyserons donc les initiatives prises par les partis

jouissant d'une représentation parlementaire, tout en prenant compte une autre particularité : la fermeture ininterrompue du Conseil municipal durant toute cette décennie.

Mots-clés: Régime municipal, Ville de Buenos Aires, Péronisme, Projets de loi.

摘要

本论文分析了皮隆党(*Partido Peronista*)和市民激进联盟(*União Cívica Radical*) 在1946-1955年期间在阿根廷国会针对布宜诺斯艾利斯市政府的政体问题的多个辩论议案。由于布宜诺斯艾利斯是阿根廷的首都，其特殊的地位引发了关于布宜市政府的政体问题的辩论，并且在特定的历史环境中辩论不断加强，例如发生在1946年的回归宪政运动。本论文分析了各个党派在国会辩论中提出的关于布宜市政体问题的议案，同时对当时的特殊现象——布宜市议会在此十年期间连续不间断的闭会——进行分析研究。

关键字: 市政体制，布宜诺斯艾利斯市，皮隆主义，法律提案。

1. La Ciudad de Buenos Aires, un distrito particular

Las iniciativas que presentaron el justicialismo y la oposición parlamentaria en torno al esquema institucional de la Capital Federal, merecen ser analizadas a la luz de las dos tesis que dominaron la discusión sobre la materia hasta la reforma constitucional de 1994, que planteó nuevas condiciones para el distrito.² Encontramos por un lado la *tesis de limitación de poderes federales y correlativa amplitud del gobierno local*. Sus postulados distinguían entre *gobierno político y régimen municipal o administrativo*: mientras que el primero suponía la jefatura política de la capital de un país, el segundo implicaba la jefatura de la municipalidad. De este modo, se argumentaba que Buenos Aires había contado con un régimen municipal antes de ser declarada Capital de la Nación, y consecuentemente le correspondía un gobierno autónomo. Por otro lado, existía la *tesis restrictiva o de amplitud exclusiva de las potestades federales*, que se apoyaba en lo dispuesto por el texto constitucional de 1853 y ha resultado predominante. El inciso 27º

² Para las interpretaciones constitucionales en torno a la Capital Federal ver Passalacqua, Eduardo H. (1996). "La autonomía de Buenos Aires. Un ensayo de historia institucional sobre las ideas y las formas de un cambio, y una tentativa de descripción. Resultados actuales y potenciales". In *Ciudad de Buenos Aires. Gobierno y descentralización*, Buenos Aires: CEA-Oficina de Publicaciones del CBC, Universidad de Buenos Aires.

del artículo 67 indicaba que el Congreso Nacional debía ejercer una legislación exclusiva en todo el territorio de la Capital, mientras que el inciso 3º del artículo 86 expresaba que el Presidente era su jefe inmediato y local. En este sentido, la normativa no exigía un gobierno autónomo ni electivo, y asimismo habilitaba al Primer Mandatario a intervenir tanto la Intendencia como la legislatura local.

La reforma constitucional efectuada en 1949 no implicó modificaciones radicales en el texto. Los convencionales peronistas expresaron que sólo había que precisar lo estipulado por la Carta Magna del '53 para evitar lecturas maliciosas que pudieran surgir a partir de las ambigüedades presentes. De este modo, las potestades federales se mantuvieron, y se adicionaron frases aclaratorias que puntualizaron la concentración de facultades en aquellas, especialmente en el Poder Ejecutivo. Esto implicó, por ejemplo, que el Congreso en calidad de legislatura local sólo se encargara de debatir cuestiones tributarias y de presupuesto, y que el Presidente retuviera prerrogativas que antaño habían estado en manos del parlamento nacional.³

Por otra parte, debe agregarse que, aunque la Carta Magna no le confería a la Ciudad de Buenos Aires estatus provincial, muchas veces éste se daba de facto. Entonces en los hechos adquiría un *alma de provincia* que le permitía, entre otras cosas, contar con representación en el Congreso. En consecuencia, aquellos que abogaban por la autonomía local aludían al artículo 5 de la Constitución que establecía que cada provincia dictaría su propia carta acorde al texto nacional. Esta debía asegurar entre otras cosas la existencia del régimen municipal para sus localidades. De esta forma, el escenario detallado abría discusiones difíciles de saldar, que pueden verse reflejadas en los encontrados puntos de vista que se expondrán más adelante, como así también en la precaria estabilidad institucional que padeció la ciudad desde su federalización hasta inicios de la década del cuarenta.

³ Para un análisis más detallado sobre la estructura institucional de la Capital Federal en la reforma constitucional de 1949 véase Berman, Romina (2010). "Un buen gobierno del distrito federal para la paz de la nación: reflexiones acerca del régimen municipal para la Ciudad de Buenos Aires en la reforma de la Constitución Nacional de 1949". In *Segundo Congreso de Estudios sobre el Peronismo (1943-1976)*, Red de Estudios sobre Peronismo, Universidad Nacional de Tres de Febrero.

2. Antecedentes

2.1 Los años '20 y '30: la centralidad del Concejo Deliberante y una tensa relación entre poderes

La ley orgánica municipal 1.260 sancionada en 1882 dispuso que la Municipalidad de la Capital fuera conformada por un Departamento Ejecutivo y un Concejo Deliberante. El primero quedaba a cargo de un funcionario designado por el Presidente con acuerdo del Senado, mientras que los concejales eran elegidos a través de un sufragio restringido. La modificación de la norma en 1917 significó la instauración del sufragio universal masculino para la conformación de la legislatura comunal. Esta medida, sancionada en consonancia con la ley Saénz Peña de 1912, abrió un novedoso panorama para los protagonistas del juego político local. La ampliación del cuerpo de votantes condujo a los partidos políticos nacionales a desarrollar una importante estructura a nivel local. Principalmente el Partido Socialista y la Unión Cívica Radical, interesados en captar a los nuevos potenciales electores, dispusieron su presencia territorial a partir de su propagación por los distintos barrios. Los partidos vecinales locales también se volcaron a esta conquista, aunque con una baja performance. Esta especie de organización capilar, junto con el acceso expandido a los comicios, generó también en las asociaciones barriales nuevas estrategias a la hora de hacer oír sus reclamos. Estas circunstancias dieron lugar a una superposición de prácticas electorales, lenguajes políticos, lazos clientelares e instituciones de la sociedad civil. La extrema cercanía entre representante y representado permitió la conformación de redes en las que la dimensión político-institucional se entremezclaba con la sociabilidad barrial. Esta dinámica implicaba alianzas cambiantes: entre las asociaciones vecinales y el Concejo, entre éstas y el Intendente, y además entre ambas ramas de gobierno sin importar la pertenencia partidaria (así lo evidencia por ejemplo el negociado de los transportes, en el que concejales radicales prestaron conformidad al ejecutivo local conservador a cambio de

recursos económicos.⁴ También el 'Affaire CHADE', que involucró a políticos locales de diversas agrupaciones en los turbios debates sobre la electricidad).⁵

Tras la reforma del '17 no se modificó la designación del Intendente por parte del Ejecutivo Nacional. Por lo tanto, la legitimidad de origen de ambas autoridades no era la misma. Consecuentemente, podía suceder que cada órgano respondiera a un color político distinto, situación que generaba competencias por las áreas de control que se traducían en conflictos institucionales. Incluso con un Concejo con mayoría oficialista, éste podía no ajustarse a lo impartido por el Primer Mandatario a través de su delegado, el Intendente. Así es que a la hora de zanjar diferencias entre los órganos comunales, una solución era la disolución del Concejo por parte del Presidente, en su calidad de jefe inmediato de la Capital. En este sentido, desde la federalización de la ciudad en 1880 hasta los años '40, la labor de éste tuvo idas y vueltas, intercalándose períodos de actividad con otros de suspensión de la misma. En este último caso, se ponía en reemplazo una comisión interventora de vecinos nombrados por el Presidente, que en algunas oportunidades debió ser ratificada por el Senado. Estos vaivenes se materializaron en variaciones a la ley orgánica: a veces se derogó y luego fue repuesta, en otras oportunidades sufrió pequeñas innovaciones que no vulneraron su carácter general.⁶ Tanto conservadores como radicales hicieron uso de este mecanismo mientras ocuparon la Primera Magistratura, teniendo un Concejo con mayoría propia como así también cuando éste era controlado por una agrupación política adversa.

Esta dinámica se mantuvo hasta que en 1941 el Vicepresidente en ejercicio Castillo decretó la disolución de la legislatura, sustituyéndola por una comisión interventora. Tal escenario alentó la presentación de proyectos legislativos en pos de reestructurar el régimen de gobierno del distrito, mas el golpe de Estado perpetrado en 1943 paralizó el debate. El nuevo gobierno militar sellaría con su impronta los siguientes años de gestión de la ciudad.

⁴ Véase Privitellio, Luciano de(2003). *Vecinos y ciudadanos. Política y sociedad en la Buenos Airesde entreguerra*, Buenos Aires: Siglo XXI

⁵ Para el "Affaire CHADE" véase Privitellio, Luciano de (2003). Op. Cit.; Ciria, Alberto (2000). "Política tradicional y política de masas". In Romero, José Luis y Romero, Luis Alberto (Eds.) (2000). *Buenos Aires, Historia de cuatro siglos*, Buenos Aires: Grupo Editor Altamira, t. 2.

⁶ Véase la Ley Orgánica de la Municipalidad de la Ciudad de Buenos Aires (ley 1.260 con sucesivas modificaciones 1883-1958).

2.2. La Revolución de Junio: concentración de facultades en busca de la eficacia

A pocos días de tomar el poder, el gobierno de facto afirmó la continuidad de la comisión de vecinos. Sin embargo, apenas doce días después mediante el decreto presidencial 1.299 del 28 de junio de 1943, dicho cuerpo se suprimió. Se argumentó que debía cederse el paso a una gestión más directa y ejecutiva, y que además debía promoverse un exhaustivo estudio sobre la organización municipal a efectos de dictar una nueva legislación acorde a las necesidades de la ciudad. El plan no prosperó más allá del entusiasta discurso inicial. La norma determinó que la Intendencia podía realizar los actos indispensables en los casos en que la ley exigiese una decisión del Concejo Deliberante, sometiendo sus decisiones a la aprobación del Ejecutivo Nacional. Posteriormente, el decreto 2.162 explicitó que las atribuciones de la rama legislativa comunal quedaban delegadas al Intendente, con algunas excepciones relativas al presupuesto, contrataciones y cuestiones impositivas. En septiembre de 1943 una nueva norma introdujo modificaciones en lo concerniente a las facultades del Departamento Ejecutivo. El decreto 9.381 concedía a aquel la posibilidad de concretar reasignaciones en el presupuesto, siempre que no importaran aumentos; la disposición pretendía agilizar la labor de las autoridades de la Comuna, evitando trámites innecesarios. Todas estas medidas se declaraban provisorias hasta tanto se restableciera la rama legislativa local, situación que tuvo lugar recién en 1958.

3. Propuestas para gobernar la Capital Federal entre 1946 y 1955.

3.1. Los proyectos radicales: por la democracia, la autonomía y la reapertura del Concejo

La restitución del Estado de Derecho en 1946 habilitó la discusión en el Congreso, vía válida para modificar las reglas del juego político. Por eso es que consideramos relevante detenernos en los proyectos allí presentados. Mas este punto de partida no debe conducir a entender a los bloques parlamentarios como actores monolíticos,

especialmente en el caso de la Unión Cívica Radical bajo el peronismo clásico.⁷ El triunfo de Perón en las elecciones presidenciales marcó diferencias al interior del partido respecto de los pasos a seguir. Y esto impactó en el desenvolvimiento de la agrupación en el recinto, que no siempre se pronunció de manera unívoca. No obstante, la salvaguarda de las instituciones democráticas funcionó como elemento aglutinante. En este sentido, hubo una posición uniforme en lo que concierne al tema de nuestro interés. Así fue que desde la llegada del peronismo al poder el radicalismo reivindicó un gobierno municipal para la Capital como derecho inalienable. A partir de la reapertura de las sesiones parlamentarias, los diputados radicales insistieron en el recinto con el cumplimiento de la ley orgánica. La bancada opositora, que se encontraba reducida a un pequeño grupo en la Cámara de Diputados, se manifestó en reiteradas ocasiones a propósito de las circunstancias que tenían lugar en la ciudad, que consideraban anómalas.⁸ Las peticiones y denuncias del bloque radical no se limitaron al régimen de gobierno comunal. En 1946 el diputado Ernesto Sanmartino por la Capital Federal solicitó la exclusión del Intendente Emilio Siri.⁹ Además presentó un proyecto de declaración pidiendo la reposición de funcionarios cesantes, al mismo tiempo que cuestionaba los criterios aplicados para dichas separaciones, pues afirmaba que en algunos casos la causa residía en el previo apoyo brindado a la candidatura presidencial de Robustiano Patrón Costas.¹⁰ Oscar López Serrot, legislador por el mismo distrito, se mostró muy enérgico en sus presentaciones. A lo largo de la década realizó varios pedidos de informe al Ministerio del Interior, a cargo de Ángel Borlenghi, sobre la situación del gobierno de la ciudad.¹¹ En esas ocasiones resaltó la indiferencia del Poder Ejecutivo frente a estas cuestiones. Aunque en la Comisión de Asuntos Municipales esta declaración había sido

⁷ Para el desempeño de la Unión Cívica Radical bajo el primer peronismo véase Altamirano, Carlos (2002). "Ideologías políticas y debate cívico". In: *Nueva Historia Argentina*, Buenos Aires: Sudamericana, t. VIII, p. 207-255; Persello, Ana (2007). *Historia del radicalismo*, Buenos Aires: Edhasa.

⁸ Las elecciones legislativas de 1946 determinaron una oposición parlamentaria conformada por el bloque radical de cuarenta y cuatro diputados, más cinco bancas distribuidas entre otras cuatro agrupaciones, mientras que el peronismo (sumando las bancas de las distintas fuerzas que lo componían) ganó ciento nueve. Tras los comicios de 1948 el peronismo conservó ciento diez de los ciento cincuenta y ocho diputados, el radicalismo continuó con sus cuarenta y cuatro, y otros cuatro partidos obtuvieron cada uno una banca. Las elecciones de 1951 implicaron ciento treinta y cinco legisladores peronistas, y catorce radicales. La última elección legislativa en 1954 otorgó ciento sesenta y un bancas al Partido Peronista, y doce a la Unión Cívica Radical. Véase Ajmechet, Sabrina. "Diputados nacionales 1946-1955". In *Materiales para la Historia Política*, Centro de Estudios de Historia Política. Disponible en: http://www.unsam.edu.ar/escuelas/politica/centro_historia_politica/materiales/Conformación%20de%20la%20Cámara%20de%20Diputados%201946-1955/_presentacion.asp.

⁹ *Diario de Sesiones de la Cámara de Diputados de la Nación (DSCD)* (1946), 3 de julio.

¹⁰ *DSCD* (1946), 23 de agosto.

¹¹ *DSCD* (1946), 17 de julio y 8 de agosto; *DSCD* (1947), 11 de junio; 18 de junio y 13 de agosto.

aprobada por unanimidad, permaneció sin ser debatida. En 1947 declaró la incompatibilidad de Siri y del Secretario de Hacienda Roberto Tamagno por mantener relaciones comerciales con el municipio.¹² Asimismo destacó que en alguna oportunidad el Presidente había aprobado el presupuesto proyectado por la Intendencia sin realizar observaciones, y condenó la discrecionalidad en el aumento de salarios de empleados municipales ya que sólo habían beneficiado a sectores jerárquicos.¹³ En una presentación conjunta con sus compañeros de bancada Alberto Candiotti y Arturo Frondizi (ambos legisladores por la Capital Federal), López Serrot invitó una vez más al Ministro Borlenghi para que diera explicaciones sobre la prohibición de huelgas perpetrada hacia trabajadores de la Municipalidad, y pidió aclaraciones en relación a las medidas punitivas aplicadas a aquellos que habían realizado protestas.¹⁴ El diputado se pronunció además sobre la utilización de materiales y empelados municipales por parte del peronismo con fines partidarios, mientras que a otras agrupaciones se les habrían negado sus peticiones para hacer uso de instalaciones, camiones sonoros y otros recursos oficiales. A su vez afirmaba que el Partido Peronista había infringido ordenanzas municipales al fijar carteles en edificios públicos, y que había instalado unidades básicas en locales de la Municipalidad.¹⁵ Un señalamiento similar realizó Francisco Rabanal, legislador por la Capital Federal. Indicó irregularidades en la construcción y adjudicación de viviendas colectivas por parte del oficialismo, afirmando que éste había hecho una utilización política de aquellas al establecer centros partidarios en algunas unidades.¹⁶

Durante el segundo mandato de Perón estas acusaciones no se detuvieron. En 1952 los radicales Emilio Ravignani y Manuel Belnicoff, ambos representantes por la Capital Federal, presentaron un proyecto de ley para que la Municipalidad capitalina se viera obligada a remitir cada 30 días a Diputados los decretos y su estado de cuentas.¹⁷ Por su parte, Belnicoff presentó un proyecto para designar a una comisión encargada de investigar las tareas administrativas del distrito, además de denunciar la exhibición de emblemas peronistas en oficinas municipales; invitó al Poder Ejecutivo a informar acerca de “*si se ha dispuesto intervenir la Municipalidad de la Ciudad de Buenos Aires*”.¹⁸ El

¹² DSCD (1947), 11 de junio.

¹³ Ibidem.

¹⁴ Ibidem.

¹⁵ DSCD (1950), 31 de mayo.

¹⁶ Ibidem.

¹⁷ DSCD (1952), 11 y 12 de marzo.

¹⁸ DSCD (1954), 24 de septiembre y 1 de diciembre.

diputado por la Capital Federal Raúl Zarriello también insistió con ejercer un mayor control sobre la administración comunal. Propuso la publicación en el Boletín Municipal de todo proyecto que fuese tratado en el Congreso en relación al distrito¹⁹ y pidió a la Presidencia una copia de las actuaciones de la comisión investigadora de la Municipalidad.²⁰ Por último, Alfredo Ferrer Zanchi (legislador por la Capital Federal) exigió un informe relacionado con la concurrencia obligatoria de empleados públicos a actos oficiales.²¹

Los legisladores de la Unión Cívica Radical presentaron varios proyectos a lo largo del período relacionados con el restablecimiento del Concejo Deliberante. En un principio el partido no propuso modificaciones a la ley orgánica en vigencia, sino que prefirió sólo insistir en su cumplimiento. En 1947 el diputado Oscar López Serrot presentó un proyecto que obligaba al Poder Ejecutivo a convocar a elecciones para restablecer el funcionamiento del Concejo.²² Acusaba al peronismo de violar la normativa al impedir la existencia de un gobierno comunal representativo y popular. Con preocupación denunciaba que tal situación se extendía a varias provincias.²³ Presentaba al gobierno municipal como sinónimo de democracia, basándose en su rol histórico. Postulaba a los cabildos como antecedente, describiendo la instancia deliberativa como pilar del régimen democrático. En este sentido, destacaba que los abusos cometidos previamente en el Concejo de la Capital (de los cuales habían participado algunos concejales radicales) habían sido producto de las conductas desviadas de los hombres; dichas infracciones se contradecían con su carácter intrínsecamente democrático. Por eso es que el diputado se oponía a la erradicación de la legislatura local e insistía también en el reclamo de informes

¹⁹ DSCD (1955), 12 de mayo.

²⁰ DSCD (1955), 8 de junio.

²¹ DSCD (1955), 27 de julio.

²² DSCD (1947), 13 de agosto.

²³ La obstaculización de la vida municipal bajo el primer peronismo fue una constante en muchas provincias y territorios nacionales. No nos detendremos en los casos particulares, pues excede el interés del presente trabajo. Para la situación general de las municipalidades véase Monjardín, Federico (1955). "Notas acerca del problema municipal argentino". In *Definiciones Radicales*, La Plata: UCR Intransigente, Comité de la Juventud Dr. Luis Dellepiane, t. I; para el caso de la provincia de Santa Fe véase Macor, Darío (2004). "Dinámica política y tradición constitucional: la reforma de 1949 en la provincia de Santa Fe". In *Quinto sol*, n.8, p. 51-72; para la provincia de Salta, Michel, Azucena del Valle (2005). "Salta y la reforma de su Constitución en 1949", In *Cuadernos de Humanidades*, n. 16; para los Territorios Nacionales, Arias Bucciarelli, Mario (2007). "El Peronismo clásico y los excluidos de la ley Sáenz Peña. Aportes para un debate desde los Territorios Nacionales". In *XI Jornadas Interescuelas/Departamentos de Historia*, Universidad Nacional de Tucumán; para la provincia de Buenos Aires, Recalde, Aritz (2010). *Las municipalidades de la Provincia de Buenos Aires a través de la historia. ¿Autonomía o anarquía?*. La Plata: Archivo Histórico de la Provincia de Buenos Aires. También se advierten las denuncias del diputado Mosset Iturraspe del Partido Demócrata Progresista, quien expresó la violación del artículo 5 de la Constitución Nacional por estar viviendo en "un país sin municipalidades". Afirmaba que el supuesto restablecimiento de la normalidad institucional era sólo un supuesto proclamado por el peronismo. DSCD (1946), 13 de septiembre.

al gobierno nacional. A su vez invocaba al Congreso, a través de sus facultades de legislatura local, a implementar la regularización de los gobiernos comunales. Para sustentar la idea de violación al régimen municipal, López Serrot se valía del mencionado artículo 5 de la Constitución. Una vez más resultaba difícil determinar si a la Ciudad de Buenos Aires le correspondía contar con un gobierno local, pues no tenía rango de provincia. Además, si bien el diputado echaba mano del texto constitucional para esta justificación, no hacía mención de las disposiciones de la tesis restrictiva que entraban en aparente contradicción con lo expuesto. Contemplar estos artículos habría restado solidez a su argumentación, pues no dictaminaban el carácter necesario de un gobierno autónomo.

Un año después la bancada radical propuso una modificación a la ley vigente. En 1948 el diputado Francisco Rabanal proclamó la reapertura del Concejo, y además estableció una postura más atrevida al apostar a la elección directa del Intendente.²⁴ Así se retomaba una iniciativa del partido que había sido frustrada en debates previos.²⁵ En 1949 Rabanal solicitó además la derogación de aquellos decretos de 1943 que hubiesen afectado la normativa.²⁶ Nuevamente el argumento central era que la vuelta al orden constitucional exigía el respeto por las instituciones democráticas, y esto significaba anular toda legislación de emergencia surgida del período de facto que impidiese el ejercicio del órgano legislativo local. En junio de 1950 Rabanal volvió a exponer el proyecto que había presentado dos años antes, pero tampoco esa vez logró su discusión.

En 1954, dadas las recurrentes irregularidades descritas, los diputados Manuel Belnicoff, Rodolfo Weidmann, Santiago Nudelman, Alende, Marcó y Carlos Perette firmaron conjuntamente un proyecto de declaración en el que postulaban la designación de una comisión que se abocara al estudio y diseño de un nuevo régimen comunal. Ese mismo año Belnicoff expresó una vez más la pretensión de hacer electivo el puesto de Intendente de la Capital Federal; para ello planteaba la necesidad de reformar la Constitución Nacional. Pretendía que esta condición estuviera explícita para sortear las flaquezas del texto vigente.²⁷

²⁴ *DSCD* (1948), 30 de junio.

²⁵ Para los debates y sanción de la ley orgánica municipal de la Ciudad de Buenos Aires en 1917 véase Privitellio (2003). *Op. Cit.*; Privitellio (2006). "Un gobierno reformado para una nueva ciudad: el debate de la ley municipal de 1917". In Korn, Francis y Romero, Luis Alberto (Comps.) (2006). *Buenos Aires/Entreguerra. La callada transformación, 1914-1945*, Buenos Aires: Alianza, p. 83-123.

²⁶ *DSCD* (1949), 20 de julio.

²⁷ *DSCD* (1954), 1 de diciembre.

Por último, en 1955 el diputado Zarriello planteó la necesidad de reactivar el Concejo Deliberante.²⁸ A su vez se fomentaba la iniciativa ciudadana para la elaboración de ordenanzas. Alcanzando el 30% del padrón podían elevarse propuestas, exceptuando asuntos impositivos y presupuestarios. Se fijaban ciertas condiciones que, en caso de no ser cumplimentadas, hacían obligatorio un referéndum: si pasaban 60 días y la propuesta no era sancionada por la legislatura local; si dicha sanción comportaba modificaciones significativas; si el Ejecutivo comunal realizaba observaciones y el Concejo no se pronunciaba al respecto. También se establecía el referéndum con carácter obligatorio para los aumentos de tarifas y cuestiones vinculadas a los servicios públicos. Por último, la rama legislativa podía pedir un referéndum contando con el voto positivo de dos tercios del cuerpo; la Intendencia podía hacer uso de dicho instrumento cuando el Concejo rechazara sus propuestas. El resultado de la consulta popular tenía carácter vinculante y no podía ser modificado por ninguna de las ramas del gobierno local. Por otra parte, Zarriello formuló la posibilidad de revocatoria de los concejales por parte de los electores, siempre que éstos comprendieran el 30% del padrón. Asimismo expuso que la rama legislativa podía suspender al Intendente por mayoría de dos tercios.

3.2. Los proyectos peronistas: por la democracia, las potestades federales y la voluntad popular

Por su parte, el oficialismo también se pronunció a propósito del escenario político-institucional de la Ciudad de Buenos Aires. El 19 de octubre de 1946 el Presidente Perón remitió al Senado un proyecto en el marco del Primer Plan Quinquenal. La propuesta cuestionaba el funcionamiento previo de las instituciones de la Capital Federal, ya que afirmaba que en la práctica cotidiana lo dispuesto por la Constitución Nacional nunca se había aplicado estrictamente. La vaguedad del texto habría conducido a interpretaciones incorrectas, además de haber permitido la implementación de soluciones inicuas amparadas en la emergencia. Por eso el gobierno manifestaba que *“el problema del régimen municipal aplicable a la Ciudad de Buenos Aires es uno de los que más preocupación han producido al Poder Ejecutivo y es propósito del mismo encararlo seriamente para ver si es posible llegar a una solución duradera dentro de la órbita de los*

²⁸ DSCD (1955), 8 de junio.

preceptos constitucionales".²⁹ Tomando partido por la tesis restrictiva, Perón se inclinaba a sostener que, en calidad de Capital de la Nación, al distrito no le correspondían los mismos atributos que al resto de los estados provinciales. Proceder de este modo implicaba negarle a los poderes nacionales sus especiales competencias sobre la ciudad. Por lo tanto, la municipalidad podía perfectamente convertirse en una dependencia que respondiese directamente al Ejecutivo Nacional. Dicho postulado no debe encuadrarse solamente en la situación más general de construcción del liderazgo de Perón, pues es necesario detenerse en la especificidad del estatuto de la Ciudad de Buenos Aires. De este modo, Perón se inscribía en la larga tradición inaugurada por Roca a principios del siglo XX, en la cual tanto presidentes conservadores como radicales se habían anclado en sus facultades sobre la Capital. También agregaba que, desde el primer régimen comunal implantado en 1881 hasta la fecha de elaboración de su propuesta, "*el régimen de la Capital Federal ha sido muy variado y no siempre de sistema electivo, sin que pueda decirse que en ello ha habido una intromisión indebida del Poder Ejecutivo*".³⁰ Planteaba que habían tenido lugar alternadamente comisiones designadas por el Presidente y legislaturas electivas. Para reforzar su razonamiento, se valía del carácter democrático que el texto fijaba para todo sistema de gobierno. Consecuentemente, cuestionaba la legitimidad de origen de la comisión interventora de vecinos que se había desempeñado como una suerte de proto-legislatura entre 1941 y 1943, puesto que no había respetado el resultado de una votación popular. La mejor opción entonces la constituía el manejo efectivo por parte de las instituciones gubernativas nacionales: nadie se atrevería a negar que tanto el poder del Primer Mandatario como el que detentaba el Congreso Nacional derivaban de la soberanía del pueblo. Esta instancia también permitía evitar los comicios en el distrito. En la propuesta no se hacía mención a la ley 1.260 ni de la restauración del Concejo Deliberante, que bien podría haber sido otra alternativa para salvaguardar la expresión de los votantes.³¹

La naturaleza no electiva no vulneraba los principios asentados en la Constitución, tampoco lo hacía la ausencia de un gobierno municipal para la Ciudad de Buenos Aires.

²⁹ *Diario de Sesiones de la Cámara de Senadores de la Nación (DSCS)* (1946), 23 de octubre.

³⁰ *Ibidem*.

³¹ Resulta curiosa la alusión al caso Washington, pues este ejemplo era usualmente esgrimido por los defensores de la tesis contraria. Al haber sido creada especialmente como capital, en la ciudad norteamericana no existía distinción entre la jefatura política y la administrativa. Por el contrario, y como se ha explicado anteriormente, en la Ciudad de Buenos Aires podía darse esta separación. Véase Passalacqua (1996). Op. Cit.

Resulta interesante la justificación esgrimida por el justicialismo: “*La Constitución argentina no establece regímenes municipales ni para la Capital Federal ni para las provincias. Únicamente en su art. 5° se limita a señalar que cada provincia dictará para sí una Constitución que asegure, entre otras cosas, su régimen municipal*”.³² Por lo general se invocaba este artículo precisamente para hacer valer el derecho al gobierno comunal, como se ha expuesto en los argumentos de los diputados opositores. Sin embargo, en esta oportunidad se utilizó para robustecer una idea que se conducía en sentido contrario. Sobre la base de las explicaciones precedentes, el plan de reforma determinaba que la Intendencia sería ejercida por el Presidente, y podía delegar sus funciones total o parcialmente en alguno de los secretarios de la municipalidad designados por él, o bien en alguna otra persona de su libre designación. No se enunciaba la condición de acuerdo por parte del Senado. Las actividades otrora ejercidas por el órgano legislativo comunal quedarían a cargo del Congreso Nacional, que estaba facultado para delegarlas en una comisión bicameral conformada por diputados y senadores por la Capital Federal. Por último, el presupuesto para la ciudad sería elaborado por el Departamento Ejecutivo y precisaría de la posterior aprobación parlamentaria.

Transcurrido el tiempo reglamentario para la discusión de los proyectos, la propuesta elevada por el Poder Ejecutivo prescribió. En 1948 los senadores Pablo Ramella (por la Provincia de San Juan) y Alberto Teisaire (por la Ciudad de Buenos Aires) propusieron ciertas modificaciones al régimen municipal que no difirieron sustancialmente de las que contenía el Primer Plan Quinquenal. El Presidente nombraría un comisionado encargado de las funciones ejecutivas, mientras que el Congreso designaría una comisión para las labores legislativas. De este modo, quedaba eliminada nuevamente la instancia electoral para el gobierno local. Los legisladores no sólo sostenían su proyecto invocando la normativa constitucional, también afirmaban que “*los antecedentes históricos, la doctrina dominante y el ejemplo de los Estados Unidos, en cuyo país rigen preceptos similares, llevan a descartar la existencia de un régimen municipal directamente representativo para la Capital Federal*”.³³ Se remontaban a la ley dictada por la Asamblea Constitucional de 1826, que establecía que la Capital debía estar bajo el mando de las autoridades nacionales. Asimismo citaban a diversos autores y publicistas (Saavedra Lamas, Joaquín V. González y Zavalía, entre otros) que se pronunciaban a favor de dicha

³² DSCS (1946), 23 de octubre.

³³ DSCS (1948), 21 de mayo.

tesis. Siguiendo este razonamiento, la existencia de un gobierno autónomo para la Capital Federal iba a implicar la transgresión de los principios constitucionales.

El espacio político local: discursos, prácticas e intereses en juego.

Al analizar la propuesta peronista, una primera lectura ligera podría sugerir que existió una óptica administrativa al pensar al gobierno municipal como una fracción del gobierno nacional, noción que no confería entidad propia ni especificidad al espacio político porteño.³⁴ No obstante, cabe destacar que las premisas expuestas por Perón distan de las argumentaciones de debates precedentes basadas en tales premisas. Por un lado, lejos están de aquella concepción de mediados del siglo XIX, que entendía al municipio como instancia administrativa y apolítica a partir de su condición de extensión natural de la familia y el ámbito privado. Por otra parte, tampoco se advierte el imperativo tecnocrático que supo primar en algunos discursos de los años '20, que proponía que la gestión eficiente para una Buenos Aires moderna requería de funcionarios designados y por lo tanto no electos por sufragio popular.³⁵ En la situación que aquí se considera, el justicialismo se valió del principio de legitimidad de origen para avalar su planteo. Así podía justificar la gestión del distrito federal como extensión de las dos ramas de gobierno nacional a partir de la legitimidad que la voluntad popular confería. Es preciso distanciarse entonces de una frecuente representación que se hace de Perón como un hombre pragmático cuyas acciones carecían de sustento ideológico. La *doctrina justicialista*, como así también sus discursos y obras, se nutrieron de diversas corrientes de pensamiento. Como señala Altamirano (2002), entre otros elementos pueden detectarse las nociones de 'libertad' y 'democracia'. Lo que resulta pertinente para nuestro trabajo es que dichos conceptos no fueron leídos en clave liberal, sino que adquirieron una inédita significación a la luz de otros paradigmas: ante la democracia y la libertad formales previas se planteaba que éstas sólo podían ser efectivas y verdaderas bajo las prácticas

³⁴ Para la discusión entre las perspectivas política y administrativa del gobierno municipal en el siglo XIX véase Ternavasio, Marcela (1991). *Municipio y política: un vínculo conflictivo. Análisis histórico de la constitución de los espacios locales en Argentina (1859-1920)*. Tesis de Maestría - FLACSO, Rosario.

³⁵ Véase Privitellio (2006). Op. Cit.

justicialistas. Entonces, si bien desde un plano discursivo se afirmaba que la verdadera democracia radicaba más en los derechos y beneficios sociales que en el voto, y contemplando que el sujeto al que se dirigía Perón era el pueblo como fuerza social más que el ciudadano individual, no debe asombrar la importancia otorgada a los comicios. Todo ritual político tiene la función de generar sentimiento de pertenencia y renovar la legitimidad de un régimen. En este sentido, podría comprenderse el acto electoral como oportunidad para actualizar la legitimidad más que como un momento de expresión de ciudadanía.

A pesar del declarado apremio por resolver la situación institucional de la Ciudad de Buenos Aires, el debate fue sistemáticamente retrasado. Diversas cuestiones que apremiaban a la Capital, como mejoras edilicias, saneamiento de predios, entre otras, fueron pasadas a archivo por caducidad al no ser tratadas en tiempo reglamentario. La dinámica parlamentaria descrita no se limitó a los problemas relacionados con la ciudad. Como se destacó previamente, el partido gobernante contaba con una amplísima mayoría en Diputados y con la totalidad de las bancas en la cámara de Senadores. Esta situación se consolidó tras la sanción de una nueva ley electoral en 1951, que fijó el sistema por circunscripciones combinado con voto uninominal. A su vez se aplicó el gerrymandering en algunos distritos electorales, adquiriendo el trazado de éstos formas insólitas. Dicha combinación aseguró la mayoría peronista, reduciendo consecuentemente la representación de minorías. Desde el oficialismo entonces no existieron mayores obstáculos para implementar algunos mecanismos a efectos de postergar aquellos temas que no consideraban de primordial importancia o que conllevaban alguna complicación. Una herramienta consistía en declarar a la Cámara en comisión para desplazar a consideración asuntos sin el previo despacho de las comisiones permanentes. Además era habitual la eliminación del tiempo reglamentario para consultas, o su aplazamiento para la sesión siguiente a fines de impedir que el bloque opositor pudiera explicitar sus declaraciones. Los registros de la actividad en el Congreso permiten también observar la recurrente formulación de mociones a favor del cierre de debates, o en pos de no dar lugar a los mismos a través del control del uso de la palabra.³⁶ Si bien Luna (1987) y

³⁶ Otros autores han trabajado sobre la dinámica parlamentaria durante el período, véase: Luna, Félix (1987). *Perón y su tiempo*, Buenos Aires: Sudamericana, t. I, II y III; Waldmann, Peter (1981). *El peronismo 1943-1955*, Buenos Aires: Sudamericana; Ciria, Alberto (1983). *Política y cultura popular: la Argentina peronista, 1946-1955*, Buenos Aires: De la Flor; García Sebastiani, Marcela (2005). *Los antiperonistas en la Argentina peronista. Radicales y socialistas en la política argentina entre 1946 y 1951*, Buenos Aires: Prometeo; Persello, Ana (2007). Op. Cit.

García Sebastiani (2005) sostiene que hasta 1948-1949 tuvo lugar la libre discusión y que la tarea parlamentaria fue muy fructífera, desde un principio pueden detectarse repetidos intentos por contener los cuestionamientos de la oposición, al menos en los aspectos que competen a la Ciudad de Buenos Aires. Por lo tanto, podría deducirse a partir de lo explicitado que los rasgos que adquirió la actividad parlamentaria en este período no permitieron que el Congreso ejerciera sus facultades como legislatura local con demasiada agilidad. Con el Concejo Deliberante inactivo y la falta de discusión de los problemas de la ciudad en el recinto, éstos aparentemente habrían sido resueltos a través del Departamento Ejecutivo sin una instancia deliberativa previa, situación que fue formalizada por la nueva Constitución del '49.

Estos retrasos dieron lugar a quejas por parte de la Unión Cívica Radical, cuyos miembros expresaban su preocupación por la vulneración de los regímenes municipales consagrados por la Carta Magna. En el caso particular de la Ciudad de Buenos Aires, la disconformidad ante esta actitud era más acentuada: los diputados radicales no concebían cómo el Congreso Nacional, órgano al que el texto constitucional encomendaba la legislación de la Capital, evadía el asunto. Paralelamente manifestaban las nocivas consecuencias que traía la falta de frenos y contrapesos producto de la ausencia del Concejo Deliberante. Esta carencia derivaba en una falta de control hacia el Departamento Ejecutivo, que obraba sin ningún tipo de vigilancia institucional.

Como se ha detallado, los argumentos de los radicales se basaban en reivindicaciones constitucionales y en alegatos a favor de la calidad democrática. No obstante, es preciso contemplar el capital político que la UCR había logrado acumular en la política local.³⁷ Desde la reforma de la ley orgánica en 1917 hasta su suspensión en 1941, el Concejo había permitido a los dirigentes radicales establecer vínculos bastante más estrechos que los que podían consumarse a escala nacional. Justamente este tipo de conexiones, basadas en un acercamiento y eventual entrecruzamiento de las esferas social y política, dieron lugar a la emergencia de máquinas electorales y en algunos casos se consolidaron relaciones de patronazgo. A su vez, tanto la legislatura local como el control de los resortes del Departamento Ejecutivo, habilitaban a participar de negociados con el sector privado. De este modo, el hecho de no aplicar la ley orgánica significaba

³⁷ Para la política local de la Ciudad de Buenos Aires en los años '20 y '30 véase Privitellio (2003). Op. Cit.; Walter, Richard (1993). *Politics and Urban Growth in Buenos Aires: 1910–1942*, New York: Cambridge University Press; Gorelik, Adrián (1998). *La Grilla y el Parque. Espacio público y cultura urbana en Buenos Aires, 1887-1936*, Buenos Aires: Universidad Nacional de Quilmes.

para el principal partido opositor mucho más que el debilitamiento de los principios democráticos, que en su discurso aparecían como elementos asociados históricamente a la propia agrupación. Al encontrarse inhabilitados para hacer uso de su peso político por vías institucionales en la Ciudad de Buenos Aires, los radicales se enfrentaban a la pérdida de recursos y relaciones que hubieran facilitado el mantenimiento de una sólida estructura montada en los años anteriores. En lo que concierne a la rama legislativa del gobierno porteño, tras su disolución y a pesar de las inmediatamente previas acusaciones de corrupción e ineficacia en las cuales los propios radicales se habían visto involucrados, algunos autores sostienen que el Concejo continuó siendo valorado como reducto democrático, tanto por la Unión Cívica Radical y el Partido Socialista como así también por algunas asociaciones barriales que supieron utilizar este órgano como vía para canalizar peticiones y reclamos.³⁸

Por lo tanto, los obstáculos que el gobierno nacional imponía para la reapertura del órgano legislativo generaban el terreno propicio para que la Unión Cívica Radical reforzara su discurso a favor del respeto de la voluntad popular, subrayando la importancia de preservar el sistema democrático. Los radicales no sólo declaraban legal y justa la elección de los legisladores para la ciudad, sino que además hacían particular hincapié en su legitimidad; resultaba para ellos de particular importancia conservar el único elemento democrático con que podía contar el distrito.

Por su parte, el partido gobernante también adquiría ventajas específicas impidiendo el regular funcionamiento del gobierno local. Detrás de una alocución que destacaba la significación de la legitimidad de origen de los poderes nacionales, pueden advertirse algunas utilidades que traía el control sobre el gobierno de la ciudad. En primer lugar, el peronismo podía trasladar la instancia deliberativa al parlamento nacional, en el cual contaba con mayoría, lo que facilitaba el uso de recursos para trabar las iniciativas en la materia. Y a partir de 1949, la nueva Carta Magna permitió directamente anular el debate sobre asuntos de la Capital. Esto redundaba en la supresión de un ámbito que había sido conquistado previamente por otras agrupaciones partidarias: el espacio

³⁸ Para la posición de las sociedades de fomento véase De Privitellio (2003). Op. Cit.; García Sebastiani (2005). Op. Cit. También encontramos posiciones similares en entrevista a Gregorio Traub, miembro de la Junta de Estudios Históricos de Barracas y antiguo miembro de una sociedad de fomento de Barracas, julio de 2008. Para una perspectiva contrapuesta, que sostiene que el criterio predominante en las asociaciones barriales era el de la representación corporativa directa véase Gorelik (1998). Op. Cit.; Gonzáles, Ricardo (1990). "Lo propio y lo ajeno. Actividades culturales y fomentismo en una asociación vecinal. Barrio de Nazca (1925-1930)". In *Mundo urbano y cultura popular. Estudios de historia social argentina*, Buenos Aires: Sudamericana, p. 91-128.

político-institucional de la Ciudad de Buenos Aires. A su vez, las circunstancias que atravesaba el régimen comunal condujeron al traspaso de prerrogativas a la Intendencia, cuya consecuencia fue una mayor concentración de los asuntos municipales en manos del gobierno nacional. No obstante, no puede afirmarse a priori la sumisión de estas cuestiones a la órbita de Perón. Varias investigaciones han demostrado que el sistema político peronista distó de ser monolítico y no se basó en un ciego verticalismo; tampoco puede afirmarse entonces que el Partido Peronista haya sido un *cadáver político* desde el momento de su conformación, pues debió atravesar un intrincado proceso hasta consolidarse como estructura unificada.³⁹ En el caso de la Capital Federal, por ejemplo en las políticas de vivienda, puede advertirse que prevaleció la falta de uniformidad entre las autoridades federales y locales, expresada en la coexistencia de distintos equipos técnicos y la carencia de un plan sistemático.⁴⁰ También se han trabajado los complejos vínculos entre el poder nacional y la administración de la ciudad, que habrían impactado en la actividad municipal, estableciendo un corte alrededor de los años '48-'49 debido al pasaje del Partido Peronista de una estructura más abierta a un encuadramiento que supuso la disminución del debate entre sus miembros.⁴¹ De esta forma, las medidas aplicadas por el Ejecutivo Nacional habrían impactado fuertemente en el espacio político local. Aunque tal disposición pudo no haber conducido al dominio directo por parte del Presidente, la gestión de la Capital quedó en manos del oficialismo en carácter exclusivo. Esta pretensión puede ya detectarse en el proyecto inicial.

A modo de conclusión

Ni las mociones radicales ni los proyectos oficialistas lograron ser tratados en el Congreso por los motivos antes desarrollados. Es entendible que, contando con mayoría parlamentaria, el justicialismo no priorizara el debate de las iniciativas de la oposición. No obstante, resulta interesante destacar la contradicción entre un discurso que proclamaba

³⁹ Para el proceso de conformación del Partido Peronista véase Mackinnon, Moira (2002). *Los años formativos del partido peronista*, Buenos Aires: Siglo XXI; Macor, Darío y Tcach, César (2003). *La invención del peronismo en el interior del país*, Santa Fe: Universidad Nacional del Litoral; Melón Pirro, Julio y Quiroga, Nicolás (2006). *El peronismo bonaerense. Partido y prácticas políticas 1946-1955*, Mar del Plata: Suarez. Para la consolidación de la estructura estatal durante el período véase Berrotarán, Patricia (2003). *Del plan a la planificación. El Estado durante la época peronista*, Buenos Aires: Imago Mundi.

⁴⁰ Véase Aboy, Rosa (2005). *Viviendas para el pueblo. Espacio urbano y sociabilidad en el barrio Los Perales. 1946-1955*, Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica.

⁴¹ Véase Ballent, Anahí (2005). *Las huellas de la política. Vivienda, ciudad, peronismo en Buenos Aires 1943-1955*, Buenos Aires: Universidad Nacional De Quilmes-Prometeo.

un especial interés por la situación de la Capital Federal y una práctica que tendió a evadir la cuestión. Tampoco se cumplimentó con lo dispuesto por la ley en vigor. Consecuentemente, durante la década peronista no sólo el Concejo Deliberante de la Ciudad de Buenos Aires se mantuvo inactivo, sino que las irregularidades y abusos en la Municipalidad estuvieron a la orden del día hasta ser derrocado Perón en el '55. Además las cuestiones de la ciudad tampoco fueron debatidas en el Congreso, facultado para dicha tarea al menos hasta 1949.

La observación y análisis de la propuesta oficial, como así también las críticas y reclamos por parte de diputados opositores, permiten dilucidar un universo político muy rico que habilita a indagar más allá del aspecto estrictamente institucional, para percibir entonces una discusión más profunda acerca de los estatutos representativos. Esta polémica no fue privativa del período que se está analizando, pues se remonta a la instauración de los regímenes municipales en la Argentina.⁴² En el contexto de la Ciudad de Buenos Aires, el debate se vio actualizado cada vez que se originaron propuestas para reformular la legislación, como también en aquellas ocasiones en las que el Concejo se encontró anulado. De esta forma, en el presente trabajo se manifiesta relevante observar de qué modo esas nociones acerca de la representación se vieron resignificadas durante el peronismo. En el caso de la iniciativa del Primer Plan Quinquenal, en una primera aproximación podría percibirse una concepción de sus instituciones políticas como mera administración, pues el elemento electivo no estaba presente. Sin embargo, cuando se planteaba que su gobierno debía ser exclusiva responsabilidad de los poderes nacionales, el argumento no postulaba a la municipalidad como una repartición más. Por el contrario, se aclaraba que dicha disposición resultaba fundamental para salvaguardar la soberanía popular. Se distinguen entonces elementos democráticos en la justificación de la medida. A su vez, se invocaban las atribuciones especiales que concernían a los poderes nacionales en relación a la Capital de la República, enfatizando la relevancia de lo fijado por la Constitución Nacional. Por lo tanto, puede afirmarse que el oficialismo utilizó para hacer valer su propuesta los mismos postulados que la oposición esgrimía a la hora de denunciar al peronismo por su actitud referida al gobierno de la ciudad. A partir de aquí, deberá indagarse entonces en futuras investigaciones si existió correspondencia entre el discurso mencionado y las conductas políticas concretas que tuvieron lugar en la Ciudad de Buenos Aires.

⁴² Véase Ternavasio (1991). Op. Cit.

En cuanto al bloque opositor, observamos que también hacía referencia a los pilares democráticos en los reclamos por lo que denominaban la normalización del régimen comunal. No obstante, a diferencia de lo proclamado por el gobierno nacional, se reivindicaba en todo momento la necesidad de un gobierno autónomo y electivo (en una o en ambas ramas según el caso) para la ciudad. En este sentido, se abre también el interrogante acerca de la dinámica que adquirió la práctica política del radicalismo en el distrito, que seguramente se vio obligado a buscar modos alternativos al encontrarse despojado de un ámbito en el que había sido protagonista hasta no hacía muchos años.

Referencias

Aboy, Rosa (2005). *Viviendas para el pueblo. Espacio urbano y sociabilidad en el barrio Los perales. 1946-1955*, Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica.

Ajmechet, Sabrina. "Diputados nacionales 1946-1955" en *Materiales para la Historia Política*, Centro de Estudios de Historia Política. Disponible en: http://www.unsam.edu.ar/escuelas/politica/centro_historia_politica/materiales/Conformación%20de%20la%20Cámara%20de%20Diputados%201946-1955/_presentacion.asp

Altamirano, Carlos (2002). "Ideologías políticas y debate cívico". In *Nueva Historia Argentina*, Buenos Aires: Sudamericana, t. VIII, p. 207-255

Arias Bucciarelli, Mario (2007). "El Peronismo clásico y los excluidos de la ley Sáenz Peña. Aportes para un debate desde los Territorios Nacionales". In *XI Jornadas Interescuelas/Departamentos de Historia*, Septiembre, Tucumán.

Ballent, Anahí (2005). *Las huellas de la política. Vivienda, ciudad, peronismo en Buenos Aires 1943-1955*, Buenos Aires: Universidad Nacional De Quilmes-Prometeo

Berman, Romina (2010). "Un buen gobierno del distrito federal para la paz de la nación: reflexiones acerca del régimen municipal para la Ciudad de Buenos Aires en la reforma de la Constitución Nacional de 1949". In *Segundo Congreso de Estudios sobre el Peronismo (1943-1976)*, Red de Estudios sobre Peronismo, Universidad Nacional de Tres de Febrero

Berrotarán, Patricia (2003). *Del plan a la planificación. El Estado durante la época peronista*, Buenos Aires: Imago Mundi.

Ciria, Alberto (1983). *Política y cultura popular: la Argentina peronista, 1946-1955*, Buenos Aires: De la Flor.

_____ (2000). "Política tradicional y política de masas". In Romero, José Luis y Romero, Luis Alberto (Eds.) (2000). *Buenos Aires, Historia de cuatro siglos*, Buenos Aires: Grupo Editor Altamira, t. 2.

Privitellio, Luciano de (2003). *Vecinos y ciudadanos. Política y sociedad en la Buenos Airesde entreguerra*, Buenos Aires: Siglo XXI.

_____ (2006). "Un gobierno reformado para una nueva ciudad: el debate de la ley municipal de 1917". In Korn, Francis; Romero, Luis Alberto (Comps.) (2006). *Buenos Aires/Entreguerra. La callada transformación, 1914-1945*, Buenos Aires: Alianza, p. 83-123.

Diario de Sesiones de la Cámara de Diputados de la Nación (1946 a 1955), Buenos Aires: Imprenta del Congreso de la Nación.

Diario de Sesiones de la Cámara de Senadores de la Nación (1946 a 1955), Buenos Aires: Imprenta del Congreso de la Nación.

García Sebastiani, Marcela (2005). *Los antiperonistas en la Argentina peronista. Radicales y socialistas en la política argentina entre 1946 y 1951*, Buenos Aires: Prometeo.

González, Ricardo (1990). "Lo propio y lo ajeno. Actividades culturales y fomentismo en una asociación vecinal. Barrio de Nazca (1925-1930)". In *Mundo urbano y cultura popular. Estudios de historia social argentina*, Buenos Aires: Sudamericana, p. 91-128.

Gorelik, Adrián (1998). *La Grilla y el Parque. Espacio público y cultura urbana en Buenos Aires, 1887-1936*, Buenos Aires: Universidad Nacional de Quilmes.

Luna, Félix (1987). *Perón y su tiempo*, Buenos Aires, Sudamericana, t. I, II y III.

Mackinnon, Moira (2002). *Los años formativos del partido peronista*, Buenos Aires: Siglo XXI.

Macor, Darío (2004). "Dinámica política y tradición constitucional: la reforma de 1949 en la provincia de Santa Fe". In *Quinto sol*, n.8, p. 51-72.

Macor, Darío; Tcach, César (2003). *La invención del peronismo en el interior del país*, Santa Fe: Universidad Nacional del Litoral.

Melón Pirro, Julio y Quiroga, Nicolás (2006). *El peronismo bonaerense. Partido y prácticas políticas 1946-1955*, Mar del Plata: Suarez.

Michel, Azucena de Valle (2005). "Salta y la reforma de su Constitución en 1949". In *Cuadernos de Humanidades*, n. 16.

Monjardín, Federico (1955). "Notas acerca del problema municipal argentino". In *Definiciones Radicales*, La Plata: UCR Intransigente, Comité de la Juventud Dr. Luis Dellepiane, t. I.

Passalacqua, Eduardo H. (1996). "La autonomía de Buenos Aires. Un ensayo de historia institucional sobre las ideas y las formas de un cambio, y una tentativa de descripción. Resultados actuales y potenciales". In *Ciudad de Buenos Aires. Gobierno y*

descentralización, Buenos Aires: CEA-Oficina de Publicaciones del CBC, Universidad de Buenos Aires.

Persello Ana (2007). *Historia del radicalismo*, Buenos Aires: Edhasa.

Recalde, Aritz (2010). *Las municipalidades de la Provincia de Buenos Aires a través de la historia. ¿Autonomía o anarquía?*, La Plata: Archivo Histórico de la Provincia de Buenos Aires

Ternavasio, Marcela (1991). *Municipio y política: un vínculo conflictivo. Análisis histórico de la constitución de los espacios locales en Argentina (1859-1920)*. Tesis de Maestría-FLACSO, Rosario.

Waldmann, Peter (1981). *El peronismo 1943-1955*, Buenos Aires: Sudamericana.

Walter, Richard (1993). *Politics and Urban Growth in Buenos Aires: 1910–1942*, New York: Cambridge University Press.

Recebido para publicação em dezembro de 2012.

Aprovado para publicação em janeiro de 2013.

¿ALPARGATAS SÍ, LIBROS NO? PERONISMO, LITERATURA E SETORES POPULARES NA OBRA DE LUIS HORACIO VELÁZQUEZ (1944-1954)

¿ALPARGATAS SÍ, LIBROS NO? PERONISMO, LITERATURA Y SECTORES POPULARES EN LA OBRA DE LUIS HORACIO VELÁZQUEZ (1944-1954)

ESPADRILLES BUT NOT BOOKS? PERONISM, LITERATURE AND WORKING-CLASS SECTORS IN THE WORK OF LUIS HORACIO VELÁZQUEZ (1944-1954)

ALPARGATAS SI, LIBROS NO? PÉRONISME, LITTÉRATURE ET CLASSES POPULAIRES DANS L'ŒUVRE DE LUIS HORACIO VELAZQUEZ (1944-1954)

布鞋可以，书本不行？

皮隆主义，文学和民众阶层在阿根廷作家维拉凯斯的作品中的反映(1944-1954)

DOI: 10.5533/1984-2503-20135306

Paulo Renato da Silva¹

RESUMO

A obra do escritor argentino Luis Horacio Velázquez indica que o governo do presidente Juan Domingo Perón (1946-1955) teve uma política cultural, aspecto minimizado, ou mesmo negado pela historiografia sobre o peronismo até a década de 1990. Porém, sua obra sugere que Perón enfrentou problemas para concretizar elementos importantes de sua política cultural, como o controle da “violência” dos trabalhadores, a valorização do trabalho, a defesa dos papéis tradicionalmente atribuídos às mulheres e a crítica aos vícios e aos relacionamentos extraconjugais.

Palavras-chave: Peronismo, Intelectuais, Setores Populares, Literatura.

RESUMEN

La obra del escritor argentino Luis Horacio Velázquez indica que el gobierno del presidente Juan Domingo Perón (1946-1955) tuvo una política cultural, aspecto minimizado o negado por la historiografía sobre el peronismo hasta la década de 1990. Su obra sugiere que Perón ha enfrentado problemas para concretizar elementos importantes de su política cultural, como el control de la “violencia” de los trabajadores, la valoración

¹ Doutor em História pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP) e professor da Universidade Federal da Integração Latino-Americana (UNILA) de Foz do Iguaçu (PR). E-mail: paulo.silva@unila.edu.br.

del trabajo, la defensa de los papeles tradicionalmente atribuidos a las mujeres y la crítica a los vicios y a los relacionamientos extraconyugales.

Palabras clave: Peronismo, Intelectuales, Sectores Populares, Literatura.

ABSTRACT

The work of Argentine author Luis Horacio Velázquez demonstrates that the government of President Juan Domingo Perón (1946-1955) featured cultural policies, and that these were downplayed or even denied by historiography on Peronism until the 1990s. Velázquez's work suggests that Perón did however face difficulties in consolidating important elements of his cultural policies, such as the control of "violence" among workers, the valuing of work, the defence of roles traditionally attributed to women and the criticism of addiction and extra-marital relationships.

Key words: Peronism, Intellectuals, Working-Class Sectors, Literature.

RÉSUMÉ

L'œuvre de l'écrivain argentin Luis Horacio Velázquez nous montre que le gouvernement du président Juan Domingo Perón (1946-1955) était doté d'une politique culturelle, un aspect minimisé, voire ignoré par l'historiographie du péronisme jusqu'aux années 1990. Les textes de notre écrivain suggèrent que Perón a fait face à de nombreux problèmes pour concrétiser d'importants éléments de sa politique culturelle, comme le contrôle de la « violence » des travailleurs, la mise en valeur du travail, la défense des rôles traditionnellement attribués aux femmes et la critique du vice et des rapports extraconjugaux.

Mots-clés: Péronisme, Intellectuels, Classes populaires, Littérature.

摘要

阿根廷作家路易斯·贺拉修·维拉凯斯(Luis Horacio Velázquez)的文学作品中指明阿根廷总统潢·多明戈·皮隆(1946-1955)制定执行了文化政策,这一事实曾经被历史学界低估忽略或否定一直到1990年代。然而维拉凯斯的作品也指出皮隆在执行其文化政策时遇到了些具体的困难,比如怎样控制工人阶层的"暴力",宣扬劳动价值观,维护妇女的传统角色,反对酗酒嫖娼等不良行为,反对婚外恋情等。

关键字: 皮隆主义, 知识分子, 民众阶级, 文学

O slogan *¡Alpargatas sí, libros no!*, supostamente entoado em eventos do governo do presidente argentino Juan Domingo Perón (1946-1955), ajudou por décadas a alimentar a visão segundo a qual o peronismo, em seus primórdios, não teria tido uma política cultural, e demonstraria sua incompatibilidade com os intelectuais. Segundo Fermín Chávez, os antiperonistas difundiram essa visão a partir de uma conferência do socialista Américo Ghioldi pronunciada em dezembro de 1945, dois meses antes da primeira eleição de Perón em 1946:

*En esta época argentina de negación sistemática [...] de la democracia, de la Constitución, de las figuras e instituciones históricas, se ha llegado hasta a negar validez a la inteligencia y al libro en el grito que recorrió las calles y que debe ser analizado en las aulas. Alpargatas sí; libros, no; es un grito del alma, de cierto tipo de alma.*²

Trata-se de uma forma de desqualificar o peronismo e os setores populares, base social reivindicada por Perón. Entretanto, essa visão extrapolou os embates políticos diretos e foi incorporada pela historiografia. Encontramos essa visão, por exemplo, em Félix Luna: “[...] *¿quién leía libros? La mayoría de los intelectuales no formaban parte del oficialismo, pero [...] no tuvieron una actitud militante antiperonista; más bien fue la suya una posición indiferente [...]*.”³ Em artigo de 2004, Flavia Fiorucci defende que essa “indiferença” era recíproca, ou seja, também partia de Perón e do governo em relação aos intelectuais:

*La identidad obrera de este movimiento y el carácter autoritario del régimen son centrales a la hora de comprender la falta de interés en la alta cultura y en sus propios cuadros intelectuales. [...]. Buscaba recomponer la relación de fuerzas en la sociedad, y en el nuevo esquema ni los intelectuales ni la cultura de élite eran importantes. Perón desconfiaba de los intelectuales y del mundo de las ideas en general, al cual antepone la acción.*⁴

² Chávez, Fermín (2004). *Alpargatas y Libros: diccionario de peronistas de la cultura II*, Buenos Aires: Theoría, 2004, p. 91. “Nesta época argentina de negação sistemática [...] da democracia, da Constituição, das figuras e instituições históricas, se chegou até a negar validez à intelectualidade e ao livro no grito que percorreu as ruas e que deve ser analisado nas salas de aula. *Alpargatas sim; livros, não; é um grito da alma, de certo tipo de alma.*” [Tradução do autor].

³ Luna, Félix (1986). *Perón y su Tiempo*, Buenos Aires: Sudamericana, v. 1, p. 495. “[...] *quem lia livros? A maioria dos intelectuais não fazia parte do governo, mas [...] também não foram antiperonistas militantes; tiveram uma posição de indiferença [...]*.” [Tradução do autor].

⁴ Fiorucci, Flavia (2004). “¿Aliados o Enemigos? Los Intelectuales en los Gobiernos de Vargas e Perón.” In *Estudios Interdisciplinarios de América Latina y el Caribe*, v. 15, n. 2, p. 11. Disponível em: <www.tau.ac.il/eial/XV_2/fiorucci.html>. Acesso em: 2 maio 2005. “A identidade operária deste movimento e o caráter autoritário do regime são centrais na hora de compreender a falta de interesse na alta cultura e em

Outros autores, contudo, lançaram dúvidas sobre essa visão. Na década de 1980, John King apontava que o peronismo ainda permanecia “[...] *en gran parte inexplorado en el campo cultural* [...]”⁵ Mariano Ben Plotkin também aponta essa lacuna: segundo o autor, no início da década de 1990, os “[...] *aspectos simbólicos del peronismo recién comenzaban a ser explorados.*”⁶

Um exemplo da incorporação da cultura como objeto da historiografia sobre o peronismo é o livro *Multidões em Cena*, de Maria Helena Rolim Capelato. A autora destaca que a literatura foi uma “arma de luta” durante o governo de Perón, não apenas para os antiperonistas, mas também para os peronistas. “*Com as armas das letras, peronistas e antiperonistas travaram uma luta destruidora da imagem da “sociedade unida e harmônica”*”.⁷ Concordamos com a autora, mas, neste trabalho, pretendemos acrescentar uma nuance: a produção literária do período não indica somente as tensões entre antiperonistas e peronistas, mas também do peronismo com sua própria base social, como indica a obra de Luis Horacio Velázquez.

Também destacamos a necessidade de a historiografia revisar as versões segundo as quais os escritores peronistas eram “de segunda linha”⁸, o que indicaria o papel secundário que a cultura teria tido no governo de Perón. Em primeiro lugar, formavam um grupo muito heterogêneo para ser agrupado sob uma mesma qualificação. Além disso, cabe dar historicidade ao que se considera como a “boa” literatura argentina. Até as décadas de 1940 e 1950, escritores herdeiros, por exemplo, do melodrama, como acreditamos ser Luis Horacio Velázquez, dividem espaço com nomes como Jorge Luis Borges que, a partir da década de 1960, se tornou um dos principais referenciais da literatura argentina ao se consolidar o reconhecimento internacional, sobretudo, da literatura fantástica produzida no país.⁹ A queda de Perón em 1955 e a consolidação da

seus próprios quadros intelectuais. [...] Buscava recompor a relação de forças na sociedade, e no novo esquema nem os intelectuais nem a cultura de elite eram importantes. Perón desconfiava dos intelectuais e do mundo das ideias em geral, ao qual antepunha a ação.” [Tradução do autor].

⁵ King, John (1989). *Sur: estudio de la revista argentina y de su papel en el desarrollo de una cultura (1931-1970)*, Cidade do México: Fondo de Cultura Económica, p. 17. “[...] *en grande parte inexplorado no campo cultural* [...]” [Tradução do autor].

⁶ Plotkin, Mariano Ben (2007). *Mañana es San Perón: propaganda, rituales políticos y educación en el régimen peronista (1946-1955)*, Caseros: Editorial de la Universidad Nacional de Tres de Febrero, p. 11. “[...] *aspectos simbólicos do peronismo apenas começavam a ser explorados.*” [Tradução do autor].

⁷ Capelato, Maria Helena Rolim (2009). *Multidões em Cena: propaganda política no varguismo e no peronismo*. 2. ed., São Paulo: Ed. UNESP, p. 129.

⁸ *Ibidem*, p. 127.

⁹ Em seu livro sobre as “narrativas sentimentais” das décadas de 1910 e 1920, Beatriz Sarlo destaca a

literatura fantástica é o que explicam a condição “de segunda linha” atribuída aos escritores peronistas.

Talvez por isso Luis Horacio Velázquez seja ainda tão pouco conhecido, inclusive na Argentina. Sua obra mostra como o governo de Perón via a literatura como um instrumento fundamental não apenas de propaganda política, mas também de normatização dos setores populares. Neste trabalho seguimos Michel de Certeau, para quem uma política cultural é “[...] *um conjunto mais ou menos coerente de objetivos, de meios e de ações que visam à modificação de comportamentos, segundo princípios ou critérios explícitos.*”¹⁰ Contudo, a obra do escritor nos mostra que haveria um desnível entre o discurso peronista e as práticas atribuídas à sua própria base social. Esse desnível nos leva a repensar a relação entre Perón e os setores populares.

O nome de Leopoldo Marechal (1900-1970) costuma ser destacado dentre os escritores peronistas. Entretanto, poucos conceberam tão intensamente a sua obra a partir do discurso peronista como Luis Horacio Velázquez, nascido em 25 de agosto de 1912 em La Plata, capital da Província de Buenos Aires. No acervo da biblioteca de Perón encontramos dois livros do escritor, *Dos Letras Milagrosas*, reunião de poemas, e *Los Años Conmovidos*, o qual comentaremos a seguir.¹¹ Luis Horacio Velázquez alcançou destaque durante o governo de Perón e foi publicado por editoras importantes como Claridad¹², Guillermo Kraft e Emecé. Em tempo, no período, a Emecé também foi uma das principais editoras de um antiperonista ferrenho como Jorge Luis Borges.

Entre 1952 e 1955, Luis Horacio Velázquez foi presidente da Comissão Protetora

necessidade de não se exaltar acriticamente estes textos. Contudo, a autora também alerta que é preciso dar a devida historicidade a essas narrativas para evitar uma visão elitista. “[...] *me interesé en el problema de cómo leer una literatura que se remite toda al pasado: por la elección de su sistema narrativo, por su discurso, por sus temas; y cómo lograr abordarla sin suficiencia elitista [...]*” Sarlo, Beatriz (2004). *El Imperio de los Sentimientos: narraciones de circulación periódica en la Argentina (1917-1927)*, Buenos Aires: Norma, p. 20. “[...] *me interessei pelo problema de como ler uma literatura que se remete toda ao pasado: pela escolha de seu sistema narrativo, por seu discurso, por seus temas; e como conseguir abordá-la sem arrogância elitista [...]*” [Tradução do autor].

¹⁰ Certeau, Michel de (1995). *A Cultura no Plural*, Campinas: Papyrus, p. 195.

¹¹ Swiderski, Graciela (Org.) (1997). *Biblioteca Juan Domingo Perón: bibliografía sobre el peronismo*, Buenos Aires: Archivo General de la Nación, p. 161. É interessante destacar que nesta relação organizada por Swiderski não consta nenhum título de Leopoldo Marechal.

¹² A editora Claridad foi uma das mais populares nas décadas de 1930 e 1940 pelos preços acessíveis de suas publicações. Segundo Antonio Zamora, diretor da Claridad, a editora vendeu aproximadamente 1 milhão de exemplares em menos de dez anos. De acordo com Zamora, inicialmente, os livros tinham uma tiragem média de 10 mil exemplares, mas, já na década de 1930, as tiragens chegavam a 30 mil. Ver: Sarlo, Beatriz (1997). “Buenos Aires, Cidade Moderna”. In _____. *Paisagens Imaginárias: intelectuais, arte e meios de comunicação*, São Paulo: EDUSP, p. 199-217.

de Bibliotecas Populares, ligada ao Ministério da Educação.¹³ Nessa época foi realizado um censo que levou à elaboração de um guia das bibliotecas.¹⁴ O censo indica a atuação do governo de Perón na esfera cultural e demonstra uma preocupação quanto à leitura feita pelos argentinos. Na apresentação do guia, Luis Horacio Velázquez pergunta: “¿Contribuye el caudal de sus colecciones a la formación de una conciencia, de un espíritu argentino, de un alma nacional?”¹⁵ Como presidente da Comissão Protetora de Bibliotecas Populares, Luis Horacio Velázquez ainda foi jurado de concursos literários promovidos pelo governo. O escritor foi jurado, por exemplo, do Prêmio Eva Perón de Literatura para “obras de imaginação em prosa”.¹⁶

Antes de ser poeta e escritor, Luis Horacio Velázquez trabalhou como secretário e começou a cursar universidade, mas teve que abandonar os estudos devido a problemas econômicos. Depois, trabalhou em frigoríficos na cidade de Berisso, Província de Buenos Aires. Nessa época escreveu o folheto *Carne de Fábrica* (1935), no qual denunciou as condições adversas de trabalho e defendeu os trabalhadores do setor: os trabalhadores da indústria da carne seriam, justamente, um dos principais apoios recebidos inicialmente por Perón, como assinala, por exemplo, Daniel James:

*Sob a liderança de Cipriano Reyes, os trabalhadores estabeleceram o Sindicato Autônomo de Obreros de la Industria de la Carne em 1944. Esse foi um dos primeiros sindicatos a ser cortejado por Juan Perón quando ele era secretário do Trabalho no governo militar estabelecido em 1943. Os trabalhadores da indústria de frigoríficos de Berisso tiveram uma atuação crucial na mobilização de 17 de outubro de 1945, a qual obrigou o governo militar a libertar Perón da prisão e o lançou em sua escalada até a Presidência.*¹⁷

¹³ As bibliotecas populares são entidades civis autônomas custeadas total ou parcialmente pelo Estado argentino. Surgiram no governo de Domingo Faustino Sarmiento (1868-1874). Leandro H. Gutiérrez e Luis Alberto Romero destacam que a formação da maioria das bibliotecas populares foi uma iniciativa de setores da elite. Contudo, também destacam que as diretorias das bibliotecas eram compostas por membros provenientes dos setores populares, que nelas alcançavam reconhecimento e distinção social (Gutiérrez, Leandro; Romero, Luis Alberto (2007). *Sectores Populares, Cultura y Política: Buenos Aires en la entreguerra*, Buenos Aires: Siglo XXI).

¹⁴ O censo aponta a relevância cultural e política das bibliotecas populares. O número de leitores/frequentadores, somente na cidade de Buenos Aires, era de aproximadamente 500 mil por ano. Outro dado importante, apresentado pelo guia, é a mudança de nome de muitas bibliotecas após a ascensão do peronismo. Para citar apenas um exemplo, a Biblioteca Popular Esteban Echeverría de Buenos Aires passou a se chamar Biblioteca Popular Eva Perón (Velázquez, Luis Horacio (1954b). *Guía de Bibliotecas Argentinas*, Buenos Aires: Ministerio de Educación de la Nación; Dirección General de Cultura; Comisión Protectora de Bibliotecas Populares, t. 1, p. 29).

¹⁵ *Ibidem*, p. 11. “Contribuí o conjunto de suas coleções para a formação de uma consciência, de um espírito argentino, de uma alma nacional?” [Tradução do autor].

¹⁶ *La Prensa* (1954), Buenos Aires, 6 de outubro.

¹⁷ James, Daniel (2004). “Contos narrados nas fronteiras: a história de doña María, história oral e questões de gênero”. In Batalha, Claudio H. M.; Silva, Fernando Teixeira; Fortes, Alexandre (Orgs.). (2004). *Culturas de Classe: identidade e diversidade na formação do operariado*, Campinas, SP: Ed. UNICAMP, p. 287-288. Em 1945, Perón era vice-presidente, Secretário do Trabalho e Ministro da Guerra do general Edelmiro

Em 1946, nestes primórdios do peronismo, Luis Horacio Velázquez participou da redação do plano de governo de Domingo Alfredo Mercante (1898-1976), governador da Província de Buenos Aires (1946-1952). Mercante foi um dos principais líderes do 17 de outubro de 1945.

Quanto à sua trajetória literária, Luis Horacio Velázquez lançou, em 1942, o poema *El Continente de la Esperanza*, sobre a América. No ano seguinte, *Pobres Habrá Siempre*, que será aqui analisado, ficou em terceiro lugar em um concurso promovido pelo jornal *Noticias Gráficas*, o qual teve cinquenta e cinco participantes. Em 1944, o livro foi publicado pela editora Claridad.¹⁸ *Pobres Habrá Siempre* consiste em um desdobramento literário do folheto *Carne de Fábrica*. As primeiras edições tinham, inclusive, o subtítulo *Novela de las Fábricas*. O livro voltou a ser premiado em 1950, desta vez com o Primeiro Prêmio de Literatura Bonaerense, ou seja, da Província de Buenos Aires. Em 1952, o livro ganhou uma edição especial pela Guillermo Kraft, com capa dura e ilustrações de José G. Macuso. Em 1954, foi adaptado para o cinema por Carlos Borcosque, cineasta chileno radicado na Argentina.¹⁹

Em 1947, Luis Horacio Velázquez publicou o poema *Territorio de Infancia*. Em 1949, *Los Años Conmovidos*. Em 1950, outros dois poemas, *Salmos del Siglo XX* e *El Regreso de la Diosa Caa-Yarí*, ambos lançados pela Peña Eva Perón.²⁰ Em 1951, foi publicado *Dos Letras Milagrosas*, livro que contém o poema *Mujer de America*, uma homenagem a Eva Perón. Em 1954 foi a vez de *El Juramento*, o terceiro texto de Luis Horacio Velázquez que analisaremos.

Para termos mais um exemplo da estreita relação do escritor com o peronismo,

Farrell (1944-1946), terceiro presidente da ditadura instaurada em 1943. A ditadura estava em crise pela vitória dos Aliados na Segunda Guerra Mundial (1939-1945). Perón era um dos principais alvos dos protestos dos grupos liberal-democráticos pelo acúmulo de poderes e pela popularidade que alcançou entre os setores populares ao implantar uma série de medidas sociais e trabalhistas. Em 9 de outubro, Perón renunciou aos cargos, mas os protestos continuaram. Para acalmar a oposição, o governo prendeu Perón no dia 13. Porém, em sua defesa, greves e manifestações de trabalhadores começaram a estourar pelo país e, no dia 17, uma grande concentração se formou na Praça de Maio, diante da Casa Rosada, sede do governo argentino, pedindo sua libertação. O governo cedeu, convocou eleições e Perón se elegeu em fevereiro do ano seguinte em uma disputa acirrada.

¹⁸ Aqui analisaremos a versão original do livro. Luis Horacio Velázquez adicionou capítulos em edições posteriores. Ver: Campodónico, H. (1998). "Pobres Habrá Siempre (Luis Horacio Velázquez/Carlos Borcosque)". In *Segundas Jornadas Internacionales de Literatura Argentina/Comparatística: actas*, Buenos Aires: Instituto de Literatura Argentina "Ricardo Rojas", p. 81-101.

¹⁹ A estreia, contudo, ocorreu apenas em 1958. Ver: Campodónico, H. (1998). Op. Cit.

²⁰ Além de editora, a Peña Eva Perón era um grupo formado por poetas e escritores peronistas que promoviam encontros literários que homenageavam Perón e Evita.

Luis Horacio Velázquez voltou ao cargo de presidente da Comissão Protetora de Bibliotecas Populares em 1973, quando Perón retornou à Argentina depois do exílio iniciado com a “Revolução Libertadora”, golpe de Estado que lhe derrubou em 1955. Apesar de ter voltado ao cargo, o escritor, após o golpe de 1955, caiu gradualmente no ostracismo, a exemplo de outros escritores e intelectuais ligados ao peronismo. Apesar disso, em 1958 ainda publicou *Vida de un Héroe: biografía del brigadier general Juan Esteban Pedernera*, pela Editora Peuser. Assim, além da literatura, o escritor também incursionou pela história argentina com essa biografia do prócer da independência e das guerras civis do século XIX.

Vale ressaltar que não é nosso propósito realizar uma análise literária das narrativas selecionadas, mas pensá-las historicamente. Tampouco pretendemos nos deter profundamente em cada uma delas. Desenvolveremos uma análise por assuntos comuns às três narrativas e que são recorrentes no discurso peronista.

A Grande Buenos Aires é o principal ambiente de *Pobres Habrá Siempre*, *Los Años Conmovidos* e *El Juramento*. Além disso, muitos personagens nasceram ou têm sua origem familiar no interior do país, onde também transcorre parte das narrativas. *Pobres Habrá Siempre* começa com uma disputa de empregos em uma fábrica de Avellaneda, na Grande Buenos Aires. A família de Héctor, o protagonista, veio de Cuyo, no extremo oeste argentino. Em *Los Años Conmovidos*, Beatriz nasceu no norte da Argentina e a imprensa clandestina de operários, na qual Roberto, o seu futuro marido, começa a militar, fica em Avellaneda. Tempos depois, Roberto consegue emprego em Quilmes, também na Grande Buenos Aires. Em *El Juramento*, após o falecimento do pai, Alcides se muda com seus familiares do centro para os arredores de Buenos Aires.

Relacionada com a localização espacial, a construção desses personagens é feita a partir de uma oposição destes aos imigrantes europeus e ao imperialismo. Em *Pobres Habrá Siempre*, os patrões preferem contratar os estrangeiros e os trabalhadores argentinos são mais perseguidos pelo capataz da fábrica, Rossler, que, aliás, é estrangeiro. Em *Los Años Conmovidos*, Roberto milita por uma Argentina “livre do estrangeiro”. Em *El Juramento*, Alcides lembra que a avó igualava os estrangeiros a ladrões, um ódio “orgulhoso e legítimo”.

A ligação desses personagens com o interior e/ou com a Grande Buenos Aires, área de forte migração interiorana, assim como a oposição destes aos imigrantes europeus e ao imperialismo, indicam uma releitura da tradição liberal argentina do século

XIX.²¹ De um modo geral, em Luis Horacio Velázquez a tradição liberal é invertida: o interior e os argentinos é que são valorizados em detrimento da capital, dos portenhos e dos estrangeiros. A origem interiorana daria aos personagens uma “autêntica” identidade argentina. Tradicionalmente, a historiografia sobre o peronismo destaca o interior e os migrantes argentinos que se estabeleceram em Buenos Aires e em seus arredores como as principais bases sociais do peronismo.²²

Vejamos alguns exemplos dessa valorização do interior em Luis Horacio Velázquez. Em *Pobres Habrá Siempre* é recordado com nostalgia como Gregorio Olmos, assalariado em Buenos Aires, vivia antes no interior:

*Era feliz, dueño de sí [...] Tiempos en que las distancias eran días, los días jornadas sin amargura y los arribos partidas hacia nuevos aventurados rumbos y dichosas labores. Por contraste, se le vuelve su condición de asalariado actual la de un prisionero condenado a trabajos forzados.*²³

Em outra passagem, a vida urbana é vista como um “ostracismo sem ar”. Em *Los Años Conmovidos*, Beatriz e Roberto, quando moravam em uma quinta, receberam uma vez a visita de parentes que viviam em Buenos Aires. “– *Qué fresco tan agradable. En la Capital respiramos gases, no aire.*”²⁴ Um dos capítulos do livro, inclusive, se chama *Gente de campaña, gente de ciudad*, no qual Beatriz, de passagem por Buenos Aires, enfrenta o desdém de amigas e parentes por ter se casado e por suas roupas simples, representação que a enquadra no modelo de mulher defendido pelo discurso peronista.²⁵

²¹ Em *Facundo* (1845), o liberal e unitário Domingo Faustino Sarmiento (1811-1888), que, conforme mencionado, foi presidente entre 1868 e 1874, analisou as guerras civis do período entre unitários e federalistas como um confronto entre a civilização, que estaria presente nas cidades e nos imigrantes europeus, e a barbárie, que seria representada pelo interior e pelos nativos, nos quais o federalismo se sustentaria. “[...] os progressos da civilização se acumulam em Buenos Aires somente; o pampa é um péssimo condutor para levá-la e distribuí-la nas províncias [...]” (Sarmiento, Domingo Faustino (1996). *Facundo: civilização e barbárie*, Petrópolis: Vozes, p. 69).

²² Ver: Germani, Gino (1968). *Política y Sociedad en una Epoca de Transición: de la sociedad tradicional a la sociedad de masas*, Buenos Aires: Paidós.

²³ Velázquez, Luis Horacio (1944). *Pobres Habrá Siempre*, Buenos Aires: Claridad, p. 50. “*Era feliz, dono de si [...] Tempos nos quais as distâncias eram dias, os dias jornadas sem amargura e as chegadas o início de novas aventuras e bons trabalhos. Agora, sentia sua condição atual de assalariado como a de um prisioneiro condenado a trabalhos forçados.*” [Tradução do autor]. Nessa e em outras passagens de Luis Horacio Velázquez encontramos releituras do poema *Martín Fierro* (1872-1879) de José Hernández (1834-1886), considerado um contraponto a Sarmiento por valorizar o gaúcho e o campo. A seguir, o gaúcho Martín Fierro lembra a vida que tinha antes de ser forçado a lutar nas guerras civis, de modo parecido ao que acabamos de ver em Gregorio Olmos: “*Outros ao campo saíam,/ E a fazenda percorriam,/ E as manadas ajuntavam;/ E tão rápido passavam/ As horas, que nem sentiam.*” (Hernández, José (1991). *Martín Fierro*, Rio de Janeiro: Ediouro, p. 15).

²⁴ Velázquez, Luis Horacio (1949). *Los Años Conmovidos*, Buenos Aires: Guillermo Kraft, p. 20, p. 176. “– *Que brisa tão agradável. Na Capital respiramos gases, não ar.*” [Tradução do autor].

²⁵ Para o peronismo, as mulheres deveriam priorizar o papel de esposas e mães. No entanto, Evita

Em *El Juramento*, também notamos o interior como uma espécie de “reserva moral”. Alcides, contrariado com o novo casamento da mãe, que era viúva, seguiu para o interior, ocasião na qual conheceu Pardo Bayoco. Apesar de ser um homem muito simples, Bayoco seria detentor de um “verdadeiro” saber, pautado em sua experiência de vida.

Em meados do século XX, o Estado argentino está consolidado, mas as passagens anteriores indicam como a oposição entre interior e capital permanece fortemente relacionada com práticas culturais – casamento, relação com o tempo e o espaço, vestimenta, etc. –, centrais na caracterização dos personagens. Apesar da valorização distinta quanto ao interior e aos setores populares, o peronismo defendia a mudança de práticas atribuídas à sua base social, tendo em vista a sua integração/normatização, como se vê na própria obra de Luis Horacio Velázquez.

Apesar da influência de outras tradições literárias como o naturalismo e o realismo, consideramos que a obra do escritor seja marcada essencialmente pelo melodrama. O melodrama marcou a literatura argentina no “boom” de seu mercado editorial, ocorrido nas primeiras décadas do século XX. No melodrama, o amor – pela esposa, pela prole, pelos humildes, pela pátria, etc. – supera as diferenças culturais, sociais e políticas, as quais são encaminhadas para um confronto entre bons e maus e não entre classes. Isabella Cosse, citando Pablo Pérez Rubio, especialista em cinema melodramático, destaca que, no melodrama, não há espaço para rebelião, mas apenas para a reparação.²⁶ E, como se observa em Luis Horacio Velázquez, para o peronismo, a mudança de práticas tendo em vista a integração/normatização dos setores populares passava necessariamente pela conciliação nacional e de classes.

Em *Pobres Habrá Siempre*, apesar do enfrentamento dos trabalhadores com as forças policiais, os líderes operários se esforçam para controlar os trabalhadores: “*Morir es desertar de la pelea...*”²⁷, alerta um deles. As greves também deveriam ser precedidas

lamentava que muitas mulheres “*Trabajan casi como ellos [os homens]. Prefieren, como ellos, la calle a la casa. No se resignan a ser madres, ni esposas.*” (Perón, Eva (1996a). *Por que soy Peronista y las Fuerzas Espirituales del Peronismo*, Buenos Aires: C. S. Ediciones, p. XL). “*Trabalham quase como eles [os homens]. Preferem, como eles, mais a rua do que a casa. Não se resignam a ser mães, nem esposas.*” [Tradução do autor]. Ainda de acordo com Evita, como esposas, as mulheres deveriam evitar o luxo e gastos desnecessários, “[...] *para consolidar y sostener el salario real de la economia peronista.*” (Perón, Eva (1996b). *Yo Evita: habla a las mujeres, patria – pueblo – recuperación*, Buenos Aires: C. S. Ediciones, p. 95). “[...] *para consolidar e manter o salário real da economia peronista.*” [Tradução do autor].

²⁶ Cosse, Isabella (2006). *Estigmas de Nacimiento: peronismo y orden familiar (1946-1955)*, Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica; Universidad de San Andrés, p. 70.

²⁷ Velázquez, L. H. (1944). Op. Cit., p. 178. “*Morrer é fugir da luta...*” [Tradução do autor].

por negociações: antes da greve que vitima Rafael, uma comissão de trabalhadores expôs as reivindicações aos dirigentes da fábrica. A greve, assim, deveria ser o último recurso. Ainda no início do texto, o narrador destaca a “obediência forçada” e a “resistência passiva” como características positivas dos trabalhadores, especialmente dos argentinos. Mesmo tendo sido necessário recorrer à greve, a defesa da conciliação persiste em *Pobres Habrá Siempre*. Rafael, o jovem rico que ensinava os trabalhadores a ler e escrever, morre durante a greve, acreditando, porém, no advento de uma Argentina “fraterna e tutelar”.

Em *Los Años Conmovidos*, Roberto e os seus companheiros preparam um jornal para anunciar uma revolta, mas com as seguintes orientações aos trabalhadores: “[...] *no paralicen producción ni trabajo – [...] – Respetar vidas, evitar represalias, asegurar orden...*”²⁸ Em outra passagem, Roberto é tomado pelo desejo de matar os inimigos políticos da causa que defendia. Entretanto, o desejo, “legítimo”, não deveria se tornar uma prática: “[...] *esto se pensaba, solamente.*”²⁹

Em *El Juramento*, Alcides faz uma ponderação depois de recordar a visão da avó sobre os estrangeiros, aos quais via como ladrões: “*Yo creo que heredé largo tiempo esa condición, como un prejuicio. Mucho me costó cambiarla. Claro, después lo supe, había dos clases de extranjeros...*”³⁰ Uma vez no poder, o peronismo se vê diante da necessidade de controlar o que outrora tinha alimentado a militância, tendo em vista a conciliação nacional e de classes.

Em *El Juramento*, a necessidade de controlar a atuação dos trabalhadores aparece, sobretudo, na representação do 17 de outubro de 1945. O dia é citado indiretamente como “a jornada de esperança do décimo mês”, liderada por um “povo valente”.³¹ Durante essa “jornada”, quando Alcides e os seus companheiros passam diante da sede de um jornal da oposição, um dos manifestantes sugere que o prédio fosse incendiado. O narrador se refere ao jornal como um representante do imperialismo. O prédio no qual funcionava o jornal até que “[...] *merecería la purificación de las*

²⁸ Velázquez, L. H. (1949). Op. Cit., p. 15. “[...] *não paralisem a produção nem o trabalho – [...] – Respetar vidas, evitar represalias, asegurar a orden...*” [Tradução do autor].

²⁹ Ibidem, p. 280. “[...] *isto apenas se pensava.*” [Tradução do autor].

³⁰ Velázquez, L. H. (1954a). *El Juramento*, Buenos Aires: Emecé, p. 24. “*Eu acredito que herdei por muito tempo essa visão, como um preconceito. Eu demorei para mudá-la. Claro, depois soube, havia dois tipos de estrangeiros...*” [Tradução do autor].

³¹ Ibidem, p. 146.

*llamas*³², mas nada acontece. O peronismo se preocupou em construir uma memória da data desprovida de atos considerados violentos.³³ Essa preocupação aparece em outras passagens de *El Juramento*:

*En el trayecto, cercano el mediodía, conseguimos provisiones de algún vecino, nos atacaba el hambre. Golpeábamos en los negocios, tomábamos de los puestos lo más necesario para el hambre. No hubo saqueos ni pillajes [grifo meu]. Galletas, pan, algún fiambre, frutas. Y cigarrillos. Los camiones y carritos de los quinteros se ponían a nuestro servicio.*³⁴

Ainda sobre o 17 de outubro de 1945, a necessidade de normatizar os trabalhadores aparece no trecho no qual comemoram a libertação do “nosso amigo”, entenda-se Perón. “*Se levantó [...] un rumor multitudinario: ‘¿Dónde estuvo?’ Hubo una pausa de angustia. La respuesta fué el perdón [grifo meu].*”³⁵ Nesse ponto notamos a defesa da (re)conciliação de classes.

Marcela Gené destaca que a normatização dos trabalhadores a partir da memória do 17 de outubro também pode ser notada em imagens divulgadas pela propaganda peronista: as imagens de um grande número de trabalhadores de perfil, as quais dariam aos observadores a sensação de terem participado da mobilização naquele dia, perdem gradualmente espaço para imagens nas quais os trabalhadores são representados isoladamente, observando Perón em postura de submissão e passividade.³⁶

Na obra de Luis Horacio Velázquez chama a atenção o lugar ocupado pelos intelectuais e pela cultura letrada nesse processo de normatização dos setores populares.

³² Ibidem, p. 148. “[...] *merecia a purificação das chamas*” [Tradução do autor].

³³ Em *A Razão de Minha Vida*, Evita destaca que Perón estava sereno quando foi preso e que teria lhe pedido calma. Ao ressaltar isso, Evita nos apresenta, através de Perón, o trabalhador peronista ideal. Também transcreve o que teria sido uma carta de Perón para ela enquanto esteve preso. “*Toma [sic] conta dos meus trabalhadores; tranquiliza-os; que não se preocupem por mim; exorta-os a fugir de toda violência...[grifos meus]*” (Perón, Eva. (1950). *A Razão de Minha Vida*, Rio de Janeiro: Freitas Bastos, p. 41).

³⁴ Velázquez, L. H. (1954a). Op. Cit., p. 150. “*No caminho, perto do meio-dia, conseguimos alimentos de algum vizinho, nos atacava a fome. Batíamos nas lojas, pegávamos apenas o necessário para comer. Não houve saques nem pilhagens. Bolachas, pão, algum embutido, frutas. E cigarros. Os caminhões e carrinhos dos chacareiros se colocavam a nosso serviço.*” [Tradução do autor]. Nota-se um claro contraponto ao denunciado pela imprensa antiperonista logo após o 17 de outubro de 1945. “*Otro grupo asaltó (...) la Cervecería Argentina Quilmes [...], consiguiendo muchos de los manifestantes penetrar en su interior y apoderarse de barriles y cajones con botellas de cerveza [...].*” (*La Prensa*, 19 out. 1945, p. 6 *apud* Rossi, Luis Alejandro (1998). “Borges, Bioy Casares y el Peronismo”. In *Estudios Sociales*, n. 14, p. 82. Disponível em: <http://www.academia.edu/1950183/Borges_Bioy_Casares_y_el_Peronismo>. Acesso em: 17 jan. 2013). “*Outro grupo atacou [...] a Cervejaria Argentina Quilmes [...], consiguiendo muitos manifestantes penetrar em seu interior e se apoderar de barris e caixas com garrafas de cerveja [...].*” [Tradução do autor].

³⁵ Velázquez, L. H. (1954a). Op. Cit., p. 154. “*Se levantou [...] um rumor multitudinário: ‘Onde esteve?’ Houve uma pausa angustiante. A resposta foi o perdão.*” [Tradução do autor].

³⁶ Gené, Marcela (2005). *Un Mundo Feliz: imágenes de los trabajadores en el primer peronismo (1946-1955)*, Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica; Universidad de San Andrés.

A universidade, os intelectuais, os estudantes e a cultura letrada não são em si criticados. A crítica, quando aparece, não costuma ser generalizada e reside, principalmente, na necessidade de usar as instituições educacionais e a cultura letrada na “defesa” dos interesses populares.³⁷

Em *Pobres Habrá Siempre*, os artistas e estudantes são apresentados como sinceros, qualidade independente da condição econômica: Héctor ensina os trabalhadores a ler e escrever com o auxílio de Rafael, o jovem rico que morreria na greve. Professores, estudantes e jornalistas são, inclusive, colocados ao lado dos operários como vítimas da violência policial. A cultura letrada aparece como um instrumento capaz de orientar os trabalhadores para libertá-los dos “doutores” e “caudilhos de comitê”.³⁸

Em *El Juramento*, Alcides, outros estudantes e seu amigo Alberto, operário, fundam a Escola de Oradores e Cronistas do Povo com o objetivo de formar líderes e ampliar o espaço que os trabalhadores possuíam na imprensa. Em *Los Años Conmovidos*, Roberto, preso, foge e se refugia em uma universidade, onde é ajudado pelos alunos, professores e, inclusive, pelo reitor. Aos companheiros de militância, defende a necessidade de educar os setores populares: “[...] *no miremos para atrás. El pueblo no tiene la culpa. Es necesario orientarlo para que resurja de esta época vergonzosa de decadencia y de inmoralidad.*”³⁹

Desse modo, nas obras de Luis Horacio Velázquez não se questiona o papel tradicionalmente exercido pelos intelectuais. Em *El Juramento*, os estudantes são representados como a “consciência nacional”, já que os trabalhadores teriam que “garantir o sustento dos familiares”. Ainda em *El Juramento*, apesar de Nemesio ter ajudado a fundar uma biblioteca na pequena vila onde morava, defendia que o governo deveria priorizar a construção de escolas técnicas, onde se ensinaria “menos música e gramática” para que os jovens aprendessem a “arar bem a terra”.⁴⁰

³⁷ Perón se dirigiu aos intelectuais em mais de uma ocasião. Por exemplo, em 13 de novembro de 1947, perante uma comissão de intelectuais, Perón declarou que estes deveriam “[...] *agruparse en una sola organización para luchar por la obtención del objetivo común a todos: el objetivo de la Nación.*” (Perón, Juan Domingo (1947). *El Presidente de la Nación Argentina, Gral. Juan Perón, se dirige a los intelectuales, escritores, artistas pintores y maestros*, p. 19). “[...] *se agrupar em uma única organização para lutar pela obtenção do objetivo comum a todos: o objetivo da Nação.*” [Tradução do autor].

³⁸ Velázquez, L. H. (1944). Op. Cit., p. 100.

³⁹ Velázquez, L. H. (1949). Op. Cit., p. 276. “[...] *no olhemos para trás. O povo não tem a culpa. É necessário orientá-lo para que ressurgir desta época vergonhosa de decadência e de imoralidade.*” [Tradução do autor].

⁴⁰ Velázquez, L. H. (1954a). Op. Cit., p. 137.

O discurso normativo presente na obra de Luis Horácio Velázquez abrange outras dimensões da vida pública e, também, da privada. Eva Perón defendia que o peronista deveria ser movido por “forças espirituais”: em *Por qué soy Peronista y las Fuerzas Espirituales del Peronismo*, Evita destaca quase duzentas “forças” que deveriam caracterizar os peronistas. O adjetivo *espirituais* indica a tentativa de sacralização da política estudada por Alcir Lenharo. Para citar outro exemplo, Perón tem um livro chamado *Doutrina Peronista*. Perón e Evita ainda costumavam se referir ao peronismo como uma mística. Segundo Lenharo, a sacralização da política, baseada no apelo a imagens, mensagens e valores religiosos, visava a “[...] dotar o Estado de uma legitimidade escorada em pressupostos mais nobres do que os tirados da ordem política, funcionando como escudo religioso contra as oposições não debeladas.”⁴¹

Retornando à obra de Luis Horacio Velázquez, a lealdade aparece como outro elemento normativo. Em *Pobres Habrá Siempre*, os líderes operários não aceitam o suborno oferecido pelos patrões, que queriam o término da greve. Em *Los Años Conmovidos*, Roberto, embora preso e torturado, não entrega os companheiros de militância. Essas passagens não são casuais. Segundo Evita, a lealdade era uma das “forças espirituais” do peronismo. “[...] [A lealdade] guarda una estrecha analogía con el desinterés; impone la completa eliminación de nuestros propios gustos, esperanzas, deseos e intereses, a fin de que triunfe la causa peronista.”⁴² Essa defesa da lealdade é uma crítica às cisões internas que obstaculizavam a unidade peronista:

*La prueba de lealtad de un peronista es su acatamiento a las directivas del Jefe [...]. [...]. EL GENERAL PERÓN HA DICHO: El que dentro de nuestro movimiento luche contra otro grupo peronista, para defender intereses personales, es un traidor a nuestra causa.*⁴³

O trabalho também é exaltado na obra de Luis Horacio Velázquez. Contudo, há uma tensão com uma imagem negativa do trabalho, tensão esta também presente no discurso peronista. Em *Por qué soy Peronista y las Fuerzas Espirituales del Peronismo*, Evita destaca que “[...] pedir mayor producción a los trabajadores era pedirles que contribuyeran con más sudor, con más sacrificios, con mayores esfuerzos a la riqueza de

⁴¹ Lenharo, Alcir (1986). *Sacralização da Política*, Campinas: Ed. UNICAMP/Papirus, p. 18.

⁴² Perón, E. (1996a). Op. Cit., p. LI. “[...] [A lealdade] guarda una estrecha analogía con o desinterese; impõe a completa eliminação de nossas próprias preferências, esperanças, desejos e interesses, a fim de que triunfe a causa peronista.” [Tradução do autor].

⁴³ Ibidem, p. LII. “A prova de lealdade de um peronista é seu acatamento às orientações do Chefe [...]. [...]. O GENERAL PERÓN DISSE: Aquele que dentro de nosso movimento lute contra outro grupo peronista, para defender interesses pessoais, é um traidor de nossa causa.” [Tradução do autor].

pocos y a la miseria de muchos [grifos meus].”⁴⁴ Em *Doutrina Peronista*, Perón clama (em 23 de agosto de 1947) por “disciplina”, “responsabilidade”, “vontade” e “empenho” no trabalho e qualifica de “ação criminosa” a diminuição intencional da produtividade.⁴⁵ O adjetivo *criminosa* indica a preocupação do governo em normatizar o trabalho de acordo com seus pressupostos. A propósito, para Evita, a produtividade era uma das “forças espirituais” do peronismo.⁴⁶ É apresentada como imprescindível para a prosperidade familiar e do país.

Em *Los Años Conmovidos*, Roberto não aceita um emprego na prefeitura, pois teria que militar para um caudilho local, o Doutor Miranda. É representado, assim, como um trabalho honesto, desinteressado. Prefere trabalhar como ajudante de pedreiro, o que lhe dá a experiência necessária para, depois, cuidar de uma quinta e ser vendedor. “*Los músculos domesticados y obedientes en [...] los andamios lo habían transformado en un hombre dinámico y seguro de sí mismo.*”⁴⁷ Porém, chama a atenção o desânimo dos ajudantes que Roberto contrata enquanto estava na quinta, os quais desistem rapidamente do emprego. Um dos ajudantes é descrito como um rapaz “[...] *receloso, de mirada huidiza, callado.*”⁴⁸ Ou seja, Roberto prospera porque trabalha. É interessante como existe uma convergência com o princípio liberal segundo o qual as diferenças sociais seriam explicadas pelos méritos pessoais.

Em *El Juramento*, a mãe de Alcides fica envergonhada por ele ter sido visto trabalhando em uma feira quando era criança. Já sua avó Encarnación defende a importância do trabalho para a formação de um homem, mas é interessante que a sua fala seja iniciada pelo comparativo irregular de mau: “*¡Peor es que robe!*” [grifo meu].⁴⁹

Outro elemento do discurso peronista é o papel esperado das mulheres. Em *Pobres Habrá Siempre*, as mulheres apresentam uma militância que, não por acaso, é suavizada nas demais narrativas, publicadas depois que Perón se tornou presidente. No livro, as mulheres participam da comissão que apresenta as reivindicações aos patrões e, na greve que vitima Rafael, clamam para que os trabalhadores “covardes” participassem

⁴⁴ Perón, E. (1996a). Op. Cit., p. 72. “[...] *pedir maior produção aos trabalhadores era lhes pedir que contribuíssem com mais suor, com mais sacrifícios, com maiores esforços para a riqueza de poucos e a miséria de muitos.*” [Tradução do autor].

⁴⁵ Perón, J. D. (1996). *Doctrina Peronista*, Buenos Aires: C. S. Ediciones, p. 252.

⁴⁶ Perón, E. (1996a). Op. Cit., p. LXVI.

⁴⁷ Velázquez, L. H. (1949). Op. Cit., p. 121. “*Os músculos domesticados e obedientes [...] nos andaimos tinham lhe transformado em um homem dinâmico e seguro de si mesmo.*” [Tradução do autor].

⁴⁸ Ibidem, p. 135. “[...] *receoso, de olhar esquivo, calado.*” [Tradução do autor].

⁴⁹ Velázquez, L. H. (1954a). Op. Cit., p. 26. “*Pior é roubar!*” [Tradução do autor].

do movimento. Entretanto, essa militância entraria em contradição com a “natureza feminina”, supostamente voltada para o ambiente doméstico. No trabalho, as mulheres vivem pensando nos filhos. Uma das operárias chega a abortar por excesso de trabalho. As solteiras, como precisam colaborar com as despesas familiares, adiam o casamento e a maternidade, apresentados como sonhos femininos. As mulheres enfrentam ainda a ameaça da “desonra”, pelo assédio sexual que sofriam dos seus superiores.

Já nas outras narrativas, as mulheres têm a possibilidade de se realizarem de acordo com “sua natureza”. Em *Los Años Conmovidos*, Beatriz, após se casar com Roberto, apenas dá aulas de reforço para auxiliar nas despesas domésticas, pois se dedica, sobretudo, a cuidar da casa e das crianças, representando assim o já citado modelo de mulher defendido pelo discurso peronista, uma mulher ligada ao lar e à família, responsável pela prosperidade econômica familiar⁵⁰ e submissa ao marido.⁵¹ Submissa a ponto de perdoar a traição amorosa de Roberto com Emilce. Em *Los Años Conmovidos* são destacadas a limpeza da quinta e das crianças de Roberto e Beatriz:

Después de partir Roberto, Beatriz limpió la casa [...]. De lejos, parecía una simple casilla de madera y cinc [...]; daba espaldas al camino y los visitantes al llegar, recibían una impresión muy pobre de ella. Mas era el ámbito inexpresable de su felicidad. Su gracia era íntima: los pisos eran de mosaicos lustrados [...]. Los niños se despertaron rezongando por la merienda [...]. Beatriz les dió el desayuno, los vistió, los lavó y los compuso amorosamente.⁵²

Em *El Juramento* encontramos representações parecidas. Ao lembrar a sua infância, Alcides menciona as mulheres da vizinhança que “penteavam as suas crianças”, “faziam a comida”, “arrumavam a casa” e “esperavam papai chegar”: “¡Qué encantador es el juego de los oficios!”⁵³

Os homens, por sua vez, colaboram com a harmonia e a prosperidade econômica do lar evitando os vícios e os relacionamentos extraconjugais. Em *Los Años Conmovidos*,

⁵⁰ “[...] como la mayoría de los hombres, [Roberto] era manirroto y descuidado para gastar, pues no tenía noción del valor del dinero.” (Velázquez, L. H. (1949). Op. Cit., p. 126). “[...] como a maioria dos homens, [Roberto] era mão-aberta e descuidado para gastar, pois não tinha noção do valor do dinheiro.” [Tradução do autor].

⁵¹ “[...] sufre por su dolor, porque lo ve extenuado [...], pero sabe bien que sufriría más si le reprochaba.” (Ibidem, p. 111). “[...] sofre por ele, porque lhe vê extenuado [...], mas sabe que ele sofreria mais se lhe criticasse.” [Tradução do autor].

⁵² Ibidem, p. 206. “Após Roberto sair, Beatriz limpou a casa [...]. De longe, parecia uma simples casinha de madeira e zinco [...] davam os fundos para a rua e os visitantes ao chegar, tinham uma impressão muito pobre dela. Mas era o espaço inexpresável de sua felicidade. Sua graça era íntima: os pisos eram de mosaicos lustrados [...]. As crianças acordaram resmungando pedindo a merenda [...]. Beatriz lhes deu o café, lhes vestiu, lhes lavou e lhes arrumou amorosamente.” [Tradução do autor].

⁵³ Velázquez, L. H. (1954a). Op. Cit., p. 33. “Que encantadora é a divisão das tarefas!” [Tradução do autor].

Don Luigi, ajudante de Roberto e Beatriz na quinta, morre atropelado por um trem após se embriagar. Roberto é um homem “sério”, que não aceita convites para jogar, mas quando se envolve com Emilce, sua amante, passa a vender bem menos no trabalho. Essa relação entre relacionamentos extraconjugais e problemas econômicos aparece novamente na passagem em que Roberto, após terminar seu caso com Emilce, se reconcilia com sua esposa Beatriz. A reconciliação é marcada pela compra de um automóvel:

– *Papito les ha comprado este auto.*
[...].
– *¿Es tuyo, papito? – le dijo ella desconcertada. ¿Sería cierto?*
[...].
*Ella le apretó bien fuerte la mano, confiada y optimista.*⁵⁴

Além do relacionamento extraconjugal de Roberto, na obra de Luis Horacio Velázquez existem inúmeras outras passagens que indicam empecilhos para se concretizar o que Isabela Cosse chama de “ideal de domesticidade”. De acordo com a autora, esse ideal “[...] demarcaba el “deber ser” para varones y mujeres, pautaba la vida cotidiana, dibujaba [...] las conductas apropiadas para las relaciones de pareja y entre padres e hijos, conectando el orden familiar con el social.”⁵⁵ Em *El Juramento*, apesar das lembranças de infância, nas quais as mulheres e crianças “esperavam papai chegar”, Alcides, ao recordar da adolescência, diz que todos os meninos que tinham irmãs falavam delas com um “pudor temeroso”⁵⁶:

*El Cacho se puso colorado de vergüenza. No, ciertamente, él no podía jurar que su hermana se casaría con su novio. Le parecía que todos veíamos a la linda Diana deshonrada y sin casarse. Sentía súbitamente un tremendo rencor contra ella, ganas de ir a pelearlo al novio.*⁵⁷

Desse modo, à imagem idealizada da infância é contraposta outra, marcada por medo e confronto, resultantes da descoberta da sexualidade na adolescência. Entretanto, a narrativa aponta para a possibilidade de se concretizar a imagem idealizada. Alcides, o

⁵⁴ Velázquez, L. H. (1949). Op. Cit., p. 309. “– *Papai comprou este carro para vocês. [...] – É seu, papai? – ela lhe disse desconcertada. Seria prudente? [...] Ela lhe apertou bem forte a mão, confiante e otimista.*” [Tradução do autor].

⁵⁵ Cosse, I. (2006). Op. Cit., p. 31. “[...] demarcava o “dever ser” para homens e mulheres, pautava a vida cotidiana, desenhava (...) as condutas apropriadas para as relações dos casais e entre pais e filhos, conectando a ordem familiar com a social.” [Tradução do autor].

⁵⁶ Velázquez, L. H. (1954a). Op. Cit., p. 65.

⁵⁷ *Ibidem*, p. 65. “O Cacho ficou vermelho de vergonha. Não, certamente, ele não podia jurar que sua irmã se casaria com o namorado. Pensava que todos víamos a linda Diana desonrada e sem se casar. Sentia subitamente um tremendo rancor contra ela, vontade de ir brigar com o namorado.” [Tradução do autor].

protagonista, não se “corrompe”: quando vai com amigos a um prostíbulo de Ensenada, não consegue entrar e se surpreende com os frequentadores do local. “¿A qué irían allá, si parecían todos casados y tenían mujer? Muchos eran señores respetables, hasta con barba.”⁵⁸ Logo depois desse episódio, Alcides se encontra com Blanquita, a sua “prometida” e ambos interpretam um trecho de um livro no qual um casal declara seu amor um pelo outro. Trata-se de uma passagem de clara função metalinguística, em que se evidencia a crença de Luis Horacio Velázquez – e do peronismo – no papel moralizante/normativo da literatura.

Conclusão

Enfim, existe na obra de Luis Horacio Velázquez uma clara transposição do discurso peronista para a literatura, o que demonstra uma ação coordenada do governo de Perón na esfera cultural. O escritor não ocupou por acaso o cargo de presidente da Comissão Protetora de Bibliotecas Populares. A Comissão, ainda existente, é o órgão estatal que regula a fundação e manutenção das bibliotecas populares, o que, vale lembrar, são essencialmente iniciativas da sociedade civil. Consideramos, assim, que a trajetória de Luis Horacio Velázquez é representativa da relação do governo de Perón com os escritores e intelectuais: mais do que meramente apoiá-lo, estes deveriam colocar sua obra a serviço do peronismo para conscientizar os setores populares quanto aos pilares da “nova” Argentina.

As tensões que marcam os discursos de Perón e Evita são os motores de suas narrativas, de modo a exaltar a redenção dos personagens que seguem os pressupostos defendidos, o que dá aos textos um forte cunho pedagógico. Porém, em sua obra predominam redenções individuais ou de grupos restritos como a família de Roberto e Beatriz em *Los Años Conmovidos*. Ainda que possamos ler a família de Roberto e de Beatriz como uma metáfora da sociedade argentina, nos outros dois livros a redenção coletiva existe apenas em um plano ideal, o que, acreditamos, indica a existência de entraves para a construção da sociedade defendida pelo peronismo. Já mencionamos a morte de Rafael em *Pobres Habrá Siempre*, projetando apenas para o futuro uma Argentina “fraterna e tutelar”. Em *El Juramento*, Cristina, a esposa de Alberto, a qual tinha

⁵⁸ Ibidem, p. 65. “Por que iriam lá, se pareciam todos casados e tinham mulher? Muitos eram senhores respeitáveis, tinham até barba.” [Tradução do autor].

origem francesa, se refere à Argentina como uma espécie de terra prometida: “– [...] *la tierra de ustedes es tan generosa y buena, Alcides...¡Qué felices y seguros deben sentirse los argentinos en su tierra!*”⁵⁹. Entretanto, no mesmo livro, essa percepção destoa dos vilarejos encontrados por Alcides em uma viagem pelo interior: “*Claro, existen ranchos sucios y gente miserable, enferma todavía de hambre y de tristeza. No todo en un momento se puede concluir. Ni Dios pudo, con toda su buena voluntad, hacer el mundo en un solo día*”.⁶⁰

Não podemos concluir que os setores populares não adotaram princípios peronistas em suas práticas cotidianas, ou que não adotaram como o governo gostaria. De qualquer modo, a obra de Luis Horacio Velázquez sugere que esta parecia ser a percepção do peronismo ou de setores dele, pelo menos em questões como a autonomia e/ou “violência” dos trabalhadores, a valorização do trabalho, a defesa dos papéis tradicionalmente atribuídos às mulheres e a crítica aos vícios e aos relacionamentos extraconjugais. A obra do escritor demonstra, juntamente com os discursos de Perón e Evita, como o peronismo possuía um projeto de sociedade que ia muito além dos âmbitos político-partidário e sindical. E as tensões que marcam as narrativas de Luis Horacio Velázquez indicam a distância entre esse projeto e sua concretização. O próprio Perón reconheceu que o discurso e a propaganda política representam, justamente, a ausência da mensagem que veiculam na sociedade para a qual se destinam:

No hay que poner tanto peronismo en las paredes como persuadir a la población de que el peronismo es la verdadera causa.

[...].

*El día que lo logremos, quizá no será necesario poner un cartel más en la calle.*⁶¹

A obra de Luis Horacio Velázquez é apenas uma das ações do peronismo na esfera cultural. Assim como a sua obra nos indica tensões do peronismo com a sua própria base social, existiam divergências entre os próprios peronistas sobre como conceber e conduzir os setores populares.⁶² Cabe à historiografia aprofundar a visão

⁵⁹ Ibidem, p. 181. “– [...] *a terra de vocês é tão generosa e boa, Alcides...Que felizes e seguros devem se sentir os argentinos em sua terra!*” [Tradução do autor].

⁶⁰ Ibidem, p. 120. “*Claro, existem ranchos sujos e gente miserável, ainda doente de fome e de tristeza. Não é possível fazer tudo de uma hora para outra. Nem Deus pode, com toda a sua boa vontade, fazer o mundo em um único dia.*” [Tradução do autor].

⁶¹ Perón, Juan Domingo (1973). *Conducción Política*, Buenos Aires: Freeland, p. 308. “*Não temos que pregar tanto o peronismo nas paredes mas convencer a população de que o peronismo é a verdadeira causa. [...]. O dia em que conseguirmos isso, talvez não seja mais necessário colocar nenhum cartaz na rua.*” [Tradução do autor].

⁶² Ver: Silva, Paulo Renato da (2010). “Peronismo e Cultura: o Primeiro Congresso de Bibliotecas Populares

sobre o período para além da bipolarização peronismo *versus* antiperonismo e levantar as divergências internas que existiam em ambos os grupos.

Referências

Campodónico, H. (1998). "Pobres Habrá Siempre (Luis Horacio Velázquez/Carlos Borcosque)". In *Segundas Jornadas Internacionales de Literatura Argentina/Comparatística: actas*, Buenos Aires: Instituto de Literatura Argentina "Ricardo Rojas", p. 81-101.

Capelato, Maria Helena Rolim (2009). *Multidões em Cena: propaganda política no varguismo e no peronismo*. 2. ed, São Paulo: Ed. UNESP.

Certeau, Michel de (1995). *A Cultura no Plural*, Campinas: Papirus.

Chávez, Fermín (2004). *Alpargatas y Libros: diccionario de peronistas de la cultura II*, Buenos Aires: Theoría.

Cosse, Isabella (2006). *Estigmas de Nacimiento: peronismo y orden familiar (1946-1955)*, Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica; Universidad de San Andrés.

Fiorucci, Flavia (2004). "¿Aliados o Enemigos? Los Intelectuales en los Gobiernos de Vargas e Perón." In *Estudios Interdisciplinarios de America Latina y el Caribe*, v. 15, n. 2. Disponível em: <www.tau.ac.il/eial/XV_2/fiorucci.html>. Acesso em: 2 maio 2005.

Gené, Marcela (2005). *Un Mundo Feliz: imágenes de los trabajadores en el primer peronismo (1946-1955)*, Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica; Universidad de San Andrés.

Germani, Gino (1968). *Política y Sociedad en una Epoca de Transición: de la sociedad tradicional a la sociedad de masas*, Buenos Aires: Paidós.

Gutiérrez, Leandro; Romero, Luis Alberto (2007). *Sectores Populares, Cultura y Política: Buenos Aires en la entreguerra*, Buenos Aires: Siglo XXI.

Hernández, José (1991). *Martin Fierro*, Rio de Janeiro: Ediouro.

James, Daniel (2004). "Contos narrados nas fronteiras: a história de doña María, história oral e questões de gênero". In Batalha, Claudio H. M; Silva, Fernando Teixeira; Fortes, Alexandre (Org.) (2004). *Culturas de Classe: identidade e diversidade na formação do operariado*, Campinas, SP: Ed. UNICAMP, p. 287-314.

King, John (1989). *Sur: estudio de la revista argentina y de su papel en el desarrollo de una cultura (1931-1970)*, Cidade do México: Fondo de Cultura Económica.

Lenharo, Alcir (1986). *Sacralização da Política*, Campinas: Ed. UNICAMP/Papirus.

Luna, Félix (1986). *Perón y su Tiempo*, Buenos Aires: Sudamericana, v. 1.

Perón, Eva (1950). *A Razão de Minha Vida*, Rio de Janeiro: Freitas Bastos.

_____ (1996a). *Por que soy Peronista y las Fuerzas Espirituales del Peronismo*, Buenos Aires: C. S. Ediciones.

_____ (1996b). *Yo Evita: habla a las mujeres, patria – pueblo – recuperación*, Buenos Aires: C. S. Ediciones.

Perón, Juan Domingo (1947). *El Presidente de la Nación Argentina, Gral. Juan Perón, se dirige a los intelectuales, escritores, artistas pintores y maestros: filosófica, política, social*, Buenos Aires.

_____ (1973). *Conducción Política*, Buenos Aires: Freeland.

_____ (1996). *Doctrina Peronista*, Buenos Aires: C. S. Ediciones.

Plotkin, Mariano Ben (2007). *Mañana es San Perón: propaganda, rituales políticos y educación en el régimen peronista (1946-1955)*, Caseros: Editorial de la Universidad Nacional de Tres de Febrero.

La Prensa (1954), Buenos Aires, 6 de outubro.

Rossi, Luis Alejandro (1998). "Borges, Bioy Casares y el Peronismo". In *Estudios Sociales*, n. 14. Disponível em: <http://www.academia.edu/1950183/Borges_Bioy_Casares_y_el_Peronismo>. Acesso em: 17 jan. 2013.

Sarlo, Beatriz (1997). "Buenos Aires, Cidade Moderna". In _____. *Paisagens Imaginárias: intelectuais, arte e meios de comunicação*. São Paulo: EDUSP, p. 199-217.

_____ (2004). *El Imperio de los Sentimientos: narraciones de circulación periódica en la Argentina (1917-1927)*, Buenos Aires: Norma.

Sarmiento, Domingo Faustino (1996). *Facundo: civilização e barbárie*, Petrópolis: Vozes.

Silva, Paulo Renato da (2010). "Peronismo e cultura: o Primeiro Congresso de Bibliotecas Populares da Província de Buenos Aires (1949)". In *Topoi*, Rio de Janeiro, v. 21, p. 222-234.

Swiderski, Graciela (Org.) (1997). *Biblioteca Juan Domingo Perón: bibliografía sobre el peronismo*, Buenos Aires: Archivo General de la Nación.

Velázquez, Luis Horacio (1954a). *El Juramento*, Buenos Aires: Emecé.

_____ (1954b). *Guía de Bibliotecas Argentinas*, Buenos Aires: Ministerio de Educación de la Nación; Dirección General de Cultura; Comisión Protectora de Bibliotecas Populares, t. 1.

Velázquez, Luis Horacio (1949). *Los Años Conmovidos*, Buenos Aires: Guillermo Kraft.

_____ (1944). *Pobres Habrá Siempre*, Buenos Aires: Claridad.

Recebido para publicação em janeiro de 2013.

Aprovado para publicação em março de 2013.

**ENTRE MEMÓRIA E HISTÓRIA: A NARRATIVA POÉTICA DO JOVEM GILBERTO
FREYRE**

**ENTRE MEMORIA E HISTORIA: LA NARRATIVA POÉTICA DEL JOVEN GILBERTO
FREYRE**

**BETWEEN MEMORY AND HISTORY: THE POETIC NARRATIVE OF THE YOUNG
GILBERTO FREYRE**

**ENTRE MÉMOIRE ET HISTOIRE : LA NARRATION POÉTIQUE DU JEUNE GILBERTO
FREYRE**

介于回忆录与历史之间: 吉尔贝托·福来利
(GILBERTO FREYRE)年青时代的具有诗歌特征的文体

DOI: 10.5533/1984-2503-20135307

Claudio Marcio Coelho¹

RESUMO

Este artigo discute algumas interfaces entre memória e história, a partir da contribuição de autores contemporâneos, a saber, Pierre Nora, Michael Pollak, Jacques Le Goff, Roger Chartier, entre outros. Num segundo momento, investigamos como o cientista social Gilberto Freyre construiu sua narrativa histórica em diálogo com as interfaces discutidas por esses autores. Essa investigação está orientada pela hipótese de que Freyre realizou seu projeto intelectual (entre 1922 e 1926) percorrendo as fronteiras da memória e da história. Demonstramos como nosso autor realizou uma “relação simbiótica” entre história, memória e tempo poético a partir da conciliação de áreas como ciência, literatura e cultura popular.

Palavras-chave: História, Memória, Narrativa Histórica, Brasil, Gilberto Freyre.

¹ Doutorando em História pelo Programa de Pós-Graduação em História Social das Relações Políticas da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES). Membro da Diretoria Executiva do Núcleo de Estudos e Pesquisas Indiciárias (NEI), vinculado ao Departamento de Ciências Sociais da UFES. Desenvolve atividades de estudo, pesquisa e extensão no NEI, onde coordena o Laboratório de Estudos sobre Teorias da Complexidade (LETEC), a Linha de Pesquisa Ciência, Arte & Cultura e o Grupo de Estudos em Pensamento Social Brasileiro. Desenvolve estudos e docência nas seguintes áreas: Antropologia Cultural e Filosófica, Sociologia, História Cultural, Método Indiciário e Teorias da Complexidade.
E-mail: claudiomarciocoelho@gmail.com

RESUMEN

Este artículo discute algunas interfaces entre memoria e historia, a partir de la contribución de autores contemporáneos, como Pierre Nora, Michael Pollak, Jacques Le Goff, Roger Chartier, entre otros. En un segundo momento, investigamos como el científico social Gilberto Freyre ha construido su narrativa histórica en diálogo con las interfaces discutidas por estos autores. Esta investigación es orientada por la hipótesis de que Freyre ha realizado su proyecto intelectual (entre 1922 y 1926) recorriendo las fronteras de la memoria y de la historia. Objetivamos demostrar como nuestro autor ha realizado una “relación simbiótica” entre historia, memoria y tiempo poético a partir de la conciliación de áreas como ciencia, literatura y cultura popular.

Palabras clave: Historia, Memoria, Narrativa Histórica, Brasil, Gilberto Freyre.

ABSTRACT

This article discusses several interfaces between memory and history, based on the contribution of the following contemporary authors: Pierre Nora, Michael Pollak, Jacques Le Goff and Roger Chartier, among others. It then investigates how social scientist Gilberto Freyre constructed his historical narrative in a dialogue with the interfaces discussed by these authors. This investigation is oriented by the hypothesis that Freyre undertook his intellectual project (between 1922 and 1926) tracing the borders of memory and of history. We demonstrate how the author proposed a “symbiotic relationship” between history, memory and poetic time based on the conciliation of fields such as science, literature and popular culture.

Key words: History, Memory, Historical Narrative, Brazil, Gilberto Freyre.

RÉSUMÉ

Cet article analyse certaines interfaces entre mémoire et histoire à partir de la contribution d'auteurs contemporains comme Pierre Nora, Michael Pollak, Jacques Le Goff et Roger Chartier, entre autres. Dans un deuxième temps, nous étudierons la manière dont le scientifique social a construit son récit historique en dialogue avec les interfaces débattues par ces auteurs. Cette recherche se base sur l'hypothèse selon laquelle G. Freyre aurait mis en œuvre son projet intellectuel (entre 1922 et 1926) aux frontières de la mémoire et de l'histoire. Nous montrerons comment notre auteur a mis en place une « relation

symbiotique » entre histoire, mémoire et temps poétique à partir de la conciliation de domaines comme la science, la littérature et la culture populaire.

Mots-clés: Histoire, Mémoire, Récit historique, Brésil, Gilberto Freyre.

摘要

本论文首先讨论回忆录与历史两种文体的交叉问题，理论依据是当代法国学者的观点——诺拉(Pierre Nora)，波拉克(Michael Pollak)，雷高福(Jacques Le Goff)，夏提诶(Roger Chartier)。在理论上分析研究巴西著名社会学家吉尔贝托·福来利(Gilberto Freyre)的史学著作的文体的交叉特色。本文作者认为，吉尔贝托·福来利在1922年到1926年期间的学术著作的文体介于回忆录与历史论文之间，“共生”于历史，回忆录，诗韵，穿插并调和了科学，文学和民众文化。

关键字: 历史，回忆录，历史叙述，巴西，吉尔贝托·福来利(Gilberto Freyre)

Introdução

O tempo poetiza as pessoas e as coisas.

(Gilberto Freyre, 1921)

O estudo da memória conduz-nos inevitavelmente para a investigação e a discussão de temas complementares como passado, lembranças, esquecimentos, história. Esse estudo também revela-nos que a pesquisa acerca da memória é um trabalho de constante reconstrução. O mesmo também se aplica ao trabalho do historiador.

Apesar da crise paradigmática dos modelos centrados no racionalismo cartesiano e no positivismo científico, ainda estamos apegados a ilusão de que o passado pode ser reconstituído e recuperado em sua integralidade. Mas o que resta ao historiador é a possibilidade de uma “*reconstrução ideal*” do passado, pois “*todo o trabalho histórico parte da idealização de uma possibilidade de compreensão*”.² Como demonstrou Hans-Georg Gadamer (2002), o historiador só pode realizar a hermenêutica do passado pelo reconhecimento de que o objetivismo é uma ilusão, e de que todo esforço de

² Santos, Afonso C.M. dos (1998). *Memória e história das ciências*. Transcrição da palestra apresentada no MAST COLLOQUIA, em 05 de maio, Rio de Janeiro, p.13.

compreensão da realidade está inevitavelmente atravessado pela incompletude e pela incerteza.³ Muitos ainda estão apegados a conceitos/teorias estanques e insulares, apesar dos incomensuráveis avanços provocados pela inovação epistemológica introduzida na física quântica com o “*princípio da indeterminação*” de Werner Heisenberg (1927), na filosofia com o “*conhecimento aproximado*” de Gaston Bachelard (1928) e o “*pensamento complexo*” de Edgar Morin (1990), e na história com a “*perspectiva indiciária*” de Carlo Ginzburg (1989).⁴

Estamos convencidos de que o trabalho histórico não é o contato direto com a experiência humana do passado, mas o trato com vestígios, fragmentos, indícios que nos apresentam apenas um espectro dessa experiência. Por isso, o estudo histórico necessita de um exercício crítico permanente, pois o que torna o passado inteligível e compreensível é a tradução do historiador. Ademais, o historiador pode descortinar as relações de complementaridade entre memória e história, enriquecendo seu esforço de (re)construção imaginativa do passado.

Partindo dessas premissas, identificaremos alguns autores e trabalhos contemporâneos que dissertaram sobre memória e história. Inicialmente, apresentaremos um panorama geral acerca do tema, discutindo suas interfaces. Depois, investigaremos como o jovem Gilberto Freyre construiu sua narrativa histórica a partir dessas interfaces. Essa investigação será orientada pela hipótese de que Freyre realizou seu projeto intelectual percorrendo as fronteiras da memória e da história. Evitando uma leitura sedimentada em uma única possibilidade, o jovem intelectual pernambucano preferiu transitar entre a memória e a história para construir um painel histórico vívido, poético e racional do passado brasileiro.

Acerca de memória e história: absorvendo alguns autores e obras

Pierre Nora coordenou um trabalho clássico e modelar para a historiografia francesa e mundial, e que tem influenciado pensadores no mundo inteiro. Uma obra coletiva que chamou de *Les lieux de mémoire*⁵, composta por sete volumes publicados entre 1984 e 1994. No Brasil, a *Revista Projeto História 10*, da PUC/SP, publicou a

³ Ver: Gadamer, Hans-Georg (2002). *Verdade e método II*, Petrópolis, RJ: Vozes.

⁴ Ver: Bachelard, Gaston (2004). *Ensaio sobre o conhecimento aproximado*, Rio de Janeiro: Contraponto; Morin, Edgar (2005). *O método 3: o conhecimento do conhecimento*, Porto Alegre: Sulina; Ginzburg, Carlo (1989). *Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história*, São Paulo: Cia das letras.

⁵ Os lugares de memória.

tradução de um texto que apresenta a obra. Um texto intitulado *Entre memória e história*: a problemática dos lugares, no qual Nora (1993) demarca diferenças esclarecedoras entre memória e história, a começar pelo reconhecimento de que não são conceitos sinônimos. Pelo contrário, hoje somos obrigados a revelar sua oposição permanente.

Para Nora, a memória é a “*vida, sempre carregada por grupos*”, por isso, está “*aberta à dialética da lembrança e do esquecimento*”, mas também é “*inconsciente de suas deformações sucessivas*”, “*vulnerável a todos os usos e manipulações*”, susceptível a transformações ou reedições no tempo e no espaço. Por outro lado, a “*história é a reconstrução problemática e incompleta do que não existe mais*”, pois consiste na representação do passado, enquanto a memória é um fenômeno atual e um elo “*vivido no eterno presente*”. Também é “*afetiva e mágica*”. E se “*alimenta de lembranças vagas, telescópicas, globais, flutuantes, particulares ou simbólicas*”. Mas essas lembranças são sensíveis “*a todas as transferências e cenas*”, censuras ou projeções. Assim, a memória aciona a lembrança do sagrado, une os grupos sociais e se enraíza no concreto, no símbolo, no gesto, na imagem e no espaço. A história, por sua vez, é uma operação intelectual e laicizante, que demanda análise e discurso crítico. Sua vocação volta-se para o universal, pois está ligada “*às continuidades temporais, às evoluções e às relações das coisas. A memória é um absoluto e a história só conhece o relativo*”.⁶

Sabemos que a força dos símbolos é imbatível, por isso, a memória constitui objeto privilegiado na disputa pelo poder. Assim, manipulada em sua função política, silenciada ou esquecida em sua representação do passado, a memória coletiva torna-se instrumento e objeto de poder. Como afirmou Jacques Le Goff, “*os esquecimentos e os silêncios da história são reveladores desses mecanismos de manipulação da memória coletiva*”.⁷

A crítica de Le Goff é legítima, e indica-nos as consequências decorrentes daquilo que Michael Pollak chamou de “*enquadramento da memória*”. Em *Memória, esquecimento, silêncio*, Pollak (1989) lembra a contribuição de Maurice Halbwachs e Pierre Nora para o estudo da memória. Destaca a importância que atribuíram ao estudo dos monumentos, do patrimônio arquitetônico, das paisagens, das datas e personagens históricas, das tradições e costumes, regras de interação social, folclore, música e tradições culinárias. Assim, Halbwachs acentuou as funções positivas desempenhadas

⁶ Nora, Pierre (1993). “Entre memória e história: a problemática dos lugares”. In *Projeto História*, n.10, p. 9.

⁷ Le Goff, Jacques (1990). *História e memória*, Campinas: Ed. UNICAMP, p.26.

pela memória no reforço da coesão social. Um reforço que se manifesta pela adesão afetiva dos indivíduos ao grupo, que chamou de “*comunidade afetiva*”.⁸

Sabemos, por teoria e por experiência, que o controle das metáforas, dos símbolos e das tradições, torna-se alvo privilegiado na disputa pelo poder. Por isso, consideramos as lutas de representações como processos tão importantes quanto às lutas econômicas, como demonstrou Roger Chartier em *A história cultural: entre práticas e representações* (2002).

Nessa obra, Chartier discute as limitações advindas dos “*falsos discursos*” que professam a impossibilidade de diálogo e de aproximação entre estudos voltados para a “*objetividade das estruturas*” (terreno da história alicerçada na quantificação, no rigor teórico-empírico) e para a “*subjetividade das representações*” (uma história considerada menor e reprodutora de discursos distanciados do real). Segundo Chartier, a superação da dicotomia decorrente dessas limitações revelará “*os esquemas geradores das classificações e das percepções*” como “*verdadeiras instituições sociais, incorporando sob a forma de categorias mentais e de representações coletivas, as demarcações da própria organização social*”.⁹

Se considerarmos as representações coletivas como elementos que estruturam o imaginário social, somos obrigados a reconhecer que mitos, crenças e tradições, representam as formas como uma sociedade imagina/pensa/sente suas relações sociais. Essas representações constituem o que Nora chamou de “*lugares de memória*”. Lugares no sentido simbólico. Existem também lugares no sentido material e funcional. Mas, um depósito de arquivos, um testamento, os documentos oficiais e extraoficiais, os manuais de aula, por exemplo, só são lugares de memória se a “*imaginação*” os investe de uma aura simbólica e/ou se forem objetos de um ritual. É preciso ter “*vontade de memória*”, pois na falta dessa intenção¹⁰, os lugares de memória serão apenas “*lugares de história*”.¹¹

Assim, o estudo dessas representações revelará as “*imagens mentais claras*” ou os “*materiais de ideias*” – segundo Lucien Febvre – do contexto estudado. Chartier considera necessário tomar o conceito de representação num sentido particular e historicamente

⁸ Ver: Pollak, Michael (1989). “Memória, esquecimento, silêncio”. In *Estudos Históricos*, v.2, n.3, p.3-15.

⁹ Chartier, Roger (1990). *A história cultural: entre práticas e representações*, Rio de Janeiro/Lisboa: Bernard Brasil/Difel, p.18.

¹⁰ Mitos, símbolos, tradições, crenças e rituais estão sempre atravessados por intencionalidades, desejos, afetos e fantasias humanas, “demasiadamente humanas”, como diria Friedrich Nietzsche.

¹¹ Nora, P. (1993). Op. Cit., p.22.

determinado, considerando a representação como “*coisa ausente*” ou como “*exibição de uma presença, como apresentação pública de algo ou de alguém*”. A representação coletiva constitui um instrumento de conhecimento mediato, onde o objeto ausente é substituído por uma “*imagem*” capaz de reconstituí-lo em memória ou de figurá-lo como ele é.¹²

Nesse sentido, a obra *História e memória*, de Jacques Le Goff (1990), auxilia-nos na discussão de nosso tema. Le Goff considera o “*estudo da memória social como um dos meios fundamentais de abordar os problemas do tempo e da história*”.¹³ Também valoriza as proposições de H.L.Bergson (1896) em *Matière et mémoire* sobre a centralidade da noção de imagem “*na encruzilhada da memória e da percepção*”¹⁴, realçando a existência de uma memória profunda, pessoal, pura, e de seus laços com o espírito humano (alma, mente, psyché). A teoria de Bergson teve grande influência sobre a literatura de Marcel Proust, e marca o ciclo narrativo do autor em *À la recherche du temps perdu* (1913-27). Esta influência fez nascer uma nova memória romanesca, gerando a cadeia/relação mito-história-romance.

Considerando a contribuição desses autores, poderemos eleger algumas categorias problematizadas nos trabalhos supracitados para a análise das interfaces entre memória e história no pensamento do jovem Gilberto Freyre: a ideia de memória romanesca (Le Goff); de comunidade afetiva (Halbwachs); de memória coletiva (Chartier); os lugares de memória (Nora), por exemplo.

História, memória e tempo poético: uma relação simbiótica em Gilberto Freyre

*Desde jovem, o autor tende a ser, criar o seu próprio ritmo ou seu próprio estilo, tanto sociológico como, até, filosófico, de ser ou, como diria o espanhol, de “estar sendo” quanto tem sido. Daí ser, talvez, menos sociólogo que antropólogo. Daí ser, também – ou procurar ser – historiador social: um historiador social que junte “simbioticamente” a história social à sociologia. Daí, ainda, ser dos que não hesitam em procurar abrir comunicações da sociologia com a literatura e com a filosofia, admitindo aquela validade do “modo poético de conhecimento” como complementar, nuns tantos casos, do “modo científico”...*¹⁵

(Gilberto Freyre, 1968)

¹² Chartier, R. (1990). Op. Cit., p. 20.

¹³ Le Goff, J. (1990). Op. Cit., p. 426.

¹⁴ Ibidem, p.471.

¹⁵ Freyre, Gilberto (1968). *Como e porque sou e não sou sociólogo*, Brasília: Ed. UNB, p.25.

O Brasil do início do século XX estava sob o domínio intelectual da França. Lia-se preferencialmente Anatole France, Zola, Julio Verne, Maupassant, Flaubert e Renan. Os filhos das famílias abastadas estudavam tudo quanto representava a cultura francesa: a língua, a literatura, as artes. O jovem Gilberto Freyre não fugiu a influência desse espírito da *Belle époque*. Também admirava a literatura dos irmãos Goncourt desde a adolescência. As anotações de seu diário e as recordações apresentadas no livro *Como e porque sou e não sou sociólogo* (1968) revelam como se sentia seduzido pelo esteticismo e pelo naturalismo dos Goncourt.

Edmond e Jules Goncourt¹⁶ situam-se esteticamente e historicamente entre o realismo de Flaubert e o naturalismo de Zola. Autores de romances históricos que destacam os traços negativos, o vício e a degenerescência moral da sociedade francesa do século XIX. Os Goncourt preocupavam-se marcadamente com o caráter documental de suas obras, por isso, pesquisavam uma ampla variedade de fontes, tais como jornais, novelas e pinturas. Aplicaram o método documental à redação de romances, segundo a técnica naturalista, que consiste na documentação objetiva e estudos científicos para a descrição dos estados patológicos sociais. Pretendiam a criação de uma linguagem especial, que se manifestasse de forma científica e altamente artística. Uma linguagem que pudesse exprimir a psicologia de seus personagens, e levasse os leitores a refletir sobre os ambientes retratados, com plasticidade e vivacidade. Escritores visuais, pictóricos e plásticos, tinham um meticuloso fascínio pela apresentação da realidade a partir de uma infinidade de minúcias extraídas do comportamento humano. Com o capricho dos miniaturistas e afiada percepção recolhiam estas minúcias da realidade humana viva e concreta.

Freyre estava em Paris, em 1922, quando registrou sua identificação com os Goncourt, escritores “*fraternamente*” próximos nas preferências, substâncias e formas parisienses de vida e de paisagem, “*juntando ao gosto da cor o da precisão, agudeza e até pureza do traço, mesmo quando este vinha a ser intensificado [...] para dar relevo a alguma coisa de específico na sugestão ou na evocação ou na expressão de uma paisagem ou de um ambiente*”. Freyre admirava a estética, a plasticidade e a análise

¹⁶ Edmond Huot de Goncourt (1822-1896) e Jules Huot de Goncourt (1830-1870) – Escritores franceses adeptos do naturalismo.

minuciosa do comportamento humano e da intimidade presentes na literatura dos irmãos Goncourt, “os admiráveis pioneiros modernos de *l’histoire intime... ce roman vrai*”.¹⁷

Em 1924, Freyre realizava pesquisas na Biblioteca Pública do Recife, quando encontrou um livro dos Goncourt que não conhecia: “livro delicioso”. Freyre não revelou o nome da obra, mas registrou: “Não há na literatura francesa do século XIX obra mais interessante que dos Goncourt: única pelo que junta de inteligência à sensibilidade”. E concluiu: “Ao lado dos Goncourt, os Zola e os Bourget se amesquinham em subscritores: pouco mais do que simples Ohnets...”¹⁸

Em 1925, Freyre manifestou mais uma vez a preocupação com seu estilo: “Que escritor pode haver sem forma? Sem plástica? Sem ritmo?”. Esta preocupação reforçou sua convicção de que o passado social de um povo só pode ser revelado em sua plasticidade pelo esforço de ressurreição da intimidade e do cotidiano social. Freyre reafirmou a importância de seus primeiros esforços teóricos e metodológicos na elaboração de sua tese de mestrado sobre a *Social life in Brazil in the middle of the 19th century*¹⁹ (1922) e na organização do *Livro do Nordeste* (1925). Esforços de “ressurreição de um passado brasileiro mais íntimo (*l’histoire intime... roman vrai*”, como dizem os Goncourt) até esse passado tornar-se carne. Vida. Superação de tempo”.²⁰

A admiração de Gilberto Freyre pelo escritor Walter Pater²¹ começou aos dezoito anos com o curso sobre o ensaísmo inglês²² conduzido pelo Professor Armstrong, principalmente com a leitura da pequena obra-prima *The child in the house*, publicada originalmente na *Macmillan’s Magazine*, em agosto de 1878. Freyre encontrou em W.Pater atributos que valorizava em um escritor admirável: a discussão de questões estéticas e de estilo; uma literatura que capturasse a experiência humana na sua fluidez e complexidade; a relevância da imaginação e a defesa da liberdade criativa do escritor.

Para W. Pater, as formas de escrever não são meros acidentes literários que dependem da escolha pessoal ou do capricho do autor. Dependem do assunto e das

¹⁷ Freyre, Gilberto (1975). *Tempo morto e outros tempos: trechos de um diário de adolescência e primeira mocidade, 1915-1930*, Rio de Janeiro: J. Olympio, p.121.

¹⁸ Ibidem, p.146.

¹⁹ No prefácio à edição inglesa de sua tese de mestrado Freyre declarou que seu estudo sobre o Brasil dos meados do século XIX inspirou-se na caracterização da história íntima segundo os Goncourt: “*l’histoire intime; c’est ce roman vrai que la posterité appellera peut-être l’histoire humaine*”. Inspiração de suas leituras de adolescente “*daqueles dois escritores – escritores e historiadores – franceses: os irmãos Goncourt*”.

²⁰ Freyre, G. (1975). Op. Cit., p.177.

²¹ Walter Horatio Pater (1839-1894) – Escritor e crítico inglês requintado. Pensador erudito. Seus princípios estéticos foram desenvolvidos por Oscar Wilde e George Moore.

²² Durante seus estudos de graduação na Universidade de Baylor, no Texas (EUA).

maneiras como a mente humana se relaciona com a verdade. O ensaio não apresenta as inferências de forma sistematicamente organizadas, mas inferências e ligações que surgem por “*associações mais ou menos livres e que se coadunam perfeitamente com a dubiedade e o inacabamento da experiência fugidia e da inevitável subjetividade de sua percepção*”. Pater considerou o ensaio como um método que se aproxima da realidade pela irregularidade, o fortuito, o ardor e a confusão da própria vida.

Na obra *The child in the house* (1878), Pater narra o reencontro de Florian Deleal com seu passado. Passado que se revelou pela busca de pequenos acidentes da infância que determinaram sua formação como homem. No conto, Florian ajuda um pobre velho, muito cansado, a carregar sua carga por uma distância. Durante o percurso ouve do velhinho sua história e descobre que eram da mesma região. Na noite do mesmo dia, Florian foi recompensado por seu compadecimento, e tem um sonho grandioso que descortina com grande clareza seu passado infantil: o lugar onde nascera e especialmente a casa onde cresceu. As portas, janelas, lareiras, os jardins e o perfume das flores da velha casa – detalhes da infância – lembrados no sonho fizeram com que Florian tomasse a decisão de recuperar sua história, sua formação, que Pater considerou como o processo de construção mental pelo qual somos o que somos. Florian recordou da casa onde vivera na infância e reencontrou em suas lembranças a criança movendo-se entre as paredes de lambris antigos, subindo as escadarias, vagando pelo grande sótão. Pequenos acontecimentos. Lembranças da paisagem infantil. Influências marcantes na formação de seus sentimentos, identificações, desejos, medos, aversões etc.

A experiência de Florian cativou a atenção de Freyre. Em 1923, o jovem intelectual registrou em seu diário que um dos seus maiores desejos era rever o *São Severino dos Ramos: o Engenho de Pau d’Alho*, no interior de Pernambuco. Freyre sentia muita saudade de sua meninice, da velha casa-grande e do engenho onde brincou menino, dos irmãos, primos e amigos de infância. Saudade da família, dos parentes, dos amigos e de seu amado Recife.

No prefácio à edição inglesa de sua tese de mestrado *Social life in Brazil in the middle of the 19th century* (1922), revisada em 1963, Freyre afirmou que este ensaio representava a tentativa de conhecer o Brasil “*em sua vida quanto possível íntima*”, e lembrou: “*ou – para usar das palavras de Walter Pater, quando lhe perguntaram por que estudava história – ‘para saber como vivia o povo, que trajos usava, que aparência tinha’.*”

Principalmente para isto: para saber como viviam... os avós e bisavós de um brasileiro de hoje".²³

O jovem Freyre também admirava o estilo de Marcel Proust²⁴, pois encontrou em sua obra, o mesmo sentido de *l'histoire intime... ce roman vrai*, dos Goncourt. M.Proust descreveu o universo do personagem, deformado e refletido segundo sua psicologia. Também considerou que o tempo só pode ser recuperado através da memória e só adquire eternidade com a obra de arte. Segundo os críticos, a principal contribuição da obra de Proust reside no desenvolvimento psicológico de seus personagens e na preocupação filosófica com o tempo.

Em sua obra-prima *À la recherche du temps perdu* (1913-1927), Proust revela as características fundamentais de seu estilo literário. Proust traçou a trajetória de seu herói desde a infância feliz até o compromisso romântico de sua própria consciência como escritor, e explicou corajosamente os abismos da psiché, as motivações inconscientes e a conduta irracional. Proust interpretava o tempo como elemento positivo e destrutivo, que só pode ser apreendido pela memória intuitiva. Sua percepção da seqüência temporal resultou de sua admiração pelas teorias do filósofo francês Henri Bérgrson, que compreendia o tempo como um fluir constante: o passado e o presente como a mesma realidade. Seu estilo literário influenciou muitos escritores no século XX.

Proust buscava verdades eternas capazes de revelar a relação de sentido, a experiência e a memória esquecida. Assim, a memória pode ser estudada através da investigação minuciosa dos acontecimentos do cotidiano, do vivido, do poético. A beleza da vida é obscurecida pelos hábitos e pela rotina, mas essa beleza pode ser revelada pela arte.

Aparentemente os traços fundamentais do estilo literário de Proust seduziram o jovem Freyre: a introspecção meticulosa e emocionada do passado, o retrato psicológico dos personagens e a apropriação de diversos gêneros para a construção da narrativa. Também registrou em seu diário o apreço que tinha pelo Proust das análises líricas e clínicas, poéticas e científicas: um escritor-historiador ideal capaz de revelar o que há de mais íntimo no passado de um povo. Freyre manifestou seu interesse particular pelo primeiro livro da obra *À la recherche du tempo perdu*: o *Du côté de Chez Swann* como evocação do "tempo de menino".

²³ Freyre, Gilberto (1977). "Prefácio". In *Vida social no Brasil em meados do século XIX*, Rio de Janeiro: Artenova; Recife: Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais.

²⁴ Marcel Proust (1871-1922).

Desde 1922, Freyre procurava aplicar a ideia de *l'histoire intime* dos Goncourt na análise histórica-social da vida de menino no Brasil. Estava interessado na “evocação e revelação da vida de menino” nos séculos coloniais, século XIX e começo do século XX, e em várias regiões brasileiras: engenho, fazenda, cidade, Rio, Recife, Bahia etc. Em 1924, reconheceu que havia chegado a sua fase intensa de proustianização. Em 1926, registrou em seu diário que desdenhava o que havia de ficção na literatura de Proust. Estava interessado no que o escritor francês poderia revelar-lhe sobre a história, a realidade e a *histoire intime*, bem como nas reflexões sobre assuntos relacionados à arte-ciência de evocação histórica e de revelação biográfica. Freyre buscava a fluidez que permite ver ou entrever a realidade: a fluidez proustiana.²⁵

Aparentemente a influência de Proust revelou-lhe a chave teórica necessária para a pesquisa da história da vida de menino no Brasil: seu grande projeto intelectual para os próximos anos. Aprendeu que a história íntima pode ser revelada de forma plástica e vívida pela introspecção meticulosa e emocionada do passado. Podemos conjecturar que a *busca do tempo perdido* de Proust desdobrou-se em Freyre como a *busca do menino perdido*. As experiências registradas em seu diário demonstram que essa busca já havia começado antes da leitura do eminente escritor francês. Um interesse manifestado anteriormente em seu apreço pela literatura de Walter Pater e dos irmãos Goncourt, e que se alargou posteriormente pelo contato mais aprofundado com a obra de Marcel Proust.

Como vemos, o apreço de Gilberto Freyre pela literatura influenciou sobremaneira sua sensibilidade poética. O jovem intelectual pernambucano identificou-se com escritores preciosos em sua busca introspectiva de um passado sensível e vívido. Assim, em Walter Pater reencontrou as lembranças da paisagem infantil no conto *A criança na casa*; com os irmãos Goncourt aprendeu que podemos ressuscitar a intimidade e o cotidiano social, e que “*A história íntima... um romance será*”; com Marcel Proust, a introspecção meticulosa e emocionada do passado consubstanciou-se como a *busca do menino perdido*. Ademais, esses escritores realizaram algo muito valioso: a escrita acerca do passado, ficcional e romântica, está sempre marcada por uma representação poética do tempo e do espaço. Mas para Freyre, não importa que essa representação seja ficcional, pois sua

²⁵ “Para Proust, é o artista-cientista que dá a certas coisas dentre as que ele vê ou evoca, “existência própria”, uma espécie de “alma” que elas depois conservam em movimento como que próprio, desde que não há passado fixo. O próprio historiador que evoca o põe em movimento, sendo um homem fluido por sua atualidade em combinação com sua memória. Através dessa fluidez é que a realidade se deixa ver ou entrever; e nunca em sólidos perfeitamente fixos no tempo ou mesmo no espaço.” Freyre, G. (1975). Op. Cit., p. 184.

preocupação consistia apenas em absorver dessa literatura atributos valiosos como a fluidez, o estilo e a estética. Nesse ponto, podemos identificar em sua perspectiva, a mesma preocupação de Bergson sobre a centralidade da imagem para o estudo da memória e da percepção, bem como sua influência na “*memória romanesca*” de Proust, como demonstrou Le Goff.

Em 1919, Freyre estava na *Universidade de Baylor/Texas* quando tornou-se sócio-correspondente do *Diário de Pernambuco*, onde escrevia artigos sobre temas sociais, culturais, políticos e regionais.²⁶ Freyre preocupava-se com os embates intelectuais no Brasil, e com os desafios de construção da identidade nacional, por isso, manteve-se atualizado a respeito do pensamento social brasileiro presente nas obras de autores como Euclides da Cunha, Nina Rodrigues, Sylvio Romero, Manoel Bonfim, Oliveira Viana, Graça Aranha, Capistrano de Abreu, Lima Barreto, Licínio Cardoso, Monteiro Lobato, Tristão Ataíde, Mário de Andrade, Alberto Torres, entre outros.

Freyre concluiu seus estudos de pós-graduação na *Universidade de Columbia/New York* em 1922, onde defendeu sua tese de mestrado (*Social life in Brazil in the middle of the 19th century*). A primeira grande produção científico-acadêmica de um jovem pensador declaradamente identificado com a visão positiva do passado, e que desejava participar ativamente do projeto político-intelectual de construção da identidade nacional. Freyre escreveu que seu objetivo fundamental neste ensaio era conhecer o Brasil do século XIX. Desejava experimentar a “*alegria*” de “*compreender*” uma ordem social já desfeita, embora “*ainda influente*” sobre o “*ethos brasileiro*” ou simplesmente “*compreender*” o passado da sua própria gente, revelando o desafio de “*lutar contra os preconceitos e as prevenções dos relatos convencionalmente históricos, tantos deles desprovidos de senso crítico*”.

Freyre lançou mão da obra de historiadores-sociólogos “*magistrais*” e “*notáveis*” como Joaquim Nabuco, Capistrano de Abreu e Oliveira Lima. Também utilizou fontes inovadoras para a época como daguerreótipos, litogravuras, livros de viagem, diários, jornais e revistas – material pesquisado, em grande parte, na *Biblioteca Hispano-Americana* de Oliveira Lima, na *Universidade Católica* de Washington D.C., na *Biblioteca Pública* de Nova York e na *Biblioteca do Congresso* dos Estados Unidos. Recolheu fatos recordados por remanescentes da “*velha ordem*”, entre os quais a Senhora Richard

²⁶ Ver: Albuquerque Jr., Durval Muniz de (1999). *A invenção do Nordeste e outras artes*, Recife: FJN, Ed. Massangana; São Paulo: Cortez.

Rundle, de Nova York, que viveu no Rio de Janeiro no século XIX, saudosa do Brasil de Pedro II, e o Dr. João Vicente Costa, velho brasileiro de Pernambuco com quem muito conversou na meninice.

Desta feita, enfrentou o desafio de juntar a sensibilidade de um estudo acerca do passado brasileiro à formação rigorosamente científica obtida em universidades estrangeiras. Descreveu a vida social no Brasil do século XIX observando critérios fundamentais como o estudo da *l'histoire intime* e a pesquisa detalhada e minuciosa do cotidiano. Realizou um estudo "*menos político do que social*" e valorizou aspectos "*menos evidentes*"²⁷ da história social brasileira. O Brasil deste período era constituído de vários "*Brasis*" regionalmente diversos em relação as suas particularidades geográficas, históricas, culturais, políticas e econômicas.

Na sociedade brasileira agrária, patriarcal e escravocrata acentuava-se o antagonismo entre senhores de engenho e escravos. Mas Freyre destacou os aspectos menores como os relatos de viajantes sobre o acentuado processo de miscigenação; os anúncios de jornais sobre venda e fuga de escravos; o aspecto rústico do sertanejo (a enorme cabeleira, as calças de couro e a camisa de algodão); as indústrias caseiras de vinhos de jenipapo, charque, queijo de coalho, doces e bolos; as danças africanas e os ritmos sensuais do *batuque* dos escravos, que cantavam e tocavam marimba, nos dias de feriados – costume de alguns engenhos e fazendas; as atividades caseiras das donas-de-casa ou *sinhás-donas* nas casas-grandes rurais e nos sobrados urbanos no cuidado com a alimentação, as roupas, as compras, a higiene etc.; o abuso sexual das escravas pelos senhores e seus filhos, que satisfaziam todos os seus gostos sexuais experimentando das pretas retintas às mulatas claras; as ruas e largos do Rio de Janeiro e Recife cheios de grupos de homens, conversando, fumando, tomando rapé, enquanto carregadores de café ou açúcar corriam com suas cargas, nus da cintura para cima, pele luzidia, dorsos oleosos de suor; a rua, a praça, o largo da matriz, a porta da botica – lugares de encontros dos homens da época.

Famílias aristocráticas ostentavam majestosas casas-grandes de engenho e sobrados urbanos com salas de visitas, muitos quartos de dormir e a grande sala de jantar; móveis de madeira pesada e nobre: mesas, sofás, cadeiras, marquises, camas; os

²⁷ Desprezou aspectos maiores como as finanças públicas, o progresso material, a produção do açúcar, a participação decisiva da religião na vida social, a corrupção do clero, o desprezo imperial das noções de higiene pública, o apego às tradições, a falta de apurado gosto literário e a preferência pela retórica, a quase total ausência de pensamento crítico entre as elites intelectuais, entre outros.

enfeites de fitas de cor nos sofás e cadeiras; a presença majestosa do piano; e suas carruagens nobres. Na intimidade da casa-grande famílias numerosas recebiam amigos para jantar; a sonata ou polca era tocada pela senhora; jogos de salão como pilha-três; os poemas recitados pelos rapazes acompanhados ao piano; em algumas ocasiões o dono da casa virtuoso da flauta ou do violino, regalava as visitas com sua arte; jantar com grandes pratos de gorda carne de porco com feijão preto, de pirão, de canjica, de pães doces, de doces, de bolos e sobremesas frias de frutas nativas, muitas vezes preparadas e servidas pela própria sinhá-dona; as capelas e as orações domésticas; o respeito dos filhos aos pais.

Assim, o jovem Freyre realizou um “*estudo indiciário*” da vida social no Brasil do século XIX, a partir da análise minuciosa da intimidade e do cotidiano. O passado reconquistado pelo acesso à memória, como se cada “detalhe” constituísse uma peça peculiar de um quebra-cabeça histórico intrigante ou como se cada “pormenor” representasse uma pista reveladora de um enigma social apaixonante.²⁸

Em 1925, Carlos Lyra Filho convidou Gilberto Freyre, que estava com apenas 25 anos, mas já era conhecido nos meios artísticos e intelectuais, para organizar um livro comemorativo do centenário do *Diário de Pernambuco*. Freyre imprimiu sua marca regionalista e indiciária na organização desta obra, pois deixou de lado o enaltecimento dos grandes acontecimentos como a colonização Duarteina, a vitória sobre os flamengos ou as revoluções libertárias. Assim, encarregou alguns intelectuais, escritores e artistas regionais para apresentação de estudos sobre os cem anos de vida no Nordeste, mas de uma perspectiva micro-histórica, destacando a vida estudantil, os costumes, as tradições, a mulher, as festas, a música, a arte, o teatro, a literatura, a escravidão, ou seja, as particularidades históricas e culturais do Nordeste.

Desta feita, Oliveira Lima, Fidelino de Figueiredo e Francis Butler Simkins escreveram artigos sobre o açúcar; Aníbal Fernandes escreveu um ensaio sobre os problemas da capital pernambucana; a vida estudantil no Recife foi contada por Odilon Nestor; o poeta Manuel Bandeira escreveu *Evocação do Recife*, e recordou os hábitos e costumes que presenciou quando criança na casa do avô, na Rua da União, e as lembranças felizes dos banhos no rio Capibaribe; alguns especialistas escreveram sobre a economia de Pernambuco: a agricultura e a pecuária por Samuel Hardmenn, a indústria

²⁸ Defendi esta tese em minha dissertação de mestrado (*Gilberto Freyre: indiciarismo, emoção e política na casa-grande e na senzala*), apresentada ao Programa de Pós-graduação em História Social das Relações Políticas da Universidade Federal do Espírito Santo, em 2007.

e o comércio por Gaspar Perez, a viação férrea por Graciliano Mendes; Luis Cedro escreveu um ensaio sobre D.Vital, bispo que enfrentou o poder imperial e a maçonaria; Joaquim Cardoso escreveu uma análise da poesia de Manuel Bandeira; Henrique Castriciano apresentou o perfil da poetisa norte-rio-grandense Nysia Floresta, que defendia ardorosamente posições feministas avançadas no século XIX; os temas antropológicos foram apresentados em suas particularidades locais: Júlio Belo escreveu sobre festas de engenho; Eloi de Souza realizou um estudo detalhado sobre os cantores do Nordeste; Leite Oiticica escreveu sobre a arte da confecção de rendas; Euclides Fonseca apresentou um ensaio sobre a vida musical no Nordeste; o teatro foi discutido por Samuel Campelo; a literatura foi objeto de estudo de França Pereira; o Movimento Abolicionista foi tema do paraibano Coriolano de Medeiros; o jornalismo por Manoel Caetano; Mário Belo escreveu sobre o *Diário de Pernambuco* e seu fundador Antônio José de Miranda Falcão; o drama das secas foi apresentado pelo cearense Tomás Pompeu Sobrinho.

O *Livro do Nordeste* tornou-se um dos principais documentos publicados sobre a vida nordestina, e apresentou uma rica profusão de estudos de historiadores, cientistas sociais, escritores, biógrafos, memorialistas, artistas e jornalistas.

Em 1926, Freyre viajou ao Rio de Janeiro para realizar pesquisas históricas sobre o período colonial brasileiro e registrou em seu diário sua decepção pela descaracterização arquitetônica e urbana da capital federal, que classificou como “*mau gosto*”, “*arrivismo*”, “*rastaquerismo*”, “*caricaturas ruins*” em nome do progresso e do moderno. E escreveu indignado: “*E certos modernistas a acharem isto bonito, progressista, moderno e a se regozijarem com a destruição das velharias. São uns cretinos, esses modernistas*”.²⁹ Neste contexto, podemos afirmar que sua indignação é mais um sintoma da *nostalgia* e do *conservadorismo romântico* que sempre cultivou. Este comportamento não deve ser confundido com a negação insana do presente e do futuro, mas como uma tentativa desesperada de salvaguardar os vestígios do passado pela preservação dos monumentos históricos e de reconquistar a memória de sua infância pela introspecção proustiana: poética, científica e artística.

²⁹ Freyre, G. (1975). Op. Cit., p. 183.

Considerações finais

O empenho de Freyre na recuperação e na revelação de um passado sensível está orientado por um perspectivismo histórico-sociológico que reconhece a dimensão afetiva da memória, o que aproxima sua leitura particular da ideia de “*comunidade afetiva*” de Halbwachs.

Sua descrição densa dos elementos estéticos, simbólicos e dos signos de nossa memória coletiva constitui um verdadeiro arsenal de “*lugares de memória*” (Nora) do passado brasileiro. Ademais, podemos inferir que a importância que atribuiu aos elementos menores, desprezados pela história política e econômica (a mulher, o artesanato, as poesias, a música, por exemplo) demonstra sua preocupação com a recuperação de “*memórias silenciadas*” (Pollak). Por fim, é notória a importância que atribuiu ao estudo das “*representações coletivas*” (Chartier), acentuando a complementaridade entre aspectos simbólicos, econômicos e políticos. Mas toda a narrativa freyreana é marcada por descontinuidades da memória, pois nada é linear e acabado em seu pensamento. Para o jovem Freyre, a obra – literária, artística ou científica – cria a realidade. Em sua escrita ocorre uma simbiose constante entre o leitor e a obra. Somos tomados por um incrível sentimento de realidade.

Referências

Albuquerque JR, Durval Muniz de (1999). *A invenção do Nordeste e outras artes*, Recife: FJN, Ed. Massangana; São Paulo: Cortez.

Bachelard, Gaston (2004). *Ensaio sobre o conhecimento aproximado*, Rio de Janeiro: Contraponto.

Chartier, Roger (1990). *A história cultural: entre práticas e representações*, Rio de Janeiro/Lisboa: Bernard Brasil/Difel.

Coelho, Claudio M. (2007). *Gilberto Freyre: indiciarismo, emoção e política na casa-grande e na senzala*. Dissertação (Mestrado em História) - Programa de Pós-graduação em História Social das Relações Políticas, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória.

Freyre, Gilberto (1968). *Como e porque sou e não sou sociólogo*, Brasília: Ed. UNB.

_____ (1975). *Tempo morto e outros tempos: trechos de um diário de adolescência e primeira mocidade, 1915-1930*, Rio de Janeiro: J. Olympio.

_____ (1977). *Vida social no Brasil em meados do século XIX*, Rio de Janeiro: Artenova; Recife: Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais.

Gadamer, Hans-Georg (2002). *Verdade e método II*, Petrópolis, RJ: Vozes.

Ginzburg, Carlo (1989). *Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história*, São Paulo: Cia das letras.

Le Goff, Jacques (1990). *História e memória*, Campinas: Ed. UNICAMP.

Morin, Edgar (2005). *O método 3: o conhecimento do conhecimento*, Porto Alegre: Sulina.

Nora, Pierre (1993). "Entre memória e história: a problemática dos lugares". In *Projeto História*, n.10, p.7-28.

Pollak, Michael (1989). "Memória, esquecimento, silêncio". In *Estudos Históricos*, v.2, n.3, p.3-15.

Santos, Afonso C.M. dos (1998). *Memória e história das ciências*. Transcrição da palestra apresentada no MAST COLLOQUIA, em 05 de maio, Rio de Janeiro.

Recebido para publicação em novembro de 2012.

Aprovado para publicação em fevereiro de 2013.

**ABOLIÇÃO E CIDADANIA: A GUARDA NEGRA DA REDENTORA
NO RIO DE JANEIRO**

**ABOLICIÓN Y CIUDADANÍA: LA GUARDIA NEGRA DE LA REDENTORA
EN EL RÍO DE JANEIRO**

**ABOLITION AND CITIZENSHIP: THE *GUARDA NEGRA DA REDENTORA*
[THE BLACK GUARD OF ISABELLA THE REDEEMER] IN RIO DE JANEIRO**

**ABOLITION ET CITOYENNETÉ : LA GARDE NOIRE « *GUARDA NEGRA DA
REDENTORA* » DE RIO DE JANEIRO**

废除奴隶制和公民权: 里约热内卢的赎罪者黑色卫队

DOI: 10.5533/1984-2503-20135308

Humberto Fernandes Machado¹

RESUMO

A historiografia praticamente ignorou a Guarda Negra, associação constituída por libertos que se desenvolveu na fase de agonia do regime monárquico na cidade do Rio de Janeiro, mas que teve repercussão em outras províncias. Ela se desenvolveu em função da ação de grupos urbanos na campanha abolicionista da Corte, na década de 1880, se inserindo no próprio debate entre republicanos e monarquistas, logo após a extinção legal do escravismo. Havia também uma forte rejeição por parte de setores populares, especialmente os libertos, aos defensores da República. Estes acusavam os membros da

¹Professor do Programa de Pós-graduação em História da Universidade Federal Fluminense.
E-mail: humbertouff@gmail.com

Guarda Negra de estarem a serviço da monarquia, identificando-os como capoeiras e responsáveis pelos conflitos ocorridos com os republicanos.

Palavras-chave: Guarda Negra, Libertos, Abolicionismo, Imprensa.

RESUMEN

La historiografía prácticamente ha ignorado la Guardia Negra, asociación constituida por libertos que se ha desarrollado en la fase de agonía del régimen monárquico en la ciudad de Río de Janeiro, pero que ha tenido repercusión en otras provincias. Ella se ha desarrollado en función de la acción de los grupos urbanos en la campaña abolicionista de la Corte, en la década de 1880, se insertando en el propio debate entre republicanos y monarquistas, tras la extinción legal de la esclavitud. Además había un fuerte rechazo por parte de los sectores populares, especialmente los libertos, a los defensores de la República. Estos acusaban los miembros de la Guardia Negra de estar al servicio de la monarquía, los identificando como *capoeiras* y responsables por los conflictos ocurridos con los republicanos.

Palabras clave: Guardia Negra, Libertos, Abolicionismo, Imprenta.

ABSTRACT

Historiography has practically ignored the *Guarda Negra*, an association of emancipated slaves formed during the period of agony experienced by the monarchic regime in the city of Rio de Janeiro, and which also had repercussions in other provinces. The group was developed through initiatives by urban groups in the court's abolitionist campaign during the 1880s, entering into the debate between republicans and monarchists immediately upon the legal prohibition of slavery. A strong rejection of the defenders of the republic also occurred among working-class sectors, especially by those who had been emancipated. These defenders accused members of the *Guarda Negra* of being at the monarchy's service, branding them as henchmen and as responsible for the conflicts incurred with the republicans.

Key words: *Guarda Negra*, Emancipated Slaves, Abolitionism, Press.

RÉSUMÉ

L'historiographie ignore le plus souvent la Garde noire, une organisation d'esclaves libérés qui s'était développée dans la ville de Rio de Janeiro durant la phase d'agonie du régime monarchiste, mais dont les répercussions se firent sentir dans d'autres provinces. La Garde noire s'inscrivit dans la lignée de l'action de groupes urbains dans la campagne abolitionniste de la Cour, dans les années 1880, et s'invita dans le débat entre républicains et monarchistes qui suivit l'extinction légale de l'esclavage. Il existait également un fort rejet des défenseurs de la République de la part des classes populaires, et plus spécialement des esclaves libérés. Les républicains accusaient les membres de la Garde noire d'être au service de la monarchie et la considérait comme un repaire d'hommes de main responsables des conflits avec les républicains.

Mots-clés: Garde noire, Esclaves libérés, Abolitionnisme, Presse.

摘要

史科学基本上忽略了巴西帝国时代历史上的黑色卫队的存在。这个卫队是一个由自由黑人组成的，在君主制最后的痛苦挣扎阶段于巴西帝国首都里约热内卢成立的协会，它在里约市之外也有影响。它的发展得益于1880年代巴西帝国朝廷里的废奴运动和城市民众的废奴行动。它的出现也和当时的政治辩论有关，在奴隶制已经失去合法性的时候，巴西人民讨论君主制和共和制的优劣，普通民众里有部分人强烈反对共和制，特别是自由黑人，他们组织成立了支持君主制的黑色卫队。共和派谴责黑色卫队是君主制的帮凶，把它描述成卡普埃拉(*capoeiras*，一种黑人体育搏斗活动，译者注)，应该对其与共和派产生的冲突负责。

关键字: 黑色卫队，自由黑人，废奴主义，报章媒体

A cidade do Rio de Janeiro, sede da Corte, sempre teve uma grande concentração de população negra desde o século XVIII. Através do seu porto, os traficantes abasteciam a região mineira e, no século XIX, as fazendas cafeeiras do sudeste, em especial do Vale do Paraíba. De acordo com o censo de 1849, o Rio de Janeiro possuía 205.906 habitantes sendo 78.855, ou seja, 38,3% cativos, sendo a maior cidade escravista das

Américas.² Posteriormente, em 1872, o número de escravos reduziu-se a 48.939: 17,8% de 274.972 habitantes, situação decorrente da paralisação do tráfico e da venda de escravos para as áreas rurais, especialmente a cafeeira, além das altas taxas de mortalidade provocadas pelas epidemias de cólera e febre amarela.³ Em 1890, do total de 522.651 habitantes, aproximadamente 180.000, isto é 34%, eram identificados como negros ou mestiços, 124.119 como estrangeiros, sendo cem mil portugueses.⁴

As contradições da cidade acentuaram-se a partir da década de 1880: a prosperidade derivada das transações comerciais e o uso mais acentuado da mão de obra assalariada, nas manufaturas emergentes, conviviam com os traços inerentes às estruturas arcaicas da velha sociedade colonial apoiada no braço do cativo. O alemão Carl Von Koseritz (1830-1890) retratou muito bem este quadro, destacando as “novidades” abundantes nas casas comerciais: “[...] *vitruinas brilhantes mostram os produtos da indústria europeia e inúmeros artigos de luxo são nelas expostos*”. Ao mesmo tempo, criticou a existência de escravos que perambulavam pelas “*ruas estreitas e sombrias*”.⁵ Assim, os hábitos europeizados das elites da cidade contrastavam com a maciça presença dos escravos.

Esse espaço com inúmeras contradições tornou-se o palco privilegiado da campanha abolicionista. Esta assumiu uma feição particular no Rio de Janeiro em função do seu alto grau de cosmopolitismo e sua identificação com os problemas do país. O abolicionismo local caracterizou-se por um maior grau de contestação do que os seus congêneres de outras regiões. Esse contexto favoreceu o surgimento de manifestações de caráter popular, demonstrando a insatisfação contra medidas tomadas pelas elites, desenvolvendo-se uma nova cultura política a partir dos pleitos dos segmentos marginalizados, com ampla divulgação pela imprensa. A oposição dos seus habitantes ao

² Karasch, Mary C. (2000). *A vida dos escravos no Rio de Janeiro (1808-1850)*, São Paulo: Cia. das Letras, p.109-112.

³ Abreu, Maurício de Almeida (1988). *A evolução urbana do Rio de Janeiro*. 2. ed., Rio de Janeiro: IplanRio/Zahar, p.54. Chalhoub, Sidney (1990). *Visões da liberdade: uma história das últimas décadas da escravidão na Corte*, São Paulo: Cia. das Letras, p. 199.

⁴ Alencastro, Luiz Felipe (1997). “Vida Privada e Ordem Privada no Império”. In Alencastro, Luiz Felipe (Org.) (1997). *História da Vida Privada no Brasil: Império*, São Paulo: Cia. das Letras, v. 2, p. 25 e segs.

⁵ Koseritz, Carl Von (1980). *Imagens do Brasil*, São Paulo: EDUSP; Belo Horizonte: Itatiaia, p.31. Edmundo, Luiz (1957). *O Rio de Janeiro do Meu Tempo*. 2. ed., Rio de Janeiro: Conquista. 5 v.

descaso do governo em relação aos seus interesses provocou, inclusive, algumas revoltas populares que marcaram o período e extrapolaram a luta antiescravista, como a *Revolta do Vintém*, em janeiro de 1880, contra a criação de uma taxa que incidia sobre o transporte urbano.⁶

A melhoria do sistema de comunicações e a circulação mais rápida das notícias através dos jornais facilitaram essa mobilização, além do que a imprensa adquiriu um papel relevante na difusão das ideias abolicionistas e republicanas. Os assuntos políticos “ganharam as ruas” junto com os periódicos e os grupos urbanos tiveram maior facilidade para externar as suas reivindicações. Claro está que em uma *cidade negra*, como o Rio de Janeiro, essas mudanças tinham repercussão, em virtude do número elevado de escravos. Assim, a campanha abolicionista se expandiu com a participação de segmentos populares. Os novos atores políticos estavam ávidos para externarem seus anseios e insatisfações, contidos até então. Nada mais natural em virtude das condições existentes na cidade, onde escravos e libertos conviviam com mulatos e brancos pobres marginalizados pelas elites.

A campanha abolicionista ocupou vários espaços no Rio de Janeiro: do Parlamento às ruas, dos teatros às igrejas e jornais, das casas grandes às próprias senzalas. Esses locais serviam para criticar o que Joaquim Nabuco (1849-1910) denominava a “*nefanda instituição*”.⁷ Festas beneficentes e quermesses também eram organizadas para angariar a simpatia popular e recursos destinados à alforria dos cativos. A ação nas vias públicas como elemento de pressão para convencer os proprietários dos *males* do cativeiro também era outro artifício usado pelos militantes.⁸

As conferências dos oradores abolicionistas superlotavam os teatros. Por ocasião das comemorações pela extinção legal da escravidão no Ceará, em 1884, o teatro Polytheama, no centro da cidade, foi todo decorado por coroas de flores e bandeiras das

⁶ Sobre o assunto, ver: Graham, Sandra L. (1991). “O motim do Vintém e a cultura política do Rio de Janeiro em 1880”. In *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v. 10, n. 20, p.211-232. Bergstresser, Rebecca B. (1973). *The Movement for the Abolition of Slavery in Rio de Janeiro. 1880-1889*, Tese (Doutorado em História)-Stanford University.

⁷ Nabuco, Joaquim (1949). *Obras completas de Joaquim Nabuco: O Abolicionismo. Conferências e Discursos Abolicionistas*, São Paulo: Progresso Editorial, v. 7.

⁸ Machado, Humberto Fernandes (1998). “O Abolicionismo ‘ganha as ruas’ no Rio de Janeiro”. In *Revista da Sociedade Brasileira de Pesquisa Histórica*, Curitiba, n. 4, p. 71-76.

sociedades abolicionistas do Rio de Janeiro. A leitura de uma carta de Joaquim Nabuco, que estava na Europa, as execuções do Hino Nacional e do Guarani, de Carlos Gomes (1836-1896), marcaram o início de um “verdadeiro carnaval” no centro da cidade, com a participação de dez mil pessoas. As ruas centrais, com destaque para a Rua Uruguiana, onde se encontrava a redação da *Gazeta da Tarde*, principal órgão antiescravista da Corte e cujo proprietário era José do Patrocínio (1853-1905), serviram de cenário para as festividades repletas de “alegria e entusiasmo”.⁹

Apesar das condições desfavoráveis, em função do alto grau de analfabetismo, houve um crescimento da quantidade de leitores e de grupos intelectualizados nas cidades, especialmente no Rio de Janeiro, a partir da década de 1880.¹⁰ Os jornais conseguiam propagar as “novidades” da época e as ideias contrárias ao cativo entre a população alfabetizada. A influência dos periódicos pode ser aquilatada pelas várias manifestações de rua envolvendo jornalistas e pela transformação das próprias redações em locais divulgadores das posições antiescravistas. Assim, a imprensa ajudava a ampliar a opinião pública que não se restringia mais às elites intelectuais, embora a linguagem dos jornais se dirigisse a esse setor. O seu maior envolvimento na campanha abolicionista, “ganhando as ruas”, favoreceu um maior engajamento de setores populares.¹¹

Os jornais “ganham as ruas” da cidade através de vendedores ambulantes, constituídos por “[...] *rapazinhos italianos, negros e mulatos, que nos deixam quase surdos com a sua gritaria [...]*” oferecendo os diversos periódicos, como observou Koseritz.¹² Por outro lado, surgiram também pontos de venda, como quiosques, que os distribuía juntamente com livros, impressos, flores, doces, charutos, cigarros, pequenas miudezas, café e refrescos. Nesses locais, por onde circulavam as notícias, era comum a

⁹ *Gazeta da Tarde* (1887), 8 de agosto.

¹⁰ Conrad, Robert E. (1978). *Os Últimos Anos da Escravatura no Brasil: 1850-1888*, Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, p.182. Sobre o analfabetismo e a relação entre o autor e o público leitor, consultar: Darnton, Robert (1990). *O Beijo de Lamourette. Mídia, Cultura e Revolução*, São Paulo: Cia. das Letras, p. 210-212

¹¹ Machado, H. (1998). Op. Cit., p. 74. Machado, Maria Helena (1994). *O Plano e o pânico: os movimentos sociais na década da abolição*, Rio de Janeiro: EDUFRJ; São Paulo: EDUSP, p. 162-166. Bergstresser, R. (1973). Op. Cit., p.9-18.

¹² Koseritz (1980). Op. Cit., p. 52-53.

leitura dos textos em voz alta, sendo que os jornais eram mais ouvidos e vistos do que lidos. A "leitura de ouvido" fazia com que as ideias abolicionistas fossem difundidas mesmo a analfabetos. As pessoas começavam a tomar maior contato com as notícias através da publicidade efetuada pelos próprios jornaleiros, interessados nas vendas.¹³ A "questão do elemento servil" tornou-se o assunto principal da pauta dos periódicos.

Mas nem sempre os desdobramentos da campanha eram pacíficos, em especial quando denunciavam as arbitrariedades da estrutura de poder. As atitudes das autoridades governamentais durante o Gabinete Cotegipe (8/1885-3/1888) contribuíram para o aumento da tensão entre os abolicionistas e os que desejavam a preservação do cativo. A proibição de "*ajuntamentos em praças e ruas*" quase provocou um confronto de graves proporções, em agosto de 1887, quando a Confederação Abolicionista do Rio de Janeiro organizou um *meeting* no Teatro Polytheama. Durante o discurso de Quintino Bocaiúva (1836-1912), explodiram bombas dentro do recinto. Em seguida, entraram "*policiais armados de cacetes*", que lutaram com os assistentes. Após a expulsão dos policiais para o jardim, o recinto foi invadido por "*um piquete de cavalaria e outro de infantaria*". Evitou-se o conflito após entendimentos mantidos entre os líderes e as autoridades policiais. Os espectadores foram para a Rua do Ouvidor, protestando contra o governo e aclamando a Confederação Abolicionista.¹⁴ A tentativa de proibição de reuniões públicas não surtia efeito, pela repercussão do abolicionismo nos vários setores da sociedade, inclusive pela resistência do próprio escravo.

Nada mais natural, portanto, que as demonstrações de júbilo ocorridas em vários locais do país pela aprovação da abolição. No Rio de Janeiro, uma multidão aglomerou-se no Paço Imperial e arredores comemorando a assinatura da Lei de 13 de maio de 1888, pela Princesa Isabel. Os jornais da cidade patrocinaram festividades, como missas que reuniram, além da família imperial e do gabinete, uma verdadeira multidão. Procissões, regatas na enseada de Botafogo, corridas de cavalo, teatros franqueados ao público,

¹³ Machado, H. (1998). Op. Cit, p.74. Goulart, Paulo Cezar Alves (1987). "A venda de jornais no século XIX". In *Leitura*, São Paulo, v. 5, n. 57. Barbosa, Marialva (2000). *Os Donos do Rio. Imprensa, Poder e Público*, Rio de Janeiro: Vício de Leitura, p. 200.

¹⁴ *Gazeta da Tarde* (1887), 8 de agosto. A Confederação Abolicionista, fundada na Corte, em 1883, na redação da *Gazeta da Tarde*, unificou as diversas associações do Rio de Janeiro como forma de fortalecer a campanha contra o cativo.

faziam parte das celebrações pela extinção legal do escravismo. As ruas da cidade foram ornamentadas com bandeiras e flores. Nas sacadas dos sobrados, os panos coloridos retrataram a alegria da população. A mobilização dos setores urbanos contribuiu inquestionavelmente para a derrocada de uma estrutura secular que impedia o país de galgar os degraus do progresso e da civilização.

No entanto, a marginalização dos segmentos mais pobres da população e as circunstâncias adversas, que não possibilitavam o exercício pleno do direito de cidadania, favoreceram a proliferação de grupos que utilizavam expedientes notoriamente considerados escusos para a obtenção de meios para a sua sobrevivência. Esses segmentos despossuídos, nas comemorações festivas pela abolição, elegeram como heróis aquelas figuras com as quais se identificavam, tais como: José do Patrocínio e a Princesa Isabel (1846-1921). O processo de mitificação da Princesa Isabel, com o apoio dos abolicionistas entre os quais Patrocínio e Joaquim Nabuco, provocava a ira dos republicanos que os acusavam de “vendidos” ao Império. Os ataques à monarquia se vinculavam ao pleito de muitos fazendeiros por indenização em virtude do fim oficial do cativo, engrossando as hostes republicanas, como última tentativa de conseguirem o atendimento às suas reivindicações – os “*Republicanos de 14 de maio*” - como Patrocínio os denominava.¹⁵

As divergências já existentes entre o jornalista e os republicanos, devido à condução do movimento abolicionista, acentuaram-se após a abolição, principalmente pelo apoio de Patrocínio à Guarda Negra. Quintino Bocaiúva (1836-1912), Silva Jardim (1860-1891) e Rui Barbosa (1849-1923) entraram no rol dos seus desafetos, acusados, conforme o jornalista, de defensores dos “*republicanos escravocratas*”. As polêmicas com Rui Barbosa relacionaram-se à questão dos “crimes” efetuados pelos escravos contra os senhores e feitores durante o cativo. Rui Barbosa favorável à punição, enquanto Patrocínio alegava que eles eram decorrentes da violência do cativo. A questão só foi resolvida com a república, quando os ex-escravos foram anistiados. O embate com

¹⁵ Machado, Humberto F. (2010) “Encontros e desencontros em José do Patrocínio: a luta contra a indenização aos ‘Republicanos de 14 de Maio’”. In Ribeiro, Gladys Sabina; Ferreira, Tânia Maria T. Bessone da Cruz (Orgs.) (2010). *Linguagens e Práticas da Cidadania no Século XIX*, São Paulo: Alameda, p. 301-307.

Quintino Bocaiúva originou-se das disputas eleitorais dentro do Partido republicano da Corte, acentuando-se com os conflitos ocorridos na cidade entre republicanos e Guarda Negra.¹⁶

Os atritos com Silva Jardim assumiram uma maior dimensão devido ao conflito ocorrido numa Conferência do propagandista republicano na Sociedade Francesa de Ginástica, próximo ao Largo do Rocio, no centro do Rio de Janeiro, em 30 de dezembro de 1888. Durante o evento, membros da Guarda Negra interromperam o seu discurso de forma violenta, invadindo o teatro aos gritos de “*viva a monarquia e a Princesa Isabel*”. O conflito se generalizou ocorrendo, conforme o *Cidade do Rio* “*uma verdadeira batalha campal*”. O saldo do embate resultou em “feridos, e, talvez, mortos, dentre os da Guarda Negra”. De acordo com o jornal, o conflito se desenvolveu em função de “*provocações*”, efetuadas pelos “*republicanos escravocratas*” contra os libertos.¹⁷ Já Silva Jardim assinalou que havia um clima propício ao embate entre os republicanos e a associação de libertos, já que o proprietário do Teatro Politeama, local escolhido anteriormente para a realização da Conferência, fora ameaçado por um “*grupo de pretos*”, caso alugasse o espaço para o evento. Assim, a opção por outro local – Sociedade Francesa de Ginástica – foi decorrente desse quadro adverso e seria “*mais seguro para os ouvintes, de melhor defesa, em caso de ataque*”.¹⁸

Ele responsabilizou o governo pela omissão, em especial João Alfredo, presidente do Conselho de Ministros, acusando-o de ser o presidente honorário da Guarda Negra, e Patrocínio por dar cobertura no *Cidade do Rio* à associação. Relatou que no meio de sua Conferência “*os assistentes foram atacados*”, e ocorreu uma “*luta renhida*”, e se não fosse “*a defesa heróica e extraordinária dos corajosos ouvintes que estavam no salão, a minha e as suas pessoas teriam sido vítimas da crueldade dos assaltantes*”. Destacou que o ambiente foi alvo de pedradas e “*constantemente tiros*”, inexistindo condições para a continuidade do evento, assinalou também que muitos feridos eram republicanos, culpando a polícia por omissão que só interveio quando viu “*ser grande o estrago nos que*

¹⁶ Magalhães Jr., Raimundo (1969). *A Vida Turbulenta de José do Patrocínio*, Rio de Janeiro: Sabiá, p. 253-255.

¹⁷ 3 de janeiro de 1889. O Largo do Rocio ficava na atual Praça Tiradentes, centro do Rio de Janeiro.

¹⁸ Jardim, Antonio da Silva (1978). *Propaganda Republicana (1888-1889)*, Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa/Conselho Federal de Cultura, p. 314-315.

fizera seus”.¹⁹ Conforme Evaristo de Moraes, a polícia da Corte acobertou os agressores porque protegia a associação.²⁰ Ou seja, a *cidade branca* via com apreensão a tentativa de participação desses setores marginalizados que viviam na *cidade negra*. O receio se refletia em preconceito contra os negros, caracterizando uma visão elitista de muitos republicanos.

A Guarda Negra não recebeu a atenção devida pela historiografia. Quando abordada, foi de uma maneira preconceituosa, endossando simplesmente a visão das elites dirigentes contemporâneas, as quais a consideravam como produto das manifestações de desordeiros e desocupados. No entanto, estudos mais recentes demonstram que ela apresentou outras nuances vinculadas ao envolvimento de grupos urbanos na campanha abolicionista. Uma expressão, inclusive, de um período de ebulição que marcou a década de 1880. Cabe assinalar também que ela se inseriu no próprio debate entre republicanos e monarquistas logo após o término da escravidão.²¹ Havia uma forte rejeição por parte dos segmentos populares da Corte, especialmente libertos, aos defensores da República. A população mais humilde, incluindo os libertos, mulatos e brancos pobres, identificavam, como já assinalamos, a Princesa Isabel como a “heroína” e “defensora” dos oprimidos. As idéias republicanas, conforme José Murilo de Carvalho, não tinham grande penetração nos chamados *setores populares*, sendo que o próprio Imperador detinha grande prestígio entre os segmentos marginalizados.²²

Exemplo notável do ponto de vista desses setores em relação à monarquia é a atuação do alferes Cândido da Fonseca Galvão, D. Obá II d’África, ou Príncipe Obá, combatente na Guerra do Paraguai, frequentador assíduo do Palácio Imperial da Quinta da Boa Vista, recebido pelo Imperador Pedro II e verdadeiro rei das ruas da Corte. Como Eduardo Silva observa, parcela expressiva dessa população o reverenciava como um verdadeiro príncipe real, sendo que ele, como muitos libertos, via com “azedume” a

¹⁹ Ibidem, p.317.

²⁰ Moraes, Evaristo (1985). *Da Monarquia para a República (1870/1889)*. 2. ed., Brasília: Ed. UNB, p.21.

²¹ Gomes, Flávio dos Santos (1991). “No meio das águas turvas (Racismo e cidadania no alvorecer da República: a Guarda Negra na Corte – 1888-1889)” In *Estudos Afro-Asiáticos*, Rio de Janeiro, n. 21, p. 75-96.

²² Carvalho, José Murilo (1987). *Os Bestializados: o Rio de Janeiro e a República que não foi*, São Paulo: Cia. das Letras, p. 29-31. Daibert, Robert Júnior (2004). *Isabel, a “Redentora” dos escravos. Uma história da Princesa entre olhares negros e brancos (1846-1988)*, Bauru, SP: EDUSC.

atuação dos republicanos porque considerava a Coroa uma instituição sagrada.²³ A reação desses libertos pode ser atribuída também à possibilidade de uma eventual reescravização, vinculando-a aos projetos de indenização que estavam sendo defendidos por setores republicanos, como já assinalamos. Assim, nada mais natural que a defesa da monarquia e uma oposição aos republicanos.

O *Cidade do Rio* criticava a visão dos republicanos que, segundo os editoriais, desejavam manter os antigos escravos submissos e afastados dos ventos do progresso. Assim, nada mais natural que eles apoiassem aqueles que empreenderam a abolição, ou seja a monarquia. O jornal não compreendia a “*estranheza dos neo-republicanos*” em relação aos libertos que desejavam “*ver sentada no trono do Brasil aquela que os libertou*”.²⁴ Mais adiante, defendia a Guarda Negra.

*É necessário que fique bem claro que essa congregação de homens agradecidos é a consequência lógica das bravatas publicadas nos manifestos dos seus ex-senhores, e que o fim a que se propuseram, reunindo-se era e é provar ao país que com os seus corpos fazer uma muralha capaz de receber as balas que os neo-republicanos dirijam à sua redentora. É preciso que se saiba bem, que a Guarda Negra se organizou para resistir e não atacar.*²⁵

A primeira matéria a respeito da Guarda Negra apareceu no *Cidade do Rio*, em 6 de junho de 1888,, através de um convite da “*Liga dos Homens de Cor*”, para que os homens negros fizessem sua inscrição. Ela se apresentava de uma maneira vaga como defensora dos interesses dos libertos. Evidentemente, essa convocação adquiria uma abrangência maior na medida em que há, por um lado, uma campanha pela indenização e, por outro, os pleitos dos abolicionistas em relação à distribuição de terras e educação básica para os ex-escravos. Posteriormente, o jornal publicou que na casa de Émile Rouéde (1848-1908), com a participação de libertos, foi criada a “[...] *associação que, com o título de Guarda Negra da Redentora, se dedicasse em corpo e alma e em todos os terrenos à defesa do reinado da excelsa senhora que os fez cidadãos.*” O periódico anunciou também as diretrizes e estatutos da instituição:

²³ Silva, Eduardo (1997). *Dom Obá d'África, o príncipe do povo: vida, tempo e pensamento de um homem livre de cor*, São Paulo: Cia. das Letras, p.138.

²⁴ 5 de janeiro de 1889.

²⁵ *Ibidem*.

- 1º. - Criar uma associação com o fim de opor resistência material a qualquer movimento revolucionário que hostilize a instituição que acabou de libertar o país.
- 2º. - Só poderão fazer parte, como seus sócios ativos, os libertos que se comprometerem a obedecer os mandatos de uma Diretoria eleita, por maioria absoluta, em votação que se efetuará em momento oportuno.
- 3º. - Poderão ser sócios efetivos unicamente os que considerem o ato memorável do dia 13 de maio, acontecimento digno de admiração geral e não motivo para declarar guerra à humanitária princesa que o realizou.
- 4º - Pedir à Confederação Abolicionista o seu apoio para que esta sociedade se ramifique por todo o império.
- 5º. - Pedir à imprensa que participe desse sentimento o seu valioso concurso.
- 6º. - E último. Aconselhar por todos os meios possíveis aos libertos do interior que só trabalhem nas fazendas daqueles que não juraram guerrear o 3º Reinado.²⁶

A linha de ação estabelecida pelo documento priorizava o apoio incondicional à monarquia e claro a um eventual Terceiro Reinado, sob a égide da Princesa Isabel, a “*humanitária princesa*”. A crítica aos republicanos fica explícita na sua menção a “*qualquer movimento revolucionário*” contrário à Monarquia, “instituição” que libertou o país da escravidão. O apoio da Confederação Abolicionista e da imprensa permitiria que a associação ampliasse seu campo de atuação para outras partes do Império. O jornal de Patrocínio buscou estabelecer o grau de legitimidade para a Guarda Negra, cujo objetivo era evitar que ela fosse tachada simplesmente como um grupo de capoeiras e capangas que fazia arruaças, conforme acusações dos republicanos.

O *Cidade do Rio*, referindo-se à Guarda Negra, ressaltava que o seu caráter era de “*gratidão*”, repudiava as insinuações, por parte dos “*escravocratas derrotados*”, de que ela era formada por capoeiras e capangas e que tinha sido fundada, com o apoio do governo, visando a garantir o trono para a Princesa Isabel. O editorial assinalava a existência, na Corte, de homens que

[...] juraram defender a Princesa, custasse-lhes embora o sangue, [...], essa sociedade defensiva não foi porém, criada pelo governo mas sim pelo coração. É composta exclusivamente por libertos --são os 13 de maio organizados em exército que tomando a gratidão por estandarte, prestaram o juramento sagrado de pagar a liberdade da raça com um ato de amor, dando uma prova ao mundo de que sabem estimar, de que sabem reconhecer, de que sabem amar.

²⁶ *Cidade do Rio* (1888). 10 de julho. Émile Rouéde nasceu em Avignon, fixando-se no Rio de Janeiro na década de 1880, atuando nas artes e letras e participando também da campanha abolicionista em órgãos da imprensa, como o jornal de Patrocínio. Miranda, Clícia Maria Augusto (2006). *Guarda Negra da Redentora: verso e reverso de uma combativa associação de libertos*. Dissertação (Mestrado em História) – UERJ, Rio de Janeiro, p. 48.

*A Guarda Negra da Regência não conta no seu número um assalariado, os homens que a compõem [...] vieram do éito, vieram do trabalho, vieram da escravidão.*²⁷

Patrocínio refutava as acusações dos republicanos, incluindo Silva Jardim, pelos acontecimentos da Sociedade Francesa de Ginástica. Segundo o jornalista, eles promoviam uma verdadeira “*campanha de difamação*” contra a monarquia e a Princesa Isabel, além das agressões contra os libertos e de uma maneira geral contra os “*homens de cor*”. Segundo o jornalista, os ataques aos libertos pelos republicanos iniciaram-se antes, mencionando um confronto, em 23 de dezembro, domingo anterior à conferência republicana, quando “*cinco cidadãos de cor preta*” foram atingidos por “*pedradas e tiros e repartindo ferimentos e sustos com outros cidadãos que faziam tranquilamente a sua refeição no Hotel Petit-Console*”, no centro da cidade.²⁸

Ele destacou que, nos acontecimentos da Sociedade Francesa de Ginástica, a Guarda Negra revidou às provocações dos republicanos que, no interior do clube, davam “*vivas à República*”, enquanto fora a “*multidão continua a bradar: - Viva a monarquia, viva Isabel Redentora*”, e quando foram disparados tiros, por parte de republicanos, a “*multidão armada de pedras*” atacou o edifício. Segundo o *Cidade do Rio*, foram feridos vários “*homens de cor*” por armas de fogo. A intervenção da polícia acabou com o confronto, mas os distúrbios mantiveram-se durante o resto do dia, como os ataques desferidos contra a redação do jornal republicano *O Paíz*, cujo redator era Quintino Bocaiúva.²⁹ Patrocínio condenou essa ação com o argumento de preservação da liberdade de imprensa, embora lamentando que aquele periódico nunca tenha se posicionado na defesa do *Cidade do Rio*, quando esse foi alvo de “*coices nas portas; depois à pedrada*”, por parte dos republicanos.³⁰

A atuação da Guarda Negra, na capital do Império, teve repercussões. Tentativas esparsas de organizações similares ocorreram em São Paulo e na Bahia. Em algumas regiões ocorreram manifestações contrárias, imediatamente aproveitadas pela propaganda republicana. Maria Lúcia Ricci, utilizando textos de jornais favoráveis à

²⁷ 31 de outubro de 1888.

²⁸ *Cidade do Rio* (1888), 31 de dezembro.

²⁹ *Ibidem*.

³⁰ *Ibidem*, 3 de janeiro de 1889.

República, ressaltou os protestos de “[...] *negros das outras Províncias [...] indignados contra esta exploração realizada aos de sua raça [...]*”. Em seguida, a autora comentou que a atuação da Guarda Negra recebeu “[...] *a mais enérgica condenação do restante da população negra do país [...]*”, sem explicitar claramente os detalhes dessa “condenação”. Aliás, para a autora a associação era composta por libertos, cuja base era o movimento de capoeiras, inspirados por José do Patrocínio a serviço do trono.³¹

As acusações de vínculos com a capoeiragem aos membros da Guarda Negra era uma estratégia para desqualificar o movimento, visto que os capoeiras eram identificados como desordeiros que provocavam arruaças na cidade do Rio de Janeiro. Pode-se também atribuir esse aspecto aos antecedentes da sua trajetória e as suas relações ambíguas tanto com a campanha abolicionista quanto com a estrutura de poder. Como observa Carlos Eugênio Soares em relação ao assunto, “*o tema da abolição cindia ao meio o posicionamento político dos capoeiras*”, já que uma parcela se alinhava com a própria polícia da Corte, sendo inclusive “*parte integrante da estrutura policial*”, durante o Gabinete Conservador do Barão de Cotegipe, provocando inúmeros conflitos com os abolicionistas, em especial durante o ano de 1887, quando a campanha antiescravista na cidade chegou ao seu apogeu.³² Claro que houve uma tentativa de cooptação dos capoeiras durante os Gabinetes Conservadores, incluindo o de João Alfredo.

Mas, por outro lado, a ação dos capoeiras e a sua arte no manejo de armas, em especial a navalha, nas correrias pelas ruas da cidade provocavam sobressaltos nos governantes e na população de uma maneira geral. As maltas de capoeiras traziam muita insegurança, agravada pelo próprio caráter da sociedade escravista e a especificidade de mobilidade do escravo urbano. A presença marcante de negros nas ruas do Rio de Janeiro reacendia o pavor entre os membros das elites dos fantasmas da Independência

³¹ Ricci, Maria Lúcia de Souza Rangel (1990). *Guarda Negra: Perfil de uma Sociedade em Crise*. Campinas, M.L.S.R. Ricci, p. 123-125. Sobre a atuação da Guarda Negra na Bahia, ver Albuquerque, Wlamyra R. de (2009). *O jogo da dissimulação: abolição e cidadania negra no Brasil*, São Paulo: Cia. Das Letras, 2009, p. 142-172.

³² Soares, Carlos Eugênio Líbano (1999). *A negregada instituição: os capoeiras na Corte Imperial, 1850-1890*, Rio de Janeiro: Access, p. 248-249. Dias, Luiz Sérgio (2001). *Quem tem medo da Capoeira? Rio de Janeiro, 1890-1904*, Rio de Janeiro: Secretaria Municipal das Culturas/Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro.

do Haiti ou das revoltas dos Malês na Bahia.³³ O *mundo da desordem* era uma ameaça ao “*mundo da ordem*” e do “*trabalho*”. No entanto, a capoeira só foi criminalizada com a criação do Código Penal republicano, de 1890, e seus membros perseguidos pelo Chefe de Polícia Sampaio Ferraz, o “*Cavanhaque de Aço*”, e exilados para Fernando de Noronha.³⁴ Logo, as críticas à Guarda Negra se vinculavam também à visão estereotipada em relação ao negro, seja escravo ou liberto, por parte das elites republicanas.

Não há dúvida, também, que o *Cidade do Rio* aproveitava a oportunidade para fazer proselitismo pela monarquia. Em um dos números, na primeira página, bem destacado, publicou um documento cujo conteúdo era um pedido de libertos de Pati de Alferes, na Província do Rio de Janeiro, para que defendesse a Princesa Isabel das calúnias dos “*republicanos de 14 de maio*”. No texto, os signatários agradeciam a “[...] *todos os abolicionistas que obtiveram a liberdade para nós e para os nossos filhos [...]*”. Logo depois, os autores reafirmavam a “lealdade” para com aquela a “[...] *quem compete ocupar a elevada posição de Imperatriz [...]*”. Finalizaram o documento tentando demonstrar que possuíam uma consciência do processo que levou à extinção do cativo.

*Compreendemos bem que nossa libertação partiu do povo, representado por um punhado de audazes patriotas que quase no fim da sua gloriosa jornada tiveram o apoio eficaz da excelsa princesa e do Gabinete libertador e por isso não levantaremos armas contra os que nos fizeram cidadãos de uma pátria livre e grande.*³⁵

O documento estava assinado por uma pseudo “*comissão de libertos*”, cuja constituição era formada pelas seguintes pessoas: o primeiro nome era de um branco, Quintiliano Avellar, seguido de dois “pretos”, Ambrósio Teixeira e José dos Santos Pereira; dois “pardos”, João Gomes Batista e Ricardo de Almeida; um “caboclo” F. de Salles Avellar e, por último, um “disfarçado” (talvez mulato) Sérgio dos Santos.³⁶ Em primeiro lugar, o texto possuía uma redação efetuada por pessoas com certo grau de instrução. Torna-se difícil acreditar que os “libertos” soubessem ler dentro do conjunto de

³³ Azevedo, Célia Maria Marinho de (1987). *Onda Negra Medo Branco. O Negro no Imaginário das Elites – séc. XIX*, Rio de Janeiro: Paz e Terra.

³⁴ Dias, L. S. (2001). Op. Cit., p. 80-81, 126-127.

³⁵ 25 de abril de 1889.

³⁶ Ibidem.

uma população predominantemente analfabeta. Segundo, como um branco encabeçava um manifesto atribuído a libertos? Terceiro, como já enfatizamos, o jornal de Patrocínio assumiu o papel de defensor da monarquia e, em especial, da Princesa Isabel. Assim era natural que tivesse interesse em divulgar o “manifesto” dos libertos de Pati de Alferes, como os jornais republicanos o faziam com os pronunciamentos contrários.

A partir de meados de 1889, o *Cidade do Rio* reduziu o seu apoio à Guarda Negra. As intervenções violentas da associação, efetuadas nas comemorações do centenário da Revolução Francesa, em 14 de julho, no centro do Rio de Janeiro, provocaram reações, inclusive de Patrocínio. Os participantes de uma manifestação liderada por entidades republicanas foram atacados por membros da Guarda Negra, ocasionando um conflito na cidade, além de ferimentos entre os oponentes. Patrocínio discorreu sobre os acontecimentos afirmando que a associação desviou-se de seus objetivos preliminares, isto é, opor-se “à onda revolucionária do escravismo”. Apelou para que os negros “[...] mais instruídos se consagrem à propaganda humanitária de esclarecer a seus irmãos, evitando agressões, pois a corporação não tinha por missão agredir, mas defender [...]”.³⁷

Outro aspecto, vinculado a essa mudança de comportamento do jornal, que merece ser ressaltado refere-se à substituição do Gabinete João Alfredo, em 7 de junho de 1889, pelo liberal Afonso Celso Figueiredo, Visconde de Ouro Preto, que governou até o estabelecimento da República. Afonso Celso foi o Ministro da Fazenda quando eclodiu a “*Revolta do Vintém*”, conforme já destacamos. Essa alteração no governo repercutiu também no comportamento de Patrocínio e o início de seu afastamento da monarquia e aproximação com os republicanos. Por outro lado, a Guarda Negra começou a perder o espaço que possuía nos jornais, isto é no *Cidade do Rio*, enterrada ao som dos clarins da parada militar que derrubou a monarquia. De uma forma melancólica, foi noticiado que um grupo de capoeiras, no dia 22 de novembro de 1889, na Rua do Ouvidor, centro do Rio de Janeiro, dava “vivas à monarquia e morte aos republicanos”.³⁸

Desencadeou-se, no final do ano de 1889, uma perseguição brutal contra os capoeiras e demais *vadios* da cidade, pelo novo Chefe de Polícia republicano Sampaio

³⁷ *Cidade do Rio* (1889). 15 de julho.

³⁸ 22 de novembro de 1889.

Ferraz. A *limpeza* da cidade foi efetuada, segundo depoimento do próprio Sampaio Ferraz, através de uma repressão sistemática aos componentes da *Guarda Negra* e aos demais capoeiras, invadindo as residências: “[...] *muitos eram apanhados de surpresa, na hora do descanso, da chegada em casa [...] quando por lá apareciam, já ‘estavam no papo’ [...] a astúcia policial apanhara cerca de 800 capoeiras, nos primeiros dias [...]*”. Colocados em navios da Marinha foram exilados para Fernando de Noronha.³⁹

A concretização da repressão às *classes perigosas*, isto é aos indivíduos que viviam no mundo da *desordem*, foi o mecanismo utilizado para controlar a *cidade negra*, ameaça constante à *cidade branca, européia e civilizada*. Assim, o Rio de Janeiro ingressava na fase republicana adequado às normas das elites no que concerne à *limpeza* das ruas. A eliminação da *Guarda Negra* e dos demais capoeiras fazia parte da estratégia de *civilizar* a cidade, depurando-a de suas mazelas e, ao mesmo tempo, prepará-la para o século XX.

Referências

Abreu, Maurício de Almeida (1988). *A evolução urbana do Rio de Janeiro*. 2. ed., Rio de Janeiro: IplanRio/Zahar.

Albuquerque, Wlamira (2009). *O jogo da dissimulação. Abolição e cidadania negra no Brasil*, São Paulo: Companhia das Letras.

Alencastro, Luiz Felipe (1997). “Vida Privada e Ordem Privada no Império”. In Alencastro, Luiz Felipe (Org.) (1997). *História da Vida Privada no Brasil: Império*, São Paulo: Cia. das Letras, v. 2, p. 11-93.

Azevedo, Célia Maria Marinho de (1987). *Onda Negra Medo Branco. O Negro no Imaginário das Elites – séc. XIX*, Rio de Janeiro: Paz e Terra.

³⁹ Ferraz, Mário Sampaio (1952). *Subsídios para a biografia de Sampaio Ferraz*, São Paulo: Rothschild Loureiro, p.40. Bretas, Marcos (1989). *A queda do império da navalha e da rasteira*, Rio de Janeiro: Casa de Rui Barbosa.

Barbosa, Marialva (2000). *Os Donos do Rio. Imprensa, Poder e Público*, Rio de Janeiro: Vício de Leitura.

Bergstresser, Rebecca B. (1973). *The Movement for the Abolition of Slavery in Rio de Janeiro, 1880-1889*. Tese (Doutorado em História) - Stanford University.

Bretas, Marcos (1989). *A queda do império da navalha e da rasteira*, Rio de Janeiro: Casa de Rui Barbosa.

Carvalho, José Murilo (1987). *Os Bestializados: o Rio de Janeiro e a República que não foi*, São Paulo: Cia. das Letras.

Conrad, Robert E. (1978). *Os Últimos Anos da Escravatura no Brasil: 1850-1888*, Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.

Chalhoub, Sidney (1990). *Visões da liberdade: uma história das últimas décadas da escravidão na Corte*, São Paulo: Cia. das Letras.

Daibert, Robert Júnior (2004). *Isabel, a “Redentora” dos escravos. Uma história da Princesa entre olhares negros e brancos (1846-1988)*, Bauru, SP: EDUSC.

Darnton, Robert (1990). *O Beijo de Lamourette. Mídia, Cultura e Revolução*, São Paulo: Cia. das Letras.

Dias, Luiz Sérgio (2001). *Quem tem medo da Capoeira? Rio de Janeiro, 1890-1904*, Rio de Janeiro: Secretaria Municipal das Culturas/Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro.

Edmundo, Luiz (1957). *O Rio de Janeiro do Meu Tempo*. 2. ed., Rio de Janeiro: Conquista. 5 v.

Ferraz, Mário Sampaio (1952). *Subsídios para a biografia de Sampaio Ferraz*, São Paulo: Rothschild Loureiro.

Gomes, Flávio dos Santos (1991). “No meio de águas turvas (Racismo e Cidadania no alvorecer da República: a Guarda Negra na Corte). (1888-1889)”. In *Estudos Afro-Asiáticos*, Rio de Janeiro, n. 21, p. 75-96.

Goulart, Paulo Cezar Alves (1987). “A venda de jornais no século XIX”. In *Leitura*, São Paulo, v. 5, n. 57.

Graham, Sandra L. (1991). “O motim do Vintém e a cultura política do Rio de Janeiro em 1880”. In *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v.10, n. 20, p. 211-232.

Jardim, Antonio da Silva (1978). *Propaganda Republicana (1888-1889)*, Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa/Conselho Federal de Cultura.

Karasch, Mary C. (2000). *A vida dos escravos no Rio de Janeiro (1808-1850)*, São Paulo: Cia. das Letras.

Koseritz, Carl Von (1980). *Imagens do Brasil*, São Paulo: EDUSP; Belo Horizonte: Itatiaia.

Machado, Humberto F. (1992) "A Guarda Negra no Contexto Urbano do Rio de Janeiro", In *Anais da XII Reunião da Sociedade Brasileira de Pesquisa Histórica*, Porto Alegre: SBPH.

_____ (1998). "O Abolicionismo 'ganha as ruas' no Rio de Janeiro". In *Revista da Sociedade Brasileira de Pesquisa Histórica*, Curitiba, n. 4, p. 71-76.

_____ (2010). "Encontros e desencontros em José do Patrocínio: a luta contra a indenização aos 'Republicanos de 14 de Maio'". In Ribeiro, Gladys Sabina; Ferreira, Tânia Maria T. Bessone da Cruz (Orgs.) (2010). *Linguagens e Práticas da Cidadania no Século XIX*, São Paulo: Alameda.

Machado, Maria Helena (1994). *O Plano e o pânico: os movimentos sociais na década da abolição*, Rio de Janeiro: EDUFRRJ; São Paulo: EDUSP.

Magalhães Jr., Raimundo (1969). *A Vida Turbulenta de José do Patrocínio*, Rio de Janeiro: Sabiá.

Miranda, Clícia Maria Augusto (2006). *Guarda Negra da Redentora: verso e reverso de uma combativa associação de libertos*. Dissertação (Mestrado em História) - UERJ, Rio de Janeiro.

Moraes, Evaristo (1985). *Da Monarquia para a República (1870/1889)*, 2. ed., Brasília: Ed. UNB.

Nabuco, Joaquim (1949). *Obras completas de Joaquim Nabuco: O Abolicionismo. Conferências e Discursos Abolicionistas*, São Paulo: Progresso Editorial, v. 7.

Ricci, Maria Lúcia de Souza Rangel (1990). *Guarda Negra: Perfil de uma Sociedade em Crise*, Campinas: M.L.S.R. Ricci.

Silva, Eduardo (1997). *Dom Obá d'África, o príncipe do povo: vida, tempo e pensamento de um homem livre de cor*, São Paulo: Cia. das Letras.

Soares, Carlos Eugênio Líbano (1999). *A negregada instituição: os capoeiras na Corte Imperial, 1850-1890*, Rio de Janeiro: Access.

Jornais

Cidade do Rio (1888), 10 de julho.

Cidade do Rio (1888), 31 de outubro.

Cidade do Rio (1888), 31 de dezembro.

Cidade do Rio (1889), 03 de janeiro.

Cidade do Rio (1889), 05 de janeiro.

Cidade do Rio (1889), 25 de abril.

Cidade do Rio (1889), 15 de julho.

Gazeta da Tarde (1887), 8 de agosto.

Recebido para publicação em julho de 2013.

Aprovado para publicação em agosto de 2013.

COLABORADORES DESTE NÚMERO

Alejandro Gabriel Manzo

Doctor en Derecho y Ciencias Sociales y Magister en Sociología de la Universidad de Córdoba (UNC), Argentina. Magister del Instituto Internacional de Sociología Jurídica (IISJ) Oñati, España.

E-mail: alemanzzo@hotmail.com

Andrés Cappelletti

Magister de la Universidad Nacional de Rosario. Argentina. Posdoctorado en Ciencias Sociales Universidad Nacional de Córdoba. Prof. Titular Ordinario Cátedra Epistemología, Facultad de Psicología, Universidad Nacional de Rosario. Prof. Titular Metodología de la Investigación Universidad Abierta Interamericana. Dicta cursos de posgrado en Especializaciones y Doctorados, especialmente en relación a temas referidos a la Epistemología de la Ciencias Sociales. Entre sus libros más destacados se cuentan: *Doce Lecciones de Epistemología* – en col. con la Esther Díaz de Kóbila, Rosario: Laborde Editorial, 2009; y *Psicología y Filosofía. El Problema del sujeto*, Rosario: Editorial de la Universidad Nacional de Rosario, 2007. También ha publicado diversos artículos en revistas argentinas, uruguayas, venezolanas, brasileras y españolas.

E-mail: andresyale@funescoop.com.ar

Claudio Marcio Coelho

Doutorando em História pelo Programa de Pós-Graduação em História Social das Relações Políticas da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES). Membro da Diretoria Executiva do Núcleo de Estudos e Pesquisas Indiciárias (NEI), vinculado ao Departamento de Ciências Sociais da UFES, onde coordena o Laboratório de Estudos sobre Teorias da Complexidade (LETEC), dentro da linha de pesquisa Ciência, Arte & Cultura e o Grupo de Estudos em

Pensamento Social Brasileiro. Desenvolve estudos e docência nas seguintes áreas: Antropologia Cultural e Filosófica, Sociologia, História Cultural, Método Indiciário e Teorias da Complexidade.

E-mail: claudiomarciocoelho@gmail.com

Felipe Cazetta

Doutorando em História Social pelo Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal Fluminense. Possui graduação em História pela Universidade Federal de Juiz de Fora (2009) e mestrado em História pela Universidade Federal de Juiz de Fora (2011). Tem experiência na área de História, com ênfase em História, atuando principalmente nos seguintes temas: ação integralista brasileira, integralismo, integralismo lusitano, autoritarismo e teoria.

E-mail felipecazetta@yahoo.com.br

Humberto Fernandes Machado

Professor do Programa de Pós-graduação em História da Universidade Federal Fluminense. Graduado em História pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (1973), mestrado em História pela Universidade Federal Fluminense (1983) e doutorado em História Social pela Universidade de São Paulo (1991). Atualmente é Professor Associado da Universidade Federal Fluminense. Tem experiência na área de História, com ênfase em História do Brasil Império, atuando principalmente nos seguintes temas: estado imperial, crise do escravismo e abolicionismo, imprensa e intelectuais, reformas urbanas no Rio de Janeiro.

E-mail: humbertouff@gmail.com

João Henrique Zanelatto

Doutor em História pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Mestre em História pela Universidade Federal de Santa Catarina. Professor Adjunto do Curso de História da Universidade do Extremo Sul Catarinense. Líder do Grupo de Pesquisa “História Econômica e Social de Santa Catarina” e Pesquisador do Núcleo de Estudos em Estado, Política e Direito.

E-mail: jhz@unesc.net

Paulo Renato da Silva

Doutor em História pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP) (2009) e professor da Universidade Federal da Integração Latino-Americana (UNILA) de Foz do Iguaçu (PR). Bacharel e Licenciado em História pela Universidade Estadual de Campinas (2002), e Mestre em História pela mesma universidade (2004). Tem experiência na área, com ênfase em História da América, Contemporânea, Moderna, do Brasil e Formação de Professores, atuando principalmente nos seguintes temas: Argentina, Peronismo, Intelectuais, Setores Populares e Ensino de História. Na Universidade Estadual de Campinas, de 2005 a 2007, foi professor de cursos de Extensão direcionados para professores e participou do Programa de Estágio Docente por dois semestres. Entre 2008 e 2010 foi professor da Universidade Federal do Tocantins (UFT), campus de Porto Nacional.

E-mail: paulo.silva@unila.edu.br

Romina Berman

Becaria doctoral CONICET. Investigadora en formación del Centro de Estudios de Historia Política, Universidad Nacional de General San Martín. Doctoranda en Ciencias Sociales por la Universidad de Buenos Aires. Docente de la Escuela de Política y Gobierno, UNSAM.

Email: rominaberman@gmail.com



Passagens

